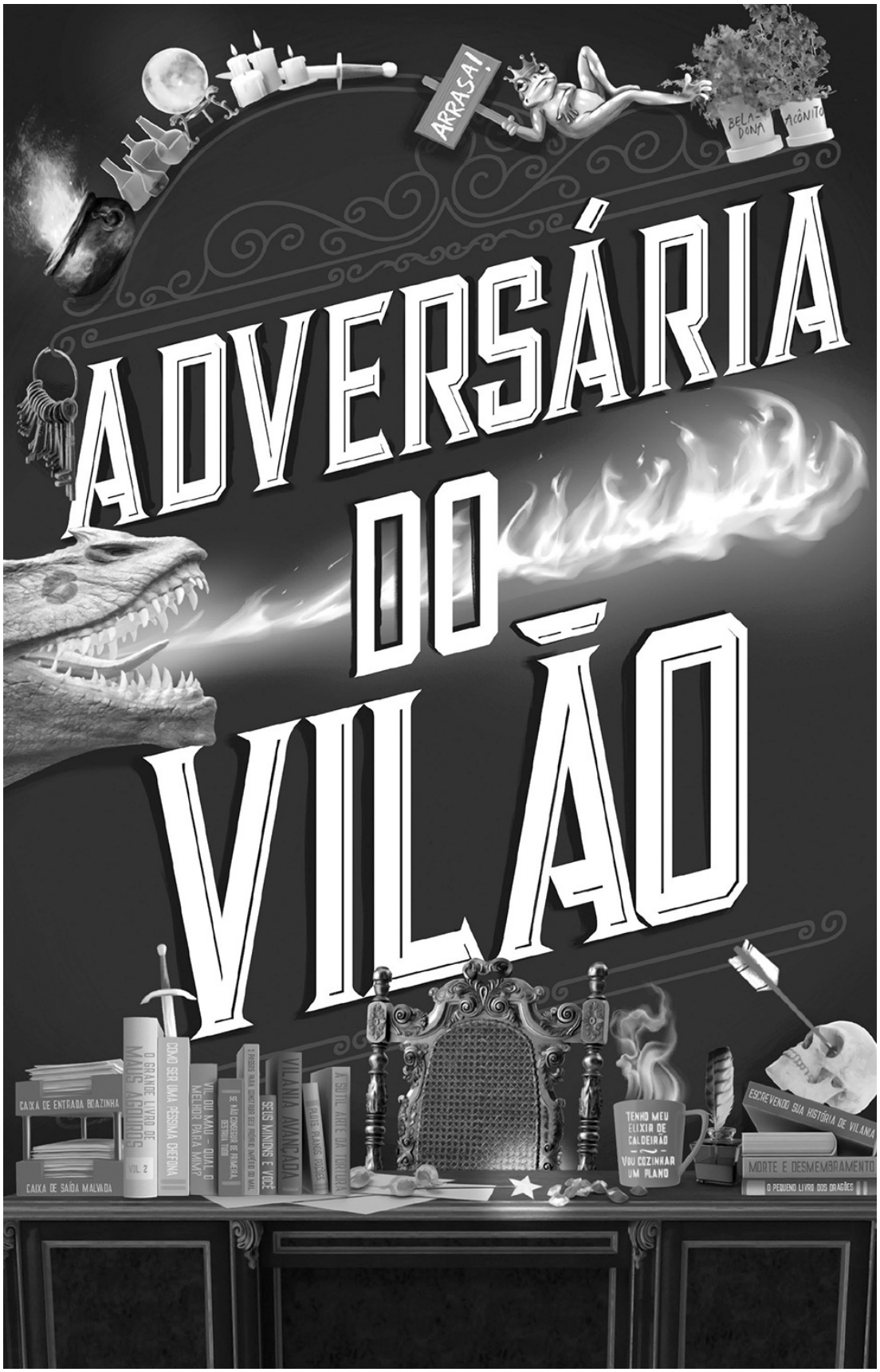


DA AUTORA #1 DO *NEW YORK TIMES*

HANNAH NICOLE MAEHRER


ARRASA!
BELA-DONA
ACÔNITO
ADVERSÁRIA DO VILÃO
CAIXA DE ENTRADA BOAZINHA
O GRANDE LIVRO DE MAUS AGOUROS
VOL. 2
CAIXA DE SAÍDA MALVADA
JOJO SER UMA PESSOA OBEDIENTE
VIL OU MAU – QUAL O MELHOR PARA MIM?
SEIS MINIONS E VOCÊ
VILANIA AVANÇADA
A SUTIL ARTE DA TORTURA
TENHO MEU ELIXIR DE CALDEIRÃO
VOU COZINHAR UM PLANO
ESCREVENDO SUA HISTÓRIA DE VILANIA
MORTE E DESMEMBRAMENTO
O PEQUENO LIVRO DOS DRAGÕES

HANNAH NICOLE MAEHRER

ADVERSÁRIA DO VILÃO

Tradução
Carlos César da Silva

Alt

HANNAH NICOLE MAEHRER é autora #1 do *New York Times* com uma atração especial por vilões. É conhecida principalmente pela série Assistente do Vilão e, em segundo lugar, por usar o humor como mecanismo de defesa em momentos inapropriados — uma qualidade que se reflete em sua escrita diária. Antes de ser escritora, trabalhou principalmente com o cuidado de crianças e no ensino de gestão das emoções. Ironicamente, as emoções de seus personagens continuam caóticas e incontroláveis. Sua obra costuma espelhar sua própria vida, composta por uma família muito grande, muito barulhenta e muito amorosa, que segue sendo seu grupo de personagens favorito e sua principal fonte de inspiração na ficção. Não importa quantos anos passem, desde que leu seu primeiro conto de fadas, suas paixões permanecem as mesmas: romance, alegria, risadas e encontrar maneiras de incorporá- los em tudo o que cria.

SUMÁRIO

Pular sumário [»»]

Dedicatória

Prólogo

Capítulo 1 – Evie

Capítulo 2 – Lyssa

Capítulo 3 – Trystan

Capítulo 4 – Reinaldo

Capítulo 5 – Evie

Capítulo 6 – Tatianna

Capítulo 7 – Becky

Capítulo 8 – Trystan

Capítulo 9 – Evie

Capítulo 10 – Reinaldo

Capítulo 11 – Evie

Capítulo 12 – Gideon

Capítulo 13 – Blade

Capítulo 14 – Reinaldo

Capítulo 15 – Evie

Capítulo 16 – Trystan

Capítulo 17 – Evie

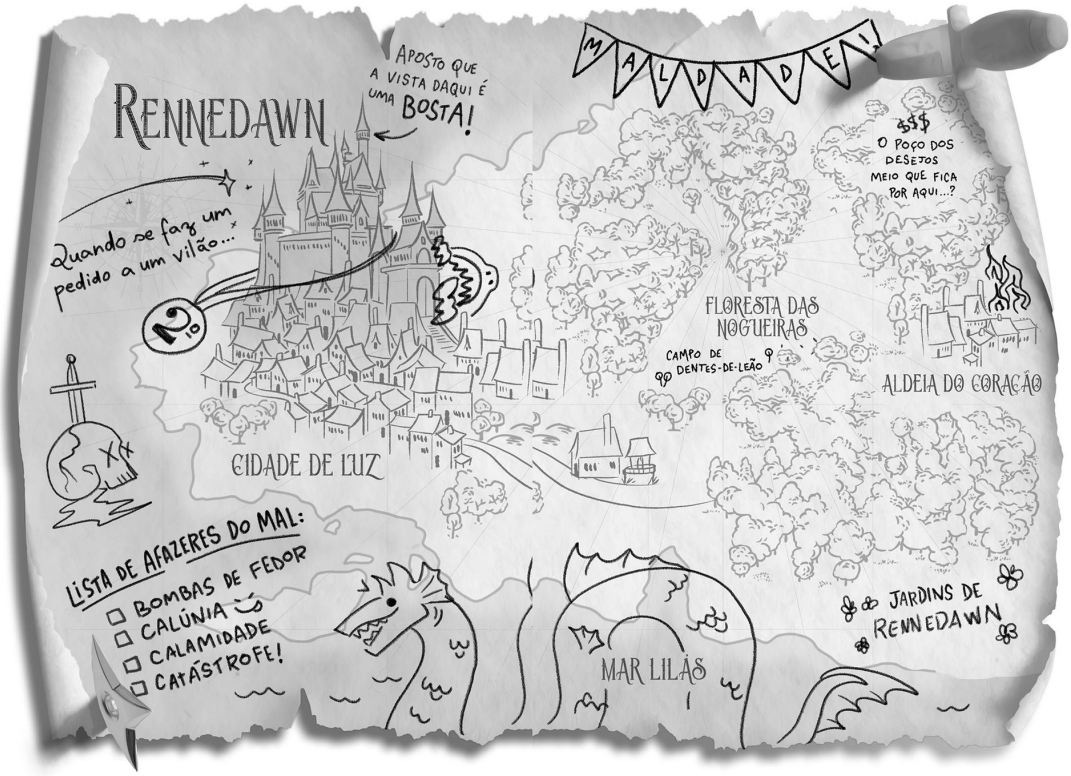
Capítulo 18 – Gideon
Capítulo 19 – Becky
Capítulo 20 – Evie
Capítulo 21 – Trystan
Capítulo 22 – Reinaldo
Capítulo 23 – Tatianna
Capítulo 24 – Gideon
Capítulo 25 – Evie
Capítulo 26 – Becky
Capítulo 27 – Trystan
Capítulo 28 – Gideon
Capítulo 29 – Evie
Capítulo 30 – Trystan
Capítulo 31 – Lyssa
Capítulo 32 – Evie
Capítulo 33 – Reinaldo
Capítulo 34 – Clare
Capítulo 35 – Evie
Capítulo 36 – Trystan
Capítulo 37 – Evie
Capítulo 38 – Blade
Capítulo 39 – Evie
Capítulo 40 – Reinaldo
Capítulo 41 – Evie
Capítulo 42 – Gideon
Capítulo 43 – Evie

Capítulo 44 – Evie
Capítulo 45 – Lyssa
Capítulo 46 – Evie
Capítulo 47 – Trystan
Capítulo 48 – Reinaldo
Capítulo 49 – Evie
Capítulo 50 – Clare
Capítulo 51 – Blade
Capítulo 52 – Reinaldo
Capítulo 53 – Reinaldo
Capítulo 54 – Becky
Capítulo 55 – Lyssa
Capítulo 56 – Trystan
Capítulo 57 – Evie
Capítulo 58 – Blade
Capítulo 59 – Tatianna
Capítulo 60 – Trystan
Capítulo 61 – Gideon
Capítulo 62 – Evie
Capítulo 63 – Reinaldo
Capítulo 64 – Lyssa
Capítulo 65 – Evie
Capítulo 66 – Becky
Capítulo 67 – Trystan
Capítulo 68 – Evie
Capítulo 69 – Gideon

Capítulo 70 – Trystan
Capítulo 71 – Gideon
Capítulo 72 – Clare
Capítulo 73 – Evie
Capítulo 74 – Blade
Capítulo 75 – Reinaldo
Capítulo 76 – Gideon
Capítulo 77 – Trystan
Capítulo 78 – Evie
Capítulo 79 – Gideon
Capítulo 80 – Evie
Capítulo 81 – Trystan
Capítulo 82 – Evie
Epílogo – Winnifred
Agradecimentos
Créditos

Para meu marido, Michael, por provar que o amor no mundo real também pode ser mágico.

E, para todos vocês, é assim que eu imagino que seria a vida da adversária de um vilão moralmente ambíguo em um livro de fantasia.


RENNEDAWN
APOSTO QUE A VISTA DAQUI É UMA BOSTA!
MALDADE!
$$$
O POÇO DOS DESEJOS MEIO QUE FICA POR AQUI...?
QUANDO SE FAZ UM PEDIDO A UM VILÃO...
2.10
FLORESTA DAS NOGUEIRAS
CAMPO DE DENTES-DE-LEÃO
ALDEIA DO CORAÇÃO
CIDADE DE LUZ
LISTA DE AFAZERES DO MAL:
BOMBAS DE FEDOR
CALÚNIA
CALAMIDADE
CATÁSTROFE!
JARDINS DE RENNEDAWN
MAR LILÁS

Adversária do Vilão é uma fantasia romântica humorística na qual línguas decepadas são arquivadas de modo bem organizadinho em relatórios de atividades de tortura e reuniões profundamente inúteis que poderiam ter sido um corvo. Além disso, esta história inclui elementos que podem não ser apropriados a todos os leitores. Sangue, morte, batalhas, ferimentos graves, discussões sobre tortura, descrição de situações sexuais, traição e abandono parental, linguagem explícita, deterioração ambiental, discussões sobre ser fervido vivo e devorado, discussões sobre assédio, consumo de álcool, quase afogamento e morte de um animal aparecem nestas páginas. Pessoas que possam ser sensíveis a estes elementos, estejam cientes.

PRÓLOGO

Era uma vez…

Não era comum alguém se pegar *odiando* a chegada do fim da semana de trabalho, do último dia de labuta antes do descanso merecido. No entanto, também não era comum que um escritório fosse administrado pelo vilão mais notório do reino…

E esse vilão *detestava* o fim da semana.

Trystan Maverine não sabia ao certo o que tinha provocado aquela ira tão rápida e eficiente. Talvez fosse a quietude latejante que o despertava com o sol da manhã de sábado. Ou a maneira como ele passara a evitar a cozinha e os aposentos de Tatianna por medo de sua vida antiga macular a nova, a única que ele teria até o dia de sua derrocada inevitável. Podia até ser o fato de que, graças à folga semanal de seus funcionários, ele não poderia exercitar o propósito de sua nova vida — o mal. Contudo, ultimamente, o que ele mais passara a odiar era a falta… a falta dela.

Evie Sage ainda não havia completado nem quatro semanas como sua funcionária. Como era possível que só tivesse passado um mês? Parecia já fazer anos. Anos laboriosos, confusos e ligeiramente agonizantes. Entretanto, nesse tempo, sua assistente se mostrara capaz de servir a cada um de seus caprichos vilanescos, adaptando-se à sua maldade com um sorriso tão grande e iluminado que Trystan se surpreendia por ainda não ter rachado o rosto dela ao meio.

Porque o dele, sim, parecia ter sido partido.

Uma risada melódica entrou pela fresta aberta na porta do escritório. Ele sabia quem era a criminosa, mas como poderia não saber? Se o som por si só não a denunciasse, a mera *ocorrência* de uma risada teria entregado o jogo. Antes de ela aparecer, ninguém se atrevia a rir no escritório do Vilão, pelo menos não tão alto a ponto de ele escutar.

Isso foi o suficiente — naquele pesaroso último dia de trabalho da semana — para fazê-lo perder as estribeiras tirânicas.

— Sage! — vociferou ele, escancarando a porta.

A risada parou, *graças aos deuses*, mas, quando a assistente se virou para ele, seu sorriso continuava no lugar, o que fez o Vilão sentir como se ela tivesse batido na cabeça dele com sua alegria. Certamente era por isso que ele se sentia tão tonto, não? Trystan deu um pigarro, torcendo para ela não perceber que ele quase tropeçou nos próprios pés ao vê-la, notando então que Sage estava sozinha. O que a fizera rir daquela maneira? Foi aí que viu os papéis nas mãos dela.

— Você está catalogando minha sessão de tortura de hoje de manhã, certo?

Ela assentiu com veemência, e alguns cachos que haviam se soltado dos grampos saltitaram ao redor de sua cabeça.

— Sim, é claro, senhor. Só mais alguns minutinhos e eu já acabo!

— É a sessão na qual cortei a língua de um homem e o fiz engoli-la?

Ela o encarou.

— Essa mesma. Tem mais algum incidente que o senhor gostaria que eu catalogasse, dessa mesma — ela fez uma pausa, franzindo o nariz ao contemplar — natureza?

Se um dia, em toda a sua existência, Trystan fosse se permitir rir pelo nariz e roncar, teria sido aquele momento.

— Não, Sage. — Depois de um instante, ele continuou: — Se bem que admito estar curioso quanto ao que exatamente você achou tão engraçado nessa empreitada.

As bochechas de Sage ficaram tão rosadas que ele praticamente conseguia sentir o calor da pele dela ali de onde estava — a uma distância segura.

— Ah, imagina. É bobeira.

Ele a fitou.

Evie começou a futucar a trança, girando a ponta no dedo.

— Não a parte da tortura propriamente dita, é óbvio! Essa parte não é bobeira. É que eu estava anotando os detalhes distraída, e quando olhei para baixo, vi que tinha escrito que o homem… era linguarudo. — Mais uma onda de risadinhas explodiu dela, e Evie cobriu a boca com a mão.

Ele a encarou novamente; dessa vez, com os lábios entreabertos em um suspiro de incredulidade.

— Que ele… era linguarudo?

— É! Sabe a expressão de quando você fala mais do que devia? E daí eu ri

porque o homem *nunca mais* seria linguarudo, porque… o senhor, hm… o matou — concluiu ela, acanhada, embora ainda estivesse castigando o chefe com aquele sorrisão.

Trystan sentia os próprios lábios repuxando nos cantos, então teve que se virar abruptamente.

— Sinto muito, senhor. Eu não quis ofender com minhas divagações.

— Não ofendeu — respondeu com rispidez, odiando o fato de ela ter aquele efeito sobre ele.

Por sorte, não havia muitas testemunhas por perto. Apenas alguns funcionários ainda não tinham ido embora, e todos pareciam estar recolhendo seus pertences. Incluindo Rebecka Erring, que observava os dois com olhos que percebiam muito mais do que Trystan achava confortável.

— Você às vezes se sente linguarudo, senhor?

A pergunta inesperada o arrancou da reclusão da própria mente, destrambelhado, como se ele não conseguisse se lembrar da última vez que alguém lhe fizera uma pergunta de natureza pessoal. Ainda mais quando ele percebeu que o questionamento não carregava nenhum traço de medo. Não, havia somente curiosidade nos olhos azuis que piscavam de volta para ele.

— O que acha, Sage? — rebateu ele com a voz arrastada, enterrando tão fundo a avidez pela resposta dela que seria preciso parti-la ao meio para recuperá-la.

Sage o analisou, e Trystan resistiu à tentação de endireitar os ombros, se perguntando o que ela via.

— Não sei ao certo — respondeu ela por fim. — Para ser sincera, *eu* sempre fui linguaruda. Tenho o costume de falar antes que meu cérebro consiga acompanhar minha boca.

Trystan percebera isso a respeito dela. À sua própria maneira um tanto grotesca, o hábito tinha se tornado fofo — se é que um homem nascido para o mal podia considerar algo assim. Contudo, a falta de pretensão dela era revigorante… e tão inocente que ele às vezes se perguntava como ela havia chegado tão longe na vida sem um desastre.

Além de trabalhar com ele.

— De fato, se tem uma coisa que você é, é perigosamente sincera, Sage — retrucou ele na lata.

Ela sorriu como se ele tivesse acabado de dizer que o coração dela era feito de ouro e que seus olhos eram adornados com diamantes.

— É muita bondade da sua parte dizer isso.

Em algum canto por aí, uma fada acabou de perder as asas, pensou ele causticamente.

Beliscando o nariz, Trystan soltou um suspiro.

— Não foi a intenção.

A gratidão dela era praticamente uma rocha, com a pressão castigando o peito dele. No geral, ele detestava qualquer forma de alegria, mas aquela era uma sensação nova, a presença dela colocando-o constantemente em um estado de náusea. Ele se perguntou se ela ainda o acharia bondoso se ele a comparasse com uma intoxicação alimentar.

— Termine o trabalho do dia e depois vá embora. — Ele a dispensou antes que pudesse fazer algo idiota, como compará-la com os efeitos de comer peixe estragado. O que teria sido em partes iguais desonesto e ridículo, porque a maldita sempre tinha o cheiro das balinhas de baunilha que ela comia diariamente (ou, como ele suspeitava, a cada hora).

Virando-se, Trystan a expulsou de vista, torcendo para que dois dias longe dela ao menos lhe dessem tempo para livrar a cabeça daquela interação horrível.

Mas então ela se levantou da cadeira, rangendo-a no chão de pedra, e o chamou:

— Senhor? Antes de ir, eu gostaria de perguntar… quais são as normas de conduta do escritório a respeito de envolvimentos românticos?

Nada de livrar a cabeça, então.

A interação estava sendo gravada a fogo no cérebro dele.

Devagar, ele se virou para ela de novo.

— No meu escritório — respondeu com frieza. — Agora.

Ela se embananou para seguir, passando depressa pela porta do escritório atrás dele, pegando a cadeira que ela geralmente ocupava de seu canto — a mesma que se tornara o coração da guerra diária não declarada entre os dois. O estopim fora ele empurrar a cadeira dela o mais longe possível da própria mesa, seguido por ela ignorando a ação e trazendo o móvel para mais perto de novo.

Desde então, aquilo se tornara um tipo de ritual entre eles, e apesar de sua irritação, ele jamais mandou Sage parar. Só assistia à cena, com o rosto indiferente, sem ajudar quando a cadeira inevitavelmente emperrava no piso irregular do chão — achando uma graça maldosa no tropeço dela para endireitar a cadeira, deleitando-se com a carranquinha adorável pela traição do móvel.

Ele deveria consertar o piso.

Ele não ia fazer isso.

Mas provavelmente deveria.

Quando Sage se sentou, ele se moveu devagar para pegar a própria cadeira. O nervosismo dela era palpável. Ele tentou se deleitar nesse fato.

— Por obséquio — começou ele, com as mãos cruzadas sobre a mesa preta elegante, jogando os ombros para trás —, me diga por que exatamente você está me perguntando a respeito de envolvimentos no escritório.

Ela não se acanhou, mas isso nunca acontecia mesmo, em nenhuma das vezes que Trystan tentava. Ele nem sabia por que continuava a insistir, quando ficava cada vez mais claro que ela gostava. Também não sabia por que raios ele ligava para o fato de ela querer *se envolver* com colegas de trabalho.

Romanticamente.

Sem sentir a raiva crescente do chefe, Sage colocou uma mecha de cabelo atrás de orelha, sugou os lábios e se embananou com as mãos.

— Um dos homens na contabilidade insinuou que… hm… concordaria em nós dois estendermos nossa proximidade para fora do local de trabalho, ao fim da jornada da semana. Respondi que precisaria ver se isso quebraria alguma regra.

De fato, *alguma coisa* seria quebrada, mas provavelmente seria o corpo de quem quer que fosse o nerdola dos números que a chamara para sair.

Aquele era um local de negócios. Não um serviço de relacionamentos.

Reinaldo pulou em cima da mesa, erguendo uma placa como se conseguisse ler os pensamentos de Trystan.

EITA

Trystan pegou a placa e, sem cerimônia alguma, atirou o treco janela afora.

Sage o encarou, depois sorriu para Reinaldo, que se aninhou na palma dela.

— Como assim, "estendermos nossa proximidade"? — perguntou ele, sem expressão. Contudo, debaixo da superfície, seu coração disparava como se ele estivesse sendo perseguido. Nesse caso, por uma emoção humana básica.

— Um encontro — explicou ela, olhando para ele com a preocupação que se teria com um idoso que vivia perdendo as chaves de casa. Suspirando, ela gesticulou para si mesma. — Olha, preciso admitir que até eu fui pega de surpresa a princípio, porque achei que todo mundo aqui no escritório me achasse esquisita.

— Você é esquisita — respondeu ele de pronto… resistindo à tentação de bater a testa na madeira lisa da mesa.

— Obrigada pela confirmação. — Ela sorriu com um aceno de mão e o sarcasmo descontraído pingando de suas palavras.

De fato, ela era esquisita, mas qualquer pessoa comum conseguiria olhar para Sage e ver que ela era um indivíduo extraordinário, raro. Alguém que não estremecia com relatórios de línguas engolidas e até encontrava motivo para rir deles, que nunca parecia ficar sem respostinhas estranhas quando as coisas ficavam discordantes, como ela devia achar que estavam naquele momento.

Sage se pôs a falar em uma tagarelice interminável, até que suas palavras ecoaram ao redor dele da maneira mais terrível possível.

— Da última vez que me cortejaram, foi um desastre — explicou ela, seus olhos indo para outro lugar. — Éramos bem incompatíveis. Quer dizer, não fisicamente, apesar de que fisicamente também não era bem as mil maravilhas… — Ela tapou a boca com a mão. — O senhor não deve querer saber dessa parte. — As palavras saíram abafadas, mas envergonhadas.

Não, ele *não* queria saber — porque a mera menção o forçou a pensar em sua assistente de maneira física. O que não afetou a tranquilidade em sua expressão, mas caso Sage abaixasse os olhos, veria que o chefe estava segurando a mesa com tamanha força que os nós dos dedos estavam brancos.

Ele deveria dizer para ela aceitar. Com alguma sorte, Sage se apaixonaria perdidamente por um de seus funcionários e o deixaria em paz para sempre.

Não importava o quanto a ideia o deixasse enjoado.

No fim das contas, talvez ele *tivesse* comido peixe estragado mesmo. E a intoxicação estava afetando seu sangue, enlouquecendo-o.

— Não existe envolvimento no escritório. É estritamente proibido — ouviu-se dizendo, e de repente ele entendeu o que Sage sentia quando a boca agia mais rápido que o cérebro. — No entanto — acrescentou, tentando se conter —, se for uma pessoa que você quer muito ver apesar das normas do escritório… — Ele engoliu as palavras como alguém engoliria uma faca de açougueiro. — Podemos discutir uma potencial exceção com a srta. Erring.

Ela abanou as mãos de um lado para o outro, sacudindo a cabeça. Trystan nunca tinha sido, nem nunca viria a ser, um especialista em emoções humanas, mas podia jurar que os ombros dela cederam de alívio, não de decepção.

— Não, não, isso não é necessário! Obrigada por oferecer, mas admito que eu preferia que a resposta fosse "não" mesmo — falou ela, soltando o ar com a mão no peito. Ele arqueou uma sobrancelha, esperando pacientemente que ela continuasse, admirado com a rapidez com que ele se perdeu no rumo da conversa.

— Ele me chamou pra sair na frente de todo mundo durante o almoço — explicou ela em voz baixa. — Eu não queria aceitar, mas também não quis

envergonhar o coitado, então falei que precisava te consultar antes.

O sujeito a chamou para sair na frente de um grupo de pessoas? Nem Trystan era tão socialmente inapto a ponto de deixar uma mulher tão desconfortável assim, muito menos uma mulher que parecia atingir toda a sua dose de alegria a partir do agrado às outras pessoas. Aquilo beirava o abuso.

A raiva cresceu dentro dele de novo, dessa vez a um nível preocupante.

E eu lá sou de achar minha raiva preocupante?

— Fique à vontade para dizer que, se ele voltar a te chamar para sair, haverá consequências — respondeu Trystan com uma tranquilidade tão fria que até Reinaldo tremeu.

Um lampejo de vulnerabilidade passou pelo rosto de Sage.

— Obrigada, senhor. É um alívio. — Os olhos dela suavizaram. — Se bem que acho que vou me sentir ainda mais aliviada quando contar a ele. Espero que não fique magoado demais.

A ideia de ela receber um tratamento desfavorável, sobretudo por alguém empregado por ele, era tão intolerável que Trystan ficou de pé.

— Posso magoá-lo por você, se isso for ajudar.

Magoá-lo. Empurrá-lo do telhado. Qualquer uma das opções viria a calhar.

— Ah, não precisa. — Ela riu e soltou um suspiro que havia muito estava segurando. — Estou me sentindo um pouco covarde, na verdade. Era para eu ter dito "não" de cara quando ele fez o convite.

Era absurdo. Nada naquela mulher chegava nem perto de parecer covardia — apesar das tentativas dele de evocar isso.

— E por que não fez isso? — indagou ele.

— Bem… — Ela fez uma pausa, como se estivesse contemplando suas palavras seguintes antes de dizê-las. — Acho muito difícil dizer "não" para uma pessoa quando você não sabe como ela pode reagir.

Todos os músculos no corpo dele enrijeceram.

— Você sentiu medo de que ele pudesse te machucar? Se você negasse?

A pergunta era perigosa, mas no mesmo instante em que ele a fez, o pôr do sol entrou pela janela aberta, iluminando o local onde Sage estava sentada como se ele próprio estivesse implorando por uma mudança de assunto. A luz que banhou o cabelo escuro transformou o azul dos olhos dela de suave a penetrante.

Todos os pensamentos que o Vilão já tivera sumiram em questão de segundos.

Ela não respondeu à pergunta, apenas sorriu, estreitando os olhos um

pouco.

— Parece que o sol quer participar da nossa conversa para deixar tudo um pouco mais feliz.

Mais feliz? Não. Mais seguro do que a escuridão, mais fácil de suportar, podia até ser. No entanto, vendo Sage à luz, Trystan pensou que o que estava sentindo no peito talvez fosse o mais próximo de felicidade que ele sentira em um tempo excepcionalmente longo.

Com a mão protegendo os olhos, ela inclinou a cabeça.

— Por que sua janela parece ser uma das poucas sem o vitral lindo?

— Porque ele exibia uma cena alegre demais para o meu gosto — murmurou ele, lembrando o dia em que desmantelara a janela, um pedaço de cada vez, e depois mandara seus guardas a entregarem à pessoa que mais o traíra na vida.

Sage se animou.

— Ah, é? Como era?

Com o cenho erguido, ele encarou a janela.

— Era o desenho de dois amantes em um campo de flores, com as mãos estendidas um para o outro, mas sem nunca se tocar.

Ela abriu um sorrisinho.

— O senhor achou isso *alegre*?

— Eu achava irritante e feio de se olhar. — Ele bufou, e o sol ainda realçava onde Sage estava sentada como se por vingança, iluminando cada parte dela. Quem dera ela também fosse… bem, irritante e feia de se olhar.

Mas, infelizmente, ela era linda.

Linda?

Desgraça.

Com um pigarro, ele voltou a conversa ao tópico principal.

— Fique tranquila, Sage, que os funcionários serão relembrados da nossa política estrita contra envolvimentos. Vou pedir para a Keeley acompanhá-la até em casa. Aproveite o fim da sua semana.

Nitidamente desconcertada com a dispensa abrupta, Sage ficou de pé e assentiu. Com olhos arregalados e curiosos, ela saiu da luz do sol que agora parecia mais fraca sem sua presença. Ele estava mesmo virando um bocó.

— Obrigada, senhor. Espero que aproveite o tempo sozinho para descansar.

Improvável.

— Vá, Sage, antes que eu volte atrás com a minha generosidade e faça você limpar o chão da câmara de tortura.

A careta que ela fez foi quase cômica — isso se ele fosse de achar coisas cômicas, o que não era o caso. E isso só reforçava o quanto a expressão dela era ridícula.

— Eca. — Ela estremeceu. — Senhor, eu imploro: da próxima vez, use a lona que eu encomendei.

— Chispa! — mandou ele.

E ela chispou, deixando o aroma de baunilha para trás para torturá-lo. Ele fechou os olhos, respirou fundo e odiou a calmaria que o cheiro provocou.

Trystan fez menção de voltar a cadeira dela ao canto para se recompor, para recuperar seu controle, mas lembrou-se da forma como a luz tocara o rosto dela quando estava sentada exatamente naquele lugar. Ele encarou o móvel por um momento, contemplativo.

E então deixou a cadeira onde estava.

A batalha silenciosa entre eles chegara ao fim.

E era evidente quem tinha hasteado a bandeira branca.

Entrando no escritório principal, ele viu Rebecka Erring terminando de guardar seus pertences. Quando Trystan se aproximou, ela endireitou a postura.

— Posso ajudá-lo com mais alguma coisa antes de ir embora, senhor?

— Qual é nossa norma acerca de envolvimentos no escritório?

A mulher arregalou ainda mais os olhos de coruja detrás da armação dos óculos.

— Inexistente. Mas devo acrescentar que sou contra, apesar de os funcionários geralmente não se relacionarem no escritório sem a permissão do senhor, de todo modo.

— Eu não dou permissão — corrigiu ele.

Ela arqueou uma sobrancelha.

— Exatamente.

— Peço que crie uma norma contra isso e informe que quem desrespeitá-la estará por sua própria conta e risco.

— "Risco", no caso, de desligamento?

— Algo do tipo — respondeu ele, secamente.

A srta. Erring não perdeu tempo.

— Pode deixar que vou informar os outros funcionários, senhor. E me certificar de que o Thomas não volte a convidar a srta. Sage para um envolvimento romântico.

Thomas? Tinha sido o Thomas? Aquele magricela filho de uma…

— Você sabia disso? — acusou ele.

— Os comentários que ele fez para ela foram tão inapropriados que todo mundo ficou sabendo — respondeu a srta. Erring sardonicamente, cruzando os braços. — Se ele tivesse falado daquele jeito comigo, eu teria enfiado meu abridor de cartas favorito no peito dele.

Trystan se deu conta de três coisas ao mesmo tempo. A primeira era que Sage fizera a interação parecer mais simplória do que de fato foi, a segunda era que a srta. Erring era muito mais cruel do que ele imaginava, e a última… Bem.

Pela primeira vez, ele se viu ansioso para o fim da semana começar.

Trystan saiu da sala, ouvindo a indagação da srta. Erring às suas costas:

— Aonde o senhor está indo?

Ele deixou seus poderes o rondarem em ondas sombrias, e sua voz saiu em um mero arranhado na quietude do escritório vazio.

— Esticar a lona.

Era um erro, em qualquer circunstância, tornar o Vilão um adversário.

CAPÍTULO 1
Evie

Evie Sage apontou a adaga ao pescoço de Trystan Maverine.

— Não me deixe nesse suspense, Evangelina.

Era admirável que aquele momento pudesse chocá-la. Principalmente levando-se em conta que na noite anterior ela tivera sua identidade arrancada e substituída por uma nova. Ela deveria estar chocada com as ações dos pais, os gênios na história de origem da vilania dela.

Ou melhor, na falta de uma.

O destino dela fora traçado. A profecia do livro da *História de Rennedawn* definira seu papel, e seus pais haviam usado magia e manipulação… para transferi-lo a outra pessoa.

A pessoa que estava se empurrando contra a lâmina dela.

Respirando pesado no escritório escurecido da Morada do Massacre, Evie permitiu que seus olhos se abrissem e, no torpor induzido pelo sonho, encontrassem Trystan.

A voz grave dele estrondou à luz fraca de um cômodo no qual ela nunca havia entrado, onde ela havia ido parar momentos antes, sem querer.

— Vai ser mais rápido se você acertar a artéria. — Ele pegou o punho dela e a puxou para mais perto, segurando sua mão com mais firmeza contra a pele do pescoço.

Com o coração disparado, ela engoliu em seco, observando os olhos escuros dele à luz das velas e do brilho fraco da manhã enquanto eles focavam os lábios dela. Evie sentiu a mão forte dele se fechando com firmeza ao redor de seu punho sem intenção aparente de soltar, e a outra segurou seu quadril, puxando-a para tão perto que ela conseguiu ver o sorriso que brincou nos lábios dele.

— Não tem graça — disse ela, bufando de indignação e torcendo para que

ele não ouvisse o desejo em sua voz, a necessidade inegável de cair nos braços dele como a bela princesa de um de seus livros.

Se tinha uma coisa que Evie Sage não era, era uma bela princesa.

Na verdade, esse papel tecnicamente seria atribuído ao homem diante dela. Ela tentou não se engasgar ao pensar nele usando uma tiara.

— Me deixa — soltou, mexendo o punho e tentando recuar, mas ele a segurou firme.

— De jeito nenhum — respondeu Trystan com a voz ponderada, depois a soltou tão depressa que ela quase perdeu o equilíbrio, segurando-se em uma das estantes de livro empoeiradas.

— Você me assustou — sussurrou ela, se explicando e colocando a adaga de volta no cinto. O que ela prendera na cintura antes de sair de fininho do quarto.

Evie não conseguia criar coragem para voltar ao escritório, não com as lembranças de Benedict maculando o único lugar que lhe restava como refúgio. A casualidade com a qual o rei destruíra o senso de si que ela possuía.

Desde o princípio, era para o Trystan ter sido o príncipe verdadeiro da profecia, e a você, minha querida, sempre recaiu o posto da Vilã.

A magia sombria que outrora estivera sob posse de Trystan se movimentava debaixo da pele dela, subindo à superfície e incomodando para ser usada, ser utilizada por quem deveria tê-la meneado desde sempre. Ela circulava os pés de Evie, brincando com os laços no topo dos sapatos e roçando a barra da camisola.

— Peço desculpas — murmurou ele, ajoelhando-se próximo ao fogo na lareira. Ele empurrou a lenha com o atiçador, e as chamas dançaram sobre seu rosto. — Não te ouvi entrar.

— Perdi o sono e vi uma luz acesa — respondeu ela, indo em direção a ele e se sentando na poltrona grande e almofadada, aninhando os pés debaixo do corpo e abraçando as pernas junto ao peito. — Qual é o propósito desta sala? Era pra ser uma biblioteca ou um escritório?

Ele não se virou para ela, mas Evie viu os músculos saltando na mandíbula dele, a ruga em seu cenho enquanto ele se concentrava na tarefa de empurrar mais um pedaço de lenha.

— As duas coisas, eu acho. Quando encontrei a mansão, esta era uma das poucas salas imaculadas pelas areias do tempo, com apenas um pouco de pó e de escombros que foram fáceis de limpar. Eu encontrava conforto aqui quando meus pensamentos e minha raiva ficavam revoltosos demais.

O coração dela martelou quando ela sussurrou a pergunta, odiando a

vulnerabilidade em suas palavras:

— Como eu nunca tinha visto antes?

Ele largou o atiçador, flexionando as mãos nas laterais do corpo ao ficar de pé, enfim encarando Evie. Antes ele não tivesse feito isso. Os contornos angulosos daquele rosto lindo eram devastadores, e os olhos gananciosos dela assimilaram cada sutil mudança de emoção quando ele gesticulou para o restante do cômodo isolado por uma cortina.

— Estava em reforma nas últimas várias semanas. Acabou de ser entregue pelos construtores mágicos.

Uma fisgada em sua memória a arrancou daquela sala e a puxou de volta a um dia de trabalho que ela tardaria a esquecer. Os estalos. A correria. A bomba. Ela atingira aquela torre. Os livros que ela vira expostos pela parede desmoronando.

Ela jogara o explosivo bem dentro do santuário dele.

Nada ali tinha valor, não como… não era importante.

Ele usara aquelas palavras para tranquilizá-la quando ela chorou pelos danos que tinha causado.

— Você mentiu pra mim — acusou ela, ficando de pé sem cerimônia e apontando o dedo para o peito dele, ignorando seu olhar de alerta.

— Não menti nada — vociferou ele, furioso diante da acusação, depois passou a mão pelo cabelo e foi até os lençóis, arrancando-os para revelar os móveis recém-consertados e os livros no processo de preservação depois de as páginas terem ficado chamuscadas pelo fogo.

— Você disse que o que tinha aqui não era importante. — As lágrimas de raiva que queimavam detrás dos olhos dela eram indesejadas e irritantes. A magia subiu, esperançosa com o lampejo de emoção de Evie, mas usá-la era como tentar pegar uma fita de seda: escorregava por entre os dedos assim que era tocada. — Nunca falou que eu, sem querer, destruí seu refúgio.

— Mas *não era* importante — rebateu ele, passando os olhos sinceros pelo rosto dela. — Não quando a alternativa era perder você.

— Talvez esse tenha sido seu erro. — Algo cru e feio estava sendo libertado dentro dela, levando medos e ansiedades à superfície na marra. — Vai ver o destino estava tentando corrigir o que tinha sido feito e nós só estivéssemos protelando o inevitável. — Não era a emoção em sua voz que a assustava; era a apatia. — Talvez a Vilã deva morrer e o príncipe continuar vivo para ter seu final feliz.

Ele avançou tão depressa que Evie mal teve tempo de arquejar antes que

Trystan agarrasse seus dois braços e a sacudisse devagar.

— Já chega! Nunca mais repita isso! — A raiva dele estava evidente na expressão dos olhos. O semblante despreocupado de sempre havia sumido, e o que sobrava era…

Intoxicante.

Ele notou a mudança em Evie de imediato, e desceu a mão pela lateral do corpo dela ao chegar mais perto, fechando os olhos com força. Será que a proximidade a ela era dolorosa? Não era uma suposição absurda. Eles eram inimigos predestinados, arquétipos opostos na mesma história.

Evie nascera para causar dor a ele.

O príncipe valente, atormentado pela vilã perversa.

Todas as vezes que ela o incomodara, que lhe causara desconforto quando chegara perto demais. Será que a persistência dela era inocente? Ou ela estava alimentando um impulso impregnado em sua alma, um instinto de machucá-lo?

Pelos deuses, e se ela o machucasse? A ideia se espalhou e ardeu, deixando feridas abertas para trás.

Você não pode ser feliz, declarou uma voz sinistra que, para Evie, soava muito como sua própria. Como se fosse um fato.

Por isso todo mundo sempre deixa você para trás. Por isso que, não importa o quanto você tente continuar sendo alegre e otimista, tudo sempre vai acabar. Tudo sempre vai dar errado.

O turbilhão de pensamentos se tornou insuportável.

Evie abriu a boca, e seu peito estava tão agitado quanto sua respiração, com o calor pulsando em seu sangue quando os olhos de Trystan desceram para sua boca, permanecendo ali quando ele voltou a falar:

— Sei que está doendo. Sei que você está confusa. Mas, pelos deuses, não diminua o sacrifício do Arthur insinuando que você deveria ter morrido naquele dia, ou em qualquer outro.

O lembrete da morte de Arthur — de seu corpo agora a caminho da aldeia onde Trystan morara antes — devastou Evie.

E Trystan observou apavorado enquanto o rosto dela desmoronava e ela caía de joelhos. A magia a rodopiou à medida que soluços carregados sacudiam o corpo dela inteiro.

— Eu sinto muito. Não foi isso que eu quis… fazer, e eu não sei como…

Ela estava nos braços dele antes mesmo que pudesse emitir mais uma palavra sequer, com as mãos de Trystan na parte de trás da sua cabeça enquanto ela soluçava no ombro dele, agarrando sua camisa.

— *Eu* é que sinto muito. — O estrondo do peito dele em sua bochecha fez Evie suspirar, aconchegando-se ainda mais. — Amor, olhe para mim.

O termo carinhoso foi tão chocante que Evie se soltou dele e o encarou em completo estarrecimento.

— Do que foi que você… Você me chamou de *amor*?

— Sinto que, de todas as revelações que encontramos, essa deveria ser a menos chocante — respondeu ele, a voz calma.

Ela o fitou, sem palavras, e ele fechou os olhos com força, suspirando de exasperação. Quando finalmente se abriram de novo, estavam cheios de um divertimento hesitante.

— Quero te mostrar uma coisa.

Sem avisar, ele segurou a cintura de Evie e a fez girar. O toque de Trystan foi mecânico, mas isso não impediu calafrios de se espalharem pelos braços dela. Agarrando os cotovelos, ela o seguiu, passando pelas mesas cobertas de pano, até uma pilha de livros que estavam surrados e cobertos de teias de aranha.

— É sua necessidade de um espanador que você quer me mostrar? — balbuciou ela, arqueando as sobrancelhas bem alto na testa.

Ele a olhou com zombaria, depois pegou um livro do topo da pilha e o dispôs em uma das mesas cobertas. Havia uma lamparina fraca em cima, contribuindo um pouco com a luz do amanhecer.

— Parei de visitar esta sala pouco depois de você ter começado a trabalhar aqui.

A mente dela estava a mil para tentar acompanhar a conversa.

— Porque eu joguei uma bomba aqui? — relembrou ela, ponderando se, além de perder a magia, Trystan também estava perdendo a memória.

— Não, Sage. — Ele deu uma risada sombria, pegou a lamparina e foi em direção à porta. — Estou dizendo que, bem antes do estrago ter sido feito neste espaço, eu já tinha parado de vir aqui quando precisava encontrar paz. — Ele abriu a porta com um empurrão leve da mão na maçaneta.

Evie balançou a cabeça.

— Não tô entendendo. Então aonde você ia quando queria segurança?

— Eu ia atrás de você.

CAPÍTULO 2
Lyssa

Lyssa Sage era uma traidora.

Ou, pelo menos… estava prestes a ser.

Andando na ponta dos pés até os aposentos de Tatianna, a caçula da família Sage empurrou a porta de leve. Depois de abri-la o suficiente, de forma segura e silenciosa, a menina entrou no cômodo e passou pela curandeira adormecida. A mulher suspirou com o rosto colado à palma da mão e o cotovelo apoiado na outra cama, onde a mãe de Lyssa, Nura, estava dormindo. Porém, Lyssa não tinha ido até ali por causa da mãe.

— Srta. Erring — sussurrou Lyssa, cutucando o ombro da moça dos Recursos Humanos e de Criaturas Mágicas até ela acordar em um sobressalto tão intenso que os óculos voaram do topo de sua cabeça para as mãos de Lyssa. — Bom dia — cochichou a menina com um sorriso cheio de dentes. — Podemos conversar lá fora?

A srta. Erring resmungou, mas se levantou da cama e foi atrás de Lyssa até elas estarem do outro lado da porta, agora fechada.

— Lyssa. Não era para você ficar perambulando sem um adulto por aí antes de garantirmos que a mansão esteja segura.

A menina ponderou se o bom senso era confiscado de uma pessoa quando ela se tornava adulta.

— Sim, srta. Erring. Mas como é que eu vou pedir para um adulto perambular comigo dos confins do meu quarto se não tiver nenhum adulto lá comigo? — relembrou Lyssa com delicadeza, recordando que a mulher tinha acabado de acordar e que Evie geralmente precisava de pelo menos meia hora antes de conseguir falar qualquer coisa coerente de manhã.

A srta. Erring coçou a cabeça. Seu cabelo castanho macio estava solto do

coque apertado, caindo abaixo dos ombros.

— Você poderia exercitar a paciência e esperar um de nós ir te buscar. Como disseram para você fazer.

Lyssa fez careta.

— Odeio esperar.

A srta. Erring bufou.

— Por isso a parte de *exercitar*.

Lyssa deu batidinhas no queixo antes de entrelaçar os dedos das mãos às costas.

— Tá bem. Da próxima vez que eu vir um homem esquisito zanzando pela mansão, vou só esperar pacientemente.

A srta. Erring foi de grogue e desgrenhada a furiosa e alarmada tão depressa que Lyssa desejou não ter piscado.

— O quê? Um homem? Quem? Por que só está me contando agora?!

— Eu estava exercitando a paciência.

— Lyssa! — grunhiu a srta. Erring, bastante alerta e *muito* irritada. — Me conta tudo.

— Estou chegando lá!

A manhã de Lyssa tinha começado com um leve girar da maçaneta e o ranger de dobradiças enferrujadas. Evie não parara quieta a noite toda, e então saíra da cama antes mesmo de o sol nascer. Logicamente, Lyssa fingira dormir, esperando os passos ficarem mais abafados antes de se levantar da cama e voar para a porta.

Havia muitas perguntas que ela sabia que não deveria fazer, mas, infelizmente, tinha sido curiosa demais para não reparar na névoa escura que pairara sobre a irmã por mais da metade da noite. Antes, podia até ser que aquilo a assustasse, mas Lyssa Sage sabia muito bem que as coisas mais apavorantes costumavam ser mais amigáveis se você simplesmente desse um oi.

A névoa acenara de volta para ela, depois puxara as cobertas para debaixo do queixo de Lyssa. A menina se sentira tentada a cutucar Evie para que elas rissem juntas do ocorrido, mas a irmã havia puxado as cobertas sobre a própria cabeça e se escondido ali embaixo até sua escapadela matinal.

Para seu crédito, Lyssa não foi atrás… por pelo menos quinze minutos. Ela, no entanto, era uma contadora de histórias! E sua protagonista tinha saído porta afora!

— Então, o resumo da ópera é que você ignorou tudo que te dissemos sobre segurança ontem à noite? — repreendeu a srta. Erring.

Lyssa assentiu, franzindo o cenho.

— Sim, foi o que eu *acabei* de dizer. Não tá prestando atenção?

— Tanto quanto você, pelo visto! — resmungou a srta. Erring. — Lyssa, esse homem estranho… em que parte ele aparece?

— Ah, sim! — Ela deu pulinhos. — Eu vi a Clare indo para o quarto com um homem coberto com um manto preto, e não sei por quê, mas eles estavam agindo de um jeito muito suspeito.

A srta. Erring ergueu uma sobrancelha.

— Existe alguma possibilidade de esse homem ter sido o próprio irmão dela… o Vilão? Que geralmente só usa preto mesmo?

— Não. — Lyssa fechou a cara com indignação e inclinou a cabeça. — Srta. Erring, você sabe que outras pessoas também podem usar a cor preta, né?

A srta. Erring grunhiu, apoiando a testa na parede próxima.

— Eu preciso de elixir de caldeirão e de um tônico para dor.

— Acordou com dor de cabeça? — questionou Lyssa com curiosidade.

— Acordei *do lado* de uma — rebateu a srta. Erring.

Lyssa deu risada, achando graça. Ela amava quando a srta. Erring fazia brincadeiras, principalmente porque Lyssa nunca tinha visto um adulto fazendo isso tão sem jeito quanto ela.

— Aposto que era só um guarda ou um estagiário ferido pelo ataque de ontem. Mas, se você estiver preocupada de verdade, podemos ir ver como ela está.

Lyssa parou de rir, lembrando-se então do medo que sentira quando a cabeça do homem, oculta pelo capuz do manto, se virou para ela.

— Podemos mesmo, srta. Erring? Agora? Não sei o que foi, mas senti algo estranho nele.

— Sentiu algo estranho em quem? — indagou Tatianna, coçando os olhos sonolentos, da porta recém-aberta de seus aposentos.

Lyssa arregalou os olhos para a srta. Erring, tentando fazer sinal para ela mentir.

A moça só abanou a mão para a menina.

— Parece que a Clare foi vista com um homem suspeito.

Corrigindo: a traidora era a srta. Erring.

Tatianna empalideceu.

— Como assim? Ela está bem?

A srta. Erring jogou as mãos no ar em derrota.

— Vamos resolver isso de uma vez, está bem?

Porém, quando as três chegaram ao quarto de Clare, ela estava do lado de fora da porta aberta com um semblante irritado.

— Clare? — chamou Tatianna com a voz tenra, indo até a ex-noiva e pegando sua mão. — O que posso fazer por você, querida?

Foi como se Clare saísse de um transe ao ouvir o termo carinhoso, e arregalou os olhos ao soltar a mão da de Tatianna.

Lyssa teve que se segurar para não vaiar.

— Estou bem — respondeu Clare, trêmula. — Só um pouco desnorteada. Preciso organizar o sepultamento do meu pai no mar e avisar o Malcolm. É coisa demais pra minha cabeça.

— Tem certeza de que não tem um homem encapuzado esquisito te fazendo de refém dentro do seu quarto? — perguntou a srta. Erring, e Lyssa cobriu a boca com a mão.

Os olhos de Clare ficaram desvairados, mas só por um momento. Em seguida, ela fechou a cara e seus olhos se esvaziaram de emoção.

— Não… por que achariam isso? — indagou ela, indiferente.

Tatianna e a srta. Erring fulminaram Lyssa com o olhar tão intensamente que ela se admirou por sua pele não ter rasgado.

— Depois de tanta gente ter entrado e saído de um lugar que, na teoria, é *impossível* de invadir, eu é que vou ser punida por ter cautela? — perguntou a menina, olhando com inocência para as duas mulheres.

Elas suspiraram pesado, o que significava que Lyssa as vencera pelo cansaço. Um talento especial e aperfeiçoado ao ser praticado na irmã mais velha basicamente desde seu nascimento.

— A Lyssa tem razão — falou Clare, olhando ao longe.

— Eu sei — respondeu a menina, sucinta, entrelaçando os dedos das mãos na frente do corpo.

— A cautela é uma virtude. — Um sorriso repuxou os lábios de Clare para cima, mas eles ficaram chochos de novo quando seus olhos lampejaram. — Eu, hm, tenho muito a fazer. Sepultamentos de curandeiros primordiais têm uma natureza um tanto mais complexa que os de pessoas comuns. Eu… preciso ir nessa! — falou Clare, melancólica, seguindo pelo corredor e virando em outro com passos acelerados.

Tatianna até tentou pará-la, mas foi em vão. Clare já tinha ido embora, e Lyssa ficou com uma sensação estranha na parte de trás da cabeça, bem incômoda, como se houvesse alguém as observando.

— Vem, Lyssa. Vamos ver como sua mãe está — sugeriu a srta. Erring, já

voltando em direção à escada com Tatianna em seu encalço.

Era melhor assim. Lyssa amava uma boa história, mas aquela estava próxima demais de um território assustador, e apesar de seu interesse em vilania, esse não era seu gênero. Ainda não, pelo menos. No entanto, antes que pudesse seguir a moça dos Recursos Humanos e de Criaturas Mágicas, um borrão branco no canto de sua visão a deteve.

Bisbilhotando na direção do objeto, Lyssa viu um pedaço de pano branco jogado. Ela olhou de um lado para o outro, depois foi correndo recolhê-lo.

Era um lenço. Com duas palavras rabiscadas.

Estou aqui.

Lyssa conhecia aquela letra.

Um novo conjunto de passos ressoou do fim do corredor, assustando-a a ponto de lhe provocar um sobressalto. Ela tentou se tranquilizar usando a lógica. Devia ser apenas Clare voltando para o quarto, e aquela sensação gelada que subia por seus braços até o pescoço era devido ao ar da manhã que entrava pela janela. Sua imaginação muitas vezes a levava a lugares absurdos, e aquele era só mais um desses casos para a conta.

A menina guardou o lenço no bolso da saia e, mais uma vez, sentiu que estava sendo observada, o que a deixou pensativa… Será que algumas histórias inevitavelmente se tornavam realidade?

Até mesmo as assustadoras?

CAPÍTULO 3
Trystan

Estava na hora do chá do meio-dia, e Trystan Maverine gritava — em um travesseiro.

Na verdade, estava mais para um berro. Era difícil decidir com o som abafado em seus ouvidos. Ele jogou o travesseiro de volta na cama.

— Está se sentindo melhor? — indagou Lyssa Sage com a cabeça inclinada e sua expressão curiosa de olhos arregalados encontrando o rosto de Trystan. — Ajudou?

— Ah, sim. Deveras — respondeu ele. Não ajudava que o travesseiro que ele pegara fosse de Sage e que o cheiro de rosas do cabelo dela estivesse avassalando seus sentidos. Por sorte, não dava para respirar e gritar ao mesmo tempo, mas o travesseiro estava sobre a cama, provocando-o.

Não vou cheirá-lo.

A vilãzinha o arrancou de seu debate interno, rindo com a boca na xícara de chá e os olhos cheios de travessura. Lyssa era uma distração bem-vinda depois de ele ter fugido do escritório como se a morte estivesse correndo atrás dele.

Eu ia atrás de você.

Ele revelara demais. Forçara a barra rápido demais. Trystan precisava ser paciente, mostrar a Evie sem rodeios que ela *era* seu amor verdadeiro. Que eles mereciam ter seu "felizes para sempre" — juntos.

Enquanto isso, ele seria uma presença estável. Um confidente. Um amigo.

Isso. Eu poderia ser amigo dela.

Ou arrancar meu pé fora com uma serra.

— Achei que uma festa do chá talvez pudesse ser uma boa pedida hoje. O senhor estava muito jururu lá no escritório. — Lyssa baixou os olhos castanhos para a xícara de chá, a apreensão formando uma ruga em sua testa. — Desculpa

se eu tiver piorado a situação.

A pontada de determinação que ele estava sentindo exigia sua atenção, mas nada daquilo era páreo para a culpa por ter magoado Lyssa Sage. Agachando-se para a mesinha de chá no centro do quarto das irmãs Sage, ele atenuou a voz e invocou um sorriso.

— Sua presença só melhora meu mundo, Vilãzinha.

Lyssa abriu um sorriso, depois se virou, dando batidinhas contemplativas no queixo com a boca em uma linha determinada. A menina pegou um biscoito da bandeja e o deu a ele. Trystan mordeu a doçura, notando o toque de água de rosas na receita.

— Posso fazer uma pergunta então, Lorde Trystan? — questionou Lyssa.

Trystan se sentou na outra cadeirinha de frente para a menina, sentindo o móvel grunhir com seu peso quando ele se recostou.

— Pode me perguntar o que quiser.

— O senhor vai se casar com a minha irmã?

A cadeira quebrou.

E Trystan se viu caído de costas, arquejando sem fôlego, quando a porta se abriu e Blade entrou. A maçã na mão dele parou na metade do caminho até a boca quando ele avistou Trystan no chão, e seus lábios abriram um sorriso lento.

— O que tá fazendo aí, meu chapa? — Blade inclinou a cabeça e sorriu de um jeito amigável que fez Trystan sentir vontade de pegar a maçã e matá-lo a golpes frutados.

Lyssa não ficou calada como ele torcera para ela ficar — como ele *sabia* que ela não ficaria.

— Só perguntei se o Lorde Trystan vai se casar com a Evie.

Blade ficou feliz da vida com a revelação e plantou as mãos na cintura com um sorriso divertido.

— E aí… você começou a quebrar os móveis?

Ainda caído no chão, Trystan apontou um dedo para a porta.

— Saia. Esta festa era restrita a convidados.

O sorriso de Blade deu trégua e foi substituído por uma linha firme.

— Eu até sairia, mas infelizmente trago más notícias.

O cômodo ficou inerte com a declaração. O ar escapou dos pulmões de Trystan, e ele ficou de pé, vertendo os olhos para Lyssa, que parecia tão apavorada quanto ele diante da promessa de mais uma onda de perturbação. A morte de Arthur ainda era um nó amargo de raiva no estômago dele, e seu

coração apertava quando ele pensava nas palavras finais que seu pai lhe dissera.

Uma vida sem amor é vazia, Trystan. Você pode viver seus anos sem mim, mas não sem ela.

O sacrifício feito pelo homem que não lhe dera vida, mas que o criara ainda assim, *não seria* em vão.

Recompondo-se, Trystan avançou, sentindo-se mais em paz com seu novo propósito.

— A notícia é apropriada para ouvidos infantis?

Lyssa abanou a mão, já na metade do caminho até a porta.

— Tô indo. Se eu não ouvir a má notícia, posso fingir que ela não está acontecendo. — Com um pulinho, ela acenou com os dedos, mas, pouco antes de fechar a porta, acrescentou: — Vou fazer minha pergunta ao senhor outra vez mais tarde, Lorde Trystan. — Em seguida, foi embora.

Blade sacudiu a cabeça e sorriu.

— Essa aí é espertinha.

— E a má notícia? — insistiu Trystan, tomado pela exaustão. — Você não conseguiu encontrar ele, não foi?

Não era preciso especificar a quem ele se referia. Os dois sabiam.

Blade fechou os olhos por um momento e soltou o ar, depois foi se sentar na cadeirinha restante, e seu tamanho em contraste chegava a ser engraçado, mas era difícil rir quando Trystan havia perdido não somente o pai, mas também o melhor amigo.

— Procurei em todos os lagos em um raio de cinco quilômetros. Nem sinal dele. — Blade esfregou as têmporas. — Alguma chance de ele ainda estar na mansão?

— Eu chequei todos os cantos onde ele geralmente fica. — Trystan bufou e coçou o cavanhaque áspero. — Não tive sorte. Deuses, e se ele tiver…

— Não. — Blade sacudiu a cabeça com veemência. — Não, conferi o perímetro até onde um sapo do tamanho dele conseguiria chegar. Aposto todos os meus coletes que ele ainda está em algum lugar na mansão.

— Está tentando me *des*encorajar a encontrar ele? — murmurou Trystan secamente, cruzando os braços sobre o peito e encarando as roupas amarelas chamativas de Blade.

Blade sorriu, abrindo os braços.

— Pelo menos eu sou sempre fácil de achar.

— Ao contrário de um sapo verde. Em uma floresta verde. — Trystan apertou a ponte do nariz, sentindo-se mil vezes mais velho que seus 29 anos.

— A floresta está perdendo a cor aos poucos por causa da magia decadente, se serve de consolo. — Blade deu a informação enquanto mordia um biscoito em formato de lírio.

Trystan apenas o encarou, depois tomou uma decisão silenciosa quando Blade deu mais uma mordida no biscoito.

— A Evie e eu transamos.

O treinador de dragões balançou para a frente com tamanha força que o pedaço de biscoito caiu de sua língua e seu queixo despencou. Seus olhos ficaram tão arregalados que Trystan se perguntou se eles iam pular da cabeça do rapaz.

— Você… você… você e a Evie… tipo, vocês dois de fato…

— Nós fornicamos — concluiu Trystan por ele, envergonhado ao se pegar com um tanto de incerteza quanto à confissão. O que, em nome dos deuses, ele estava fazendo?

— NÃO DIGA FORNICAR! — Blade levou as mãos aos ouvidos e parecia pronto para lutar contra a palavra, se as coisas escalonassem a esse ponto. — Estou tendo pensamentos demais de uma só vez. Minha cabeça vai explodir.

— Verbalize um deles, homem! — gritou Trystan com mais do que uma nuance de vulnerabilidade, um sentimento que ele queria esmagar como se fosse um inseto.

Blade passou os dedos pelo cabelo, depois apoiou as mãos nos joelhos, gaguejando sem fôlego.

— Onde? Quando?

— Em um celeiro — respondeu Trystan de imediato, não com avidez, mas também sem querer fazer cerimônia. Ele conferiu o relógio de bolso. — Trinta e cinco horas atrás.

O sorriso de Blade lhe disse que ele falara demais e que estava prestes a ser castigado por isso.

— Está contando *as horas*?

— É mais fácil de medir o tempo usando horas — protestou Trystan, indignado.

Blade debochou e riu, batendo as mãos, animado.

— Em um celeiro? — repetiu ele. — Nunca imaginei vocês dois em um celeiro.

— Peço que não nos imagine *em lugar nenhum* — chiou Trystan, fulminante, sentindo a própria cabeça à beira de uma explosão também.

Com os olhos arregalados, Blade esfregou as bochechas como se tivesse

acordado de um pesadelo.

— Você tem mil travesseiros na sua cama, e possuiu aquela pobre mulher em um celeiro? — O treinador de dragões falou isso com um balanço de braços que Fofucho, o dragão, teria achado impressionante.

— Era o que estava disponível — protestou Trystan, e àquela altura ele teria aceitado qualquer coisa à disposição. Uma cadeira, uma parede, uma masmorra…

Ah. Que curioso.

Por outro lado, era bastante possível que esses lugares lhe passassem essa impressão só porque ele estaria com ela. Isso nunca tinha importado antes. O intuito do sexo era um alívio físico, para que ele continuasse seu trabalho perverso sem o ônus de necessidades básicas, mas com Evie era diferente.

Com ela, ele havia perdido o controle. E agora suas necessidades básicas estavam por toda parte.

Não era mais questão de alívio físico, mas de libertação. Uma parte feral e dormente dele ganhando vida com a mera menção ao nome dela. Um vinho cujo gosto ele não era capaz de esquecer, uma tempestade que ele nunca superaria. Ela estava eclipsando tudo que ele achava que entendia e moldando com seus dedos adoráveis para transformar em algo novo, até que *ele* fosse *alguém* novo.

Alguém melhor.

Ou pior.

Não importava muito, contanto que Sage fosse dele.

Houve um momento de pausa. Um silêncio confortável e belo.

Mas então, Blade o arruinou — falando.

— Então, vocês dois estão… Foi…? Hum. — Blade coçou a nuca. — Sobre o que exatamente eu posso perguntar sem acabar com a cabeça decepada?

— O tempo.

Blade jogou os braços no ar e se lançou da cadeirinha ao chão.

— Por que me contou, então?

Trystan não sabia por quê. Ele só sabia que sua vida havia sido lançada no caos mais uma vez, que a mulher que consumia cada pensamento seu fora moldada pelo destino para ser sua inimiga, e a magia com a qual ele convivera durante anos não estava mais com ele.

E a parte mais surpreendente?

Ele não sentia falta dela, talvez porque ela nunca lhe pertencera de verdade.

— Porque você está aqui, imagino — concluiu Trystan, ajeitando a camisa e

fazendo com que nem um centímetro de sua aparência estivesse fora do lugar. Quando uma pessoa não tinha como controlar o fim da vida que conhecia, podia ao menos controlar o amarrotado de sua roupa.

Para ele, é claro, as duas coisas eram sinônimas.

— Estou lisonjeado, mas acho que é porque sou seu único amigo, na verdade. — Blade riu, depois ficou sério quando eles dois se lembraram.

Do outro amigo deles. Cuja ausência era notável. Trystan sentiu um nó se formando na garganta.

— Vocês dois estão juntos de vez, então? — indagou Blade, com cara de quem estava preparado para se esquivar de um soco, se fosse necessário.

Por isso, Trystan respondeu à pergunta com sinceridade:

— Não.

Blade abaixou a cabeça para as mãos.

— Claro que não. Isso faria sentido demais. Juro por todos os deuses que vocês dois parecem ter uma tara doentia em causar a própria tristeza.

— Não é verdade — contrariou Trystan, ultrajado, e ficou de pé. — A Sage está se ajustando a uma mudança completa em seu mundo e em tudo que ela achava que sabia. Não vou pressioná-la pelas minhas próprias vontades egoístas. — Ele ressaltou essa declaração empurrando um dos ombros de Blade, indo até a porta e saindo para o corredor banhado pela luz do sol, com Blade em seu encalço com uma cara moribunda.

— Espero que saiba que todas as vezes que vocês dois tomam uma decisão ruim, todos nós sofremos as consequências — balbuciou Blade em voz baixa, mas Trystan o ignorou até eles chegarem às portas de seu quarto… que estavam entreabertas.

Um arrepio desceu pela nuca de Trystan, e seus medos foram confirmados quando ele empurrou a porta para abri-la totalmente e encontrou o quarto de pernas para o ar.

Blade deu um assovio ao lado dele.

— Já considerou uma bola de estresse em vez de um surto destrutivo? Isso aqui não é justo com a equipe de limpeza.

— Não fui eu — declarou Trystan, sem emoção. — Alguém entrou aqui procurando alguma coisa.

Uma chama crepitava na lareira — um fogo que não estivera ali quando ele saiu do quarto mais cedo. Por que alguém revistaria seu quarto e deixaria apenas um fogo crepitante confortável no lugar? No entanto, quando se aproximou, Trystan percebeu com um embrulho no estômago que todas as

gavetas de sua mesa haviam sido abertas; papéis e outros itens ou estavam jogados no chão ou tinham desaparecido. E um papel coberto de cinzas se dobrando nas chamas era tudo o que restava. Das páginas que ele conseguira roubar do livro da *História de Rennedawn*. Queimadas.

Trystan cerrou os punhos, e a raiva se espalhava dentro dele, porque das duas, uma: ou Marv encontrara uma forma de escapar de sua masmorra…

Ou ele não era o único traidor.

Trystan foi pisando duro até a porta, parando apenas quando se tocou de mais uma coisa. Algo que fez um calafrio descer por sua espinha.

Ele deu meia-volta lentamente e viu que mais uma coisa havia sumido do quarto.

A coisa que ele guardara sobre a cama do sapo.

A coroa de Reinaldo.

Semicerrando os olhos, ele avançou para a porta, ouvindo Blade gritar atrás dele:

— Aonde está indo?

— Para as masmorras — rosnou Trystan.

Onde havia traidores à espreita na escuridão.

CAPÍTULO 4
Reinaldo

Até que enfim.

CAPÍTULO 5
Evie

Evie estava sonhando acordada com a ideia de ficar sozinha para sempre.

Aquele pensamento jubiloso permeara sua mente o dia todo. A possibilidade de fugir de todos os problemas de Rennedawn, de toda a dor. A tentação de se mudar para as montanhas e viver escondida entre as árvores. Onde ela não poderia machucar ninguém. E onde ninguém poderia machucá-la.

Respirando fundo, Evie deu um passo em direção ao escritório de Trystan, erguendo a mão para bater à porta fechada.

— Pode entrar — estrondou a voz grave de Trystan.

Ela teve um sobressalto, parando com o punho no ar antes de encostar na madeira. Como é que ele sabia que ela estava ali? A ligação que ele tinha com ela era tão forte assim? Ou era a tinta dourada que rondava o dedo mindinho dela, que alertava Trystan de quando ela estava em apuros? Independentemente, era um pensamento tolo, fugir. Ela não chegaria longe.

Além do mais, ele jamais a perdoaria.

Nenhum deles perdoaria.

Pelo amor dos deuses… estou virando pessimista?

Tremendo, Evie abriu a porta, e então assimilou a cena diante de si com uma confusão agradável. Trystan estava em frente à sua mesa, com a cadeira que ela sempre usava ocupada.

Por Marv.

— Ah, estão tomando um chá? — perguntou Evie com leveza, tentando impedir a voz de ficar trêmula ao entrar e fechar a porta. A magia sombria a acompanhou, rodopiando para brincar com seu cabelo. — Olá, Marv, querido. Como dormiu? — Ela não estava tentando desconcertá-lo; a magia estava agindo por conta própria, mas os olhos arregalados de Marv ainda assim

encararam ela e a magia que a cercava, como se ela fosse um fantasma e o estivesse paralisando de medo.

— Be… Bem, srta. Sage. Obrigado — respondeu Marv com a voz esganiçada enquanto Evie dava a volta na cadeira dele para encará-lo e parar ao lado de Trystan.

— O Marv e eu estávamos discutindo justamente isso, Sage — falou Trystan com frieza, encarando com a emoção mais profunda que Evie já o vira direcionar a um prisioneiro. A traição doera nele mais do que qualquer outra; isso estava evidente para ela. O mesmo semblante que ela sabia que ele encontrara nas feições dela depois de seu pai. Depois de Gideon. Depois da mãe.

A mãe.

Deixando de lado os pensamentos sobre Nura que ela não podia suportar, Evie concentrou toda a atenção em Trystan.

— Você ia mesmo me privar da diversão e interrogar ele sem mim?

— Deixei um bilhete na sua mesa para me procurar imediatamente — rebateu Trystan, franzindo o cenho. — Achou que ele se referia *a quê*?

Permitindo que um sorrisinho brincasse em seus lábios, Evie sentiu seu coração mole sendo ninado pela preocupação dele.

— Eu não sabia ao certo. O recado foi vago, e você fez um desenho inapropriado na parte de baixo.

Ele arregalou os olhos, e Marv abriu a boca, olhando de um para o outro depressa.

— Não fiz nada disso. Eu desenhei nós dois — ele gesticulou a mão entre ele e ela — torturando o Marv.

Marv se engasgou, e Evie pegou o bilhete do bolso da saia azul e o encarou.

— Isso aqui não era pra ser o senhor em cima de mim?

Marv fez um som de engasgo bem diferente quando Trystan observou o desenho.

— Somos nós dois interrogando uma testemunha! Por isso as correntes e o…

Ela riu com a mão na boca, e Marv olhou para o teto com as mãos presas em algemas sobre o colo.

— Eu estava tentando ser… — Ele engoliu em seco. — Divertido… por você.

Não caia na lábia dele, Evie!

Mas ela já estava caidinha havia muito tempo.

Marv murmurou:

— O desenho está mesmo meio sugestivo, senhor.

— Te perguntei alguma coisa? — retrucou Trystan. —Você está aqui para um interrogatório com tortura, não para dar opiniões!

— Certamente, senhor. — Marv fez uma saudação sincera, mesmo com a mão presa. — Peço desculpas.

— Vamos começar com o mais fácil. Por que vasculhou meu escritório? — Trystan segurou o cabo da espada, pronto para usá-la.

Marv balbuciou:

— Senhor, eu estava preso desde ontem. Três outros guardas corroboraram essa informação.

Trystan bufou.

— Eu entendo, Marvin, mas quem mais me sabotaria assim?

— O rei Benedict, a Guarda Valente, diversos cidadãos, a nobreza, *os estagiários*. — Evie listou as opções erguendo um dedo a cada item, tentando controlar suas feições.

Marv voltou a protestar.

— Por favor, acredite em mim. Eu não lhe causaria mais mal, e sinto muito, muito mesmo pelo que já causei. — A voz do guarda do portão de entrada falhou.

Evie sugou o ar, sentindo sua cicatriz pulsar no ombro e a adaga ecoar o chamado em seu cinto.

Ela não tinha certeza de como sabia, mas aquela sensação horrível de quando se deu conta de que seu pai era um traidor… não estava presente enquanto ela fitava Marvin. Com Griffin, o instinto lhe dissera que ela estava diante de alguém que a odiara desde o princípio. Terrível e transformador. Mas agora, esse mesmo instinto estava totalmente calado.

— Marv. Você *fez mesmo* isso? — indagou Evie com a voz calma.

— Sage! — repreendeu-a Trystan. — Era para o interrogatório ser *com tortura*.

Ela deu um sorrisinho ao chefe.

— Acho que ouvir você surtando por causa de um desenho lascivo foi tortura o bastante. Não concorda?

Marv olhou para baixo, o cabelo desgrenhado sujo com qualquer que fosse o tipo de imundície que havia lá embaixo nas masmorras.

— Eu admito, srta. Sage. Sim, eu dei os bilhetes à srta. Lyssa dizendo para ela ir ver o pai de vocês. Mas eu… eu não sabia que eles eram para fazer mal a

ela. Só me dei conta tarde demais.

— Tarde demais para quê? — indagou Evie com cautela. — O Gideon mencionou que você contou uma historinha fantástica na qual ninguém acreditou? — Evie deu a declaração como se fosse uma pergunta, e Marv estremeceu, mexendo as botas.

— Estou com dívidas — admitiu Marv, emanando sua vergonha em ondas palpáveis. — Eu não estava em pleno juízo naquela noite; tinha bebido demais na taverna do extremo leste. Era tarde. Mal reparei no homem. Nos *homens*, melhor dizendo. Eles se juntaram a mim à mesa de cartas. Não me pareceu ser má ideia apostar por dinheiro. O primeiro homem era tão ruim que eu pensei que estava no papo.

— Te passaram a perna — concluiu Trystan sem nem um pingo de dó, mas também sem raiva.

Marv assentiu, bufando trêmulo.

— Quando eu perdi… entrei em pânico, e foi então que os outros apareceram.

— Outros? — Evie deslizou a cadeira extra na direção de Marv e se sentou ao lado dele. — Que outros?

— Um grupo de homens. Da Guarda Valente, mas sem uniforme. Eles me disseram que minha dívida seria perdoada se eu lhes fizesse um favor, e não vi maldade a princípio. Só que o juramento precisava ser marcado em tinta permanente. Eu estava bêbado demais para perceber a idiotice até já ser tarde demais.

A verdade estava nítida nas palavras, mas Evie não sabia ao certo se ainda podia confiar em seus instintos, quando sua fé na bondade das pessoas frequentemente saía pela culatra.

— Em tinta? Tipo um segundo trato empregatício?

— Estava mais para um acordo de entregar os bilhetes do seu pai à Lyssa. Eles eram passados debaixo de portas com meu nome marcado neles. Tentei ignorá-los, mas aí a marca… — Ele assentiu para o braço direito, e Evie entendeu isso como um pedido para subir a manga, revelando uma rede de veias escuras grotescas subindo pelos braços dele até o pescoço. — Todas as vezes que resisti, ela chegou mais perto do meu coração. Acho que é veneno.

Houve um instante de silêncio enquanto ela e Trystan processavam as palavras dele, tentando entendê-las de cada ângulo, cada decisão que ele podia ter tomado em vez daquela.

— Por que não nos procurou, Marv? — perguntou Evie, entristecida.

Os olhos castanhos dele ficaram marejados, até que uma lágrima escorreu por sua bochecha e o lábio tremeu com a emoção avassaladora.

— Ah, srta. Sage. Fui covarde, e convenci a mim mesmo de que seu pai não faria mal à srta. Lyssa. Afinal de contas, ela é sangue do sangue dele! Juro que eu teria preferido morrer a causar mal a ela.

— Mas você *causou* mal a ela — murmurou Trystan com uma frieza mortal, olhando para Marv como se ele fosse uma barata debaixo de sua bota, e o nojo contorceu suas feições definidas. — E aqui está agora. Então, me diga, Marvin. Se estivesse no meu lugar… você deixaria um homem assim sair com vida?

— Não, senhor. — Marv endireitou as costas, erguendo o queixo, preparado para enfrentar sua possível morte com um pouco de dignidade. — Não deixaria.

Trystan assentiu, e então soltou a espada da bainha.

— Não! — gritou Evie, saltando entre eles e estendendo a mão. A névoa escura escorreu das pontas dos dedos de Evie e, antes que ela pudesse entender o que estava acontecendo, a magia girou para cima, agarrou a espada e se envolveu no aço como se tivesse corpo, torcendo o metal até ele dobrar.

O pulsar da escuridão era tão profundamente gratificante que ela sentiu uma única onda de alívio. Do tipo que só se encontra sendo você mesmo, talvez pela primeira vez.

Trystan não reagiu com tanto alarde quanto ela. Na verdade, o antigo vilão encarou a arma arruinada com um sorrisinho nos lábios e satisfação em seus olhos escuros.

— Muito bem, Sage. — Havia orgulho no elogio, além de uma falta de surpresa bastante suspeita.

— Você por acaso… provocou a magia de propósito? — Os batimentos dela dispararam, e o calor subiu à superfície da pele à medida que a magia sombria crescia.

Mesmo com as mãos ainda atadas, Marv conseguiu afastar a cadeira alguns centímetros para trás.

O sorriso de Trystan se alargou, e ele passou um dedo pela névoa de aparência sombrosa.

— Extraordinário. — Ela sentiu a carícia como se fossem unhas se arrastando de leve por seu couro cabeludo. — A luz do sol — murmurou ele, aparentemente em transe, e Evie enfim entendeu por quê.

Quando a névoa batia na luz do sol, a magia feito fumaça não desaparecia — ela brilhava.

— Era… era para fazer isso mesmo? — sussurrou Evie, sentindo a magia

voltando às pontas de seus dedos. A luz cintilou na névoa como um diamante preto, lançando milhares de cores pelo espaço.

— Comigo nunca aconteceu. — Trystan pegou a mão de Evie quando a névoa continuou a recuar para baixo da pele dela. De alguma forma, ela fizera aquilo, apenas com a força da mente. Ele virou os dedos dela, examinando-os com um olhar fingido de indiferença. — Mas era óbvio que *sua* magia pareceria ter sido atirada por um canhão de glitter — declarou ele, seco.

Evie puxou a mão de volta e uma risadinha ensandecida explodiu de sua boca até ela bater na cadeira de Marv. O olhar do guarda do portão continuava fixo no teto, embora estivesse com uma carranca forçada que fez Evie achar que um momento antes ele estivera sorrindo.

Trystan, por sua vez, ainda estava observando a magia sombria, concentrado nela enquanto a névoa saía da luz do sol para voltar para Evie.

— Que fascinante. Ela reflete luz como uma joia.

Evie o encarou. A onda de satisfação por usar a magia estava passando, e a de calor junto com ela.

— E por que você acha que isso acontece? Ou isso foi algo que você não levou em consideração quando decidiu deliberadamente me provocar para que eu a usasse? — O ressentimento não precisava ser dito; estava evidente nos olhos e na voz dela.

— Você é motivada por instintos de proteção. — O rosto de Trystan ficou sombrio antes de as feições enrijecerem. — Sei que você quer fingir que a magia não está aí. Seria mais fácil pra você, e só os deuses sabem o quanto você merece uma colher de chá depois de tudo pelo que passou, mas ignorar a magia não vai fazer com que ela vá embora. E cada segundo que você passar relutando contra ela será mais um segundo que você poderia ter aproveitado tentando *dominá-la*.

As palavras começaram duras, mas suavizaram no fim. Uma preocupação genuína assumiu o lugar da abordagem defensiva de Trystan, e os olhos dele passaram pelo rosto dela como se quisessem memorizá-lo.

— Não quero que tenha vergonha dessa parte de você — concluiu ele, falando baixo.

— É a parte destinada a te matar. — A voz dela falhou, e Evie segurou os cotovelos, se encolhendo.

Trystan abriu um sorriso e a fitou com ternura.

— Aposto que eu morreria feliz.

Agora ele estava escolhendo ser charmoso.

Porque eu provavelmente cometi um crime horrendo em uma vida passada e esta é minha penitência.

Marv deu um pigarro desconfortável, e o encantamento passou. A linha que prendia os olhos dela aos dele se partiu.

O corpo todo de Trystan estremeceu, e ele deu um passo para trás. Evie entrou em pânico ao ver como puxou o colarinho. Será que ele se sentia desconfortável com ela? Com o fato de ela estar com a magia dele? Com a novidade de sua magia agora parecer um projeto de arte nevoento feito por Lyssa?

Só que, então, as palavras saíram velozes e furiosas da boca de Trystan:

— É apropriado… que a magia brilhe à luz do sol.

A mente dela não conseguiu assimilar as palavras rápido o bastante, e ela perguntou, cheia de audácia:

— Como assim?

Trystan encarou o chão como se esperasse que um alçapão o derrubasse no porão. Quando ergueu a cabeça de novo, havia uma tensão atípica em seus ombros.

— A magia imita quem a usa.

Isso foi um… elogio? Ele está me elogiando durante uma sessão de tortura desprovida de sangue?

O queixo de Evie caiu ao mesmo tempo que o de Marv, e o choque prendeu todos os músculos dela no lugar, exceto os da testa, porque as sobrancelhas quase foram parar no cabelo.

— Senhor… você está… está tentando flertar comigo?

— Acho que você fazer a pergunta é um claro indicativo do quanto estou me saindo bem — respondeu Trystan com sarcasmo, apertando a ponte do nariz. — E te peço para não me chamar mais de "senhor". Com essa cordialidade toda, até parece que sou seu chefe.

— Mas o senhor é — intercedeu Marv baixinho, tolo que só.

A consequência? Trystan agarrou a parte de trás da cadeira de Marv com uma rapidez letal e apontou a espada desfigurada ao rosto dele.

— Ela é minha aliada, Marvin — disse ele com calma, como se *de fato* estivessem tomando um chá. — Sabe o que isso quer dizer?

— Que e-ela é sua parceira, senhor? — gaguejou Marvin.

— Que ela é minha *igual* — declarou Trystan com veemência, sua voz tomada por um vigor e uma determinação que deixaram os joelhos de Evie bambos. Endireitando a postura, ele jogou a espada no canto como se não

passasse de um pedaço de papel amassado, depois cruzou os braços. — Você não tem serventia para mim morto, Marv. A Tatianna vai ver se o veneno pode ser curado, e aí vamos te fazer todas as perguntas que derem na telha, sem medo de que você chegue do outro lado cedo demais. Fui claro?

— Sim, senhor! — O guarda do portão de entrada e suposto traidor assentiu, e seus tendões espinhosos balançaram com o movimento. — Eu ficaria muito grato por isso!

Trystan concordou e foi até a porta.

— Sage, venha comigo.

Evie ficou paralisada, não gostando nada do tom dele.

— Ir pra onde?

— Nós dois vamos dar uma voltinha. — Ele voltou à porta e jogou uma moeda de ouro para ela. Quando Evie a pegou, um sorriso largo transformou a expressão de Trystan em um semblante de maldade. — Pode ficar com ela.

— Pra quê? — indagou Evie, seguindo-o como se essa fosse sua única escolha.

Ele deu uma risada sombria, e o nervosismo atou nós no estômago dela quando Trystan deu sua resposta imprevisível:

— Ora ora, para o poço dos desejos, é claro.

CAPÍTULO 6
Tatianna

No reino de Rennedawn, havia muitas maneiras de se espalhar informações. Alguns usavam corvos, alguns recorriam ao serviço de correio oficial do rei, e outros simplesmente declaravam sem rodeios o que queriam que você soubesse. Tatianna acreditava que a forma como uma pessoa se comunicava representava quem ela era.

Era por esse motivo que uma curandeira como ela, com toda a sua graça, seu decoro e sua sabedoria, estava correndo atrás de Clare como se seu vestido de seda cor-de-rosa estivesse em chamas.

Pelo que parecia ser a vigésima vez naquele dia.

— Você não pode me evitar pra sempre!

— Tatianna, não estou com cabeça pra isso agora — retrucou Clare, com seus cachos escuros presos atrás das orelhas, esvoaçando ao redor do pescoço, e seus olhos reluzindo quando ela se virou para mandar Tatianna embora. — Tenho questões mais urgentes do que te ajudar a salvar *aquele* homem.

— *Aquele* homem é um amigo querido — insistiu Tatianna. — O Marvin foi tolo, mas todos nós fizemos escolhas tolas na vida, não? Nós vamos mesmo puni-lo por se cercar de más companhias? Foi assim que todos nós fomos contratados!

Clare parou de fugir e se virou bem a tempo de Tatianna trombar com ela. As duas tropicaram até as costas de Clare baterem no parapeito de uma das janelas abertas.

— Eu não fui contratada — disse ela por entre os dentes, esfregando o ombro. — O Trystan é meu irmão. Ele é minha família. Por mais que seja pequena e esteja aos pedaços. — As bochechas dela coraram de raiva, e seu peito ficou agitado.

Tatianna acalentou, sentindo uma dor no coração pela perda de Clare, pela sua própria perda.

— Sei que você está de luto pelo seu pai. Acredite em mim. Eu não te pediria isso se não achasse importante. Pode por favor dar uma olhada no Marv? Você conhece plantas mágicas melhor do que ninguém; pode ser que descubra o que vai curá-lo.

Tatianna sabia que a resolução de Clare sempre começava a vacilar quando o olho dela tremia. *Ali, ó! Tremeu.*

— Acho que eu poss…

Um grito fez as duas terem um sobressalto quando uma das fadinhas voou pelo corredor, berrando de indignação.

— Luella! — chamou Tatianna, alarmada. — O que foi?

Luella parou diante das duas, com suas asas deslumbrantes — do mesmo tamanho do dedo indicador de Tati — batendo a uma velocidade furiosa.

— Tem um doido correndo nu pela lavanderia!

Clare soltou um arquejo, e Tatianna ficou tão estarrecida com a declaração que cobriu a boca com a mão antes de perguntar:

— Como assim? Quem?

Só que Clare já zarpara em direção aos degraus de madeira que levavam à sauna.

Mas que raios…?

— Clare! — gritou Tatianna atrás da ex-noiva, ficando sem entender por que um homem nu a deixaria tão alvoroçada. O calor roçou a pele de Tatianna quando ela desceu o último degrau, onde foi recebida pelo caos total de fadinhas e estagiários correndo para lá e para cá, frenéticos.

Invocar sua magia curandeira nunca fora uma dificuldade; o calor dela era um conforto suave que causava o tipo mais profundo de nostalgia, como o reencontro com uma amiga da vida toda. Essa parte dela era assim. Sua magia. Sua amiga.

Ela brilhou das pontas de seus dedos, iluminando o caminho como sempre fazia.

Olhando para além do alvoroço de pessoas dispersas, ela viu o cabelo escuro de Clare do outro lado da passadoria, mexendo as mãos sem parar, apontadas para uma figura alta coberta com diversos mantos.

— O que raios está acontecendo? — indagou Tatianna, dando passos rápidos e assertivos para ir até o par no espaço quase deserto. — Quem é esse aí?!

Clare se virou e bloqueou a figura curvada da vista de Tati. A cabeça da pessoa estava virada para o chão, com o manto cobrindo o rosto por completo.

— Eu te ajudo com o Marv.

Clare sempre tivera uma propensão ao drama, desde que elas eram crianças, e Tatianna sempre tivera uma propensão a dar trela a esse traço dela, mas aquilo era um pouco mais do que até ela era capaz de superar.

— Ah, vai me ajudar com o Marv, é? Ou seja, você espera mesmo que eu ignore esse cabideiro ambulante enorme atrás de você?

Clare não respondeu, apenas fez uma cara genuína de súplica.

— Com base no veneno que você descreveu, provavelmente ele está atrelado a magia. A única cura é… — Ela fez uma pausa para olhar para trás e conferir se a figura ainda estava mesmo ali. — Uma, hm, flor que expele calor. Elas podem ser encontradas nesta época no ano, no sul do continente. Podemos discutir mais amanhã. Acha viável?

— Não! Não acho *viável*! — gritou Tatianna, ponderando se havia prendido o laço na cabeça com força demais. — O que é que você tá escondendo?

— Xiiiu! — Clare agarrou a mão de Tatianna, depois arrastou ela *e* a figura encapuzada para o almoxarifado no canto dos fundos, empurrando o ser primeiro antes de fechá-los ali dentro com apenas uma janelinha fornecendo luz. — Se eu te falar… se eu te *mostrar*… você precisa prometer que não vai contar para o Trystan.

O sangue de Tatianna gelou, e uma sensação fria subiu por suas veias, encontrando seu coração. Porque Clare já havia estipulado a mesma coisa uma vez. Anos antes.

Se você continuar se associando a um criminoso procurado, eu não vou tolerar. Você vai estar escolhendo ele em vez de a mim. Vai nos destruir.

Naquele dia, Tatianna deixara Clare — deixara o noivado —, partindo o coração delas duas em um só golpe. Mas não havia nada a ser feito, pois Tatianna não podia negligenciar Trystan sem também negligenciar parte de quem ela era.

Seu coração não aceitaria abandonar a família.

O dia em que ela começou a trabalhar para Trystan fora o mesmo dia em que devolveu o anel a Clare. Nenhuma das duas ousou chorar na frente da outra. Porém, quando as lágrimas finalmente escorreram pelas bochechas de Tatianna, enquanto ela deixava para trás a única mulher que tinha amado na vida… ela soube que Clare também estava de costas, chorando.

— O destino não seria tão cruel a ponto de me obrigar a fazer esta escolha

duas vezes — sussurrou Tatianna para si mesma, sentindo o olhar de Clare. — *Você* não seria tão cruel a esse ponto.

Clare segurou as mãos dela e seu semblante suavizou, ficando calmo, embora sua mão tremesse quando ela a levantou para colocar uma trança atrás da orelha de Tatianna.

— Meu amor, eu jamais faria isso. Não seria para sempre. Eu só quero… resolver algumas coisas antes de apresentar ele para os outros.

A confusão tomou o lugar do pânico que crescia dentro de Tatianna, e seu coração aos poucos foi voltando a um ritmo normal.

— Ele?

A figura se virou e abaixou o capuz.

Tatianna arquejou, e o choque ao ver o rosto do homem a fez bater na porta, apontando para ele como se ele fosse um fantasma, sussurrando incrédula e embasbacada.

Clare deu um sorrisinho.

— Ele.

CAPÍTULO 7
Becky

Rebecka Erring observava Lyssa Sage feito uma águia. A menina estava aprontando alguma.

A trança de cabelo escuro se soltava na ponta, e o rosto dela estava com uma careta de concentração. A pena entre seus dedinhos se movia depressa, sem descanso. O punho de Becky doía só de olhar.

— Faz quanto tempo que ela está nessa? — murmurou Becky para Edwin, que observava Lyssa com um carinho que aquecia o cômodo muito mais do que o forno.

Edwin deu de ombros e abriu um sorriso inevitável.

— Pelo menos há algumas horas. Consegui fazer ela comer alguma coisa por volta da hora do almoço, mas ela não parou desde então. A srta. Evie apareceu para ver como ela estava antes de partir com Trystan. Falou que quando a srta. Lyssa fica assim, é melhor deixá-la em paz. — O ogro riu para si mesmo, mexendo o elixir de caldeirão no tonel. O líquido estava forte e aromático.

Becky resmungou, depois foi até a mesa onde a menina estava sentada e, sem pudor algum, bisbilhotou por sobre o ombro da pequena, mas quase partiu dessa para uma melhor quando Lyssa falou:

— Se quiser ler, srta. Erring, talvez seja mais fácil se você chegar mais perto.

As bochechas dela queimaram diante da repreensão provocativa de uma criança, e ela foi se sentar na cadeira de frente para Lyssa.

— Eu só fui conferir se você não estava planejando algo nefasto.

— Estou sempre planejando algo nefasto. — Lyssa finalmente ergueu a cabeça, dando um sorriso grande, e seus olhos castanhos reluziam. — Mas isso aqui é só por diversão.

— Sobre o que é sua história? — indagou Becky, não questionando mais

seu interesse nos afazeres da menina. Edwin chegou mais perto, entregando um copo d'água para Lyssa e uma caneca cheia de elixir de caldeirão para Becky. Ela aceitou, grata, permitindo que a louça aquecesse suas mãos enquanto esperava pacientemente por uma resposta de Lyssa.

Os olhos da menina se voltaram ao papel, com a confusão assumindo suas feições.

— Acho que é sobre a Sina?

— Tipo o destino? — Becky deu um gole no elixir, aproveitando a sensação do líquido aquecendo-a por dentro.

Lyssa ficou pálida e se embananou ao responder imediatamente:

— Não. Não é a mesma coisa, srta. Erring. O Destino escreve o que espera que vá acontecer, e a Sina é o que vai acontecer naturalmente no final.

Becky achou um tanto de graça na explicação.

— Você sabe que, se olhar no dicionário, essas duas coisas vão ser sinônimas, né?

Lyssa empinou o nariz, toda pomposa.

— Mas não estou escrevendo um dicionário. Estou escrevendo um romance. E, no meu romance, a Sina e o Destino são rivais ferrenhas.

Becky ficava maravilhada com o que o cérebro de uma criança era capaz de conjurar.

— Então, na sua história, a Sina e o Destino são pessoas?

Lyssa empurrou o papel na direção de Becky com um grau de concentração que ela só vira dentro de si.

— O nome da Sina é Moira.

— E o nome da personagem do Destino? — perguntou Edwin, juntando-se a elas com um prato de bolinhos recém-assados.

— Destiny — respondeu Lyssa, olhando para os dois como se eles tivessem acabado de perguntar qual era a primeira letra do alfabeto. — Óbvio.

— A Moira esgotou toda a sua criatividade, foi? — As palavras de Becky saíram secas, e ela esticou as mãos decisivamente para pegar um bolinho, depois o colocou diante de Lyssa.

A pena da menina caiu, e ela atacou o doce feito um animal morto de fome — a resposta típica da criança a uma oferta de açúcar. Becky olhou para as palavras rabiscadas na folha, parando nas ilustrações. Alguma coisa no desenho de Destiny não estava lhe caindo bem.

Porém, antes que pudesse questioná-la, Blade cambaleou porta adentro, respirando pesado como se tivesse vindo correndo do pátio.

— O Roland está vindo pra cá com um comunicado da sua mãe, Rebecka. Se quiser que eu queime, é só pedir.

Ele correra até ali para que ela ficasse sabendo antes. Para que tivesse tempo o suficiente para processar a decisão antes que seu irmão chegasse a ela. Como é que um homem que ela conhecia havia poucos meses podia saber tanto do que lhe dava segurança no mundo?

Sem dizer nada, Becky se levantou da cadeira e deu dois passos em direção a ele, cruzando os braços com o cenho erguido.

— E se eu quiser abrir?

Blade tirou do bolso o abridor de cartas favorito dela.

— Me preparei para essa possibilidade também.

Ela sorriu; era inevitável. A doçura da personalidade dele arrancou o sorriso bem de dentro dela.

Ela deu um passo à frente e levou as mãos às bochechas dele com delicadeza, ficando na ponta dos pés e dando um beijinho suave nos lábios dele antes de se baixar de volta.

— Que maravilhoso! Posso usar isso para o próximo capítulo? — gritou Lyssa, causando um rebuliço de risada em todos eles.

O instante logo acabou, porque Roland passou pela porta com os óculos dispostos logo abaixo da cicatriz no nariz, a postura perfeita, com a mão firme ao passar a carta com o emblema da Família Fortis para ela. Sem se dar ao trabalho de explicar o que era.

Roland assentiu para Blade com um claro entendimento entre eles. De que a lealdade de Blade sempre seria dela. Ao contrário da de outros alguéns.

Becky encarou a carta na palma da mão como se o papel fosse saltar e tascar uma mordida nela, e então um pensamento indesejado a paralisou.

— Não é… É a vó?

Ramona Fortis sofria da Doença Mística, como muitos em Rennedawn. Uma punição do Destino — ou melhor: da Sina —, colocada sobre a terra em resposta ao rei Benedict ter aprisionado algumas de suas criaturas: o guvre. Desde que eles foram libertos, a doença parara pouco a pouco de encontrar novas vítimas, mas as antigas ainda sofriam.

A filha de Ramona, mãe de Becky — Renna — fizera de tudo para encontrar uma cura, tentando roubar a magia da própria Becky com a mesma flor das lembranças que havia desaparecido com a luz estelar de Nura Sage. Na época, Becky achara a atitude imperdoável. Agora, no entanto, perguntas atormentavam sua mente.

Será que Becky um dia faria algo parecido por alguém que amava? Será que ela usaria manipulação e mentiras à custa de uma filha?

A mãozinha de alguém segurou a de Becky.

— Tudo bem, srta. Erring. O que quiser fazer, você pode.

Não, respondeu a si mesma, olhando para o rostinho de Lyssa que tanto confiava nela. Não, ela encontraria outra maneira antes de ferir um filho próprio. Não conseguia nem suportar a ideia de machucar aquela criança que nem era sua. Segurando a mão da menina, Becky deu um apertinho reconfortante e abriu um sorriso.

— Tem certeza de que foi a Evie que te criou? Você é tão boazinha.

A declaração só fez os olhos de Lyssa suavizarem ainda mais.

— Pelo visto, foi só por causa dela mesmo. Não concorda, srta. Erring?

Era o jeito mais delicado de elogiar Evie Sage. Mas, também, Becky tinha certeza de que era o mais gentil.

— Concordo muito, Lyssa.

— Acredito que a vó esteja consideravelmente bem — garantiu Roland, e os ombros de Becky cederam de alívio. — Do contrário, a mãe também teria escrito para mim. Na verdade, não faço ideia do que essa carta vai dizer. Quando você partiu com o Vilão todos aqueles meses atrás, ela se recusou a falar de você. Quando o Rafael exigiu que a gente parasse de te evitar como tópico de conversa durante o jantar, ela não foi mais comer com a família.

Becky engoliu em seco, apesar do nó enorme que se formara em sua garganta.

Como a mãe deles era covarde. Não conseguia tolerar falar sobre uma filha, e evitava os demais para continuar assim. Nada do que aquela mulher pudesse escrever conseguiria machucá-la.

Sugando o ar, ela rasgou o envelope e tirou o papel de dentro, analisando-o com o coração martelando a cada palavra lida. O suor começou a se acumular na testa, e o sangue retumbou em seus ouvidos.

Foi então que Blade colocou os braços ao redor dela, à medida que seu terror era exposto para todos.

— Rebecka? O que foi, querida? — Ele colocou a mão embaixo do queixo dela, até que seus olhos abalados encarassem os preocupados dele.

— Temos que encontrar a Evie e o Trystan. Agora.

— Por quê? — indagou Lyssa, dobrando seu manuscrito, toda nervosa.

Becky endireitou os ombros, lembrando-se de quem era.

Rebecka Eriania Fortis. Herdeira da Fortaleza da Família Fortis e de toda a

sua magia. Ela precisaria da força de seus ancestrais para conseguir contar a eles.

— Porque a mansão está prestes a ser dilacerada de dentro para fora.

CAPÍTULO 8
Trystan

Aquilo era um risco.

E Trystan sabia que ele era o único digno de corrê-lo.

— Estamos quase lá — declarou.

Trystan e Sage haviam pedido a ajuda de Roland para partir o pomar de espinhos no limite da Floresta das Nogueiras. O jovem Fortis testara uma nova mistura para alimentar os espinhos, feita com uma gota do sangue de Trystan. Fora uma medida de última instância, mas era a única forma de garantir plena segurança para os funcionários dele. Agora ele tinha certeza: ninguém podia entrar sem que ele ficasse sabendo. E, pelo visto, ninguém podia sair também.

Era somente por esse motivo que Trystan achava sua ideia atual ligeiramente apropriada.

— Como está sua magia no momento?

— Parece que eu tô com indigestão — grunhiu Sage ao lado dele, esfregando o peito com uma adaga presa à cintura e a névoa escura escondida nas profundezas de seu corpo.

Névoa sortuda do escambau.

No entanto, o apetite dele por Evie deveria permanecer reprimido. Ele não queria assustá-la com a intensidade com que a desejava, e também não queria levá-la a cair em seus braços antes que estivesse pronta para fazê-lo com certeza. Aquele era um território bastante novo para Trystan — em todos os aspectos.

Ele não podia mais contar com sua magia para protegê-la. O suposto papel dele na profecia do livro da *História de Rennedawn* fora reduzido ao de um… príncipe. Sua mente rejeitou a palavra como se fosse um xingamento terrível.

E, como se isso não bastasse, se eles não realizassem a profecia logo,

Rennedawn provavelmente pereceria.

Deixe, pediu a parte malcriada dele. *Deixe tudo virar pó. Qualquer coisa para que você a tenha. Para que fique com ela.*

— Antes eu achava que *você* era indigestão — falou Trystan, precisando se acalmar antes que a calça apertada revelasse aonde sua mente tinha ido parar.

— Como é? — Sage o encarou, perplexa, parando diante de um carvalho enorme.

— Quando você sorria, isso, hum… — Deuses, como ele era péssimo naquilo. — Isso fazia meu peito doer. Eu só conseguia atribuir a reação à acidez na minha comida. Quando parei de comer laranja, entendi que na verdade era porque eu estava apaixonado por você.

Sage cobriu o lábio inferior com os dentes para reprimir um sorriso enquanto continuava andando com as mãos às costas.

— Estava, no passado? — perguntou ela, tentando transparecer leveza e desinteresse, tentando manter a barreira entre eles ereta.

Assim como outras partes de Trystan.

— Já mudou de ideia, foi? — Ela estava olhando para a frente em uma tentativa de transparecer desimportância.

Ele não deixou.

Pegando a mão de Sage antes que pudesse mudar de ideia, Trystan sentiu ondas de choque vindo de onde sua pele tocava a dela. E, quando ele olhou para seu rosto, viu tudo que ela estava escondendo dele. Amor, respeito, desejo, calor, alegria e dor. Tudo era por causa dele.

Que encorajador.

Sacudindo a cabeça, ele falou, quase furioso:

— Jamais.

Sage arregalou os olhos e deu um passo para trás, puxando as mãos para o peito, como se o toque dele a tivesse machucado.

— Não estou acostumada a você sendo tão… tão…

— Sincero? — sugeriu ele, avançando a passos largos. — Posso continuar, se quiser.

Por mais magoada que Sage estivesse, sua curiosidade superava em muito sua dor, e seus olhos claros reluziram com a possibilidade.

— O que mais você tem para me contar?

Erguendo um galho para ela passar, Trystan segurou o cotovelo de Sage com delicadeza, ajudando-a a passar por cima de uma raiz grande, contente por encontrar mais uma desculpa para tocá-la. Em seguida, repreendeu a si mesmo

por seu nítido desespero. Todos os seus sentimentos estavam expostos.

Assim como um de seus segredos mais bem guardados.

— O motivo verdadeiro para eu ter tantos travesseiros na minha cama.

Sage virou tão depressa que tropeçou na raiz. Ele se abaixou para segurá-la contra o peito e eles dois caíram, Trystan primeiro, com as curvas macias coladas em seu abdômen. Sage era quente, e o cheiro de rosas subiu para atacá-lo. O corpo dele se empertigou em atenção. De todos os jeitos imagináveis.

Quando ela colocou as mãos de cada lado da cabeça dele, seus cachos soltos formaram uma cortina ao redor deles dois. Ele a encarou de peito aberto, determinado a não trair as próprias emoções para que Sage não se retirasse de sua posição atual.

Porque isso poderia acabar o matando.

— Sage. Eu estava prestes a ceder a informação de bom grado; não precisava me atacar. — A maneira seca como ele falou fez aquele rubor desgrenhado de que ele tanto gostava surgir nas bochechas dela, e a névoa preta escapou dos dedos de Sage, dando a Trystan a sensação de uma lufada de vento gelada na pele.

— Sim, sim. Dá *pra sentir* o quanto você está odiando isto. — Ela deu um sorrisinho maléfico, e Trystan decidiu que uma costela machucada era um preço justo a se pagar por vê-la tão de perto assim. Cedo demais, Sage se deu conta do quanto sua guarda havia baixado e saiu de cima dele. Trystan conteve um grunhido pela falta que ela lhe causou de imediato.

Ainda com as mãos na cintura dela, ele se levantou e os ajudou a se equilibrarem. O corpo de Trystan doeu com a distância quando Sage se afastou. Por outro lado, era bom saber que ela se afetava de um jeito semelhante. As bochechas dela estavam coradas, e o desejo era evidente em seus olhos quando ela analisou seu rosto e seu corpo.

— Hum, seus… travesseiros?

— Meus o quê? — perguntou ele, entorpecido. Em seguida, sacudiu a cabeça para voltar à realidade. — Ah, sim. Não era nada lá muito importante, mas achei que gostaria de saber que meu volume de travesseiros aumenta cada vez que sonho com você.

Já dava para ver o poço, e Trystan se sentiu surpreendentemente aliviado por ter compartilhado uma verdade tão bem escondida com a única pessoa a quem ele confiava cada parte de si.

O som das botas dela esmagando os galhos no chão cessou, e quando ele virou a cabeça, a boca de Sage estava abrindo e fechando, e as duas mãos

subiram para segurar as bochechas.

— Quer dizer que…

— Eu já superei a necessidade da infância há muito tempo. Depois de adulto, só tinha dois, mas daí dois viraram três, e três viraram quatro, e assim por diante.

Sage ficou um tanto embasbacada, como se a interação toda a estivesse deixando incrédula.

Era incrivelmente divertido de se ver.

— O que… — Ela tomou fôlego e abanou as mãos no ar, como se pudesse se livrar daquela informação. — O que raios você pretendia, comprando tantos travesseiros?

Trystan deu de ombros.

— Fazer com que os sonhos parassem. E, se isso não desse certo, asfixia acidental me pareceu ser uma alternativa válida.

— Ai, meu deuses! — Ela riu de deboche, passando por ele e indo na direção errada. A magia sombria, ainda tão nova e fora de controle, escapando para cumprimentá-la. — Você insinuar que preferiria morrer asfixiado acidentalmente a sonhar comigo não é lá esse elogio todo que você está pensando, sabia? — Ela parou de falar com uma risada sufocada que fez Trystan se dar conta do desconforto que ela sentia.

Contemplativo, ele ergueu a cabeça e assentiu. Sua boca se contraiu em uma linha rígida.

— Falando assim, acho que não é, mesmo. Mas você pediu sinceridade. — À medida que a magia dela começava a girar ao redor dele, Trystan sorriu para si. Ele entendia por que Sage achava tão divertido importuná-lo.

Ele queria desvendá-la.

O peito dela se moveu com frustração, e aquela escuridão intoxicante atrás de suas pupilas sumiu quando ela percebeu que fizera a magia ir até ele. Um arquejo escapou de seus lábios vermelhos.

— Pedi por sinceridade, não pra você me contar algo que vai me levar à beira da histeria.

Trystan deu um sorriso e a fitou com um divertimento cheiro de carinho.

— Você é extraordinária. Que tal?

Ela o encarou, desconcertada e de queixo caído, mas não saiu palavra alguma de sua boca. Ele a deixara sem reação.

Com um simples elogio merecido.

Aquilo era divertido.

— O poço — disse Sage, nervosa, virando em direção a ele. — Vamos?

Balançando nos calcanhares, Trystan substituiu sua confusão por mais graça ainda. Que divertido, fazer Sage perder as estribeiras metafóricas.

— Me diga, Sage. Já usou um poço dos desejos antes?

Ela o encarou de olhos arregalados, assumindo um semblante perdido que fez Trystan querer puxá-la para baixo de seu manto e protegê-la do mundo.

— Claro que já. Mas aposto que não foi por isso que você me trouxe aqui.

— Eu te trouxe aqui porque você precisa de um lugar para praticar sua magia. — Ele abriu espaço por entre os galhos compridos do salgueiro que ele próprio encontrara anos antes, puxando-os para o lado para que ela pudesse passar primeiro. — Um lugar onde você não vai precisar ter medo de machucar nada nem ninguém.

— E aí? Eu peço ao poço que isso se torne realidade? — indagou ela, encarando a moeda que ele lhe dera, decepcionada.

— Ah, não. Na verdade, eu pensei que talvez você quisesse usar essa moeda para pedir que sua magia vá embora — sugeriu ele com um humor seco, em uma (péssima) tentativa de aliviar o clima. O rosto adorável de Sage formou uma careta por causa da sugestão, embora Trystan torcesse para que em um momento a razão falasse mais alto e…

A moeda o acertou na cabeça. Com força.

— Você me fez andar por duas horas pra vir com lógica reversa pra cima de mim? — protestou Sage, cruzando os braços. — Não dava pra ter feito isso na mansão?

Trystan se abaixou para pegar a moeda em um movimento fluido, passando os dedos na palma da mão de Sage ao colocar o material frio sobre sua pele.

— Não. Não dava. — Com a voz branda, emendou: — O poço é especial. Jogue a moeda nele. Prometo que você vai ficar feliz por ter feito isso.

Sage era curiosa por natureza. Então, não o surpreendeu quando ela se inclinou sobre a beirada e arqueou uma sobrancelha.

— Não vou fazer um pedido.

Ele deu um sorrisinho.

— É só um poço. Ele não concede desejos.

Mas Sage fez um pedido mesmo assim. Trystan percebeu pelo franzido de seu nariz quando ela deu um peteleco na moeda, até ouvir um barulhinho de água lá embaixo — e o salgueiro começar a cantar.

Um tilintar adorável se espalhou ao redor deles, enclausurado pelas folhas e pelos galhos que agora brotavam com todos os tipos de flores. Os aromas florais

preencheram o ar, proporcionando apenas conforto e cores.

Em seus primeiros dias com a magia sombria, Trystan amava aquele lugar. Fora recomendado por Edwin, por saber o quanto Trystan se sentia esquisito e fora de controle por causa da magia. Sage arregalou os olhos, e um arquejinho escapou de seus lábios quando ela se virou em todas as direções para apreciar o escudo de ternura que os cercava.

— Como?

— O poço, quando recebe uma oferenda, emite magia pura. Só em seus entornos, mas quando eu me sentia desprovido de controle naquelas primeiras semanas, vinha muito para cá. Ouça só.

Ela ainda estava distraída com as rosas que brotavam pelo musgo que cobria o poço.

— O quê?

Com cuidado, Trystan foi para trás de Sage e colocou a mão delicadamente em seu quadril, depois se abaixou para sussurrar em seu ouvido:

— Sua magia. Ela fica mais quieta aqui, mas ainda assim presente.

Sage estremeceu, e Trystan engoliu em seco, tentando insistir.

— É seguro usá-la aqui. Prometo. Tente.

Ela se virou devagar, com os olhos ainda fechados, e Trystan recuou para lhe dar espaço.

A magia, no entanto, tinha outros planos.

A névoa escapou dos dedos dela e o envolveu, erguendo-o e agarrando-o e arrastando-o para a frente, até que eles estivessem a centímetros de distância. A boca de Sage estava aberta, e seus olhos denunciavam alarde e surpresa.

A culpa o provocou. Ele não deveria tê-la pressionado.

— Evie… Eu sinto muito. Não era para eu ter feito isso.

A magia os rondou, empurrando-o por detrás, e Trystan cambaleou para a frente, mas conseguiu se segurar — e segurar Sage.

Quando ela pulou para os braços dele.

E o beijou.

CAPÍTULO 9

Evie

Havia limites para o quanto uma garota era capaz de aguentar.

Todas as vezes que ela o provocara. Todas as vezes em que tentara destruir a compostura tão meticulosamente construída de Trystan.

Quando a compostura da própria Evie não era *nem um pouco* meticulosamente construída.

Pelo contrário, era como se tivesse sido feita às pressas por um bêbado vendado.

Bastaram algumas horas de esforço de Trystan Maverine para fazê-la colocar as pernas ao redor da cintura dele, com a saia erguida, expondo as coxas ao sol, que se esgueirava sob os galhos das árvores. Ela estava gemendo na boca dele como se fosse morrer no instante em que eles se separassem, agarrando a nuca dele e puxando as mechas de seu cabelo. Um rosnado forte veio do peito de Trystan conforme ele os baixou delicadamente no chão, até as costas de Evie encontrarem a grama macia.

As mãos grandes de Trystan subiram para agarrar suas bochechas, inclinando sua cabeça à medida que ele intensificava o beijo. Em seguida, ele recuou, sussurrando através de suspiros fortes e ofegantes:

— Posso parar — sussurrou ele com os lábios nos dela, passando o polegar por sua bochecha. — Se não tiver certeza, não precisamos fazer isso — murmurou, dando beijinhos sobre os olhos dela, sobre o nariz, o canto da boca.

Eles deveriam mesmo parar. Não tinha como ela pensar direito quando Trystan fazia aquilo, não havia forma simples de se lembrar da dor, da mágoa ou do medo pelo futuro. Nada importava quando sua boca estava na dela.

Uma gota de água acertou a bochecha de Evie e, quando ela se atreveu a abrir os olhos, espiou nuvens cinza lá no alto e uma leve garoa umedecendo o

cabelo de Trystan. Seu olhar sombrio buscava o rosto dela, até se instalar em sua boca. Evie decidiu mandar ele parar.

— Eu quero fazer isso. Por favor. — As palavras saíram estabanadas de sua boca. Ela engoliu em seco. — Quer dizer, se você quiser fa…

Ela não teve a oportunidade de terminar de falar antes de Trystan voltar a beijá-la com profundo alívio.

Cada movimento se tornava urgente conforme ele puxava os cordões do espartilho na parte de trás de seu vestido, até ela sentir que haviam sido arrancados, expondo seu ombro. Evie encontrou o puro êxtase quando os lábios de Trystan se colaram na lateral de seu pescoço e ele colocou a língua para fora para saboreá-la.

Ela gemeu quando ele puxou o restante do espartilho para baixo até tirá-lo de vez, arrancando o tecido do vestido debaixo e fazendo com que os seios de Evie sentissem a carícia do ar. Eles estavam isolados, sozinhos na floresta, a quilômetros de distância do ponto mais próximo onde qualquer cidadão desavisado ousaria perambular, considerando que havia um vilão à solta, mas ainda assim. Aquilo parecia ousado. Perigoso.

Evie se sentiu poderosa, desesperada, viva.

Empurrando os ombros de Trystan, ela o virou de costas, puxou sua camisa pela cabeça e esfregou os dedos sobre os bíceps, fazendo os músculos tensionarem em suas costas. Sem pressa, a mão de Evie continuou descendo, tocando-o em um lugar que forçou um sibilo a escapar dos lábios de Trystan. O risco da situação toda a deixava atrevida.

Abaixando-se, Evie plantou beijinhos no peito dele, erguendo a cabeça para ver sua reação. Trystan ficou paralisado, encarando-a como se ela não pudesse ser real. Ela continuou, até que ele de repente a puxou para cima e tascou um beijo intenso em sua boca antes de subir de novo em cima dela, tirando a saia do vestido de Evie e a própria calça.

Por um momento, ela parou, e a urgência do que eles estavam fazendo aos poucos se acalmou. O que sobrou era exploratório e carinhoso. Os dois, saboreando um ao outro, sabendo que aquela precisava ser a última vez.

A mentira amarga deu a Evie a coragem de passar a mão pelos bíceps rígidos de Trystan, por seu peito, tocando todos os lugares que ela já explorara nos devaneios mais profanos que já tivera com aquele homem. Quando tocou a tatuagem de tinta dourada que circulava o bíceps de Trystan, ele estremeceu com o toque e a observou com atenção.

— Eu quero você — sussurrou ela.

A declaração o acendeu como o disparo de um canhão. Puxando-a para um beijo voraz, Trystan parou para seguir o rubor que descia pelo corpo de Evie com os olhos, que agora eram meros poços pretos ao voltarem aos dela.

— Eu… — começou ele, olhando para ela como fizera desde a primeira vez. Como se não pudesse acreditar que ela existia.

Trystan inclinou a cabeça, e Evie passou a mão por sua bochecha, sentindo tanta coisa ao mesmo tempo que era como se fosse explodir.

— O quê?

— Eu nunca quis nada — falou Trystan com a voz rouca, beijando-a em uma demonstração lenta de afeição — mais do que quero você.

Era a verdade simples. Sem floreio nas palavras. Apenas os sentimentos, expostos para ela ver. E Evie não conseguiu mais se segurar.

Ela o puxou com as pernas até que os quadris de Trystan estivessem colados nos dela, até que seu peito estivesse arfando contra o dele e a fricção criasse ondas de sensibilidade.

— Eu não consigo suportar — disse Evie em um sussurro, arquejando com os lábios nos dele.

— Mas vai conseguir — falou ele, sombrio, esgueirando os dedos entre eles e tocando Evie ao unir seus corpos, fisgando o arquejo dela em sua boca. Baixando a guarda enfim, ela sentiu a magia responder à sua súplica de trazê-lo para mais perto, forçando as costas de Trystan e rodopiando ao redor deles como fumaça.

Evie estremeceu quando ele viu.

— Não consigo controlar. A magia…

— Não precisa. Eu aguento o que você tiver para mim. — Ele a beijou com intensidade, e uma lágrima escorreu pela bochecha de Evie até Trystan interrompê-la com a boca. Foi então que ela não teve escolha a não ser abrir mão de cada ônus, permitindo que eles se unissem até Trystan extrair tanto prazer dela a ponto de Evie até arrancar a grama do chão ao chegar no limite.

Trystan grunhiu com os lábios no pescoço dela, encontrando seu próprio êxtase, recuperando o fôlego encostado na pele de Evie à medida que a garoa os ensopava aos poucos.

— Como é possível ter sido *ainda melhor* da segunda vez? — Trystan ergueu a cabeça e a encarou, admirado.

Tinha sido mesmo. Desgraça. Será que aquilo ia melhorar a cada vez?

Não, Evie. Não. "A cada vez" subentendia que haveria mais vezes.

Pelos deuses, ela estivera tão perdida que nem pensara em prevenir a

gravidez. Ela tomava o medicamento de grindelia desde que tinha dezesseis anos, porque Lyssa estava com três anos de idade, e Evie sabia que mais uma criança acabaria com ela de vez. Mas ela parara, depois de Rick.

— Nós deveríamos ter usado proteção…

— Eu faço uso da planta — falou ele depressa, e as preocupações de Evie foram deixadas de lado para que seu queixo pudesse cair.

— Tá falando… da planta que faz as pessoas comerem muito e rirem de tudo?

A cor de Trystan já estava alterada, mas se destacou ainda mais quando ele balbuciou:

— Eu estava falando da sua preocupação. Existe uma planta que eu tenho usado para prevenir esse tipo de ocorrência, então não precisa se preocupar com uma gravidez.

Evie sentiu uma fisgada no peito.

— Há quanto tempo você usa?

Trystan desviou o rosto, impassível.

— Não me lembro ao certo.

— Quando?

Ele cedeu.

— Depois de nos beijarmos daquela segunda vez… na sua casa.

— Então você sabia que isso ia acontecer? — acusou ela, apontando um dedo enquanto Trystan cobria eles dois com sua capa.

O terror irascível que avassalara Rennedawn por dez anos corou até as pontas das orelhas dele.

— Não sabia. Mas você me contagiou com um toque de esperança. E era um pesadelo e tanto ignorá-la. Então, um dia, aceitei a ideia de que poderia acontecer, e… A questão é que eu jamais tiraria essa escolha de você.

Não era lá o ápice do romance, saber que Trystan se importava com as escolhas dela. Os critérios dela deveriam ser mais rigorosos. Mas era a sinceridade com a qual ele se importava. O respeito que tinha por ela era parte de seu caráter, não uma habilidade que ele precisava praticar.

Puxando-a para perto, Trystan beijou o topo de sua cabeça, e cada músculo cansado dentro dela relaxou. Ela poderia dormir exatamente daquele jeito. Poderia dormir daquele jeito pelo resto da vida.

Mas isso não poderia acontecer.

Porque chegaria um dia em que eles não poderiam mais ignorar a tragédia de sua associação.

— Dá pra te ouvir pensando demais.

— Não estou pensando demais. — Evie franziu o cenho e ergueu a cabeça para fitá-lo. — Pelo contrário, o que acabamos de fazer foi pensar *de menos*.

Trystan abriu um sorrisinho, e o coração tolo de Evie disparou ao vê-lo.

— Sempre gostei de pensar de menos. As consequências são tão agradáveis.

Ela deu um soquinho no ombro dele.

— Me ajude a me vestir, gentil senhor. — Evie tentou remendar o vestido rasgado, mas não conseguiu conter uma gargalhada, e bateu na mão de Trystan quando ele tentou descobrir as partes dela assim que elas desapareciam debaixo do tecido. Quando eles finalmente conseguiram montar algo que lembrava a peça inteira, Evie soltou um espirro de apito.

O instinto de Trystan, obviamente, foi entrar em pânico.

— Precisamos tirar você da chuva antes que você pereça.

— Por causa de um resfriado? — respondeu ela sardonicamente.

Antes que ela pudesse dizer mais, Trystan jogou sua capa sobre a cabeça dela, bloqueando a água de seu rosto e dos cachos ensopados.

— Eu queria que você tivesse um momento longe da mansão. Em um lugar onde sua magia estivesse segura e *você* pudesse se sentir segura. Como foi comigo quando vim sanar minha magia. Podemos voltar sempre que quiser.

Ela abaixou o capuz para conseguir ver o rosto dele, e foi tomada por emoção. Ele estava tentando de verdade. Mostrando todas as partes de si que havia escondido. Era tudo que Evie queria, e estava acontecendo com ela. Até não estar mais e, quando ela virou a cabeça… soube o porquê.

— Trystan… as flores.

Ele acompanhou o olhar dela para os galhos baixos do salgueiro, outrora vibrantes com flores belíssimas e coloridas, contendo sua magia e mantendo-os seguros.

Só que Evie não precisava de segurança. Porque ela é que era o perigo.

As folhas e as flores das árvores estavam sem vida. Desprovidas de cor. Destruídas.

Ai, deuses.

— Eu… eu que fiz isso? — indagou ela, temendo já saber a resposta.

Evie se permitira dar vazão a seus desejos, colocar-se em primeiro lugar e viver livre, leve e solta. Fora maravilhoso, perfeito. Ela jamais sentiria uma certeza tão grande quanto aquela.

E isso havia destruído algo precioso.

— Sage, a magia é novidade para você. Eu destruí muita coisa quando ela

despertou dentro de mim também — falou Trystan, mas sua voz soava muito distante.

— Este lugar? O lugar que supostamente é seguro para esta magia? — acusou ela, sabendo que sua ira não era direcionada a ele. Era ao mundo, por forçá-la a chegar àquele ponto.

Trystan não estremeceu; continuou firme quando desafiou os medos de Evie com calma.

— Não. Mas eu não era tão poderoso quanto você. Causei muito mal com a minha magia, tanto de propósito quanto acidentalmente. Você nunca me fez sentir vergonha por isso. Por que não se trata com a mesma gentileza?

As palavras dele nem fizeram cócegas na dor dela.

— Não posso.

— Por que não? — protestou ele.

— Porque não consigo me fazer acreditar que mereço! — Lágrimas queimaram os olhos de Evie, e uma sensação oca se abriu em seu estômago.

Era a primeira vez que ela via Trystan tão embasbacado. Sem palavras. Ele sacudiu a cabeça.

— Evie…

O som de asas batendo acima deles os deteve, e uma lufada de vento os fez levar as mãos à cabeça. No momento seguinte, Fofucho estava aterrissando diante deles, com Blade e Becky sentados na sela da garupa.

— Vocês precisam vir agora! Depressa! — gritou Becky freneticamente, despertando um novo pânico em Evie.

Ela não titubeou. Apenas deixou de lado o desespero, correu para o flanco de Fofucho e, sem questionar, agarrou a mão de Blade, que a puxou para cima. Trystan subiu ao lado dela, e eles estavam no céu antes mesmo que mais uma palavra fosse dita, zarpando em uma velocidade furiosa.

— O que aconteceu? A Lyssa tá bem? — perguntou Evie, a possibilidade quase sendo extrema demais para ela contemplar.

— Ela está bem! — garantiu Becky, dando tapinhas reconfortantes meio sem jeito no ombro de Evie. — Por ora, pelo menos, mas nenhum de nós vai ficar bem a menos que encontremos uma solução para o que está prestes a se tornar um baita problema.

— Fale sem rodeios, srta. Erring. Conte tudo — mandou Trystan, exigindo controle como…

Bem, como se fosse da realeza.

Evie não teve tempo para se perder nessa reflexão invasiva. Becky já estava

falando.

— Recebi uma carta da minha mãe. A magia decadente alcançou a Fortaleza da Família Fortis. Pelo visto, todos os encantamentos da casa sumiram.

— Eu entendo a importância do lar da sua família, Becky, mas é por isso que precisamos realizar a profecia. — Evie escolheu as palavras com delicadeza, por não querer descredibilizar os medos da amiga. — Para parar e reverter os danos.

— *Todos* os encantamentos, Evangelina — falou Becky, suplicando que Evie entendesse. — Incluindo os encantamentos nas trancas mágicas, as que os Fortis usam para conter as criaturas antigas, que existem desde a criação do continente mágico.

Evie não perguntou que tipo de criaturas eram. Ela se lembrava do monstro do destino, de como ele testara Trystan. De como testara eles dois, na verdade. Como prisioneiro da Família Fortis sabia-se lá há quanto tempo, ele se mostrara um inimigo bastante amargurado. Foi um alívio quando a criatura foi presa bem longe deles.

— O monstro do destino? — Trystan ecoou os pensamentos dela.

— Escapou. E há rumores de que ele esteja de conluio com o rei Benedict — informou-lhes Becky quando mais uma lufada de vento úmido esfriou Evie até por dentro. — Acho que minha mãe está estendendo um ramo de feijoeiro ao nos alertar.

— Com que propósito o monstro iria atrás de Benedict? — Trystan franziu o cenho e coçou a barba ao redor do queixo.

— É incerto — respondeu Becky. — Mas até aí tudo bem. O buraco é mais embaixo.

— Ah, não, isso seria conveniente demais. — Evie esfregou os olhos, preparando-se para o que estava por vir.

— As trancas mágicas da fortaleza usam os mesmos encantamentos dos das masmorras na Morada do Massacre. — A voz de Blade estava tomada por uma emoção revoltosa.

Trystan praguejou.

— Está dizendo que nossas trancas estão prestes a falhar?

Blade estremeceu.

— Não é certeza, mas tudo indica que isso pode acontecer, sim.

— Se elas falharem, todos os prisioneiros que já tranquei nas masmorras serão soltos na mansão.

Evie agarrou o braço dele e apertou, sentindo-se frenética.

— Trystan. Você é o único que pode abrir o pomar de espinhos. Se as trancas cederem antes de chegarmos lá… — Ela sugou o ar, aterrorizada.

O maxilar travado de Trystan pulsou.

— Meus maiores inimigos estarão presos na Morada do Massacre…

— Junto com todos os outros que estão lá.

CAPÍTULO 10
Reinaldo

Fodeu.

CAPÍTULO II
Evie

A Morada do Massacre estava em paz quando eles a avistaram de longe, dando a entender que por ora a magia seguia estável.

E Evie estava tão atordoada que sentia o estômago prestes a assumir o formato de um pretzel.

Por quanto tempo seu lar continuaria naquele estado?

Ainda assim, enquanto Fofucho descia em direção à mansão adormecida, tudo em que Evie conseguia pensar era nas mãos de Trystan a agarrando, na intensidade da conexão entre eles… na floresta arruinada.

Ela aparentemente era egoísta demais, com seu corpo como prova viva disso, pois até mesmo no meio de uma crise ele ansiava por Trystan. Quando eles pousaram e Evie foi descer da garupa do Fofucho, permitindo que Trystan segurasse seus quadris para ajudá-la, os dois não tiraram os olhos um do outro até os pés dela encontrarem o chão.

Os sapatos estalaram na pedra quando ela entrou, e o eco dos passos de Trystan a seguiu como um guardião, um protetor, defendendo-a de cada ameaça que ela não podia ver.

O espelho do corredor costumava mostrar a maior de todas.

Naquele momento, no entanto, ele refletia para ela sua exata aparência depois de ter sido deslumbrada no chão da floresta. Seu vestido estava aberto nas costas; os cordões do espartilho estavam frouxos, amarrados de qualquer jeito; seus lábios estavam sem a cor que geralmente tinham; e seu coração estava pesando duas toneladas a mais do que quando ela saiu. O dia estava pronto para acabar, com o sol começando a descer e derramando lentamente a luz dourada pela janela.

O cômodo estava quente. Assim como o rosto dela.

De vergonha.

— O que aconteceu com seu vestido, Evie? — perguntou Blade, preocupado, claramente reparando na ausência dos botões.

As bochechas de Evie queimaram, e ela arregalou os olhos.

— Ah, sabe como é, né. Coisas de floresta — respondeu ela com a voz aguda.

Fuja deste corredor, Evie. Antes que você precise fugir do reino!

Trystan estava rígido e tenso, ativamente evitando encará-la. Ele sabia tão bem quanto ela que uma troca de olhares os entregaria. E, quando Blade e Becky seguiram ela e Trystan escada acima, ficou claro que ela também não os convencera.

— Coisas de floresta? — questionou Becky, distraída ao puxar o candelabro. Quando a porta secreta para os escritórios se abriu, o rangido da pedra no chão foi o único barulho quebrando o silêncio.

Evie engoliu em seco, percebendo o quanto o local — que normalmente era tão alvoroçado — estava vazio.

— É que, hum… prendeu num treco.

Becky debochou.

— No quê? Nos dentes do chefe?

— Rebecka! — A voz de Evie atingiu um tom estridente que não costumava ser acessível a ouvidos humanos.

Blade estalou a língua, com cara de preocupado, depois pegou o braço de Trystan.

— Um celeiro? O chão? Qual é o próximo lugar onde você planeja fazer amor com ela? Em um galpão de ferramentas?

Evie arquejou quando terminou de assimilar as palavras.

— Você contou para o *Blade*?

— Gushiken — falou Trystan entredentes, empurrando o rapaz para o lado como se fosse um mosquito irritante. — Sugiro que guarde suas opiniões para si, do contrário, vai perder a capacidade de tê-las.

Blade semicerrou os olhos.

— Como é que você faria isso?

— Metendo uma faca na sua cara — retrucou Trystan, depois se dirigiu a Evie com a expressão de um homem prestes a se deitar na máquina de tortura. — Eu não deveria ter dito droga nenhuma a ele…

Evie levou os dedos aos lábios de Trystan, e a tensão começou a se esvair dos ombros dele quando ele viu seu sorriso.

— Não, eu… tudo bem. Eu… Eu fico feliz por você ter tido alguém com quem conversar sobre, hum… isso. É bom poder compartilhar com pessoas queridas quando se acontece um grande evento na vida. Não que tenha sido um grande, hum… evento.

Trystan a encarou.

— Passei um mês aprisionado sem luz, e eu te garanto que… isso… impactou minha vida muito mais.

— Eu vi ele desenhando um coração ao redor da data no calendário. — Blade forneceu a informação com satisfação, ignorando as tentativas de Trystan de pegá-lo antes de Evie fazê-lo parar.

— Tá bem, rapazes, se comportem — pediu ela com uma autoconfiança falsa na voz, depois sentiu um alívio repentino e forte correndo por seu sangue quando Lyssa apareceu, correndo para abraçar a cintura de Evie. — Oi, docinho. — Ela passou a mão nos cachos soltos de Lyssa com delicadeza, tentando transmitir calma com o gesto. — Desculpa não ter aparecido para ver como você estava mais vezes hoje. Está tudo bem?

Lyssa a apertou ainda mais forte e sussurrou, colada ao peito de Evie:

— Não quero falar com ela.

Evie franziu o cenho, a preocupação castigando seus nervos.

— Com quem?

— Acredito que ela esteja falando de mim. — A voz de Nura Sage veio do outro lado do cômodo quando ela entrou, o rosto mirrado e às sombras. — Como você está, hasibsi?

Fazia sentido ela perguntar. Evie não via a mãe desde que a verdade dos atos cruéis de seus pais fora revelada. Não houve tempo; e, sinceramente, Evie também não quis ir atrás dela. Mas certas conversas desconfortáveis não podiam ser evitadas. E não havia mais como fugir daquela.

— Você contou para a Lyssa… sobre o que seu pai e eu fizemos. — Nura fez cara de traída, e Evie quase riu.

As duas pessoas que mais deveriam amá-la haviam conspirado para mudar sua identidade porque não conseguiam aceitá-la. E muitos sofreram nos rastros do egoísmo deles.

— Eu contei sobre as escolhas que vocês fizeram e sobre como elas nos afetaram. Não vou me desculpar por ter sido honesta com ela. — Ao dar um passo para se colocar na frente de Lyssa, Evie viu a mãe recuar e sentiu uma pontada de dor. — Não vou mais te proteger, mamãe. Sinto dizer que não dá para consertar o que foi quebrado.

— Sei que você está com raiva — falou Nura, trêmula. — Sei que está se sentindo traída de novo. Claro que se sente assim. Eu só quero ter uma chance de explicar…

— *Não estou* com raiva — corrigiu ela. Sua tolerância para dor causada pelas mãos de pessoas queridas fora atingida muito tempo antes. Evie não tinha mais nada para dar à mãe. Nem mesmo sua raiva. — Não estou surpresa. Desiludida, talvez. Mas, não, mãe. Acho que finalmente aprendi a lição que você tentou me ensinar desde que nasci.

Nura deu um passo esperançoso à frente, tentando pegar as mãos da filha, e Evie deixou, fitando a mãe bem nos olhos com uma dor fraca no peito. No entanto, era uma dor com a qual ela conseguiria viver.

Tirando suas mãos das da mulher por quem esperara desde os treze anos, quem sabe até por mais tempo ainda, Evie se deu conta de que nunca teria a versão que desejava.

— Não vou mais contar com você. Não vou esperar que se torne o que sempre precisei que você fosse. Vou abrir mão da minha idealização de você, mamãe. Peço desculpas por ter insistido nela por tanto tempo. — A voz de Evie nunca atingira um tom tão estável, e seu corpo nunca estivera tão entorpecido.

— Fiz aquilo para salvar você, hasibsi. Não foi certo, agora entendo isso, mas eu era jovem e estava assustada. Confiei que seu pai saberia o que era melhor para você, e peço desculpas por isso com todas as minhas forças.

Os poucos funcionários no espaço aberto do escritório estavam assistindo à cena, sussurrando uns para os outros. Uma queimação bastante desagradável irradiou na nuca de Evie.

— Vão todos almoçar — vociferou Trystan.

— São cinco da tarde, senhor — protestou um dos homens sentados às mesas da contabilidade.

— Agora! — estrondou ele novamente, e Evie viu que ele a fitava, nem um pouco incomodado pela forma como sua ordem fez os funcionários se dispersarem, pela rapidez com que o espaço ficou completamente vazio. Becky guiou Lyssa para a cozinha com pressa, com Blade as acompanhando lealmente.

De repente, Evie conseguiu respirar de novo, já sem ser o foco dos olhares de todo mundo.

— Como é que você sabia? — murmurou ela para ele.

— Passei um tempo abismal encarando seu rosto desde que você foi contratada. Eu sempre sei.

As palavras eram controladas demais para o jeito como o estômago dela deu um sobressalto, dando cambalhotas ao redor de seu coração. Era um medo comum, ser alvo de cochichos, mas os medos comuns com que Evie nascera não eram páreo para os novos.

Para tudo que Evie tinha a perder.

Eu poderia perder Trystan.

Por minha própria causa. Ela estremeceu só de pensar.

— Não há nada que eu possa fazer para que entenda o que fiz? — persistiu Nura. — Eu estar totalmente arrependida não te causa nada? — A voz dela estava sufocada, e seu olhar estava tomado pelo desespero ao buscar no rosto da filha algum tipo de pena. Uma abertura para voltar a seu coração.

Nura não encontraria nada disso.

— Você deveria ir descansar — sugeriu Evie, passando pela mãe. — Sua magia de luz estelar se foi, e não precisamos de você para nada por aqui.

Os passos de Nura foram tudo que Evie ouviu enquanto a mãe corria para a escada. Quando ela finalmente se atreveu a olhar naquela direção, Nura já tinha ido embora — mas alguém assumira seu lugar.

Gideon entrou com a boca pressionada em uma linha severa.

— Tem algo a dizer? — indagou Evie com frieza, sentindo-se agitada ao ver o semblante dele.

— Você tem todo o direito de sentir raiva, irmãzinha — respondeu Gideon, erguendo as mãos no ar. — Passei o dia todo te procurando para falar isso. Mas, quem sabe… Você pode até mandar eu ir para o raio que me parta, mas o estado mental da nossa mãe me preocupa, depois que a luz estelar foi arrancada dela. Talvez seja bom se lembrar de ser um tanto mais gentil?

Dessa vez Evie riu de verdade. Era tão irônico que chegava a ser inacreditável, e ela não conseguiu conter o som de cinismo, ou o mar de lágrimas que queimaram em seus olhos — lágrimas que ela se recusava a deixar cair.

— Gideon. — A risada dela deu espaço a um sorriso cheio de mágoa, com uma fisgada puxando seu peito até causar dor física. — Parece que estou tendo dificuldade com isso. Já que ninguém perde tempo se lembrando de ser gentil comigo.

Gideon estremeceu, e seu queixo caiu, mas ele foi imediatamente interrompido por Trystan, que se colocou entre os dois com um quê de soldado pronto para morrer lutando por sua causa.

— Gideon, por que não vai conferir se todos chegaram? Vamos nos juntar a

vocês em um instante. — O tom dele não dava brecha para discussão. Era partir ou ser esmurrado na cabeça.

Gideon fez uma escolha sábia.

À medida que assimilava as palavras de Trystan, Evie pegou o braço dele, e seus cachos ainda úmidos roçaram o tecido.

— Chegaram? *Todos?* — repetiu ela. O peso da interação com a mãe se foi para dar espaço à aflição.

A boca de Trystan repuxou, e até mesmo no meio de tudo aquilo, Evie precisou de uma tremenda força de vontade para não beijar a covinha que aparecia na bochecha dele.

— Qual é a pior coisa que você poderia imaginar fazer agora?

Com um grunhido dramático, Evie baixou a testa para o braço de Trystan.

Eles iam fazer uma reunião.

CAPÍTULO 12
Gideon

Quando criança, Gideon muitas vezes considerara as repercussões de dizer a coisa errada. Evie sempre fora mais generosa com as palavras, não importava qual fosse a consequência, o que significa que era um golpe de sorte que a maioria das coisas que saía da boca de sua irmã fosse carinhosa — e, portanto, menosprezada como as divagações tolas de uma menina.

Por outro lado, Gideon fora reverenciado pelos pais como um futuro cavaleiro. Eles passaram boa parte de sua infância incentivando o filho a treinar para esse futuro, mas negligenciaram a obrigação de guiar Evie da mesma forma. Haviam enaltecido Gideon e reprimido Evie para que ela continuasse pequena.

Ninguém perde tempo se lembrando de ser gentil comigo.

Um pensamento ocorreu a Gideon: na verdade, ninguém nunca havia tentado.

O arranhar da madeira no chão levou seu foco à irmã, que estava tentando dar espaço a Maverine enquanto se acomodava na cadeira ao lado dele.

Maverine, por sua vez, já se sentara à mesa de reunião, concentrado em um papel diante de si, com o foco inabalado mesmo quando esticou o braço sem cerimônia e puxou a cadeira de Evie com pouco esforço até ela bater na lateral da sua. Evie arregalou os olhos e segurou as laterais com um gritinho estridente, encarando Maverine embasbacada.

— Os chefes se sentam na cabeceira, Sage.

Evie não pareceu gostar muito da ideia e fez uma cara de espertinha.

— Vou me sentar na outra ponta, então.

Maverine ergueu a cabeça e aguçou os olhos em Evie, depois falou com a voz baixa:

— Eu te desafio a tentar.

As bochechas de Evie coraram, e Blade deu um pigarro com um sorriso aberto, puxando uma cadeira para a srta. Erring.

— Vamos fazer uma reunião? Ou querem que todos nós os deixemos a sós para sua próxima visita conjugal?

Gideon estremeceu, se engasgando com a bile que lhe subiu pela garganta. A srta. Erring escondeu o rosto nas mãos, e Keeley, que acabara de entrar, deu um sorriso tão satisfeito que chegava a ser obsceno. Ele teve um momento para aproveitá-lo antes que ela o avistasse, e então a alegria sumiu imediatamente.

Que lisonjeiro.

— Gushiken, eu evitaria sair por um tempo — aconselhou Maverine com frieza, voltando a olhar para os papéis.

Blade franziu o cenho.

— Por quê?

— Pode ser que alguma coisa caia do céu e te mate.

— Tipo o quê?

— Um tijolo — rebateu Maverine.

Keeley tentou intervir.

— Senhor, eu…

— Isso pode esperar um instante, capitã? — Maverine a interrompeu e ficou de pé para falar com todos. — O mais importante primeiro. As masmorras estão fechadas?

Keeley assentiu.

— Trancas normais foram colocadas em todas as portas de saída das masmorras, e diversos Guardas Malevolentes estão a postos lá.

— Não deu para colocar trancas nas próprias celas também? — questionou Evie, franzindo o cenho.

— Infelizmente, não tínhamos o suficiente. — Keeley se sentou na cadeira bem de frente para Gideon, e mesmo em meio àquela crise, ele sentiu seus batimentos acelerando pela proximidade dela. — Vou encomendar mais, mas imagino que a procura tenha disparado, agora que todas as trancas magicamente encantadas começaram a falhar.

— Faça isso mesmo — recomendou Trystan, depois se virou para o restante da mesa e declarou: — A Tatianna e a Clare não estão aqui. Cadê as duas?

— Não vi nenhuma delas o dia todo. — A srta. Erring franziu o cenho e mexeu nos óculos ao passar os olhos pela sala. — Não desde o incidente de hoje de manhã.

— Que incidente? — perguntou Evie, desconfiada.

— Não foi nada. Um mal-entendido. — A srta. Erring arrumou os óculos no nariz, com uma indiferença evidente pelo que quer que tivesse acontecido. — A Clare *estava mesmo* agindo um pouco estranho, mas eu também estaria, se tivesse acabado de perder meu pai. — A menção a Arthur Maverine se espalhou pela sala feito uma onda, com o luto fazendo os ombros de todos desmoronarem, junto com seus olhos. — É melhor começarmos sem elas. Pode ser que a Tatianna esteja trabalhando na cura para o Marv.

— O quê? — retrucou Keeley. — Vocês vão *curar* o traidor? — Havia um tom incrivelmente afiado na pergunta. Gideon reparou bem nisso enquanto esperava a resposta.

Maverine bufou, gesticulando para Gideon, depois para Keeley.

— Foram vocês dois que o encontraram. Vocês ouviram a história triste dele. E também sabem que o Marv não é nenhum gênio; ele foi usado de marionete. Além do mais, não vou fazer a burrice de dispensá-lo antes de descobrir quem foi o responsável.

— Mas…

— Keeley. — A voz de Maverine saiu firme. — Respeito seus conselhos, mas receio que, quanto a esta questão, eu esteja decidido.

A capitã queria dizer mais coisas — isso ficou evidente pelo franzir de lábios —, mas ela aceitou a decisão de seu superior e assentiu.

— Entendido. E como o senhor quer que prossigamos com planos para roubar o livro de Rennedawn?

Gideon ficou de pé tão rápido que sua cadeira tombou.

— Vocês estão planejando roubar o livro de Rennedawn, e não pensaram em me consultar? O único que já o viu?

— Acredite se quiser, Gideon, mas meu objetivo é *não pensar* em você. Nunca — respondeu Maverine com indiferença. — As poucas páginas que tínhamos do livro foram queimadas por algum miserável na propriedade, e elas nem bastavam, para começo de conversa.

Maverine esfregou as têmporas e prosseguiu:

— Vou fazer a suposição justa e correta de que o livro de Rennedawn contém mais do que apenas a profecia pode nos dar. — O ar de tédio de Maverine não refletia a gravidade das circunstâncias. — A magia na mansão, o que restou dela, pode vacilar a qualquer momento. A profecia *deve* ser cumprida antes que isso aconteça. — Ele deslizou o papel que estivera lendo para o centro da mesa. Era o pergaminho com a profecia do livro da *História de*

Rennedawn.

Gideon o pegou primeiro.

No início do mundo, os deuses mágicos sabiam
Que todas as cores um dia desvaneceriam.
Para salvá-lo dos humanos e de sua destruição,
Dos artifícios do Destino eles lançaram mão.
A beleza das estrelas nos céus iluminados,
Os filhos do Destino, na luz criados
E a magia que equilibra todo sonho desordeiro
São a chave da salvação do mundo em amor verdadeiro.

Aquele que as terras mágicas salvar,
A cria do Destino nas mãos terá;
Quando a união do Destino e a magia estelar acontecer,
Para sempre a terra vai lhe pertencer.

Mas cuidado com o Vilão desmascarado
E seu poder sombrio
Pois nada é mais perigoso
Que um bom coração que se torna frio.
E quando a maré virar
Tudo será como no passado.
O coração do verdadeiro príncipe
Salvará seu amor predestinado.
Onde o sol bate sem empecilho
A magia de Rennedawn voltará a sua raiz.
O mal derrocará, reinos triunfarão.
Cumpra esta profecia, e toda a Rennedawn
Terá seu final feliz.

— Temos que decifrar o significado ao pé da letra, para garantir que não estamos cometendo nenhum engano — dizia Maverine enquanto Gideon entregava o papel para a srta. Erring, que passou os olhos pela página na metade do tempo e o entregou para Blade. — Não temos mais margem de erro aqui.

— "Onde o sol bate sem empecilho" — murmurou Blade, seus olhos âmbar se movendo depressa sobre as palavras. — Já ouvi isso antes.

— Quando lemos a profecia da primeira vez? — acrescentou Maverine,

seco, colocando as mãos na cintura.

Blade coçou o queixo com o cenho franzido.

— Não. Não, não foi isso.

— "E quando a maré virar tudo será como no passado." — Evie repetiu o decreto da profecia com um semblante pensativo. — Alguém faz alguma ideia de quando isso vai ser?

Keeley deu um pigarro.

— Tenho um palpite.

Gideon não gostou nada da declaração sinistra e sugou o lábio quando ela tirou do bolso um papel dobrado, alisou-o com as mãos e depois o virou para todos verem.

As mãos de Evie voaram à boca quando ela ficou de pé, emitindo um som de engasgo. Uma névoa preta começou a sair de seus dedos e a cercar suas pernas.

— Não.

O rosto de Keeley suavizou, com a empatia curvando os cantos de sua boca para baixo.

— Estão sendo espalhados pelo reino. Alguns dizem que até mesmo nas fronteiras de Rennedawn.

— O rei morre hoje à noite — grunhiu Maverine, indo até a porta.

— Não.

Maverine parou após o comando de Evie.

A palavra era resoluta, mas os olhos dela — deuses, Gideon jamais vira tamanha tristeza quanto a que agora estava estampada no rosto de Evie ao fitar o desenho de si mesma. O panfleto de PROCURA-SE não era como os demais, com seu retrato maléfico e o meio-sorriso bizarro, com Mulher Perversa pintado acima. Não. Aquele panfleto de PROCURA-SE era uma proclamação.

PROCURA-SE

A VERDADEIRA VILÃ

ASSASSINA DE CURANDEIROS PRIMORDIAIS

EVANGELINA SAGE

Dessa vez o retrato não era assustador, nem exagerado, e também não era uma caricatura. Era apenas o sorriso doce de Evie, seus olhos iluminados e abertos. Ela parecia boa e feliz. E Gideon entendeu, pela forma como a irmã olhava a imagem, que a semelhança fez um machucado ainda mais profundo.

— É verdade — sussurrou Evie. — Então por que eles *não deveriam* declarar?

Gideon sabia que corações partidos eram uma metáfora para a dor, mas parte dele acreditava mesmo que algo em seu peito tinha acabado de rachar.

Evie prosseguiu:

— Está na hora de pararem de tratar a pessoa errada como pária.

— Acha que eu me importo com o que os cidadãos de Rennedawn pensam a meu respeito? — Maverine cuspiu as palavras com nojo. — O Benedict não fez isso porque é a verdade. Ele fez isso para que seja ainda mais difícil que a gente saia da mansão para cumprir a profecia.

— Ele disse que um erro foi cometido 24 anos atrás. — Evie estava cambaleando, e Trystan avançou para pegá-la antes que ela conseguisse se equilibrar com a mão nas costas da cadeira. — Ele só o está desfazendo.

— Até onde eu sei, o Benedict orquestrou isso tudo, Evie. — Becky foi até a irmã de Gideon e pôs a mão em seu ombro para confortá-la, o que Evie permitiu. — Você não vai mesmo dar os créditos a ele por consertar o que ele estragou de caso pensado, vai? Ele está tentando jogar o foco para isso no intuito de distrair as pessoas de qualquer que seja a atrocidade que vai cometer esta semana.

— Ou quem sabe… a atrocidade seja *eu*. — Evie assentiu distraída; seus cachos, que haviam secado em padrões desvairados, emolduravam seu rosto em videiras de mechas escuras. — Estou meio cansada. Acho que vou me deitar. — Evie conseguiu dar um sorrisinho, mas Gideon desconfiou que o gesto custara caro à irmã. — Não se preocupem comigo. Estou bem.

Ninguém a deteve quando ela passou por eles e saiu pela porta. Todos ficaram congelados depois de verem a pessoa mais vívida do ambiente… murchar.

Sim. Evie sempre fora generosa com suas palavras.

E Gideon temia que as consequências disso enfim estivessem batendo à porta.

CAPÍTULO 13
Blade

Blade Gushiken era uma pessoa feliz por natureza.

Rebecka Erring Fortis era uma pessoa feliz à força.

— Daí você joga a bola na cesta de piquenique — disse Blade, instruindo a relutante moça dos Recursos Humanos e de Criaturas Mágicas com um sorriso encorajador.

— Eu sei jogar cestobol — grunhiu Rebecka, arremessando a bola lindamente na cesta presa ao teto do pátio a vários metros acima de sua cabeça. A bola branca de borracha rolou até o fundo da cesta de piquenique ceder, e então caiu com um quique alto.

Eles tinham feito uma pausa em meio ao planejamento caótico. Depois de discordarem muito, muito, *muito* a respeito da melhor maneira de capturar os guvres, Blade decidira que o melhor caminho seria pegá-los mais uma vez. Em uma cesta de vime gigante, bem parecida com aquela na qual eles estavam jogando cestobol.

Quando ele sugerira o jogo, ela agira com indiferença. Naturalmente, era tão boa naquilo quanto em tudo que se propunha a fazer.

O que raios ela estava fazendo com ele?

O sorriso de vitória fez o coração de Blade disparar a um galope, e os óculos de Rebecka escorregaram pelo nariz.

— O que significa se a bola entrar mesmo? — indagou ela com uma ignorância exagerada. A risada que seguiu foi como o toque de sinos adoráveis, e os olhos de Rebecka reluziram, travessos, quando ela jogou a bola na direção dele sem o avisar.

Ele a pegou com um grunhido e um sorriso.

— Significa que você precisa beijar a pessoa para quem passar a bola. —

Ele estalou a língua. — E as regras *devem* ser seguidas.

Rebecka olhou para ele desconfiada, depois, deu três passos determinados em sua direção, pegou suas bochechas e, ficando na ponta dos pés, colou os lábios aos dele em movimentos lentos. Um beijo, depois mais um. Os olhos de Blade se apertaram até ser quase doloroso, de tão doces que eram os lábios de Rebecka, de tão suaves que eram seus suspiros, e do quanto era agradável a sensação de seus dedos penteando o cabelo dele.

Acabou cedo demais, mas Rebecka continuou na ponta dos pés com os braços ao redor dele, encarando-o com uma expressão que era uma mistura de alegria e incredulidade.

Um espelho do semblante dele, provavelmente. Blade flexionou as mãos ao redor dos quadris dela, sentindo o calor crescer abaixo de sua pele.

— Não achei que essa gracinha fosse mesmo dar certo — disse Blade em voz baixa.

Rebecka deu um sorriso que o deixou de perna bamba e sacudiu a cabeça, depois encostou a testa na dele.

— Acho que é porque nós dois *de fato* damos certo.

Ele não deu alerta algum — estava avassalado demais pelo tanto que a amava —, apenas a levantou e a girou, deleitando-se com as risadas que Rebecka soltou enquanto agarrava seu pescoço. Quando Blade a colocou no chão, os dois estavam sem fôlego e com as bochechas coradas.

— Você é a coisa mais amável que já segurei.

Os olhos dela reluziram.

— Não vou contar para o Fofucho.

O dragão, que estava deitado a poucos metros de distância, roncou soltando fumaça, o que pareceu muito ser uma risada.

Blade fingiu uma careta.

— Infelizmente, parece que ele já sabe.

O animal estava satisfeito, aproveitando o restante de luz do dia após um jantar farto. Deitado de costas, ele permitiu que a língua rolasse para fora da boca com um suspiro.

— Ele é bem único mesmo, né? — comentou Rebecka, abrindo um sorrisinho. Em seguida, Blade observou com uma aflição crescente à medida que o sorriso sumia e a preocupação cavava espaço entre as sobrancelhas dela. — Acha que eu deveria responder a carta da minha mãe?

De jeito nenhum que eu vou cair nessa, sua espertinha.

— Rebecka, não vou decidir isso por você.

Ela cruzou os braços e soltou um grunhido de frustração.

— Por que não?

— Porque você já sabe muito bem o que vai fazer.

Ela estreitou os olhos.

— Odeio que você saiba isso sobre mim.

Blade riu, voltando a trançar o vime da armadilha de guvre.

— Não odeia, não.

Com uma bufadela da qual Blade gostou de verdade, Rebecka foi lhe dar assistência, acompanhando seu ritmo sem dizer nada. Após alguns minutos trabalhando lado a lado, ela perguntou:

— Tem certeza de que as medidas disso aqui vão bastar para pegar os guvres?

— Não tive a chance de pegar minha régua, mas acho que desta vez podemos ir pelo olho mesmo. — Blade deu de ombros e se abaixou quando ela pegou uma pedrinha do chão e a atirou nele. — Tem que ser pequena o bastante para caber em cima do ninho. Temos só alguns segundos antes de ela ver a armadilha e sair voando.

— Mas o que vamos fazer para atrair os guvres aos ovos?

Aquela seria a parte complicada do plano.

— Tenho uma ideia, mas você não vai gostar. A Evie também não, creio eu.

Rebecka inclinou a cabeça com um semblante sagaz.

— Por quê?

Perigo. Perigo. Perigo!

— Podemos deixar os ovos viáveis de novo? — Eles eram chochos e sem vida, provavelmente haviam sido botados há uma década, antes de a fêmea ter sido aprisionada. Até onde eles sabiam, ela não tinha botado ovos novos, mas, independentemente de qualquer coisa, precisavam de um filhote para a profecia.

A união do Destino e a magia estelar.

Sabia-se que o veneno de guvre tinha poderes curativos, e Benedict também estaria à procura. Blade nunca fora do tipo vingativo, então foi pego de surpresa quando sentiu um impulso forte de dar uma surra naquele desgraçado maldito.

E, para fazer isso, ele teria que irritar todas as mulheres de sua vida.

Ele deveria estar segurando um escudo.

Rebecka riu da sugestão.

— Isso não é possível. Não existe magia que possa reverter a viabilidade da vida.

Blade bufou. Era melhor se jogar em uma fogueira de uma vez.

— Ninguém nunca tentou fazer isso usando magia de luz estelar.

Rebecka franziu os lábios.

— Por que raios alguém… — De repente, ela arregalou os olhos e arquejou. — *Não!* Você ficou doido, foi? — Ela passou trombando por ele e bufou, seguindo para as portas da mansão.

Blade saiu correndo para alcançá-la, sabendo que se ela chegasse a Evie naquele estado, as chances de convencê-las cairiam para zero.

— A profecia disse que o Destino e a luz estelar terão uma união! Isso poderia facilmente ser a Lyssa usando sua magia de luz estelar nos ovos. E, se der certo… — Ele fez menção de pegar o braço dela, mas murchou quando ela o olhou feio.

— Ela é só uma criança! — retrucou Rebecka. — Não sabe nem usar a própria magia ainda, e você quer botar a coitadinha em perigo enquanto tentamos capturar dois dos animais mais fatais que existem? — Ela estava fulminando, com uma veia saltada na testa.

Apesar de tudo, Rebecka estava encantadora, mas Blade não achava que aquele fosse o momento para lhe contar isso.

— Nós estaríamos lá para protegê-la — prometeu ele a Becky. — Acha mesmo que eu sugeriria algo assim se achasse que há uma chance ainda que remota de isso a colocar em perigo?

— Você voa pelo céu montado em um dragão que cospe fogo! Não é como se você tivesse um grande senso de juízo do que é ou não perigoso.

— Rebecka, pense bem — insistiu Blade, arrependido das palavras assim que elas saíram de sua boca. Ainda assim, ele prosseguiu: — A Lyssa zanza para cima e para baixo na Morada do Massacre como se fosse seu parquinho particular. O mesmo lugar que tem sido vítima de ataques constantes desde que ela chegou.

A firmeza de Rebecka estava vacilando; Blade conseguia vê-la pendendo para a verdade de suas palavras.

— Mesmo se eu concordasse com você — o dedo dela se ergueu no ar de maneira acusatória —, e não estou dizendo que concordo, a Evie jamais permitiria.

— Talvez ela concorde, se você e a Tatianna conversarem com ela. A vocês duas ela dá ouvidos. — Blade segurou a porta aberta para Rebecka, que em silêncio retornou à mansão. A entrada brilhava à luz de velas e do sol poente, dando um quê agradável e cálido ao cômodo.

Era curioso como Blade ainda assim sentiu que tinha acabado de entrar em um jazigo.

Ele vasculhou a área. Havia dois Guardas Malevolentes perto das portas de entrada, mais diversos outros a postos próximo das masmorras. Parecia não haver nada fora de ordem. Era só um formigamento na nuca e a sensação de que ele estava sendo observado.

Por algo… sinistro.

Algo colidiu com ele, e um borrão de laços cor-de-rosa caiu sobre ele no formato de uma curandeira frenética. Tatianna ficou de pé, em pânico.

— Ele… ele fugiu. Não conseguimos encontrá-lo em lugar nenhum!

"Perdido" não era uma característica geralmente atribuída ao semblante de Tatianna, e seus dedos também não costumavam tremer.

— Tatianna, onde você estava?

— Na lavanderia! — Ela se levantou num salto e jogou o rabo de cavalo para trás do ombro. — Ele… E aí eu fui… Mas então ele… E agora…

— Tatianna! — Blade chamou seu nome, sentindo que estava tentando arrancá-la de um pesadelo. — Respire. *Quem* você está procurando?

Os olhos castanhos dela brilharam sob um véu de lágrimas.

— O Reinaldo.

CAPÍTULO 14
Reinaldo

Fazia muito tempo que Alexander William Reinaldo não era humano.

Tanto tempo que suas pernas agora pareciam grandes demais, a cabeça pesada demais sobre o pescoço, e seus órgãos se expandiam ao tamanho normal com movimentos dolorosos. Deuses, ele ia vomitar a qualquer momento.

E então, mal conseguiu chegar à janela antes de esvaziar o conteúdo do estômago no parapeito. Ele regurgitou principalmente moscas.

A ânsia voltou.

Sua transformação mais recente de volta a sapo — meros segundos antes — fora repentina e inesperada, e durou apenas alguns momentos de desespero perambulando pela mansão até ele se ver recluso, voltando bem abruptamente à forma de um homem.

Diziam que sapos eram nojentos. Humanos eram piores. Em todos os aspectos, pelo visto.

Ele endireitou a postura e ajustou a amarra na calça que pegara na lavanderia, segurando o abdômen e reparando nos músculos abaixo de seus dedos, onde antes havia uma barriga macia e rechonchuda.

Alexander soltou um som rouco. Mais uma tentativa de dizer uma palavra, e fracassou miseravelmente.

Tirando os cachos escuros recém-cortados do rosto, ele jogou no armário a tesoura que havia encontrado, depois conferiu o resultado no espelho do corredor. Estava no mínimo desigual, mas Alexander precisava reconhecer a própria surpresa por conseguir usar os dedos, que dirá ter a destreza de cortar suas madeixas volumosas. Pelo menos o bastante a ponto de conseguir ver as linhas de preocupação marcadas em sua testa, o queixo assombreado com um leve projeto de barba e os olhos dourados no rosto decentemente bonito —

modéstia à parte — de um humano.

Humano. Ele era humano de novo. Nada de membros desajeitados, nada de comer moscas, nada de viajar nos ombros dos outros. Ele tinha mãos, pés e… Ele olhou para baixo.

Eita, não havia maneiras o suficiente de expressar o quanto ele estava feliz por ver *aquilo* de novo.

— Reinaldo! — sibilou uma voz no fim do corredor, e Alexander grunhiu. O que, em sua voz há muito não usada, soou feito uma vaca moribunda. — Sei que você está aí!

Quando eles eram crianças, a voz de Clare costumava ser fonte de diversão e de brincadeiras. Ouvi-la era estar à beira da aventura, como com todos os outros juntos. Alexander, Tatianna, Malcolm, Clare e Trystan. Houve um período em sua juventude que Alexander pensava que seus amigos eram o centro do universo. E, quando virou sapo, tornara-se também um forasteiro, um acessório ao grupo, o observador.

Agora *ser* observado era outra questão bem diferente.

Ele tentou dizer o nome de Clare — um som rouco e rápido, caótico até mesmo para seus próprios ouvidos, mas o suficiente para ela virar no corredor e encontrá-lo com um gritinho estridente.

— Para de zanzar! Eu mandei você ficar quieto.

Alexander queria que houvesse uma forma de explicar a Clare que ele *não conseguia* ficar quieto, não quando tinha dedos que não eram colados, quando seus olhos estavam quase dois metros acima do costume e quando ele estava livre.

— D-desculpa — falou com dificuldade, a garganta dolorosamente arranhada pela falta de uso.

Clare bufou, esfregando as têmporas.

— Eu queria entender o que foi que aconteceu antes de procurar o Trystan. Antes de eles saberem sobre você e o caos se instaurar. Você voltou a ser humano, sim. Mas como? Por quê? Quem fez isso? — Ela inspirou, e Alexander se preparou para o que sabia que estava por vir.

Clare foi pisando duro até ele e sussurrou algo baixo, somente para seus ouvidos, uma coisa tão absurda e descomunal que ele apenas a encarou, embasbacado.

— Alexander. Por que você me trairia assim?

Ali estava. Ela finalmente ia botar as cartas na mesa.

Clare ia falar o que vinha segurando desde que ele a encontrou no pátio. A

qualquer instante.

Era chegada a hora.

— Por que você cortou seu cabelo lindo? — prosseguiu ela.

Ele riu, ou melhor, soltou um som de puro alívio e espanto. Seus olhos se encheram de lágrimas, e seu peito ficou leve. A expressão no rosto de Clare, o quanto o que ela acabara de lhe perguntar era ridículo, o caos absoluto daquilo tudo. Era inacreditável, de verdade.

Clare o encarou, assustada, bem quando Tatianna virou no corredor, com Becky e Blade em seu encalço.

— Tatianna! Eu te disse pra não meter mais ninguém nisso ainda!

Blade ergueu a mão, cauteloso.

— Para ser justo, ela não *nos meteu*; nós é que esbarramos nela. Literalmente. Quem é esse?

Era um crime contra a natureza Alexander não ter a voz para contar a Blade de todas as vezes que ele se sentara em seu ombro. Caramba, ele conhecia a vista do topo da *cabeça* de Blade.

Alexander apenas acenou para eles, o que não era nem de longe tão divertido quanto falar.

— Oi — falou, pelejando. — Eu… eu… sou…

— O príncipe Alexander Reinaldo — concluiu Rebecka Erring, arregalando os olhos detrás dos óculos e levantando a mão para se segurar no braço de Blade. — Deuses.

— O quê?! — exclamou Blade. — Ele… Como é que você sabia?

— Havia retratos de cada uma das famílias da realeza no continente mágico dentro da biblioteca dos Fortis. — A srta. Erring ainda parecia estar recuperando o fôlego. Mais uma pausa. — Este homem é igualzinho.

Tatianna assentiu, encarando-o como fez na lavanderia, antes de ele ter dado no pé.

— É você mesmo, não é? — Seus olhos castanhos carregavam esperança, e ela estendeu a mão para ele, tocando seu rosto com cuidado antes de a hesitação cair por terra e ela abraçá-lo com um soluço de alegria. — Estou tão feliz que eu poderia explodir! Olha só pra você! — Tatianna recuou, segurando as mãos dele, sorrindo para Clare. — Não é maravilhoso? Espera só até o Trystan te ver.

— Ele não pode! — protestou Clare, quebrando a ilusão de reencontros e de felicidade. — O Trystan tem muito a resolver agora, com a Evie. As transformações do Alexander estão no mínimo instáveis. Não faço ideia do que

o fez virar humano. Ou do que o está mantendo assim. Quero descobrir primeiro. Consertar o que quebrei.

— "O que você quebrou", no caso, seria… o Alexander? — Tatianna arqueou a sobrancelha, e a sombra de um sorriso repuxou seus lábios para cima.

Alexander só disse uma palavra.

— Rude.

Ora, ora, se isso não é bem mais rápido que escrever.

Blade ainda o encarava em choque; a srta. Erring também.

— Como foi que isso aconteceu? A tentativa de Winnie de fazê-lo voltar à forma normal funcionou mesmo?

Alexander ergueu a cabeça, e sua boca formou os sons antes que ele pudesse pensar melhor.

— *Win-ni-fred.*

— "Winnie" também era uma opção, amigão. — Blade fez careta, dando tapinhas nas costas de Alexander. — Pode ser mais fácil para as cordas vocais.

— Temos que levar ele para o Trystan imediatamente — insistiu Tatianna, fazendo Alexander virar. — Ele vai ficar… Nossa, não consigo nem imaginar o quanto ele vai ficar feliz em te ver.

As palavras mergulharam na pele dele, descendo para tocar seu coração, agora de tamanho exacerbado.

Seu melhor amigo.

O que foi que eu fiz?

Foi o último pensamento de Alexander antes de se curvar de agonia e cair no chão, sentindo uma onda de náusea enquanto tudo se apertava.

E diminuía.

Ele piscou diversas vezes, e seu mundo foi ficando maior de novo até que Alexander Reinaldo… voltasse a ser sapo.

Então, tá.

Mas que porra.

CAPÍTULO 15
Evie

A raiva era uma coisa desagradável. Irradiava por baixo da pele, inflamando o corpo e a mente também. Porém, ao longo das últimas horas, Evie se deleitara no sentimento, sentada sozinha em seu quarto com apenas uma névoa cinzenta e sua adaga como companhia.

A magia se mexeu acima dela, assumindo o formato de uma nuvem de tempestade.

— Hilário — murmurou ela, virando para o outro lado. O cômodo estava vazio, e a única luz vinha do fogo que um dos estagiários aparecera para acender, mas ainda assim, a névoa sombrosa se remexeu até estar diante do rosto dela. — Me deixa em paz! — vociferou, virando para o outro lado, cedendo à frustração quando a magia voltou a aparecer em sua frente.

A cicatriz pulsou em seu ombro, extraindo dor de qualquer que fosse a sensação entorpecente que fazia a festa dentro dela, brilhando em uma luz iridescente forte o bastante a ponto de Evie enxergá-la.

— Mas o que é isso? — Ela se sentou, assustada, quando a névoa cercou a ferida, as cores se encontrando e sufocando Evie com um alívio que ela não entendia. Era morno. Seguro.

A adaga na cômoda começou a reluzir também, tremendo como se a névoa estivesse tentando encontrar onde vivia o pouco de magia dentro da arma. Depois de Otto Warsen demiti-la atacando-a com uma adaga impregnada de magia, Evie jamais pensara em perguntar de que tipo era.

Mas talvez devesse ter feito isso.

Porque, no instante em que a magia escura com aparência de névoa tocou o brilho de cores nas costas dela, ela se tornou… ciente.

Não. Não. Isso é coisa da sua cabeça. Como naquela vez em que você achou

que as uvas murchas do cacho iam ficar ofendidas se você não as comesse com as demais.

No entanto, a noção se tornou significativamente mais difícil de negar quando a magia circulou o cabelo de Evie, puxando-o para cima em direções ridículas.

— Para com isso agora!

A névoa tremeu como se estivesse… rindo? Ou a alucinação estava ficando mais tangível. Ambas as possibilidades eram totalmente viáveis. Evie chamou a magia de volta, implorando para que se enfiasse em sua pele, mas ela resistiu, e Evie sentiu um puxão, como uma pontada de dor no coração.

— Para. Por favor!

Com a súplica, a névoa fluiu de volta para ela e desapareceu debaixo de sua pele em uma colisão abrupta que fez Evie recuar até bater na cabeceira com um golpe forte no crânio.

— Mas que raios! — gritou ela, descendo da cama e ficando de joelhos. — O que é que…

Ela foi interrompida pela luz ficando mais intensa, tão pura que tudo parou. O tempo ficou mais devagar; o coração de Evie relaxou, desacelerando a um ritmo sonolento. A pele dela estava vívida, e toda a dor tinha sumido. Não doía mais respirar, se lembrar de tudo que ela havia perdido.

A luz sussurrou seu nome delicadamente. Espalhou seu cabelo e puxou seus punhos para que ela ficasse de pé, depois a guiou a um mundo onde ninguém a machucava, onde havia apenas amor por toda parte.

E, dessa vez, um pouco desse amor era para ela.

A pedra gelada pressionou as solas dos pés de Evie, gotas de água escorreram por seu rosto e o vento soprou seu cabelo. Os problemas estavam indo embora.

Ela passou pelas escadas, por um quadro, por uma porta, até que as paredes ao redor dela desapareceram.

O lar de sua família. O que antecedeu a Morada do Massacre. E a família de Evie estava sentada à mesa, comendo, rindo. Seu pai, Griffin, estava na ponta, beijando a bochecha da mãe dela antes de pegar mais um pãozinho e jogá-lo para Gideon, que o partiu ao meio e entregou a outra metade a Lyssa. Eles estavam felizes.

Lágrimas queimaram nos olhos de Evie. Eles estavam *felizes*.

E havia uma cadeira vazia para ela.

— Vem, hasibsi. — A mãe acenou para ela com um brilho cálido em seus

olhos delineados. — Sua comida vai esfriar.

Evie se aproximou com cautela, e a esperança preencheu seu peito. Será que tudo não havia passado de um pesadelo? A vida dela antes daquilo. *Como era mesmo?*

— Evie, minha querida — disse o pai. — Pode me fazer um favor e ir lá em cima buscar a roca? Eu gostaria de consertá-la para a sua mãe depois de comermos. Aquele treco parou de funcionar de novo.

Era isso? Aquele era o único preço que ela precisava pagar para ter aquela realidade? Aproximando-se da escada que subira todas as noites para ir se deitar e que descia nas manhãs para começar seu dia, Evie parou, admirada com as velas ao lado do corrimão. Ela conseguia se sentir flutuando acima do primeiro degrau, preparada para subir mais um. Seu pé se levantou para isso, e pairou cada vez mais perto.

Como seria bom poder…

Não faça isso, Evie. Aquela vozinha quieta que estivera dentro dela a vida toda agora dava uma ordem. A única constância que lhe era garantida.

Griffin Sage se levantou — seu rosto ainda cálido e bondoso como sempre havia sido —, assentindo para a escada.

— Suba lá, meu bem.

Evie sentiu algo repuxando sua mente, mas não conseguiu encontrar o que era, não quando tudo estava flutuando ao redor de um jeito confuso.

Não caia nessa uma segunda vez, Evie.

Ela cambaleou, sentindo um embrulho esquisito no estômago ao avançar, piscando até uma torrente de pensamentos se acumularem uns sobre os outros.

Não duvide de si mesma, Evie.

Não deixe que eles vençam, Evie.

— Evie? A roca? — Griffin Sage sorriu para ela com jovialidade, aparecendo ao lado da filha para ajudá-la a subir o degrau seguinte.

Sorrindo de volta como devia, ela assentiu, permitindo que a mão do pai a guiasse. Por um total de cinco segundos… antes de se virar e socar Griffin Sage no abdômen com toda a força, raiva e tristeza. O pai tropicou, com o sentimento de traição estampado nos olhos.

O homem diante dela não era seu pai. Porém, como o verdadeiro Griffin não estava disponível naquele momento, ela se contentou em dar mais um safanão naquele mesmo.

E, dessa vez, a máscara se quebrou do rosto de Griffin, revelando uma luz forte que Evie já vira antes, em outro lugar. Pelo visto, ela não jogara o peso de

papel com força suficiente…

Do contrário, o monstro do destino não estaria diante dela agora.

— Como se atreve a me atacar, sua garota perversa! — A luz cortou as paredes da casa, e o fundo do cenário derreteu até que o lar da família de Evie fosse substituído pelo parapeito da mansão. O pé dela balançava de maneira perigosa no ar.

A longa passarela entre torres fora consertada desde que Evie encontrara a bomba, exceto pela extremidade. O último conector ainda precisava ser concluído, e ela estava bem na beirada dele.

Evie corrigiu, educadamente:

— É *Mulher* Perversa, na verdade. — Abaixando o pé com cuidado, ela prosseguiu: — Mas vou deixar passar esse engano.

Ela deu ao monstro um sorriso jovial, lembrando que, sem a contenção da Família Fortis, Evie não fazia ideia do que estava enfrentando.

Um som estridente terrível cortou o ar, e os braços de Evie giraram, tentando manter o equilíbrio, mas ela caiu para trás por um mero segundo. Foi tudo que bastou para que duas mãos grandes a agarrassem pela cintura e a puxassem para baixo, ao encontro de braços.

— Eu poderia recomendar um trajeto diferente, Sage? — murmurou Trystan em seu ouvido, e ela respirou fundo, sentindo seu cheiro. Não viu problema em aproveitar o toque dele. Por pouco ela não acabara de cair pela lateral de uma construção relativamente baixa. Considerando as circunstâncias, exceções pareciam ser o mínimo do que ela merecia.

— Mas a vista é tão bonita aqui — respondeu ela, fraca, agarrando a blusa dele por mais um segundo abençoado antes de soltá-lo e eles encararem juntos o inimigo em comum. — O que foi isso? Mais um teste de bondade?

O monstro do destino sibilou, e o feixe de luz se transformou, assumindo a forma de uma mulher alta e bela, quase humana, com o cabelo brilhoso e olhos prateados penetrantes.

— *Isso* foi apenas o começo do que planejei para você, srta. Sage.

Evie riu de desdém, e Trystan se colocou entre ela e o monstro do destino, com uma força protetora na flexão do braço que ele estendera sobre o peito de Evie.

Espere para babar nos bíceps do seu chefe quando não estiver enfrentando um inimigo mortal, Evie!

O que, em outras palavras, queria dizer nunquinha.

Foco, Evie.

— Você recebeu a liberdade — falou Trystan, tentando fazer o monstro ver a razão. — Não precisa desperdiçá-la ficando de conluio com alguém feito o Benedict.

A mulher soltou uma risada sombria.

— Não tenho o menor desejo de ver a profecia do livro da *História de Rennedawn* se realizando.

— Espera mesmo que a gente acredite nisso? — A voz de Trystan saiu em um estrondo baixo.

O monstro do destino deu de ombros, e uma risada assombrosa seguiu o movimento.

— Não espero nada. Nada exceto o desenrolar da história que eu quis para Rennedawn. A história que eu *planejei*.

— O que isso quer dizer? — Evie ergueu a sobrancelha e cruzou os braços.

— Quer dizer que você deve aproveitar o tempo que tem, Evie Sage, pois há uma maldição sendo preparada não muito longe de onde você está. Uma maldição que restaurará Rennedawn a seu curso original.

O estômago de Evie foi parar nos pés.

O monstro do destino sorriu.

— Um mundo no qual Trystan Maverine nunca se tornou o Vilão.

— Isso é impossível! — protestou Trystan entredentes, soltando a espada da lateral do corpo e mirando-a o melhor que pôde na criatura que cuspia ameaças esquisitas demais para serem reais, e assustadoras demais para serem fingidas. — Maldições assim não podem ser feitas.

O monstro do destino sorriu novamente.

— Tem razão. Essas coisas levam tempo, é claro. Três pores do sol antes do Dia das Bruxas será sua última chance de ter liberdade. Até lá, sugiro que se despeça. Mas você me verá novamente. Não tema.

— Ah, minha senhora, se tem uma coisa que eu tô fazendo é temer — retrucou Evie, soltando o ar quando o monstro do destino sumiu de vista.

Daqui a dois meses, pensou Evie, *tudo vai mudar. E vai ser nossa maior vitória… ou nossa maior perda.*

Trystan permaneceu em silêncio por mais alguns momentos antes de seus olhos escuros a fitarem com uma expressão embasbacada que quase chegava a ser engraçada.

— Que baita desenrolar inconveniente, hein?

— Que parte? A maldição iminente — perguntou Evie — ou o fato de que o cabelo dela parecia pronto para um comercial de xampu?

Trystan fez a única coisa que eles podiam fazer na atual conjuntura.

Ele riu.

Foi um gesto tão adorável que Evie sorriu e o observou com um nível vergonhoso de atenção.

— Vamos dar um jeito de deter isso, Sage — garantiu Trystan, e a suavidade na promessa fez ela querer se derreter nele. — Nós sempre damos.

Apesar de manter o sorriso estampado no rosto, por dentro, Evie franziu o cenho, pois um pensamento bastante intrusivo surgiu.

Um pensamento que sussurrou para ela… que, daquela vez, eles não teriam tanta sorte.

CAPÍTULO 16
Trystan

— Não precisa me contar se for doloroso demais, Edwin. A Sage está mandando um corvo para o Lionel — disse Trystan ao ogro na manhã seguinte, aceitando de bom grado o elixir de caldeirão. Ao se sentar à mesa, ele permitiu que o aroma e o calor acalmassem o terror esmagador que ele sentira na noite anterior ao ver Sage quase despencando do parapeito.

Trystan ficara relutante de sair do lado dela, mas eles precisavam obter informações acerca da suposta maldição. E Lionel era o principal Conselheiro de Maldições do reino.

Além disso, também era irritante pra cacete.

Mas Trystan cedera quando Evie insistiu.

Ainda sentia embrulho no estômago ao se lembrar da expressão vaga dela. Mais um passo à frente e a luz prateada do monstro do destino a teria engolido. Deuses.

Estar apaixonado era um baita mal-estar.

Edwin se remexeu, desconfortável, puxando Trystan de volta ao presente.

— Não é isso, sr. Trystan. Não me importo de falar no Joseph. Éramos bons amigos antes de ele deixar o reino para continuar sua pesquisa.

Ah, sim. O ogro com quem Edwin morara por cinco anos era apenas um amigo. Trystan nunca tinha perguntado o que se passara entre eles para fazer Joseph partir tão às pressas e nunca voltar à pequena aldeia de pescadores deles. O homem era um acadêmico brilhante sobre todos os tipos de magia — um Curandeiro Primordial, a seu próprio modo —, mas não praticava e não parava quieto. Sempre estava indo de um canto para outro. Sem nunca sossegar.

De certo modo, Edwin também não sossegava.

Sim. *Amigos*. Trystan estava começando a odiar a falsidade dessa palavra, mas ele é que não ia corrigir Edwin. E também não era como se estivesse em posição de julgar. Ele tinha o amor de sua vida a seu alcance e não conseguia pensar em um jeito de ter um futuro viável com ela, de convencê-la que ele não iria embora, com ou sem maldição, a não ser pregando os próprios sapatos ao chão.

— Deixa eu ver. — Edwin deu batidinhas no queixo, sentando-se de frente para Trystan e levando para o chefe uma torta de nozes de cheiro maravilhoso. — Acho que foi coisa de quinze anos atrás. É difícil contar quando eles vêm e vão tão depressa. — Edwin sorriu para Trystan com gentileza, cortando uma fatia grande e colocando-a no prato à frente do chefe. O chuvisco batia na janela, e então Edwin falou: — O Joseph foi o primeiro ogro que vi desde que saí da faculdade de culinária, e ele era brilhante. Um acadêmico de todas as questões relacionadas a Rennedawn e ao continente mágico. Lindo que só ele e…

Edwin se interrompeu, e as bochechas azuis atingiram um tom índigo.

— Peço desculpas, sr. Trystan. Esse detalhe não foi pertinente.

— De jeito nenhum. É bastante pertinente para me ajudar a imaginar os eventos. Continue — respondeu Trystan com rigidez, dando tudo de si para que seus lábios não curvassem para cima.

Edwin falou por entre mordidas de sua fatia de torta.

— Ele era bastante astuto em suas teorias acerca da história de Rennedawn. Na época, os céticos existiam aos montes. O senhor vai se lembrar de que nenhum levava a sério o acertar de contas iminente da magia, não antes de a Doença Mística começar a avassalar a terra, e então as ondas da magia decadente atingiram diferentes áreas do reino… — Edwin sacudiu a cabeça, cruzando as mãos grandes. — Disso o senhor sabe, é claro. Onde é que eu estava?

— Nas teorias dele — falou Trystan, dando um gole no elixir que não tinha o acréscimo costumeiro da doçura de Sage.

— Não me lembro de ele já ter tocado no assunto de maldições da terra, mas uma coisa que ele falava, sim, com frequência, era que quando a profecia do livro da *História de Rennedawn* se aproximasse do fim, uma onda de magia viria do Mar Lilás.

E quando a maré virar, tudo será como no passado, declarara a profecia.

Maravilha. Aquilo era necessário. Ele quase havia relaxado.

— Será que não podemos trocar por uma concha do Mar Lilás? — veio a

voz de Gideon Sage, junto com o próprio. — Mandou me chamar?

— Sente-se, Gideon — murmurou Trystan com uma raiva irracional. — Tenho um trabalho para você.

— Que ideia assustadora, Maverine. — Gideon fez careta quando Trystan ficou de pé, colocando a mão no ombro do homem e o empurrando para se sentar na cadeira. — Do que se trata?

— Da sua irmã.

Gideon riu com a mão à boca.

— Sua previsibilidade é muito coisa de príncipe mesmo. Muito bem!

Edwin coçou os olhos, e Trystan deu um chutinho no pé da cadeira de Gideon, como quem não quer nada, fazendo o homem bater na mesa.

— De manhã, a Becky e o Blade vão montar uma armadilha para capturar os guvres, e quando eles tiverem sucesso, vamos precisar acelerar isso de colocar a profecia em prática, antes que…

Ele parou. A maldição era uma ameaça, não uma garantia, e portanto ele teria que compartilhá-la com o mínimo de pessoas possível, para não causar uma onda de pânico.

No entanto, ainda assim, a urgência era necessária.

— Antes que o Benedict faça algo imprudente — concluiu ele vagamente.

Gideon se endireitou e foi com o cenho franzido até o elixir de caldeirão, erguendo a concha e servindo-se em uma das canecas extras. Soltando um suspiro, ele encarou a mistura, depois a engoliu fazendo careta.

— Pois muito que bem. Só tem um problema. Não sabemos *como* colocar a profecia em prática.

Lyssa escolheu aquele momento para entrar na cozinha.

— E se vocês botarem todos os ingredientes da profecia em uma cumbuca e misturarem tudo como se fosse massa de bolo?

Trystan acreditava que aquela menininha era um gênio. Independentemente da sugestão improvável.

— Acho que isso não iria funcionar, Vilãzinha.

— E se em vez de misturar vocês baterem com um *fouet*? — Lyssa assentiu de maneira sucinta, indo até a gaveta. — Ou com um garfo, que é o que eu geralmente uso.

Os batimentos de Trystan aceleraram, esquecendo-se de profecias.

— Não para fazer massa, espero eu.

Lyssa o ignorou, abrindo a gaveta de utensílios, e Trystan ficou de pé, gaguejando:

— N-não dá para colocar a mesma leveza em massas usando um garfo, Lyssa! Que ultraje.

— Nós não estávamos discutindo o fim de Rennedawn? — perguntou Gideon com um meio-sorriso, depois ficou sério quando Lyssa apareceu a seu lado. — *Isso* você não acha um ultraje?

Claro que Trystan achava. Ele conseguia se sentir muito bem ultrajado por diferentes tipos de injustiças e ameaças ao senso comum. Isso não o tornava menos vilanesco.

— Acho é que você está brincando com o pouco que resta da minha paciência — grunhiu Trystan, tirando o garfo da mão de Lyssa e substituindo-o por um *fouet* sem dizer nada, ignorando seu biquinho. — Preciso que você descubra como podemos ativar a profecia… ou dar um fim a ela, melhor dizendo. Eu… eu não tenho certeza de como prosseguir.

— É sua primeira vez quebrando uma profecia? — Gideon deu uma risada empática.

— Não vai ser minha primeira vez quebrando um crânio — retrucou Trystan, depois se lembrou de que Lyssa o encarava com os olhos arregalados e a boca formando um pequeno círculo.

— O senhor consegue fazer isso com os punhos? — sussurrou a menininha quase imediatamente, soando admirada demais para Trystan se sentir confortável em responder. — Ou precisa ser com um objeto pontudo?

— Bacana, Maverine. — Gideon lhe deu tapinhas nas costas, e Trystan sonhou acordado com a chance de quebrar aquela mão. Foi um pensamento tranquilo. Pacífico, até. — É uma profecia típica. Ela deve ser colocada em prática no dia que tiver algum tipo de significado para o reino.

— O Dia das Bruxas? É daqui a dois meses — sussurrou Trystan. O decreto do monstro do destino. Benedict e o monstro do destino queriam lhes dar motivo para ter esperança. Isso era o quão certos estavam de que seriam bem-sucedidos.

Pois bem, então. Trystan tinha a mesma certeza de que seus inimigos fracassariam.

Trystan podia até ser feito para se tornar a ruína de Evangelina, mas jamais haveria uma ruína *deles*. Só por cima do cadáver podre de Benedict. Um pensamento sereno.

— Em pleno feriado? Não acha óbvio demais? — Gideon arqueou as sobrancelhas.

— A data já carrega significado e combina com a linha do tempo do monstro

do destino — comentou Trystan, ignorando-o, sabendo com cada fibra de seu ser que aquela era a resposta correta.

— Meu Joseph sempre dizia que os momentos do dia em que a magia está mais poderosa em Rennedawn vêm em três. O amanhecer bem cedinho; quando o sol atinge seu ápice ao meio-dia; e quando ele pinta Rennedawn de dourado ao pôr do sol. — Edwin deu batidinhas na cabeça de Lyssa, ajudando-a a subir no banquinho baixo para que ela pudesse bater a massa de biscoito roxa vibrante que ela acabara de preparar.

— Vocês estão se esquecendo da pergunta mais importante — disse a menina com leveza, totalmente atenta à tigela que estava à sua frente. — *Onde* o sol bate sem empecilho. Algum de vocês sabe onde fica isso?

— Imagino que você não saiba? — perguntou Trystan com a voz baixa e um tiquinho de esperança.

Lyssa revirou os olhos.

— Pelo visto, não sei nem bater massa direito, né. — Ela dobrou seu ritmo na tigela, e Trystan deu um passo para trás por sua própria segurança.

Ele pagaria por aquele comentário mais tarde.

— Todas as respostas estão no livro da *História de Rennedawn* — indicou Edwin depois de um momento de silêncio coletivo, em que todos entenderam o que precisava ser feito. Depressa. — Vai estar nas páginas.

Gideon fez careta, provavelmente sabendo o que estava por vir.

— Não podemos mais prosseguir sem o livro.

Não. Não podiam mesmo.

— Receio que sua magia de escudo possa ser necessária. Você consegue bloquear quaisquer proteções que o rei possa ter colocado para guardá-lo, e sabe se virar dentro do palácio. Não posso mandar mais Guardas Malevolentes. É arriscado demais. — Trystan fechou os olhos com força, decidido a não sentir preocupação ou remorso por colocar o irmão de Evie em uma situação tão perigosa.

— Posso partir no primeiro raio de luz. — Os ombros de Gideon estavam rígidos, seu queixo alto demais para um homem que estava prestes a embarcar em uma missão que tinha tantas chances de fracassar quanto de ser bem-sucedida.

— Você não precisa viajar sozinho — sugeriu Trystan sem muito vigor. Eles dois sabiam que Gideon precisava fazer aquilo por conta própria. — Poderíamos mandar *alguns* dos Guardas Malevolentes.

— Eu sou o único que sabe onde fica o escritório do Benedict — relembrou

Gideon. — E sou eu que devo isso… a ela.

Não era preciso esclarecer a quem ele se referia.

A chuva começara a bater mais forte na janela. O vitral reconstruído do livro de Rennedawn zombou deles com sua proximidade. Um estrondo de trovão retumbou contra o vidro, e Lyssa pulou para o lado de Trystan.

— Está… sinistro aqui, Lorde Trystan.

— É só uma tempestade, Lyssa — tranquilizou-a.

Mas havia uma inquietação no ar que serpenteou pelo corpo de Trystan com um alerta indesejado de que algo estava por vir.

Mais um golpe de relâmpago, depois um trovão tão forte que fez a mansão tremer.

— Mas que raios!

As velas se apagaram, lançando a cozinha em uma escuridão total.

As mãos de Trystan tremiam, e o sangue zunia em seus ouvidos. A sensação de mil agulhinhas subiu ao topo de sua cabeça diante do medo paralisante que acreditou que tivesse superado. Entretanto, quando ouviu o gritinho de Lyssa, esqueceu o medo e de qualquer coisa que não fosse encontrá-la.

— Lyssa! Edwin! — gritou. — Lyssa!

Um som de algo sendo riscado, seguido pelo brilho de um palito de fósforo acendendo uma tocha nas mãos de Edwin, iluminando o cômodo e revelando um Gideon alvoroçado e o rosto azul frenético de um ogro.

Contudo, para o alarde de Trystan, ao passar os olhos pela cozinha, não encontrou mais ninguém.

Apenas um *fouet* descartado, ainda balançando de um lado para o outro no chão.

— Raios — sussurrou Trystan, depois saiu correndo da cozinha e avançou pelo corredor. Mas ele estava vazio.

Lyssa tinha desaparecido.

CAPÍTULO 17
Evie

— Cadê minha irmã? — gritou Evie, o pânico subindo por sua garganta quando passou por Gideon trombando com o irmão, que a encontrara em uma das torres altas das quais corvos eram enviados.

Evie disparou pelo corredor, com a luz fraca das velas bruxuleando com mais um estrondo de trovão.

— Lyssa! — gritou ela, com os olhos queimando e os membros tremendo com a necessidade de se mexer, de fazer *alguma coisa*. — Onde é que ela tá?

Gideon reapareceu em seu encalço com o cabelo alvoroçado, os olhos arregalados e o peito agitado.

— Tem certeza de que ela sumiu? Talvez ela tenha fugido quando as luzes se apagaram por ter ficado com medo.

A dor irradiou dentro dela, e a névoa escura saiu de seus dedos em tufos de fumaça que cercaram suas pernas.

Parte da magia subiu para lhe dar batidinhas reconfortantes nos ombros, mas ela apenas a encarou antes de sacudir a cabeça e olhar Gideon com uma cara de tristeza absoluta.

— A Lyssa não tem medo do escuro.

Gideon soltou um suspiro e atravessou a névoa preta, sem se importar, e puxou a irmã em um abraço.

— Vamos encontrar ela, Eve. Vai ficar tudo bem; você não está mais cuidando dela sozinha, eu te prometo.

Os olhos de Evie queimavam, mas ela retribuiu o abraço, sentindo o calor que só vinha de um irmão.

— Obrigada, Gideon. Sinto muito por ter surtado com você… Quer dizer, na verdade não sinto, não. Mas estou feliz que você esteja aqui.

Gideon a afastou com uma risada e soltou um pigarro.

— Ah, maninha. Eu te prometo que sempre mereço. Certo, já chega disso. Você procurou nos escritórios?

— E no nosso quarto. — Evie fungou e esfregou os olhos, tentando desanuviar seus pensamentos acelerados para raciocinar com clareza. Ela não tinha como ajudar Lyssa se não conseguisse manter a cabeça no lugar.

Ou pelo menos um pouco menos torta.

— Alguém a levou. Eu sinto que foi isso. Ela deve estar assustada em algum lugar, e eu nem estava lá! Eu estava…

— Mandando uma carta por corvo depois de quase pular de um lugar alto. Não foi um erro seu — falou Trystan, interrompendo a conversa com uma expressão tensa. — Passei para checar o Marv. Ele continua acorrentado a uma cadeira nos aposentos da Tatianna. O Roland confirmou que ele não se mexeu.

As sobrancelhas de Gideon subiram até a testa.

— O que o Roland está fazendo lá com o Marv?

— Acredito que se chama cortejar — falou Trystan com tamanha sinceridade que uma pressão aliviou o peito de Evie. — Esperem só um momento. — Trystan pegou um livro no bolso do manto preto e folheou as páginas tão depressa que Evie quase não viu o que era.

Mas quando viu…

— Sim. Na página dez, a autora… — começou Trystan.

Evie soltou um gritinho como se tivesse acabado de levar uma cutucada com um atiçador de lareira em brasa.

— Você… — Ela o encarou de queixo caído enquanto ele a fitava, pego no flagra. — Você está lendo *A perspicaz sociedade do espartilho*?

Se Evie não estivesse tão preocupada com Lyssa, expiraria de tamanho choque. Trystan parecia desconcertado pelo espanto dela, e segurou o livro um pouco mais perto — como se ela fosse tentar arrancá-lo de suas mãos.

A cena era tão absurda que poderia derrubar um cavalo.

— Estou achando um estudo interessante sobre o comportamento humano, e as descrições são curiosas.

Evie conhecia *A perspicaz sociedade do espartilho* bem o bastante para entender que tipo de "descrições" Trystan estava prestes a encontrar quando chegasse ao capítulo seis. Ela soltou um som chocante e sacudiu as mãos.

— Vou ter que surtar por essa informação mais tarde. Vamos botar um marca-página pra gente voltar nisso depois.

Trystan a olhou, estarrecido.

— Eu sempre uso marca-página. Sou um vilão, não um delinquente. Por quê, você faz o quê?

Evie bufou, depois gritou o nome de Lyssa de novo, vasculhando cada armário vazio do corredor.

— Eu estava falando no sentido metafórico, mas o que faço é dobrar as pontas das páginas.

Trystan semicerrou os olhos.

— Você vai mesmo ser a ruína deste reino. Eu me enganei.

— Trystan! — Evie bateu no braço dele, tentando guardar aquele momento para depois de sua irmã ser encontrada, quando ela enfim poderia saboreá-lo. A magia agora parecia ter vida própria, e empurrou Trystan de leve até ele cambalear em direção à parede. — Não! Opa, foi mal. — Ela levou os dedos à boca quando começou a escorrer sangue do nariz dele. — Ai, caramba.

— Não se preocupa. — Ele deu um sorrisinho de canto e pegou um lenço da mesma cor da saia de Evie para absorver a lambança. — Boa mira.

Gideon vinha seguindo eles em silêncio, procurando por conta própria, fingindo não ouvir a conversa antes de conseguir escapar dali.

— Vou procurar alguns andares para cima. Venham me avisar quando encontrarem ela.

O medo de Evie cedeu somente pelo tempo que levou para piscar, mas então ela arregalou os olhos de novo. Porque havia diversos Guardas Malevolentes à frente da masmorra, cochichando.

— O que foi?

Evie se aproximou deles, e todos endireitaram a postura quando a moça lhes fez a pergunta, fitando-a como se fosse ela quem assinasse seus contracheques.

Era uma ofensa à hierarquia do escritório, ela estava certa disso, mas, quando fitou Trystan de soslaio, só viu orgulho em seus olhos e um assentir de cabeça cavalheiresco em incentivo.

— Srta. Sage. — Min, uma guarda que ela conhecia bem, avançou. — Estamos em um impasse.

— De que natureza? — perguntou ela, imaginando por que os guardas não paravam de olhar preocupados para as portas trancadas.

Min engoliu em seco.

— Trancamos a masmorra em todos os pontos de saída, para o caso de as trancas mágicas falharem e os prisioneiros serem libertados. Porém, quando o raio caiu, deve ter disparado alguma coisa… porque não é mais uma hipótese. As trancas falharam mesmo.

Trystan agarrou a espada em sua cintura, e seus olhos escuros se tornaram letais.

— Onde estão os outros guardas? Os que estavam a postos lá dentro?

Mais um Guarda Malevolente avançou, com o elmo nas mãos e um semblante desolado.

— Estávamos discutindo isso agora mesmo, senhor.

— O que há para discutir? Abram a maldita porta! — O rosto de Trystan ficou vermelho, e uma veia inchou em seu pescoço, tamanho o estresse.

— Não é tão simples assim. — Keeley apareceu, um pouco desgrenhada, mas calma como sempre. — Se abrirmos as portas, não fazemos ideia do que vai estar do outro lado. Precisamos bolar uma estratégia para que nenhum dos prisioneiros escape…

— Evie! — A voz do outro lado estava abafada pela espessura da porta de madeira. Mas Evie sabia mesmo assim.

— Lyssa! — gritou ela, batendo na porta até suas mãos doerem.

— Evie, me ajuda! Eu tô com medo!

Ah, deuses. Ah, deuses.

O estômago de Evie revirou, e seu coração bateu tão depressa que ela gritou, tamanha a algazarra que ele causava em seu peito. Ela não ia aceitar perder a irmã. *Não ia*.

— Abram! *Por favor!*

Keeley começou a falar, mas as palavras foram abafadas quando a névoa a cercou, bloqueando os demais. Todos se esquivaram, mas ela ouviu Keeley gritando:

— Espera! Temos que ter certeza de que ninguém…

Mas era tarde demais. A magia de Evie reluzia, batendo tão forte na porta que Evie sentiu o impacto como se fosse um aríete. A porta quebrou com a força, partindo-se ao meio antes de cair, revelando quem estava do outro lado.

Não era Lyssa.

A magia fisgou o estômago de Evie, com o medo se aproveitando dela quando viu o que havia diante deles.

Um coelhinho.

Um coelhinho… tão fofo que chegava a ser obsceno.

— Ah, deuses… — sussurrou Evie, dando um passo cauteloso à frente, ouvindo murmúrios alarmados dos Guardas Malevolentes vindo de trás. Lágrimas queimaram seus olhos quando ela olhou para o animal, e o horror tomou conta de sua mente racional. — Lyssa? — perguntou Evie, sem forças, à

criaturinha.

— Sim? — sussurrou Lyssa de detrás dela. Bem detrás dela. Não de dentro da masmorra. E de jeito nenhum de perto do coelho. Então, naturalmente, Evie gritou, tropeçando na saia e caindo de bunda no chão.

— Lyssa! Deuses do céu, onde é que você foi? Por que fugiu? — questionou Evie.

— Eu vi o Reinaldo! — falou Lyssa, olhando de um lado para o outro e arregalando os olhos ao se dar conta do furdunço que causara. — Ou pelo menos foi o que eu pensei. Corri atrás dele pelas escadas, mas ele foi mais rápido.

Evie não teve tempo de repreendê-la — não antes de Trystan se ajoelhar no chão, puxar irmãzinha dela para um abraço, segurar a parte de trás de sua cabeça e sussurrar:

— Graças aos deuses você está bem.

O rosto de Lyssa apareceu sobre o ombro dele, de olhos arregalados, perguntando a Evie só mexendo os lábios: *O que tá acontecendo?*

Em resposta, Evie jogou os braços no ar, como se para dizer: *Eu sei lá!*

— Príncipe Trystan? O senhor ficou com medo de eu ter virado aquele coelhinho? — perguntou Lyssa, e suas palavras saíram ligeiramente abafadas pela força de seu abraço.

Trystan estremeceu diante do título que Lyssa acabara de usar com ele, mas seu rosto continuou suave e tomado de alívio.

— Eu gostaria de declarar uma nova regra de vilania. Vilões não se transformam em animais. Sob circunstância alguma. — Ele abanou um dedo rígido no rosto dela, e Evie ficou tão feliz que teve que agarrar a parede para se equilibrar.

Lyssa riu e assentiu, depois se virou para olhar para a porta aberta e franziu o cenho.

— Ele ainda tá ali.

Evie se virou e atestou que sim, o coelho ainda estava ali, com o nariz tremelicando de um jeito que não parecia lá muito natural.

— Eu podia jurar… Ele falou igualzinho à sua voz.

— Senhor, é o Silk! — Keeley arregalou os olhos ao gritar em alarde, desembainhando a arma e correndo atrás do coelho, mas ele se transformou, virando um monstro enorme. Tentáculos avançaram em todas as direções, atacando os Guardas Malevolentes e fazendo com que batessem nas paredes.

Evie pegou Lyssa, e então Trystan pegou Evie, agarrando sua cintura e

movendo as irmãs para a parede com rapidez, e todos caíram de joelhos.

— O que… — gritou Evie. Um tentáculo baixou com tudo quando ela rolou para se esquivar, agarrando Lyssa como se fosse uma boia salva-vidas —, em nome dos deuses, é um Silk?

— São um mito! — gritou Trystan, caindo longe do ataque de mais um tentáculo preto.

— Ah, que maravilha! — Evie gritou, colando o corpo à parede para fugir dos movimentos do tentáculo, tirando Lyssa do caminho do perigo. — Fala isso para o polvo-coelho, por favor?

Um puxão na parte de trás do vestido de Evie a fez rolar para os braços de Trystan. Teria sido uma cena romântica, se na mesma hora eles não tivessem levado um sopapo de mais um tentáculo. Evie sentiu o golpe como se fosse um tijolo, fazendo com que ela batesse de costas, e todo o ar escapou de seus pulmões quanto ela caiu no chão. Trystan caiu bem a seu lado.

Um barulho estridente e desumano cortou o ar.

— Ele vai fugir! — gritou Keeley. — Atrás dele! — O restante dos Guardas Malevolentes seguiu sua capitã em um ritmo apressado, deixando eles três no corredor abandonado.

— Silks podem se transformar em qualquer coisa ou pessoa com quem entrarem em contato. — Trystan ajudou Evie a se levantar antes de ir até Lyssa e a erguer com as mãos gentis. — Eles só são perigosos se você não souber avistar uma fraude.

— Ou se eles virarem um polvo assassino — acrescentou Lyssa, direta.

— Correto. — Trystan enalteceu a menina meio que sem perceber, como se essa fosse uma ocorrência diária, e não uma obrigação.

Se Evie já não tivesse se apaixonado dez vezes por aquele homem, podia muito bem ter caído mais uma vez em sua lábia bem ali.

Um estrondo a fez parar — não foi um trovão, nem a criatura que acabara de escapar pelo corredor. Não, o som vinha das portas quebradas da masmorra.

Eram passos. Muitos. Muitos. Passos.

— Os prisioneiros. — Evie foi para a abertura, buscando uma forma de reforçar as portas. — Não, eles…

— Hora de ir, Sage. — Trystan a pegou e saiu correndo, com Lyssa os acompanhando.

— O que foi? — perguntou a menina, ofegante. — Aonde estamos indo?

— Para o seu quarto — respondeu Trystan. — Onde você vai ficar trancada até o amanhecer, está me entendendo? *Não é* pra fugir mais.

Lyssa assentiu, apavorada.

Enquanto eles corriam, Trystan não soltou Evie, carregando-a no colo como se tivesse medo de que ela fosse correr na direção oposta caso a soltasse. Isso proporcionou a ela uma vista perfeita de seu rosto, desprovido de emoção.

— As trancas falharam — declarou ele. — Estamos prestes a ver um grande número de indivíduos.

Trystan deu de ombros, depois acrescentou o que faria a maioria dos humanos desmoronar de medo:

— E todos eles querem me ver morto.

CAPÍTULO 18
Gideon

Gideon Sage era propenso a se perder em devaneios. Se bem que, em sua maioria, ultimamente eles eram visões bastante irrealistas de uma capitã de cabelo dourado com um nariz arrebitado e lábios que pareciam pétalas de rosa.

Os pesadelos que Gideon tinha costumavam ser muito mais realistas… sobretudo o que ele estava vivendo naquele momento. Em que sua irmã mais nova era sequestrada bem diante de seus olhos. E ele não conseguia salvá-la.

— Lyssa! — gritou Gideon. — Lyssa, cadê você? — Ele virou em outro corredor da torre mais alta da mansão. A tempestade não dava trégua lá fora, com o trovão estrondando e o vento uivando.

E então, mais um pesadelo apareceu.

Gideon cambaleou para trás e quase derrubou a tocha que segurava.

Aquilo era um pesadelo; só podia ser. Porque não havia motivo plausível para um dos antigos superiores de Gideon, do tempo que ele fazia parte da Guarda Valente, estar diante dele. O homem estava mais pálido e magro, mas sua maldade não diminuíra nem um pouco.

— Gideon. — O capitão Lucius desdenhou, em posse de uma faca que parecia muito a que ele usara nos jovens recrutas quando reclamavam de feridas ou de fadiga.

Pouca coisa havia mudado.

O antigo capitão de Gideon avançou na direção dele, cortando seu braço com a lâmina em um movimento rápido. Sugando o ar de dor, Gideon se recompôs o suficiente para se esquivar do próximo ataque, batendo Lucius com força contra a parede. No entanto, ele só ficou na vantagem por mais um momento, até um novo agressor envolver os dedos em seu pescoço e empurrá-lo ao chão quando mais um rosto familiar apareceu acima dele.

O capitão Damon. Ou, como seus recrutas o haviam apelidado com tanto carinho, capitão Demo.

Ora, mas que fantástico. Ele ia morrer.

Deuses, será que ele deixaria o mundo sem nunca mais beijar Keeley? Sem dizer a ela como se sentia?

Ou pior — sem nunca descobrir de onde vinha o cheiro de limão?

Não.

Porque foi como se seus pensamentos a invocassem, e Keeley apareceu como uma luz dourada no fim do túnel, partindo para cima do capitão Demo e fazendo o homem terrível bater na parede.

— Gideon! De pé! — gritou Keeley quando o brutamontes lhe deu um empurrão. Em seguida, bateu na cara dela com força.

A capitã caiu.

E algo selvagem despertou dentro de Gideon Sage.

Com olhos apenas para Keeley caída no chão, ele agarrou Demo pelo pescoço, esmurrando-o até que sangue escorresse de seu nariz, depois chutando o cavaleiro no peito com tamanha força que ele cambaleou e caiu pelo vitral da janela, despencando em direção à terra. A chuva soprou para dentro, ensopando Gideon — e Keeley também, que se levantou e esfregou a vermelhidão em sua bochecha por apenas um segundo antes de voltar à briga.

— Sai! — gritou Keeley, e Gideon pulou para o lado, vendo a capitã arrastar Lucius, o homem que mais fazia os recrutas da Guarda Valente saírem correndo, pelo tufo de cabelo do cocuruto, até encurralá-lo e prendê-lo à ponta da lâmina. Ela sorriu para ele de um jeito tão sinistro que Gideon sentiu a perversidade dela reverberando na linha abaixo de seu cinto.

Não está na hora de ter essa *reação, cara.*

Quando Gideon enfim se recompôs, Keeley já havia despachado o capitão Lucius, deixando Gideon impressionado com sua precisão e habilidade. A expressão no rosto dela ao derrubar o corpo fez Gideon perder o juízo mais uma vez.

Quem diria que a vilania podia ser tão sexy?

Gideon procurou um jeito de se acalmar.

— Muito bem, Capitã. Que tal um descanso? Seria uma honra ajudá-la a limpar o sangue do cabelo.

Contudo, a brincadeirinha dele não teve resposta; ele apenas a observou enquanto o pouco de força que lhe restava derretia e ela cambaleava contra a parede, a cabeça tombando.

— Não acabou pra gente.

— Certamente não — respondeu Gideon, hesitante ao estender as mãos para esfregar os braços dela, tentando recuperar parte do calor na frieza da voz dela. — Receio que não vai acabar pra gente até um de nós dois estar morto.

Enquanto esfregava a mão no peito, o olhar de Keeley parecia distante, carregando uma dor no tom dourado.

— A Lyssa está bem. Ela está com a sua irmã agora.

A cabeça de Gideon tombou para trás, batendo na parede de frente para ela, mas ele mal sentiu o baque, tão grande era o alívio correndo em suas veias.

— E a má notícia que vem em seguida é…?

— Você considera uma má notícia todos os prisioneiros das masmorras lá debaixo estarem correndo soltos pela mansão?

— Espera. O Maverine tinha prendido aqueles dois *nas masmorras*? — Gideon ficou de queixo caído. — Cacete.

— Tá chateado por ele ter aprisionado os dois?

— Tô chateado por sentir que gosto mais dele agora — respondeu Gideon sombriamente antes de abrir um sorriso largo, torcendo para ser recompensado com um tremelique da sobrancelha dela.

Mas, em vez disso, Keeley decidiu chocá-lo.

Ela deu dois passos largos à frente — e o beijou.

Gideon congelou sob os lábios dela e arregalou os olhos, depois os fechou quando o beijo se tornou mais urgente — os lábios dela se moviam contra os seus com uma certeza que ele sabia que jamais sentiria de novo.

Quando Keeley recuou, ele inevitavelmente analisou seu rosto, o brilho de seus olhos, a curva de travessura em seus lábios.

Aquilo era muito superior a um tremelique de sobrancelha.

Ao ouvir o som da colisão de armas de aço vindo da outra ponta do corredor, a capitã se virou em direção ao combate, secando sua lâmina na camisa do capitão morto. Quando Gideon gritou seu nome, Keeley o ignorou.

Até que a voz dela ecoou pelo corredor, reverberando na alma dele quando ela respondeu:

— Só pra constar… foi de propósito.

Mais um raio atingiu a terra, e o caos veio com tudo, assim como a tempestade. No entanto, Gideon apenas sorriu, levando a mão à boca, antes de sair correndo na direção do perigo. Da morte. De Keeley.

CAPÍTULO 19
Becky

— Ele era um homem, depois virou um sapo. — Becky repetiu as palavras mais uma vez, em voz alta, pois ainda não conseguia acreditar nelas.

— Eu sei, querida Rebecka — disse Blade, com um braço grande ao redor dos ombros dela, segurando-a de maneira protetora enquanto eles subiam as escadas que levavam aos escritórios. Ele aproveitou a oportunidade para passar os dedos na pele dela delicadamente.

— Quanta ansiedade, hein? — comentou ela, envergonhada por estar tão ofegante.

— De te abraçar? Claro. — Ele olhou para ela, divertido, como se o comentário de Becky fosse tão óbvio quanto declarar que o sol era quente.

As bochechas dela queimaram, e um sorriso tensionou os lábios dela até enfim se libertar. Blade, por sua vez, olhou para ela como se ela tivesse lhe dado um presente que não estivera preparado para aceitar.

— Isso aí. Isso é uma coisa de valor imensurável, não é? — Os olhos âmbar de Blade suavizaram e se tornaram levemente sedutores ao encontrarem os lábios dela. Ele apenas saiu de seu devaneio quando Rebecka pigarreou, imediatamente se arrependendo quando o momento acabou.

Mas ele precisava mesmo acabar.

— Acha que a Tatianna e a Clare já encontraram ele?

— Ele está na forma de sapo — falou Blade, pegando o castiçal para iluminar o espaço vazio sinistro. — Pode levar a noite toda para encontrar ele. Talvez *seja mesmo* melhor esperarmos para contar para o chefe… A Clare parece achar que essa era a melhor saída, e o que é que vamos dizer? "Adivinha só, senhor, encontramos o Reinaldo! Só que ele estava na forma de humano! E agora não está mais… Como é, senhor?"

Blade parou por um momento exagerado.

— "Ele ainda está como humano, Gushiken?" — Blade imitou a voz do chefe tão bem que Becky mordeu a língua para conter a gargalhada que ameaçava irromper de sua garganta. — "Pior que não, senhor. Que estranho o senhor esperar isso. Agora ele está em forma de sapo *e* desapareceu". — A última palavra foi encenada por um gesto da mão de Blade. — *Mais uma vez.* Ele está perdido de novo. Eita, nós não temos um bom histórico de busca de anfíbio, Rebecka. Por que não deixa a Clare cuidar disso daqui pra frente?

— Preciso te lembrar de que não é à Clare que devemos lealdade — balbuciou Rebecka, procurando sinais de vida ao redor. — E, quando o chefe inevitavelmente acabar descobrindo, nós seríamos as primeiras pessoas a quem ele apontaria o dedo por ter escondido a informação dele.

Blade fez menção de protestar, mas, quando abriu a porta do escritório do chefe, uma massa enorme colidiu contra ele com tamanha força que ele voou no ar até cair todo destrambelhado no chão.

Rebecka arquejou, esgueirando-se para ampará-lo, mas só teve um momento para reagir antes que mãos fortes a empurrassem para a parede.

— Ora, ora. Se não é a pequena Rebecka Fortis. — Um braço grande apertava a garganta dela, e Becky se viu confrontada por um rosto que vira pela primeira vez anos antes, quando a magia de sua família a escolheu como herdeira.

— Olá, Walter. — Rebecka conseguiu falar por entre os dentes cerrados, destilando o máximo de escárnio que conseguia para alguém de sua antiga vida. — Aceita uma folhinha de hortelã? Seu hálito está tenebroso.

Ela arquejou de alívio quando a pressão em sua garganta sumiu, esfregando o pescoço. Foi então que se deu conta de que Blade havia levantado o homem, o Lorde Walter Loring, pelas lapelas, e estava chacoalhando o sujeito.

— Walter. — Blade abriu um sorriso de dar medo. — Você acredita na vida após a morte?

Walter se debateu e grunhiu sob as mãos de Blade, por claramente não ser páreo para o rapaz de idade bem menor que a sua.

— Não, seu desgraçado de uma figa — retrucou o homem.

— Pois bem, *eu* acredito! — falou Blade, animado. — Por que não fazemos assim: eu te mato e você me conta quem de nós dois estava certo? A menos que a senhorita tenha objeções? — perguntou Blade a Becky, cheio de esperança de a resposta ser não. — Ele não tem relação com sua família, né?

— Deuses, é o Lorde Walter? — Roland, o irmão mais velho de Becky,

escolheu aquele momento para se aproximar, subindo os óculos no nariz.

— O próprio — falou Rebecka, distraída —, mas ele está sob controle. — Ela semicerrou os olhos para o irmão. — Onde foi que você se meteu? — Roland não era apto à enganação, mas ela não ia descartar nada de alguém que ainda morava com a mãe manipuladora deles.

— Estava tentando dar uma ajuda com o veneno do Marvin. As urticárias que a planta do calor me provocou não me deixam mentir. — Roland ergueu as mãos, mostrando as linhas vermelhas marcadas em suas palmas. — Caso não tenha acreditado.

— Só estou sendo cautelosa. — Rebecka olhou para ele como fazia com todos os irmãos, com a expressão que dizia: *Não comece uma batalha comigo se não quiser ir à guerra.*

— Claro. — Roland cruzou as mãos, nervoso. — Escuta, Bex, eu sei que isso é abusar da confiança, mas o veneno do Marvin seria muito mais fácil de se tratar na Fortaleza Fortis. Nossas opções de ervas e plantas mágicas são muito mais variadas.

Rebecka se sentiu ficando alvoroçada, mas Roland nunca tinha sido bom mentiroso. Se ele acreditava mesmo que conseguiria reverter o veneno no organismo de Marv, então… ela teria que deixar que fizesse isso.

E torcer para não se arrepender depois.

— Vou consultar o chefe, mas concordo com você, infelizmente. Ainda assim, você precisa levar dois Guardas Malevolentes junto para que relatem seu progresso.

Roland pareceu satisfeito com a fé que a irmã depositara nele — tão satisfeito que ela achou que ele teria concordado em levar consigo uma centena de Malevolentes.

— Não vou te decepcionar.

— Não. Não vai mesmo. — Ela sorriu para o irmão, e os olhos dele lampejaram atrás dela para o homem que estava se debatendo sob o peso de Blade.

— Mas e aí, o que o Velho Walter está fazendo aqui? — Roland contemplou o homem com mais curiosidade que horror. Um efeito colateral da Morada do Massacre.

— Ele estava aprisionado lá embaixo há quase um ano — começou Becky. — Depois de ter tentado me matar na minha caminhada para o trabalho no outono passado.

A cabeça de Blade baixou para fitar o homem sob seu corpo, e o semblante

amigável que ele geralmente carregava sumiu completamente.

— Ah, ele fez isso mesmo?

— Blade, pare de esfregar o nariz dele no piso; nós acabamos de reformar! — Ela massageou as têmporas. — E, sim, ele fez isso mesmo. Imagino que tenha sido birra por eu ter recusado o pedido.

— De casamento? *Este* homem pediu *você* em casamento? — questionou Blade com o rosto contorcido de nojo. — Tá se achando o bruxão, é, Lorde Walter?

— Seu pentelho! Sou de sangue nobre, membro do conselho privado do rei. Ela teria sorte de se casar com um homem do meu calibre!

Rebecka semicerrou os olhos e puxou uma faca da saia, posicionando-a debaixo do queixo dele.

— Desde. Quando. Você é. Membro do conselho do rei? — Quando o infeliz começou a tremer, a raiva se enroscou dentro dela, descarrilhando todas as emoções que ela deixara à solta.

— Desde pouco antes de eu vir te matar — protestou Walter, gritando quando Rebecka pressionou a faca quase a ponto de tirar sangue. — O Be-Benedict me ofereceu um posto entre seus conselheiros se eu fosse capturado. Era para ele ter vindo me resgatar depois que eu encontrasse… — Ele interrompeu a fala, selando os lábios com firmeza.

— Encontrasse o quê? — indagou Rebecka, a centímetros de fincar a lâmina.

Walter estremeceu, gemendo, mas não cedeu. Seus olhos estavam repletos de medo de algo maior que a morte.

— Só… depois mesmo — sussurrou.

Rebecka ergueu a faca, observando em satisfação enquanto Walter cobria o rosto, choramingando súplicas por sua vida devastadora.

Mas Rebecka Erring era bastante afeiçoada à sua moralidade superior, e recorreria a ela enquanto fosse possível. A faca caiu no chão quando ela a atirou, e quando Walter abriu os olhos, Becky revirou os dela.

— Roland, coloque ele no armário de cartografia até conseguirmos selar as masmorras. Acredito que nossa chefia vilanesca vai adorar fazer mais uma rodada de interrogatório.

Blade se abaixou com espanto e sussurrou:

— De *qual deles dois* você tá falando?

Becky deu uma cotovelada no peito dele.

Roland puxou Walter para cima e o arrastou pelo corredor até o local que

Becky indicara, depois agarrou a maçaneta e abriu a porta.

Alguém arquejou, e então um som de tilintar polvilhou feito poeira sobre os dois homens.

Quando a névoa reluzente dissipou, apenas Roland continuava parado ali, embasbacado pelo que estava atrás das portas do armário de cartografia.

— Rebecka. Acho que tem uma feiticeira no armário.

Com o coração disparado, Rebecka seguiu até lá com Blade em seu encalço. Eles pararam de repente quando avistaram uma jovem em pânico.

Winnifred Erodina, filha da "carcereira" da maldição mágica de Reinaldo, estava sentada no chão com o vestido que lhe fora emprestado caído ao seu redor. Os cachos castanhos desgrenhados estavam mais brilhosos, espigados ao redor dela como se estivessem sendo soprados por um vento invisível. A jovem parecia bastante calma, considerando que acabara de transformar o Lorde Walter… em um caracol.

CAPÍTULO 20

Evie

— **Não sei o que a Lyssa** estava pensando! — falou Evie, enfiando a adaga em mais um Guarda Valente que virara no corredor soltando um grito de guerra.

Ela estava tentando ignorar o som de carne úmida sendo cortada. Não via glamour algum na morte, mas, pelo amor dos deuses, se a coisa toda pudesse ser um tanto menos nojenta, talvez ela não se incomodasse tanto com a ideia de assassinato.

— Por ter se enfiado em uma situação perigosa sem pensar na própria segurança? — Trystan agarrou o homem que estava tentando atacar Evie e quebrou seu pescoço. — Como deve ter sido frustrante pra você. — O sarcasmo estava evidente em seu tom, visível no arco de sua sobrancelha quando ele olhou para ela.

— Eu penso na minha segurança — protestou ela.

Trystan a encarou, torcendo o pescoço de mais um guarda.

— Quando?

Ela contemplou, inclinando a cabeça.

— Quando ingiro lactose.

— Sage!

— Tá! Eu sou irresponsável com meu bem-estar. É de família. Vai querer uma medalha, é? — Ela revirou os olhos ao enfiar a adaga no ombro de um cavaleiro.

— Eu quero que você… — Trystan agarrou um homem pelo pescoço e o golpeou, deixando-o inconsciente com uma cotovelada, depois ergueu a cabeça e soltou um grito alarmado: — Atrás de você!

Evie arquejou quando foi pega por detrás, depois jogada contra a parede com uma força bruta. A dor vibrou por seu ombro com o baque da queda, e sua

visão escureceu por um momento. Em seguida, ela só conseguiu ouvir um som desumano de raiva. Quando os olhos se abriram, primeiro viu um punho se conectando com pele em socos fortes, depois veio uma quietude.

— Evangelina — murmurou a voz de Trystan perto dela. Os lábios dele estavam no cabelo de Evie enquanto ela respirava com dificuldade. — Como está sua cabeça?

— Foi meu ombro, mas estou bem, só um pouco machucada. Estamos quase acabando com esse povo? — Ela fez uma pausa e olhou para a mão dele com a expressão vaga. — Você tá segurando um olho?

— Não queria que você pisasse nele — respondeu Trystan com a voz rouca.

Naquele momento, Gideon dobrou no corredor, ileso. Olhando da irmã para Trystan com uma carranca direcionada ao olho nas mãos do Vilão, ele falou:

— Maverine. Via de regra, as mulheres preferem flores.

— Eu, não. — Keeley deu um sorrisinho ao lado dele.

— Me dá aqui o olho — falou Gideon, gritando e se esquivando quando Trystan o atirou em sua direção.

— Qual é seu relatório, Keeley? — indagou Trystan, passando um braço ao redor da cintura de Evie e ajudando-a a ficar de pé.

— O perímetro leste está limpo. Diversos guardas estão a postos na entrada da masmorra e nos escritórios, que foram evacuados sem grandes lesões. Mas o Silk escapou. Virou um corvo e saiu voando.

Gideon tocou o braço de Evie.

— E a Lyssa?

— Deitadinha no nosso quarto. E de castigo pelos próximos vinte anos — resmungou Evie.

— Vou passar pra ver como ela está — sugeriu Gideon. — Capitã? Pode me escoltar até lá?

Keeley revirou os olhos, mas Evie reparou no leve sorrisinho em sua boca quando os dois seguiram para o quarto de Lyssa. Em seguida, ela pulou quando mais um corpo colidiu com o dela.

— Tatianna! — Sua amiga estava um tanto atordoada e confusa. — Tá tudo bem, Tati?

— Ela está bem — respondeu Clare. — Só abalada. Encontramos alguns prisioneiros fujões no caminho.

Tatianna assentiu, mas não fez contato visual com ninguém.

— Esta foi uma noite horrível. Melhor eu ir ver como o Marv está. Conferir o progresso do Roland. Eu… — Ela olhou para Trystan como se quisesse dizer

algo, depois olhou da mesma forma para Evie. — Acho que estou pronta para ir me deitar. Clare?

Os olhos baixos de Clare subiram do chão.

— Sim?

— Você vem comigo? — indagou Tatianna, estendendo a mão, com uma conversa não verbal acontecendo entre elas. — Os Guardas Malevolentes estão com tudo sob controle. Vamos continuar nosso trabalho de manhã.

Clare engoliu em seco, e seus olhos estavam sem foco quando ela pegou a mão de Tatianna e as duas seguiram juntas em direção ao quarto da curandeira.

— Você viu isso? — Evie soltou um gritinho, entrelaçando os dedos das mãos e apoiando-as debaixo do queixo. — Parece que aquelas duas até que enfim estão tendo algum avanço.

— Parece que sim… — murmurou Trystan, chegando mais perto, sem cerimônia, para limpar um pouco de sangue na bochecha de Evie. — Elas estão escondendo alguma coisa.

— Ah, você e sua negatividade. E se elas só quiserem um pouco de paz e silêncio?

Trystan olhou ao redor com a sobrancelha arqueada.

— Então escolheram o lugar errado para morar.

— Mas a mansão é tão tranquila! — proclamou Evie, fingindo inocência.

— Já foi, um dia — ponderou Trystan, imerso em lembranças. — Antes de você, antes de todo mundo. Eu odiava.

O coração de Evie cresceu tanto que ela ficou preocupada com suas costelas, e deu as costas a Trystan para que seu rosto não revelasse o que ela estava sentindo. Foi então que Evie captou algo entre os prisioneiros inconscientes.

— Por acaso alguém… tirou a calça? — contemplou Evie, pegando a peça de roupa e inclinando a cabeça. — Tem um homem correndo nu por aí?

Uma das fadinhas que voavam por ali parou e disse:

— Isso tem acontecido o dia todo, srta. Sage.

Depois, saiu voando antes que mais alguma pergunta pudesse ser feita.

Trystan puxou algumas mechas do próprio cabelo.

— Está vendo? Tranquila pra cacete. — Ele franziu o cenho quando Evie entregou a roupa para ele. — Tem alguma coisa dura no bolso.

— Eu também achei esquisito da primeira vez que descobri, mas prometo que é normal — provocou Evie com uma risadinha, afastando-se quando Trystan olhou feio para ela enquanto tirava a coisa do bolso. — O que é?

Trystan estendeu o objeto para ela com um semblante preocupado, e o coração de Evie disparou quando viu o que era.

A coroa de Reinaldo.

CAPÍTULO 21
Trystan

A noite caiu e se encerrou sem mais sangue derramado.

Para o azar de Trystan.

— Ela dormiu, finalmente — disse Sage, saindo do quarto de Lyssa e esfregando os olhos, que estavam com círculos escuros borrados nas pálpebras. — Mas só depois de eu pegar com o Blade o novo caracol de estimação dela.

— Está se referindo ao lorde que a Winnifred transformou acidentalmente?

— O nome dele é Florzinha agora… e ele é o novo melhor amigo da Lyssa — falou Evie com um sorrisinho. — Ela acabou de botar ele pra dormir em uma pétala.

Trystan soltou um som que era metade risada, metade bufadela.

— Parece totalmente razoável. Assim como a ideia de você dormir um pouco também. Agora — mandou ele, e a ordem saiu muito mais irritada do que fora a intenção.

— E você não? — acusou ela, estreitando os olhos. A névoa cinza pairava sobre seus ombros, pronta para atacá-lo. Era estranho ver aquela magia como algo externo. Estranho, mas não desagradável. Agora seu lugar era com Evie.

O sol já estava para nascer, e a chuva seguia caindo forte, embora os trovões tivessem parado.

Trystan escoltara um Roland grato e um Marvin ainda aflito pelo pomar de espinhos até a saída, junto a diversos Guardas Malevolentes ladeando os dois. Roland partira com a promessa de retornar assim que encontrasse uma cura entre as plantas mágicas da propriedade da Fortaleza da Família Fortis. O que se provaria uma ideia fantástica, ou terrível. Ele não via a hora de descobrir.

E também não via a hora de testemunhar os desdobramentos do sucesso da feiticeira em treinamento, que no momento estava sentada de pernas cruzadas

na trilha que levava ao pátio onde eles estavam, segurando a varinha sobre as trancas mágicas quebradas e reparando-as lentamente. Mais devagar do que o lorde transformado em caracol — *Florzinha*, Trystan se corrigiu.

Winnifred passara quase a noite toda naquela empreitada, depois de várias horas escondida do barulho e do caos. O restante deles conseguira capturar os piores prisioneiros, os que sobreviveram aos Guardas Malevolentes. O número era baixo, e Trystan se sentiu grato por isso.

Ele não podia se dar ao luxo de perder mais funcionários.

E também não *queria* isso.

A balança já tinha pendido demais em favor de Benedict e, com os novos cartazes de PROCURA-SE estampando o rosto de Sage, o restante do reino provavelmente ia se voltar contra eles mais do que já havia feito. Os únicos aliados de Trystan — fora os contratados ou coagidos — eram malvados à sua própria maneira, e a ideia de algum deles chegar a um metro sequer de Evangelina, Lyssa ou qualquer outra pessoa com quem ele passara a se importar…

— Eu não estava me referindo aos meus hábitos de sono — declarou Trystan, sem delicadeza. — Estava falando dos seus. Pelas minhas contas, você não dormiu uma noite inteira nessa última semana, quem sabe até no último mês. Vá para a cama. — Ele sabia que estava errático demais para aquela conversa, mas não conseguiu deter a própria boca.

Sage cutucou o peito dele, seu dedo como um atiçador afiado, com uma expressão que fazia seus olhos brilharem e sua pele reluzir. O peito dela arfava de raiva, com a curva dos seios subindo e descendo. A visão fez Trystan perder o ar e qualquer pensamento racional. Se ele não tivesse acabado de recuperar o pouco que lhe restava de uma semelhança à humanidade, ele a teria prendido contra o pilar ao lado deles e rasgado seu vestido até seus seios ficarem expostos ao ar frio; assim ele poderia aquecê-los com a boca e…

— Com licença, minha conversa está atrapalhando você ficar babando no meu peito?

— Um pouco — admitiu ele, grunhindo de dor quando Sage lhe deu um chute na canela. — Por que você me faz perguntas que não quer que eu responda? Espero que entenda que isso não faz sentido.

— Não diga que ela não faz sentido — contrariou Winnifred com leveza, fazendo Trystan ter um sobressalto. Ele se esquecera de que ela estava ali, ainda encantando as trancas com sua mão amadora. — Ela está contemplando a forma mais fácil de te matar.

O rosto dele queimou ao focar os olhos estreitados de Sage, que respondeu com um dar de ombros nada arrependido.

— Acho que seria veneno — falou ela simplesmente —, mas o especialista é você. Cortar uma artéria seria melhor? Ou quem sabe estrangulamento?

— Estrangulamento e veneno fazem menos lambança, se você tiver *medo* de sujar as mãos. — Ele enfatizou a palavra para tirá-la do sério, e ela caiu feito um patinho.

— Olha quem fala, o homem que até dois segundos atrás não conseguia admitir que sequer tinha sentimentos, muito menos românticos. — O exagero dela só serviu para inflamá-lo, mas Trystan se controlava melhor que ela.

— Pois bem. Tem razão. De fato reprimi emoções quando elas não me serviam. — Ele esperou a guarda dela baixar e os olhos suavizarem antes de dar o golpe. — Pelo menos eu nunca fingi estar feliz quando não sentia alegria alguma; acredito que isso seja pior.

As narinas de Evie inflaram, e seus olhos escureceram com uma raiva que se manifestou na névoa fumacenta que rondava seu corpo, aguardando uma instrução para atacar. Trystan estava preparado para entrar de supetão na magia. Ir em direção a ela. Mas então, a raiva diminuiu quando ele deu um passo para mais perto, e o olhar contido de Sage assumiu uma certa nuance de confiança.

Aquela mulher nunca parava de tentar. Mesmo quando alegava desistir, sua disposição não dava trégua e sua energia vibrante só brilhava ainda mais com o poder escuro que girava ao redor de seus punhos.

Na época em que aquela mesma magia crescia dentro dele, Trystan aprendeu a viver com a pontada de medo por algo que estava fora de seu controle, algo que fazia parte dele tanto quanto seu cabelo escuro e o ângulo de seu nariz. Uma coisa que lhe era natural também era insatisfatória para o mundo; criticada, rejeitada. Isso doía mais do que um dia ele viria a admitir, e ele se deitaria para levar um golpe atrás do outro daquela mesma magia antes de permitir que Sage sentisse um pouco que fosse de hesitação.

Porque ele não tinha o menor impulso de titubear.

Qualquer receio virara cinzas.

Ele deixaria aquela magia marcar e roubar sua alma antes de dar as costas a ela. Imploraria de joelhos, escalaria as montanhas mais altas de uma prisão encantada.

— Não tenho medo de você, Sage.

— Pois eu tenho! — gritou Winnifred, casualmente seguindo para o grupo

seguinte de trancas.

— Valeu, Winnifred! — respondeu Trystan com um sorriso cheio de dentes que ele sabia que estava mais para um predador do que para um aliado.

— Quem é que está fingindo alegria agora? — provocou Sage, empurrando Trystan até ele pegar suas mãos e puxá-las para o peito. O toque provocou uma sensação de belisco, tão forte que ele soltou um suspiro profundo. Ainda assim, o contato inspirou pensamentos dela abrindo seu cinto e ficando de joelhos para…

— Trystan Maverine está excitado — declarou Winnifred detrás de Evie. Selando os lábios quando se deu conta do que falara, ela fez cara de inocente e acrescentou: — Peço desculpas. — No entanto, o pedido veio acompanhado de uma correção descarada: — *Vocês dois* estão excitados. Posso ir? — O tom dela indicava que suas observações eram tão genuinamente inocentes quanto encantadoras.

E vergonhosas.

As bochechas de Sage ficaram vermelhas, mas então o som de uma conversa se aproximando indicou uma segunda plateia indesejada.

— Srta. Erring. Não deveria estar na cama? — questionou Trystan. — O que é isto?

Becky surgira de detrás de um pilar, e agora Tatianna e Clare se juntavam a ela. O grupo já tinha tido dias melhores. As três estavam cansadas, abatidas, com uma necessidade imensa de cumprir oito horas de sono. E provavelmente nenhuma delas teria isso.

— Trouxemos o café da manhã para o lado de fora — ofereceu ela, balançando uma cesta nos dedos.

— Para o lado de… — Trystan parou de falar e olhou feio para Sage, que estava sorrindo toda acanhada e dando passos cautelosos para trás. — Você contou pra elas, sua pentelha!

Sage lançou as mãos no ar.

— Sua aversão à palavra "piquenique" não é novidade pra ninguém.

— Não é uma *aversão* — resmungou ele. — É uma preferência por… Não, tirem esse cobertor daqui. Assim que a Winnifred terminar com as trancas, vamos todos para nossos respectivos cantos para nos recuperarmos. Precisamos pegar os guvres ainda hoje e começar a bolar um plano para roubar o livro… — Um bolinho invadiu a boca de Trystan, e as pontas dos dedos de Sage roçaram seus lábios. Quando ela se deu conta de que ele a estava fitando, ela corou e baixou as mãos de volta às laterais do corpo.

Ele não as pegaria.

Encará-las com cara de babão era obviamente a opção menos patética.

— Se aquieta aí e come seu bolinho, Soberano do Mal — incentivou ela com delicadeza, depois mordeu um morango e lambeu os beiços. Trystan cerrou as mãos e respirou fundo para se acalmar, tentando evitar que Winnifred sentisse o rumo que seus pensamentos tomaram dessa vez. — O café da manhã do lado de fora começou.

— Cadê o sapo? — murmurou Winnifred, cuja curiosidade pelo visto era a única falha em seu comportamento tímido. Trystan ponderou se a personalidade dela havia nascido de uma prudência inata ou se fora imposta a ela, assim como a dele próprio.

Por sua mãe odiosa.

Tatianna tampou um riso com as mãos; seu olhar estava rígido e desconfortável.

— Quanto a isso… temos algumas… novidades, Trystan.

— Mas pode esperar até terminarmos de comer — acrescentou Clare depressa.

— Essa foi a última tranca — falou Winnifred, ficando de pé para bater a sujeira das saias. As manchas roxas debaixo de seus olhos contrastavam com a pele. — Não sei se o que fiz deu certo. Vocês vão ter que testar. E não tem garantia de que elas vão aguentar se mais uma onda de magia decadente atingir a mansão.

Trystan se levantou, estendendo a mão para apertar a dela.

— Obrigado.

Winnifred ficou estarrecida com o gesto — isso ficou evidente em seus olhos arregalados —, mas ela o cumprimentou mesmo assim, perguntando baixinho:

— Senhor, quando vai poder considerar o favor que pedi?

— Vou fazer os preparativos. — Trystan estava tentando ser amigável e ofereceu a ela um bolinho. — Peço que primeiro descanse por algumas horas, depois veja se ainda quer voltar à residência da minha mãe.

Isso arrancou Clare de seu torpor.

— Espera aí, o quê? Por que é que você ia querer voltar para aquele lugar?

— Meu trabalho é lá — respondeu Winnifred, desconfortável, vertendo os olhos de um lado para o outro. Aquela moça fora condicionada a encontrar conforto no desconforto. Uma coisa era fato: ela com certeza encontraria desconforto onde quer que a mãe de Trystan estivesse. — A sra. Maverine

acabou de perder o marido, com quem foi casada por trinta anos. Devo muito a ela por todo o tempo em que cuidou de mim, e ela vai precisar de ajuda com o velório.

— Aquela mulher prendeu sua mãe por um crime que ela mesma cometeu. É uma santa mesmo — resmungou Tatianna com sarcasmo, usando seu laço rosa-claro favorito para prender o cabelo e tirá-lo da frente do rosto.

Winnifred ficou tensa e fechou a boca, franzindo o cenho em uma confusão frustrada.

— Arthur Maverine foi a única pessoa que me tratou com gentileza desde que comecei a trabalhar para eles. Eu gostaria de respeitar sua memória ajudando com o velório. A Amara só vai permitir se eu continuar trabalhando para ela. Disso tenho certeza.

Tatianna relaxou, capaz de saber quando tinha pegado pesado demais.

— Sinto muito pelo que eu disse. Você claramente teve experiências com ela que não sou capaz de entender. Era ela quem eu estava julgando, não você. Peço desculpas.

Parecia que Winnifred respondia a pedidos de desculpa da mesma forma que Trystan — com desconforto. Assentindo, ela se virou para pegar a varinha brilhante e a guardou na lateral do corpo.

— Tentem abrir a primeira tranca em que mexi. Ela é a que está há mais tempo com o encantamento. — Em seguida, a feiticeira deu as costas para ir embora.

Trystan viu um borrão de movimento de canto de olho, perto de onde Winnifred acabara de passar para uma sombra abaixo do toldo do telhado, fazendo com que ela desse um gritinho. O susto foi grande o suficiente para ela soltar magia cintilante pela varinha em faíscas pequenas, resvalando no teto acima.

Que desmoronou e caiu.

Bem na direção de Winnifred.

Um grito ressoou pela manhã, e cada um deles fez menção de salvá-la, mas o borrão foi mais rápido — um borrão verde que mergulhou de cabeça no ar, na direção de Winnifred e da pedra que caía.

O restante foi ilusão de ótica — só podia ser. Porque, quando a pedra caiu, uma luz mais forte brilhou, e a queda da pedra foi detida. Não por Winnifred.

Não por Reinaldo, o sapo.

Havia um humano ali, segurando a parede com as duas mãos à medida que a luz verde brilhante se dissipava, revelando quem interviera.

Não. Não era Reinaldo, o sapo.
Era Alexander Reinaldo.
O humano.

CAPÍTULO 22
Reinaldo

Como homem, o sol tinha um efeito diferente.

Os raios tocavam sua pele nua, e seu corpo transformado cantava em resposta, de repente muito maior do que estava segundos antes. Maior e mais forte. Fitando a mulher assustada que o encarava, ele observou seus olhos baixando e subindo de volta, seus lábios cor-de-rosa se separando, os olhos verdes mais arregalados do que qualquer outro par que ele já tivesse visto, as maçãs do rosto assumindo o tom de papoulas… ou de sangue.

Alexander percebeu que muita coisa havia mudado desde sua última vez como humano. O cavalheirismo que ele teria demonstrado e o orgulho por salvar uma bela moça simplesmente não estavam ali. Em vez disso, havia um sentimento oco, talvez uma mesquinhez de alívio pelo fato de a jovem feiticeira não ter sido esmagada.

Embora ele a achasse um tanto grosseira. E insuportavelmente observadora.

Lembrete: não salvar donzelas que tentaram te exterminar com uma vassoura.

Com um som rouco que era para ter sido um grito, ele forçou até o limite cada músculo que esquecera que tinha, empurrando o pedaço do que imaginava ser uma parte podre do telhado até que se espatifasse no chão. Apropriado, considerando que o mundo que eles conheciam parecia estar seguindo o mesmo rumo.

— Alexander? — Trystan Maverine, seu melhor amigo, seu parceiro no crime, quem o mantivera seguro e são ao longo dos anos, um príncipe a seu próprio modo, disse seu nome da forma como alguém chamaria um espírito com questões a acertar, da forma como alguém falaria com um túmulo.

Alexander Reinaldo ainda não estava morto.

Mas certamente tinha questões a acertar.

— Que os raios me partam agora — lamentou Clare nas mãos, desolada, bem como fazia quando era criança e se deparava com uma tarefa difícil demais.

Alexander queria responder. Beirava o desespero. Cada frase irritantemente longa que ele não conseguira dizer, cada gracinha que não pôde fazer, cada vez que ele bolara uma resposta tão afiada que era quase criminoso que não pudesse vocalizá-la… tudo ameaçou vazar de dentro dele. No entanto, suas cordas vocais estavam tão enferrujadas quanto seus braços. Quando a adrenalina baixou, ele não conseguiu falar — nem se manter de pé.

Winnifred, no entanto, *conseguia* falar. E, a julgar pelas interjeições e pelas mãos cobrindo seu rosto, ela não estava nem um pouco feliz com a situação.

Talvez porque um telhado quase a esmagara.

Ou porque Alexander estava em cima dela — nu.

Não importava. Ele jamais pousaria em cima de uma mulher que não tivesse pedido com entusiasmo, então o que fez foi rolar para o lado, esparramado feito uma estrela-do-mar destroçada.

Porque ele era um cavalheiro, cacete.

— Mas que raios?! — A voz melódica de Tatianna soou feito um hino, um borrão cor-de-rosa avançando até ele. — Olha pra mim. — Ela levou os dedos às bochechas dele, segurando Alexander no lugar com as mãos brilhando, em busca de males debaixo da pele recém-transformada em humana.

E por acaso ele já não estava olhando para Tatianna?

Não, príncipe dos tolos, você ainda está encarando a feiticeira odiadora de sapos.

Ops. Será que ele estava olhando por tempo demais?

Você tem sobrancelhas agora. Cuidado com elas, seu energúmeno.

Foi como se a profundeza de sensações dentro dele explodisse até atingir um tamanho improvável. Tudo era grande demais, claro demais, barulhento demais. Ele cobriu os ouvidos com as mãos, e o sol o obrigou a fechar os olhos. Em seguida, Alexander sentiu algo macio sendo colocado sobre seu corpo, e ouviu cochichos de vozes que conhecia bem.

Evie Sage sussurrou:

— Ele desmaiou?

Clare tossiu e perguntou, hesitante:

— Ele morreu?

— Pelo amor dos deuses, Clare! "Ele morreu"?! — sibilou Trystan.

— Ué, é uma pergunta válida! Tá parado que nem estátua!

A resposta ousada de Clare deu a Alexander o solavanco de que ele precisava para exercer um esforço considerável e abrir os olhos. Para seu espanto, ele não estava mais deitado no chão do pátio da Morada do Massacre, porque sua cabeça estava aninhada em uma almofada. A maciez não era familiar, mas o rosto que pairava sobre ele era um que Alexander reconheceu o bastante para fechar a cara.

Winnifred estremeceu quando os olhos dele encontraram os seus, e parecia estar pronta para que o chão a engolisse.

Erguendo o torso para se sentar, Alexander levou as mãos às costelas e bisbilhotou Trystan parado no canto, observando-o com o olhar cauteloso. E também havia Evie, com emoções conflitantes estampadas no rosto, vertendo os olhos entre Trystan e Alexander com uma expectativa que geralmente se via no rosto de uma criança assistindo a um espetáculo no circo.

E então, Trystan foi até ele, e Alexander de repente se incomodou por não estar de pé, querendo encontrar seu melhor amigo na mesma altura, só para variar. Ao se levantar, ele percebeu que suas pernas estavam mais firmes, além de cobertas com uma calça com a qual alguém o vestira enquanto ele estava inconsciente. Ele também estava vestindo uma camisa branca larga que caía pelos ombros, cobrindo seu corpo alto.

Corpo alto.

Ele tinha um corpo alto.

Era uma reviravolta inacreditável, para ser sincero.

Quando ele e o amigo ficaram próximos um do outro, Trystan sacudiu a cabeça, admirado.

— Como?

Alexander não soube o que foi a gota d'água. O que dentro dele voltou ao lugar o bastante para que ele apontasse para Winnifred Erodina e dissesse sua primeira palavra clara em uma década.

Sua voz saiu rouca e laboriosa, tão brutalmente difícil que quase não conseguiu. Mas falou.

— Ela.

Winnifred ergueu a cabeça e o encarou como se ele a tivesse acusado de roubar comida de órfãos.

— Eu? — Ela apontou para si mesma, assustada com uma confusão infelizmente adorável, depois abanou as mãos como se isso fosse mudar a revelação. — Mas o que eu fiz não funcionou.

— Encontrei ele assim dois dias atrás — admitiu Clare em uma confissão

apressada.

— Você o quê? — perguntou Trystan com um tom baixo de alerta.

— Aposto que ela teve um bom motivo! — Evie tentou apaziguar.

Clare estremeceu.

— Não achei que você estivesse pronto para lidar com isso.

Evie bufou e acenou.

— Poxa, me ajuda a te ajudar, né.

Alexander balançou a cabeça e segurou o ombro de Trystan, olhando para ele com um tanto de remorso. Porém, o homem nunca fora muito adepto a emoções.

Então, naturalmente, Alexander foi pego de surpresa quando Trystan tomou a iniciativa de abraçá-lo primeiro.

Alexander ficou imóvel. A sensação de ser abraçado era tão estranha que por pouco ele não se esqueceu do que fazer com os braços. Mas enfim abraçou o amigo de volta.

— Awn! — Evie deu pulinhos. — Que fofo. Vou chorar.

— Não faça isso — respondeu Trystan, seco, soltando-se de Alexander e apontando para ela como ameaça. — Não tenho como aguentar mais perturbações emocionais hoje.

— É assim que você vai me chamar agora? — retrucou Evie. — Meu novo título. Pode me chamar de realeza… — Ela parou, virando-se para ele com uma sobrancelha arqueada. — Foi mal. A palavra "realeza" te dá gatilho?

— Pode ter certeza de que o que eu mais quero agora é apertar um gatilho — respondeu Trystan, ainda indiferente, depois se virou para Clare. — Não acredito que você escondeu isso de mim.

Clare deu um passo à frente, com a culpa pesando sua cabeça.

— Eu posso explicar.

Clare contou sobre como Alexander se aproximou dela, falou do tempo que ele passou como humano andando pela mansão, desaparecendo e ressurgindo — muitas vezes sem calça — e sobre sua transformação bastante confusa a sapo em momentos imprevisíveis.

— E qual é o denominador comum? O que o fez se transformar de volta? — contemplou Tatianna.

— É ele. A culpa é toda dele — sussurrou Winnifred, e Alexander se virou para olhar para ela com tamanha rapidez que ela cambaleou para trás. Ele deveria mesmo parar de matar a pobre coitada de susto. Mas ele tinha a forte sensação de que ela não se sentia nem um pouco intimidada por ele.

— Maravilha — respondeu Alexander. A cada sílaba que ele falava, parecia que facas estavam dando piruetas em sua garganta. — Por quê?

Winnifred abriu as mãos no ar.

— Eu só *sei*. É como se alguém estivesse sussurrando respostas no meu ouvido, mas elas geralmente são vagas e um pouco… — Ela parou de falar quando se deu conta de que o grupo todo a encarava, e então murchou feito grama arrancada pela raiz. — Eu só tenho a sensação de que o motivo da mudança está dentro de você mesmo — balbuciou enfim.

Alexander também tinha uma sensação. Era uma mescla de perplexidade e carinho.

— Não vamos contar a ninguém que ele se transformou — mandou Trystan com uma autoridade que lhe era merecida e que fez todo mundo ali presente endireitar a postura. Todo mundo, exceto Evie, que escutou como se a ordem tivesse sido dada por um mosquitinho que passou voando sobre sua cabeça. — Algo a acrescentar?

— Agora temos mais motivo ainda para trazer o Lionel o quanto antes — falou Evie.

— Depois dele, quer que invoquemos uma praga também? — resmungou Trystan.

— O Lionel é o principal Conselheiro de Maldições do reino — ressaltou Evie. — Ele vai poder nos dar respostas mais concretas do que conseguiríamos se ficarmos chutando.

— Tenho receio de que, se o Lionel estiver a três metros da minha casa, eu vou é chutar *ele* — retrucou Trystan.

Evie deu de ombros.

— Fique à vontade pra fazer isso. Só espera até a gente ter conseguido o que precisa dele.

Trystan abriu a boca, embasbacado.

— Isso é um tanto cruel.

Evie fez biquinho.

— Só um tanto?

Era surreal para Reinaldo ver aqueles dois se bicando, depois de ter passado o que parecia ser uma vida inteira observando os dois por baixo de seus queixos.

Tatianna finalmente interrompeu.

— Vamos manter o Alexander em segredo até decifrarmos o resto da profecia — falou a curandeira, entregando um tônico a ele. — Pra dor muscular.

Alexander aceitou, grato, e bebeu tudo fazendo careta. Era melhor que comer moscas, mas não ganhava de lavada.

Naquele momento, Blade irrompeu no cômodo tão abruptamente que todos deram um pulo de susto, incluindo Alexander, que não pulava — como humano — havia muito tempo. O treinador de dragões estava ofegante e com as mãos nos joelhos ao falar, alarmado:

— Eu estava colocando a sela do Fofucho perto do pomar quando um homem… ele pulou na garupa dele e… — Blade levou a mão ao coração como se alguém o tivesse arrancado. — O desgraçado está levando um animal inocente pra dar uma voltinha. Me ajudem!

— Quem faria algo assim? — indagou Winnifred em voz baixa, sugando os lábios. Alexander acompanhou o movimento, sem entender por que ele era tão notável.

Clare abriu um sorriso quando o dito-cujo passou voando pelo cobertor de piquenique do grupo.

— No caso, o melhor dos irmãos Maverine.

Trystan soltou o ar antes de ir atrás do dragão, gritando o mais alto que pôde.

— Malcolm! Desça já desse dragão, cacete! Agora!

CAPÍTULO 23
Tatianna

Tatianna não era lá muito otimista, mas também não era pessimista. Ela acreditava em ponderar as opções disponíveis e em entender que, independentemente de qual fosse, *algum* resultado viria. E era melhor estar preparada para todos os tipos de contingências.

Incluindo impedir o Maverine primogênito de matar o caçula.

Depois de Malcolm ter pousado o dragão no pátio, Blade correra para acalmar o animal. Becky se juntou a ele, ajudando ao subir a cesta trançada para capturar os guvres. No entanto, Trystan apenas ficara parado, frio que só e com uma cara de quem estava prestes a esmurrar o sorriso de Malcolm a qualquer segundo. Por isso, Tatianna sabia que precisava seguir com cautela. Assim que as irmãs Sage chegaram para a reunião extraoficial na cozinha, ela teve que calcular suas ações com perfeição.

Alexander Reinaldo também estava sentado à mesa — uma visão bizarra pelos parâmetros de qualquer um. Titubeando, ela se sentou ao lado dele, tamborilando as unhas de esmalte vibrante na madeira da mesa, olhando de soslaio para o amigo anfíbio.

Edwin quebrou o gelo com a mesma facilidade de sempre, indo bagunçar o cabelo de Alexander com afeição.

— Como é bom ter você de volta, Sua Alteza. Não concorda, sr. Trystan?

O medo de decepcionar o ogro fez com que todos inspirassem fundo, endireitassem a postura e, por fim, assentissem.

— Você está ótimo, Edwin! — Malcolm sorriu, pegando a mão do ogro ao aceitar uma caneca de cerâmica cheia de elixir de caldeirão. — Tem lido alguma coisa boa ultimamente?

Edwin deu a Malcolm um sorriso caloroso em resposta, seu olhar repleto de

carinho.

— Estou relendo um favorito das antigas. *A perspicaz sociedade do espartilho*. Seu irmão me chamou para fazermos uma leitura conjunta.

Trystan parou com a caneca na metade do caminho à boca, os olhos escuros fixos na louça mesmo quando todos se viraram para encará-lo.

Evie ficara paralisada à porta, com a boca formando um pequeno *O*. Ela havia trocado de roupa e colocado um vestido limpo — presente de Tatianna, feito de tecido verde-claro e bem justinho na cintura. Evie bateu as mãos na saia florida, aparentemente prestes a explodir de tanto conter a risada.

Não havia necessidade. A estrutura do espartilho já fazia isso bem o suficiente.

Tatianna acreditava em muitas coisas: sua capacidade de vestir os amigos adequadamente, respeitando a paleta de cores de cada um; suas habilidades de cura; mas, acima de tudo, ela acreditava em si mesma, em seus instintos. Era preciso aceitar qualquer cenário que aparecesse.

Ela não tinha como saber que seria tão divertido quanto *aquele*.

— *Você* tá lendo… safadeza? — concluiu Tatianna, atingindo o pico de animação a que uma pessoa era capaz de chegar.

Trystan travou o maxilar e apontou um dedo acusatório para ela sobre a mesa.

— Estou lendo um livro sobre sentimentos complexos e um turbilhão de emoções. É cativante. — Ele falou com a voz tão calma e sem emoção que deixou tudo ainda mais engraçado.

— Já chegou ao capítulo seis? — Tatianna uniu as mãos, como as pessoas faziam quando iam rezar.

Trystan franziu o cenho.

— Não.

Evie tossiu na própria mão, chamando a atenção dos demais para si e para a chegada de Lyssa.

— O que tem no capítulo seis? — perguntou Lyssa, entrando aos rodopios atrás da irmã mais velha.

— Nada! — disseram em uníssono Evie, Tatianna e Edwin.

— Duvido que não seja nada — resmungou Lyssa, baixinho.

— Milady! Você está ótima! — Malcolm se levantou da mesa e apareceu diante de Evie com uma reverência baixa, fitando-a de cima a baixo. — E… daminha! Olá.

Tatianna viu o perigo à frente e se aninhou em sua cadeira. Aquilo ia ser, no

mínimo, divertido.

— Malcolm? — disse Trystan em voz baixa.

— Sim, irmão?

— Volte à mesa antes que eu enfie sua cabeça nela. — Trystan proclamou a ameaça todo casual, fulminando com o olhar o rosto vermelho de Evie.

Lyssa parecia nem se importar com o que estava acontecendo. Apenas com a forma como tinha sido chamada.

— Não sou uma dama; sou uma *vilã*.

Malcolm riu, dando um tapinha no ombro de Evie.

— Deve ser um negócio de família dos Sage, levando em conta aquele belo pôster de procurada que vi pelo caminho.

Evie perdeu a cor.

E Tatianna bufou.

O punho de Trystan voou pelo ar na direção do rosto de Malcolm, que foi nocauteado ao chão.

— Trystan! — protestou Evie, puxando-o pelo braço.

— Me ensina a fazer isso?! — sussurrou Lyssa para o quadril de Trystan.

Trystan deu trégua à sua raiva e olhou para ela com ternura, assentindo, antes de voltar a encarar o irmão. Lyssa ignorou o homem deitado no chão para dar pulinhos de alegria.

O coração de Tatianna derreteu um tanto quando ela viu. A semelhança entre as irmãs, a corda invisível que as atrelava.

Aquela ia mesmo ser uma conversa terrível.

Malcolm manteve o bom humor habitual de quando se bicava com Trystan, graças aos deuses. Era melhor assim. Considerando que ele testava a paciência de todo mundo.

— Peço desculpas — falou ele, levantando a bochecha do chão. — Pensei que a promoção talvez fosse algo bom. Já estava na hora de você ter uma vilã rival; a perversidade estava subindo à sua cabeça.

Seu pateta. Tatianna coçou os olhos. O fato de eles terem conseguido manter Malcolm vivo na presença de Trystan por tanto tempo ou era um milagre ou uma sorte que já se esgotara.

— Ela não é minha rival — falou Trystan por entre os dentes. — Sage, ignore-o.

— Eu *poderia* ser sua rival — protestou Evie, semicerrando os olhos. Parecia que ela estava considerando a recusa de Trystan um insulto.

Tatianna amava isso nela.

Trystan a fitou, confuso, e um som rosnado de Alexander veio em seguida. Ele estivera assistindo à interação com um sorriso enorme — Tatianna achou a cena adorável e familiar, mas também diferente. Alexander parecia mais velho do que da última vez que ela o vira.

Dez anos se passaram para ele no tempo humano. E ele não aproveitou nem um pouco, pensou ela, sentindo uma pontada.

— Senti tanta saudade da sua recepção calorosa, irmão — falou Malcolm, enquanto Edwin o ajudava a ficar de pé. — E Alexander! Pensei que eu tivesse vindo apenas pelo luto de meu pai, mas vejo que temos algo maravilhoso para celebrar também.

Alexander respondeu àquela emocionada declaração… ignorando-a. Estava distraído demais com uma mecha de cabelo que caía em sua testa, como se a sensação o assustasse tanto a ponto de ele começar a debater os braços, pronto para lutar contra um ataque invisível.

Quando percebeu que não estava correndo perigo algum, ele deu um sorriso acanhado para o grupo.

— Ah.

A única palavra causou uma onda de gargalhadas, e até mesmo os lábios de Trystan repuxaram para cima. Lyssa inclinou a cabeça e deu um passo à frente.

— Por que o senhor estava verde? Passou mal?

— Ele engoliu muito sapo — acrescentou Evie com um brilho travesso nos olhos.

Tatianna se inclinou para a frente, escondendo o rosto nas mãos.

— Alguém conta pra ela, por favor. — Do contrário, ela nunca mais ia parar de rir.

Quando Trystan se ajoelhou para ficar na altura de Lyssa, deu a notícia da transformação de Reinaldo com uma gentileza que ele só exprimia quando conversava com as irmãs Sage.

Aquela mesma delicadeza tomou conta do coração de Tatianna quando a mão de Clare encontrou a sua debaixo da mesa, e seu estômago deu uma pirueta. Ninguém no mundo tinha o poder de agitá-la tanto. Ninguém tinha o poder de ter seu coração nas mãos. Somente Clare Maverine e sua aversão a glitter.

Evie aproveitou o momento para tocar a reunião.

— Tatianna, você me chamou?

O coração de Tatianna disparou, e Clare apertou sua mão.

Respirando fundo para se acalmar, ela apoiou as mãos de cada lado da mesa

para ficar de pé, deu a volta para pegar as mãos de Evie e a puxou mais para dentro do cômodo.

— Minha querida amiga. — Tatianna engoliu em seco depois de dizer as palavras, sem saber quando o nervosismo se tornara parte de seu limiar emocional. — Eu estava na esperança de você considerar… Bem, o Blade acha que, se pudermos tornar o ninho com os ovos de guvre viável novamente, mesmo que só por alguns segundos, talvez isso seja o suficiente para atraí-los de volta, e assim poderemos capturá-los de novo.

Evie a encarou, aparentemente desnorteada com a ideia.

— Mas o que isso tem a ver comigo?

— A magia de luz estelar é o tipo que mais cura — intercedeu Clare, e Tatianna olhou com gratidão para ela, uma expressão que misturava um "obrigada" com um "por favor, me salve desta tortura".

— Mas minha mãe não tem mais magia… — Evie ficou boquiaberta e se virou para a irmãzinha, que pegava cubos de açúcar de um recipiente. — Peraí, a Lyssa? Vocês querem usar *a Lyssa*? — A traição ficou evidente em sua voz.

Trystan parecia aterrorizado.

— Vocês todos perderam a noção?

— Vai fingir que não sabia? — Evie se virou para ele com os olhos marejados. — O que foi? Vocês todos se juntaram para planejar a melhor forma de me emboscar com essa ideia?

Trystan estremeceu, fechando os olhos por um momento antes de se acalmar.

— Não, Sage. Eu… eu jamais faria isso com você. — Ele parecia quase magoado, e foi a vez de Evie estremecer.

— Eu quero tentar — murmurou Lyssa, chamando a atenção de todos para si. Ela abandonara a busca por açúcar e agora parecia tranquila, séria, com as mãozinhas cingidas debaixo do queixo. — Já falei para o Blade que topava.

— Ele pediu direto pra você? — Evie arquejou, tão chateada que Tatianna sentiu o coração se partindo feito um graveto.

— Ele falou que preciso da sua permissão. — Lyssa segurou a mão de Evie, tentando fazê-la entender o que eles todos sabiam. — Mas me perguntou primeiro porque a magia é minha e eu deveria ter direito de dar pitaco em como posso usar. Vou com eles, Evie. Vai ficar tudo bem, eu *prometo*.

Não havia mais lágrimas nos olhos de Evie, agora as gotas escorriam por seu rosto.

— Mas é meu dever te manter segura. Nunca vou te prender, mas será que

você não pode me deixar te proteger, por favor?

Lyssa parecia muito mais velha que seus dez anos de idade ao responder, cheia de sabedoria:

— Você não vai poder me proteger pra sempre, Evie.

A verdade mais cruel sobre criar uma criança.

Com delicadeza, Edwin colocou a mão no braço de Evie, cujo lábio tremia.

— Sei disso. Eu sei que eu… Pois bem. Se você insiste nisso, então vou com você e…

— Você não pode ir junto. — Clare ficou de pé, assumindo as palavras que Tatianna não tinha forças para falar. — Não estou dizendo por mal, Evie, acredite em mim. Mas os pôsteres te dando como procurada estão por toda parte. A esta altura, todo mundo no reino e além conhece seu rosto. Você vai chamar mais atenção a eles.

— Tudo bem. Não preciso de você lá — garantiu Lyssa, e Tatianna pensou que talvez essas fossem as palavras mais brutais que Evie já escutara na vida.

Mas ela só deu um sorriso fraco para a irmã.

— Claro que não precisa, docinho. — Sua voz falhou no final, mas seu sorriso continuou firme.

Lyssa franziu o cenho.

— Por que está tão triste?

Evie se apressou para confortar a irmã, para tranquilizá-la com um ânimo mais favorável.

— Você vai se sair superbem. Só estou cansada. O Blade vai te proteger.

— Eu também vou — acrescentou Tatianna, esperando que Evie fosse olhar feio para ela. Porém, Tatianna só viu dor quando Evie se virou em sua direção e assentiu com a cabeça, entristecida, mas resoluta.

— É muita gentileza sua, Tatianna. Por favor, me avisem assim que voltarem, tá bem? — Evie se abaixou para dar um beijinho na bochecha de Lyssa. — Boa sorte — sussurrou ela, depois fungou. E, com um esvoaçar das flores delicadas no bordado da saia, Evie foi embora.

A reunião da cozinha tinha sido um sucesso estrondoso.

E Tatianna estava se sentindo péssima.

CAPÍTULO 24
Gideon

— O que está fazendo, senhor cavaleiro? — A voz de Keeley era um som bem-vindo no estado em que Gideon se encontrava. Suado, seminu e um tanto sujo.

Coisas que ele adoraria que tivessem sido causadas por ela, não pelo excesso de trabalho manual.

Ele olhou de relance para ela, fingindo indiferença, como se estivesse tão entretido pela tarefa que mal reparasse na presença da capitã. Uma farsa, na real. Ele *só* reparava na presença dela. Não na empreitada que tinha nas mãos e pouco na ansiedade pelo voo iminente de sua irmã caçula no Fofucho.

Gideon precisava manter o foco para quando eles voltassem. Tatianna, Clare e Blade jamais permitiriam que algo de ruim acontecesse a Lyssa. E, se não bastassem eles, Rebecka Erring também ia junto — o que, na opinião de Gideon, significava que as únicas pessoas em perigo eram as que ficassem no caminho dela.

— Cacete! — disse Gideon por entre os dentes, largando um pedaço de madeira ao lado do carrinho e segurando o ombro, depois olhando feio para a Capitã Catástrofe. — Quase partindo meu braço ao meio, pelo visto.

Keeley encarou o machucado, forçando-o a flexionar os bíceps — ou levando-o a fazer isso. No entanto, o movimento só fez o corte no braço dele sangrar ainda mais. Havia um custo, aparentemente, à vaidade dele.

A capitã deu um passo à frente e, com os dedos sem luva, tateou as beiradas da ferida.

— Sinto muito — falou ela em voz baixa. — Você está bem?

Gideon a encarou.

— Acho que bati a cabeça.

Keeley teve um sobressalto, em pânico.

— O quê? Quando?

— Pareceu que eu te ouvi pedir desculpa. Devo estar com o pé na cova.

Keeley soltou um suspiro de frustração que deixou Gideon tonto.

— Estou tentando te ajudar, mas, como sempre, você está dificultando as coisas. Vem aqui e se senta. — Sem cerimônia, ela arrastou Gideon pelo braço intacto e o forçou a se sentar nas pedras no pátio dos fundos, pegando as ferramentas para dar pontos. O sol estava começando a se pôr no horizonte: o momento ideal para atrair a atenção dos guvres, debaixo da cobertura da noite.

Gideon estava no limite, devido à punição que se autoinfligira por todos os erros que tinha cometido. Com… bem, com tudo. Parecia que, desde o retorno, ele vinha dando seu melhor para compensar a ausência e suas escolhas egoístas e terríveis.

Infelizmente, o arrependimento não amenizava a culpa.

Ela ardia ainda mais, a ponto de ser insuportável.

Assim como sua ferida quando Keeley jogou um líquido transparente, fazendo com que ele sentisse uma dor de lascar.

— Mas que raios, Capitã! — Ele tentou tirar o braço, mas ela já estava secando a ferida com batidinhas de uma toalha limpa, preparando uma agulha e uma linha para unir os dois lados do corte feio. — Você gostou, né? — acusou ele, vacilando quando os lábios de pétalas de rosa de Keeley repuxaram nos cantos.

— Gostei — concordou ela, descaradamente, puxando a linha com cautela, tão concentrada que Gideon teve uma visão perfeita de seu rosto. O nariz sempre arrebitado, os lábios volumosos, as covinhas nas bochechas que pareciam ser um lugar perfeito para a boca dele.

Gideon semicerrou os olhos, desconfiado.

— Essa sua gentileza comigo não é normal.

Ela se engasgou com a risada.

— Eu acabei de assumir que gosto de te machucar. É isso que você chama de gentileza?

— É que você sorriu — falou Gideon, casualmente, para não assustar a capitã com um elogio tão intenso.

Keeley se assustou mesmo assim e ergueu a cabeça. O pôr do sol transformava seu cabelo cor de mel em um feixe de mechas douradas enquanto ela dava nó nos pontos.

— Gideon. — O nome dele soava indecente nos lábios dela, e ele precisou de toda a força que tinha para se conter. Estava nojento, fedendo a suor, e nem

um pouco em condições de jogar charme para alguém.

— Você acha que… — começou ela, cautelosa.

Se ele achava o quê?

Que ela deveria beijá-lo de novo?

Casar-se com ele?

Bater em sua cabeça com uma pedra?

Passar o resto dos dias dele jogando álcool em suas feridas?

Ele aceitaria todas as alternativas, contanto que ela nunca mais parasse de dizer o nome dele daquela forma.

Infelizmente — ou felizmente —, ele jamais saberia, porque naquele momento, avistou uma mulher entrando no pomar de espinhos, com a saia esfarrapada formando um rastro enquanto preparava o corpo mirrado para sair correndo.

O que era um dos passatempos favoritos… da mãe dele.

— Peço licença, Capitã — murmurou Gideon.

Com passadas longas, ele a alcançou em um piscar de olhos, de tanto que ela pelejava para avançar no pomar de espinhos.

— Mãe. — A palavra era tão carregada que deveria ter acendido uma faísca, transformando a natureza ao redor em brasas, mas em vez disso, só fez Nura parar.

Ela não se virou, mas Gideon conseguiu ver a rigidez de seus ombros, com a bolsa jogada sem jeito pendendo na altura da cintura. As botas robustas nos pés, o manto ao redor dos ombros. Eram peças usadas por alguém que estava fugindo.

Que estava indo embora.

— Volte para a mansão, Gideon — falou a mãe em uma voz e em um tom muito mais firmes e sem delicadeza do que ele já a ouvira usar. — Por favor, não dificulte as coisas.

O coração dele martelava tão alto que ele podia jurar que ela era capaz de escutar. Nura se virou devagar, até que Gideon enfim conseguiu ver os olhos castanhos, geralmente cálidos, e a determinação tensa no rosto que ele conhecia desde sempre. Ela não faria aquilo. Ele só podia ter entendido errado.

— Você não vai embora. — Gideon desejou que sua declaração fosse verdade, recusando-se a dizê-la em forma de pergunta e negando-se a facilitar as coisas para o lado dela. — Você não pode… pelos deuses, mãe, você não pode *ir embora*.

A determinação tensa permaneceu, mas foi coberta por uma camada de

alguma outra coisa de que Nura se desvencilhou em um piscar de olhos.

— Você não entende.

— Não entendo o quê? — Gideon riu, incrédulo, sentindo a raiva aumentar. — Você disse a ela que ia ficar, que estaria presente. Eu te defendi! Você não pode fazer isso de novo. Não é justo!

Ele não conseguia dizer o nome de Evie, nem precisava. A mãe sabia bem quem sofreria mais em sua ausência, quem sentiria a dor mais intensamente.

Isso fez com que Gideon a odiasse, apenas por um momento, o bastante para continuar lutando.

— Não vou te deixar fazer isso.

Nura sacudiu a cabeça, dando um sorriso triste.

— O que vai fazer, me arrastar de volta à força? Me amarrar? Me acorrentar? Porque é o que você vai precisar fazer para me impedir. Só assim eu ficaria.

Era crueldade — muito mais profunda e forte do que qualquer um dos males de Benedict, um homem que era ruim sem artifícios. Contudo, a mãe deles estava fazendo uma escolha… e Gideon não podia suportá-la.

— Pelo menos não seja covarde. Mostre um pouco de respeito à sua filha se despedindo dela. Olhando na cara dela.

Nura levou as mãos à cabeça — em uma tentativa de não deixar as palavras dele entrarem ou de não deixar os próprios pensamentos saírem; Gideon não soube dizer qual das duas opções.

— Eu queria, essa era minha intenção. Mas alguns erros não podem ser consertados. Só te peço que diga a ela… que diga que sinto muito. Diga que eu a amo muito e que eu queria… Ah, como eu queria poder fazer tudo diferente.

— Engraçado — retrucou Gideon, grosseiro. — Acho que a única coisa que a Evie quis na vida era uma mãe… que ficasse.

Nura estremeceu e levou a mão à barriga. Ela arregalou os olhos para alguém atrás de Gideon.

— Evangelina — sussurrou ela, desolada.

De fato, a irmã dele surgira a seu lado feito uma aparição, com o rosto manchado de lágrimas secas e os olhos vermelhos de tanto chorar… ou de tanta raiva.

— Então, vai. — Evie abriu um sorriso torto e abanou a mão para a floresta. — Trystan, leva minha mãe até a saída, por favor? — Como se o invocasse, Maverine apareceu detrás dela em um instante. — Precisa que a gente te arranje um cavalo ou já arrumou um transporte próprio? — perguntou Evie com

educação, e até mesmo doçura. A reação dela era…

Assustadora *pra cacete*.

A expressão de Nura suavizou, e ela deu um passo à frente, estendendo as mãos e implorando.

— Eu te amo, minha menina. Mais do que você sabe. Tem coisas que você não consegue entender. Coisas que só vai entender quando for mãe também.

Evie olhou para a mãe com pena, erguendo o queixo e falando com a postura de uma rainha:

— Eu virei mãe no dia que você foi embora. — Evie deu um passo para mais perto de Nura, depois mais um, e mais outro até mal haver meio metro entre as duas. — Posso te dizer sem a menor sombra de dúvida: não importa o quanto minha vida tenha ficado difícil, não importa quais obstáculos eu tenha que manejar na minha própria mente, não importa meu futuro bastante incerto — Evie abriu um sorriso, e seus olhos foram para outro lugar —, eu tenho *certeza* de que jamais abandonaria ela.

— Tem outro livro — sussurrou Nura, agarrando os braços e os esfregando para se acalmar.

— O quê? — murmurou Evie. Gideon deu um passo à frente para ouvir a mãe melhor, porque certamente não podia ter ouvido bem da primeira vez.

— O livro original da *História de Rennedawn* foi escrito com tinta mágica. Azul, pra ser mais exata.

Evie arquejou e cambaleou para trás, pulando ao ver o quanto Maverine tinha se aproximado.

— A tinta que o papai comprou da Clare? O mesmo tipo?

Nura assentiu.

— Isso mesmo.

Keeley, que estivera observando em silêncio, intercedeu:

— Qual é a relevância da tinta?

— Se escrever algo com tinta mágica azul, uma só gota do frasco consegue copiar qualquer coisa escrita com ela. No passado, no presente e no futuro — disse Evie, desconcertada.

— Então existe outro livro. Uma cópia — concluiu Maverine com uma expressão fria, as sobrancelhas retas e o maxilar tenso. Quando não estava constantemente olhando para Evie, o homem parecia pronto para ir à batalha. — A senhora não saberia onde está a tinta, saberia, sra. Sage?

Maverine não perguntou com crueldade, mas também não foi gentil. Falou com profissionalismo. Diplomacia. No tom de um príncipe.

Raios. Em teoria, um dia o Maverine poderia ser… rei.

— Eu diria, se pudesse. — Nura murchou, suspirando lentamente. — Mas não posso.

— Não *quer* — murmurou Evie, sacudindo a cabeça. — Você *não quer* nos contar.

Nura protestou.

— Não, hasibsi, isso não é verdade. Quero te contar. Eu só… Isso é tudo que posso lhes oferecer. Sinto muito mesmo.

— Tudo bem, mãe. Não tem necessidade de pedidos de desculpas. — A voz de Evie saiu leve, e seu rosto estava impassível, com toda a emoção escondida nas profundezas de seus olhos. — Não acredito mais neles.

Nura assentiu e mordeu o lábio.

— Trystan… pode me acompanhar até a saída? — Ela indicou o pomar de espinhos.

Maverine deu um passo à frente, oferecendo o braço à mãe deles em um gesto galante, mas desprovido de sentimento.

— Soberano do Mal? — chamou Evie, e Maverine parou como se a voz dela fosse uma ordem que ele precisava seguir. — Quando voltar, eu gostaria de ter uma palavrinha a respeito da minha magia.

Maverine arregalou os olhos.

— A fim de quê?

— Acho que está na hora de eu começar meu treinamento de verdade.

— Treinamento pra quê? — perguntou Gideon, desconfiado.

— Pra me tornar a Vilã que sempre foi meu destino ser. — Evie deu um último sorriso de despedida à mãe. — Nunca tive como consertar um mundo despedaçado, mamãe. Mas, é claro, esse era pra ter sido o seu trabalho.

E então Nura Sage fez o que sempre fizera na vida.

Ela foi embora.

CAPÍTULO 25

Evie

Evie passara por muitas crises de identidade na vida.

No entanto, ao longo de cada uma, ela permaneceu frouxa, folgada e, como sempre, ferrada.

Ela girava os polegares em um cômodo de um andar bem alto da mansão. Sempre presumira que aquele espaço um dia tivesse sido um salão de baile, com seus lustres extravagantes e tecidos pendurados nas paredes.

Agora, ele estava caótico, iluminado apenas pela luz fraca do sol que vinha das janelas, com a brisa leve entrando pela única janela que Evie conseguira abrir a duras penas.

Ele vem. Não vai te abandonar e te deixar sozinha com a magia. Mesmo bravo com você por ter gritado com ele. Por achar que ele tinha agido pelas suas costas para conseguir convocar a Lyssa para a missão.

Você não é uma pessoa ruim. Você não é uma pessoa ruim. Evie repetiu o mantra para si mesma até sua respiração se acalmar e seu coração desacelerar. Mas ele logo disparou de novo quando uma voz falou em seu ouvido:

— É fácil demais te pegar desprevenida.

— Você é alto demais para ser sorrateiro. Parece um gigante se escondendo debaixo de um cogumelo. — Evie revirou os olhos para ele, virando-se, mas o ar ficou preso na garganta quanto ele prendeu os braços ao seu redor. Seus olhos escuros estavam cálidos.

— Sua mãe está segura na garupa de um dos nossos melhores cavalos, e mandei dois Guardas Malevolentes escoltarem ela até o destino desejado. — Ele falou com a voz branda, observando atentamente o rosto de Evie à espera de uma reação que ela não esboçaria.

Você não é o único que consegue reprimir as emoções e trancá-las como se fosse

uma boneca medonha.

— Eu também sei ser medonha — disse ela, esquecendo-se de que não tinha tido aquela conversa consigo mesma em voz alta. Não, e geralmente quando ela fazia isso as pessoas a encaravam com um olhar esquisito.

Trystan não demonstrou se incomodar, e apenas assentiu, passando os olhos pelo rosto dela como se fosse uma carícia.

— Isso nunca esteve em xeque, Sage. Eu já te ouvi rindo à menção da extração de uma língua.

— Desculpa se tento tornar a papelada mais divertida. — Ela revirou os olhos e conteve um sorriso. — Você tá bravo comigo? Por causa do que aconteceu mais cedo? — perguntou ela, hesitante.

— Fiquei, por uns bons dez minutos. Um recorde pessoal. — Sem que Evie percebesse, Trystan chegara mais perto, baixando os olhos para observar os lábios dela.

Isso tornou a formação de palavras coerentes excepcionalmente mais difícil.

— Desculpa ter gritado com você. Você não mereceu, eu só estava…

— Chateada.

Chateada.

Na mosca.

— Se você botar essa sua leitura de mentes pra jogo, vai lucrar horrores. — Ela tentou rir, mas o som saiu estrangulado quando Trystan chegou mais perto, e o cheiro de canela de sua pele tomou conta do nariz de Evie.

— Está pronta, Evangelina?

Ela estivera pronta desde aquela última vez na floresta, relembrando a sensação dele pairando sobre ela, feito uma encenação vertiginosa que fez suas mãos suarem e o coração acelerar.

Responde que nem gente, Evie!

— Pronta para? — perguntou ela, lambendo os lábios. Trystan acompanhou o movimento como se fosse a coisa mais interessante que já tinha visto na vida.

— Para se transformar em vilã. — Ele foi até a mesa velha do canto e a arrastou para a frente de Evie com um sorriso que dizia que ele sabia exatamente o que estava fazendo.

— Qual é a da invasão de espaço pessoal? Uma tentativa ruim de me levar pra cama?

— Eu não precisaria te levar para a cama quando temos uma mesa bem aqui, na verdade — murmurou ele em um tom baixo. O som saiu em um mero arranhar da voz no fundo da garganta.

E Evie precisaria de uns belos trinta segundos para descongelar o rosto.

— Sage? Você pediu aulas. Quer começar num futuro próximo? — Ele indicou a mesa. — Use sua magia para cercá-la, depois tente encontrar pontos em que ela pode ser machucada.

— Meu impulso de pedir desculpa quando trombo com objetos inanimados te deu a ilusão de que acho que eles possam ser uma ameaça?

— É só para praticar a técnica. — Trystan bufou, exasperado. — Eu jamais teria sobrevivido como professor. A paciência que eles precisam ter…

— Você teria sido professor de que matéria? — debochou ela, parando diante da mesa. — "Introdução ao enforcamento"?

— Sage — declarou Trystan de uma forma que a fez corar e dar um pigarro.

Em seguida, Evie ergueu as mãos e pediu com muita educação para a magia rondar a mesa. Ela nem ligou.

— Ordene. O controle sobre ela é seu.

— Mas ela faz parte de mim. — Evie franziu o cenho. — E eu odeio ser controlada.

Um formigamento se espalhou por seus dedos, a sensação fria de um bálsamo em seu coração, acalmando sua alma. A escuridão vazou devagar, circulando o piso até cercar a mesa.

— Rá! — Ela gritou, dando pulos e girando para Trystan tão depressa que sua trança bateu no ombro. — Você viu isso?

Ele a observava com uma expressão estranha, e ergueu as mangas da camisa até a altura dos cotovelos, ostentando os braços musculosos cobertos por uma fina camada de pelo.

— Certo, agora vem pra cima de mim.

Evie franziu o nariz, babando nos antebraços dele como se fosse uma personagem de *A perspicaz sociedade do espartilho*.

— Em que sentido?

— Sage.

— Tá — resmungou ela, fechando os olhos e respirando fundo.

— O objetivo é usá-la para me deter no lugar, e então a magia vai encontrar lugares onde você possa atacar. Aprendi com o tempo que vermelho quer dizer uma lesão leve, amarelo é uma fraqueza antiga de que é possível tirar proveito. Azul incapacita, mas não confunda com preto.

— Por quê? O que preto faz? — perguntou ela, de repente menos confiante à medida que a névoa avançava na direção dele.

— Fica na jugular e nas artérias vitais. Um golpe e a vida da pessoa acaba.

— Será mesmo que eu deveria estar praticando em você? — perguntou ela, e a magia parou pouco antes de tocá-lo.

— Eu confio em você. — Ele falou com confiança demais, como se fosse um fato simples de sua vida, e não um baita abalo na noção que Evie tinha de si própria.

Porque esse era o problema.

Ela não confiava em si mesma.

A névoa recuou. Evie fechou os olhos com força, chafurdada na vergonha.

— Tenho muito medo de te machucar. Por favor, não me obrigue a fazer isso.

— Eu jamais te obrigaria a fazer *nada* — falou ele com um humor sardônico. — Só depois de estar mortinho da silva eu tentaria uma burrice dessas.

Naquele momento, Alexander Reinaldo bateu à porta aberta, observando os nós dos dedos como se fossem instrumentos de um milagre.

— Oi. — Ele falou em um tom mais nítido que no dia anterior, acenando com um sorriso doce estampado no rosto. — O Lionel. — Ele apontou para a porta e esfregou o pescoço.

— O Lionel chegou, Reinaldo? — perguntou Evie.

De olhos fechados, ele assentiu com um alívio contente.

— Isso.

Evie não sabia ao certo como esperava que a voz dele fosse, mas ainda era um choque ouvir a entonação densa e agradável, como mel adoçando chá.

— Maravilha — falou Trystan. — Lionel e Malcolm em um só dia. O que fiz para merecer essas companhias?

Evie o encarou.

— Você matou, tipo… muita gente.

— Ah. É mesmo.

Era incrível que, tão pouco depois de sua mãe ir embora, Evie não sentisse que o mundo ia desmoronar em cima de sua cabeça. Agora, seu mundo ficava de pé sozinho, com ou sem Nura. Com ou sem seu pai.

Em meio ao turbilhão, Evie começava a perceber que, desde a infância, ela meio que vinha criando a si mesma. Dando a si própria pequenas ordens aqui e ali, coisas que gostaria que alguma outra pessoa tivesse dito a ela. Mas ela aprendera todas, e as repassara a Lyssa, que era muito mais corajosa do que todos eles juntos.

Evie aprendera a se virar sozinha.

A magia se agitou dentro dela a caminho do escritório.

CAPÍTULO 26
Becky

— Não entendo por que estou levando um gelo quando vocês todas concordaram com a ideia. Incluindo você, pestinha. — Blade cutucou Lyssa com o cotovelo, mantendo as rédeas firmes enquanto Fofucho voava acima das nuvens, fora da vista da Guarda Valente ou dos seguidores do rei Benedict.

— Porque eu te disse pra não fazer isso — retrucou Becky, sem conseguir olhar para ele sem sua pressão aumentar. — Eu sabia que a Evie não ia aprovar, e você agiu pelas costas dela! Usou contra ela o que eu te contei. Como pôde fazer isso? — Becky estava fervilhando, e Blade a fitou. — Pronto! Melhor que o gelo?

— Você me acharia dodói da cabeça se eu dissesse que sim? — perguntou Blade, seríssimo.

Ela grunhiu e inclinou a cabeça para o sol, implorando aos deuses por paciência, porque se lhe dessem forças, jogaria aquele homem, que ela de alguma forma amava, lá de cima.

— Para ser justa, Rebecka, eu que forcei a barra — intercedeu Tatianna.

— Ah, não se preocupe, também estou brava com você. — Becky bufou e cruzou os braços.

— Maravilha! — respondeu Tatianna, animada, apoiando a cabeça no ombro de Clare.

— *Comigo* você tá brava? — perguntou Lyssa, curiosa. — E com a Florzinha? — Ela ergueu a caixinha transparente com o Lorde Walter dentro, e Rebecka grunhiu.

— Estou. Eu me importava com as coisas muito menos antes de você aparecer. Agora, olhe só para mim. — Estressada e preocupada com uma menina de dez anos. — E, Lyssa, você não pode continuar chamando um lorde

do reino de "Florzinha".

Como era possível que o mundo dela estivesse virando aquela loucura?

— Mas ele não é mais um lorde do reino. É um caracol. — Lyssa deu batidinhas no braço dela, explicando lentamente, depois tirou a mão depressa quando um rosnado baixo escapou pela garganta de Becky. — Ih, ferrou.

Eles pousaram fazendo o mínimo de barulho possível pelos parâmetros do Fofucho, e o belo animal cutucou o pescoço de Becky com o focinho quando ela desceu.

— Com você eu não estou brava, não se preocupe. — Ela deu batidinhas no focinho escamoso com o carinho que sempre sentira por dragões.

E, tolice a dela, pelos treinadores deles também.

O dragão bufou, como quem dizia: *Óbvio, né. Nunca fiz nada de errado.*

— Vou soltar a rede de captura e prender naqueles ganchos que botei hoje de manhã. — Blade gesticulou para Becky ir ver, e quando ela passou os olhos, ficou hesitantemente impressionada com a engenhosidade.

Depois da descoberta dos ovos pelo voo improvisado com o guvre macho, Becky e Blade compartilharam o plano com os Guardas Malevolentes. Houve discussões acerca dos méritos de mover os ovos a um local mais conveniente, como a mansão. Mas, no fim das contas, decidiram que já tinham se intrometido demais na natureza.

E a mãe se lembraria de onde havia deixado os filhotes. Disso Rebecka tinha certeza.

— Como vou saber como tornar os ovos viáveis? — perguntou Lyssa, encarando o ninho à frente.

— Não faço ideia — respondeu Blade, e a ira de Becky ressurgiu das cinzas.

— Você se deu ao trabalho de trazê-la até aqui. É bom fazer *alguma* ideia, do contrário vai ser uma longa caminhada de volta à mansão. — Becky estreitou os olhos, mas Blade só parecia entretido com a raiva dela, como se estivesse achando graça. — Você está me provocando de propósito.

— Eu te garanto que não é difícil — respondeu Blade, rindo quando ela o empurrou e soltou um grunhido, depois assumiu sua posição detrás dos galhos de um grande carvalho. Era dever dela estar preparada para pegar Lyssa antes que a rede se fechasse; do contrário, a menina acabaria presa com as criaturas furiosas que podiam derreter metal com o sopro.

Evie jamais teria concordado com aquele plano se soubesse. Isso deixou Becky mais irritada, só de pensar em como ela própria se sentiria se alguém fizesse o mesmo com seu irmão mais novo. Furiosa. Rancorosa. Assustada.

Becky passara os últimos anos trabalhando para um vilão — males necessários não eram novidade. Ela só os odiava veementemente.

— Lyssa, a luz estelar é um tipo de magia mais complicado — explicou Tatianna, levando a menina em direção ao ninho abandonado e se ajoelhando ao lado dele. — Dizem que foi um presente das próprias estrelas. É muito, muito raro.

— Quantos tipos de magia existem? — indagou Lyssa, olhando para os ovos com uma admiração quieta.

— Muitos — respondeu Clare, indo se sentar do outro lado de Lyssa. — Cura, morte, proteção, voo. A lista não acaba mais. Mas toda magia desperta com um impulso semelhante.

— Trauma. — Blade estalou a língua, ajustando a sela do Fofucho e levando o animal para trás da mata, no intuito de camuflá-lo às árvores para que ficasse longe dos olhos dos guvres.

— Um evento traumático, sim. Mas nem todo mundo tem uma magia adormecida dentro de si. Quando algo assim acontece, ela desperta para te proteger. — Tatianna estendeu as mãos brilhando em amarelo e, não pela primeira vez, Rebecka ficou se perguntando se ela também deveria estar usando a própria magia.

Mas não havia necessidade. Plantas respondiam a ela da mesma forma que reagiam a Renna Fortis, sua mãe; e antes dela, a sua avó. Não era útil em combate, e também não curava. Era um poder a ser melhor utilizado na Fortaleza da Família Fortis. Ou por diversão própria mesmo.

Rebecka conseguia encontrar a mesma alegria separando documentos por cor no arquivo.

Ainda assim, a magia que vibrava em seus músculos a lembrou de que ainda estava ali, à espera.

— Com minha própria magia, devo pensar em algo caloroso para conseguir usá-la, algo que me dê uma sensação de segurança. É assim que consigo curar os outros — explicou Tatianna.

— E eu penso em gargalhadas. Do tipo que não se consegue parar de rir nem quando se tenta. É assim que imbuo as tintas e outros objetos mágicos — acrescentou Clare, abrindo um sorriso. — E sua luz estelar, pequena, vai ser invocada por algo que só você sabe como encontrar.

Lyssa franziu o cenho e brincou com os dedinhos antes de estendê-los sobre os ovos.

— Aposto que sei no que posso pensar.

— Olha, a maioria não acerta logo de primeira — apaziguou Tatianna. — Pode levar dias, mas temos um tempinho antes de…

As mãos de Lyssa brilharam uma luz branca-prateada, e ela as deixou pairar sobre os ovos com uma expressão convencida.

— Então, tá. Vai ver todo o resto que é ruim nisso mesmo — disse Clare, abaixando para se sentar sobre os calcanhares. — Se conseguir segurar a magia fora do seu corpo, pense no que a luz estelar é capaz de fazer. Curar, criar…

— Brilhar — sussurrou Lyssa.

— Ah, sim, o mais importante — cochichou Blade para Becky, que riu antes que pudesse se lembrar de que estava fula da vida.

Sua expressão ficou séria.

— Eu estava rindo porque você é um palerma.

— Vou continuar, então, se minha recompensa for essa. — Blade a fitou com inocência.

— Blade, era para você ficar de olho para o caso de os guvres chegarem. — Tatianna apontou para uma clareira aberta com uma vista nítida do céu. — Pode ir subindo, senhor dos dragões.

Blade deu uma risada bem-humorada, virando para ficar de sentinela para elas.

E Rebecka percebeu que, se algo desse errado… Não. Nada ia dar errado. Tudo correria bem.

Ainda assim, só para garantir… ela fez Blade se virar e plantou um beijo firme em seus lábios.

— Tome cuidado — falou ela. — E não morra. Do contrário, vou ficar muito insatisfeita com você.

O sorriso no rosto dele brilhou tanto quanto as mãos de Lyssa. Ele fez uma saudação, depois se virou.

Os dois ovos continuaram reluzindo sob as mãos de Lyssa, começando a balançar para a frente e para trás dentro do ninho, chocando-se um contra o outro. As escamas arco-íris desbotadas neles eram bem parecidas com as da pele do guvre macho.

Durante vários minutos, elas ficaram prestando atenção em qualquer possível sinal de barulho de asas, e então Lyssa falou:

— Quanto tempo vocês acham que isso vai levar?

— Você tem compromisso? — indagou Becky do outro lado do carvalho.

— Sim, hoje é terça. O Lorde Trystan e eu temos nossa festa do chá às terças-feiras. — A menininha estava falando seríssimo, e Rebecka riu

novamente. O ato não foi tão desagradável quanto já tinha sido.

— Pode levar horas, Lyssa, mas não vamos passar muito do anoitecer. E, se estiver cansada ou desconfortável de alguma forma, podemos voltar e tentar de novo amanhã — respondeu Tatianna com gentileza.

Mais silêncio veio em seguida, e as mãos de Lyssa brilharam ainda mais.

E de repente…

Um estalo.

CAPÍTULO 27
Trystan

Muita coisa havia mudado em sua vida nos últimos tempos. Mas Trystan percebeu que ainda odiava Lionel para cacete.

Pelo menos nesse quesito havia consistência.

— Sim, ele é humano mesmo. — Lionel coçou o queixo antes de sorrir para Alexander Reinaldo.

— Já requisitei seus serviços na mansão pelo menos umas doze vezes, e a primeira vez que você resolve dar as caras é para dar *esse* diagnóstico? — vociferou Trystan. A área comum do escritório estava livre de funcionários; as mesas, geralmente cheias, se encontravam vazias. — Eu também posso fazer comentários óbvios.

— Você passou seis meses sem perceber que sua assistente estava apaixonada por você — ressaltou Lionel.

— Mas isso não era óbvio. — Sage debochou, puxando o laço do cabelo para soltar a franja e futucar os cachos.

Gideon estava sentado a uma das mesas vazias com as botas apoiadas no tampo, bebericando um copo de rum. Ou melhor, virando tudo num gole só.

— Eve, nem se você tivesse batido na cabeça dele com uma placa dizendo "eu te amo" ele teria sacado.

— Obrigada, Gideon — falou Sage com uma doçura exagerada.

Gideon ergueu o copo.

— Tô aqui pra isso.

— Onde está a feiticeira? Eu gostaria de conhecê-la — interrompeu Lionel, fitando Alexander com um olhar mais especulativo. — Parece que sua maldição só foi quebrada pela metade. Maldições assim só conseguem ser revertidas de vez pela própria pessoa que lança o feitiço.

Alexander estremeceu, tirando o cabelo de cima dos olhos.

— Ela é feita de pedra — protestou Trystan.

Gideon deu um estalo com a língua.

— Ora, Maverine, isso não é jeito de falar da moça.

Trystan o encarou por um instante antes de se dirigir a Sage.

— Você acharia muito ruim se eu matasse seu irmão?

Evie parou e pensou.

— Meio que sim.

— "Meio"?! — rebateu Gideon.

— Oiê? — falou Alexander, fazendo careta ao dizer mais algumas palavras. — Vamos voltar a mim, por favor.

— Peço desculpas, Sua Alteza. — Lionel fez uma reverência baixa. — Se quer minha opinião, é a de que você vai continuar virando sapo em momentos aleatórios no futuro próximo. A feiticeira original é imprescindível; a filha dela é basicamente inútil.

Alexander se levantou tão depressa que a cadeira tombou para trás. Ele nem ligou, só encarou Lionel com uma ferocidade surpreendente antes de dizer três palavras bastante ameaçadoras.

— Ela. Não. É.

Lionel ficou mais do que contente com a reação.

— Humano depois de tantos anos. Que alívio deve ser para você.

Alexander ignorou o comentário e se virou para levantar a cadeira, endireitando-a de volta delicadamente. Em seguida, gesticulou para Gideon servir um copo de rum para ele também.

— Provavelmente seria um alívio maior ainda se você pudesse nos dar um jeito tangível de transformá-lo de vez. — Malcolm entrou no escritório com uma bandeja de bolos. — O Edwin me pediu para trazer um lanchinho, e além disso eu estava entediado e com vontade de xeretar a conversa.

Gideon assoviou.

— Digo o mesmo — falou, terminando com uma saudação.

— Essa combinação de gente é uma tortura — resmungou Trystan, infinitamente irritado por tantos espaços irritantes de sua vida estarem colidindo. — Então, no fim das contas, você não tem como nos ajudar, Lionel?

— Só até certo ponto. Mas sempre há a possibilidade de vir um beijo de amor verdadeiro, sim?

Alexander estremeceu de vergonha alheia.

— Está oferecendo? — perguntou com a voz rouca.

Lionel deu risada.

— É bom saber que seu senso de humor continua intacto, Sua Alteza. E você! — Lionel se aproximou de Evie.

E Trystan se aproximou da faca na bandeja de bolos.

— Mais adorável que nunca, Evie. — Lionel esgueirou a bochecha na direção dela. — Um beijo! Depressa, milady, antes que eu vire sapo também.

Sage sorriu, revirando os olhos. Ela beijou as pontas dos dedos e os levou à bochecha de Lionel.

— Prontinho, galanteador.

— Cara, essa foi boa. *Você* deveria tentar isso — falou Malcolm para Trystan em um sussurro abafado, mirando na leveza.

Trystan respondeu à tal leveza dando um tapa na parte de trás da cabeça do irmão.

— Lionel… você por acaso não saberia nada a respeito de um segundo livro de Rennedawn, saberia? — indagou Sage, com uma curiosidade contida na voz, embora Trystan não soubesse dizer se ela estava tentando extrair alguma informação privilegiada.

Lionel não teve lá uma reação muito grandiosa; apenas deu um sorriso engraçado para Sage.

— Que pergunta intrigante. Isso não é mito, a segunda cópia?

— Sim, é claro. — Sage riu despretensiosamente. — Só imaginei que, se tivesse um fundo de verdade, um homem do seu calibre sem dúvida saberia. — Ela fez cara de inocente, e Trystan sentiu a bile subindo pela garganta.

Lionel mordeu a isca, porque não estava morto — ainda —, mas também parecia saber plenamente que estava caindo em um papo, a julgar pelo brilho nos olhos.

— Dizem que um livro era para o Destino, e o outro para a Sina. Os deuses mágicos os deixaram no controle depois de terem se mudado para outro mundo. Ou, pelo menos, é o que algumas lendas dizem. O livro do Destino foi dado ao primeiro rei de Rennedawn, e o da Sina foi escondido por segurança.

— Onde? — perguntou Gideon, ávido demais.

Lionel deu de ombros.

— Ninguém sabe. O local foi mantido em segredo. Mas logo, logo isso será irrelevante, de todo modo.

— Por que diz isso? — indagou Trystan com cautela.

— O rei Benedict está trabalhando com o Destino para reescrever a história de volta à sua forma original.

— O *monstro* do destino — corrigiu Sage com uma risada nervosa. — Aquele ali não é agente dos deuses mágicos coisa nenhuma.

Lionel a olhou, intrigado.

— São a mesma coisa.

Ah.

Puta que pariu.

Em silêncio, Sage entrava em pânico, e seus cachos saltitaram ao redor do rosto quando ela balançou o queixo. Havia uma devassidão brilhando em seus olhos, indicando a explosão iminente.

— Sim. Naturalmente. — Ela atravessou o cômodo, confiscou o copo de rum das mãos de Gideon e bebeu tudo em um só gole. — Obrigada. Manda mais.

— Eve, acha mesmo que…

— Manda mais dessa droga de álcool, Gideon — retrucou ela, batendo o copo na mesa.

Gideon já estava servindo a irmã antes mesmo de o vidro tocar a madeira.

— Diga que existe uma forma concreta de impedir que eles reescrevam a história — pediu Trystan em voz baixa. — Pago o preço que for.

Lionel assoviou.

— Vou te dar uma cortesia profissional e dizer que você nunca deveria oferecer esse tipo de coisa. A ninguém. Mas não tem necessidade. Algumas maldições, assim como Sua Alteza, são pequenas… sem trocadilho, é claro — acrescentou Lionel com uma graça jovial.

Alexander revirou os olhos.

— Morra.

Quando Sage falou, foi através de uma risadinha sufocada, e uma gota de rum escorria por seu lábio. Ela capturou toda a atenção de Trystan.

— Mas essa não é nenhuma maldição pequena, Lionel. Mudaria a essência de Rennedawn como a conhecemos.

Lionel deu de ombros.

— Uma maldição *desta* magnitude precisa de uma âncora.

— Tipo um navio? — esclareceu Gideon.

— Algo imune. Uma coisa que poderia ser usada para desfazer a maldição, se necessário. Uma forma de destrancá-la, por assim dizer.

— Como é que se destranca uma maldição?

Lionel sorriu.

— Com uma chave.

— Não está ajudando — respondeu Trystan, seco, cruzando os braços. — Que tipo de chave o Benedict usaria como âncora? Desembuche.

Lionel revirou os olhos, e as mechas azuis de seu cabelo brilharam à luz quando ele passou pela janela.

— Ninguém gosta de levar bronca por ter um quê dramático, Vilão.

O fio de controle de Trystan se rompera.

— Ninguém gosta de ter você como convidado, Lionel. Onde fica a porra da chave?

Um bolo apareceu à frente de seu rosto, com o semblante rígido de Sage acima dele prendendo Trystan no lugar.

— Coma — mandou ela.

Todos os olhos estavam fixos no gesto, mas Trystan não deu a mínima para a atenção. Ele ergueu a mão para segurar o punho dela e puxá-la para perto. Viu a respiração de Sage acelerando, o rubor se espalhando por suas bochechas. Ele deu uma mordidona, depois a soltou com a mesma rapidez com que a segurou.

— Deuses, meu estômago chega a embrulhar com vocês dois. — Lionel fez cara de nojo.

Gideon cobriu os olhos com as mãos.

— Não tô olhando. Já acabou?

Alexander apenas sorriu, erguendo o copo para brindar a Trystan antes de dar golinhos cuidadosos.

— Quando o reino de Rennedawn foi criado, havia diversas âncoras. Chaves. — Lionel explicou como se estivesse falando com crianças. — Aquelas coisinhas brilhantes que fazem barulho quando batem umas nas outras.

Malcolm deu risada, mas parou quando Trystan o olhou feio.

Lionel prosseguiu:

— A chave em questão foi dada à família real de Rennedawn. Ficou sob proteção deles, até algumas gerações atrás, quando o rei a perdeu em uma aposta.

— Perdeu pra quem? — indagou Sage.

Lionel sorriu.

— Para um gigante. Vocês devem ir em direção à nossa fronteira com o reino do leste. Se puderem convencê-lo a entregar a chave a vocês, vão impedir quaisquer danos que o Benedict possa fazer antes mesmo que ele comece.

— Se você tem todas essas informações — disse Malcolm —, será que o próprio Benedict também não sabe disso?

Droga.

— Nós temos que ir. Agora — falou Trystan por entre os dentes.

— Nós? — Malcolm franziu o cenho.

— Sim. Estou com falta de gente para me tirar do sério na jornada, então você vai servir — falou ele com rispidez. — Gideon, vou precisar que você comece a procurar o segundo livro. Do contrário, vai para o Palácio de Luz.

Sage assoviou e deu batidinhas nas costas do irmão.

— Que azar, hein.

Gideon não achou graça.

— Obrigado pela parte que me toca.

Sage beliscou a bochecha dele.

— Tô aqui pra isso.

— E eu? — perguntou Alexander, mais baixo. Estava evidentemente desconfortável, esfregando o pescoço de novo.

Trystan bufou.

— Detesto a ideia de te deixar sozinho, Reinaldo, mas não temos garantia de que você não vá virar sapo de novo. Não sei se você quer estar vulnerável solto por aí quando isso acontecer.

Reinaldo parecia se sentir grato pela consideração.

— Eu vou.

Ele colocou a mão no ombro do amigo, ainda incrédulo por conseguir fazer isso.

E, agora, o último obstáculo.

— Sage, vamos precisar de você também. — Trystan se dirigiu a ela abertamente. — Sei que você quer esperar a Lyssa voltar, mas sua magia seria de extremo valor nessa missão.

Os olhos claros dela miraram o chão, como se ela estivesse se recompondo. Enfim, Sage olhou para ele, dessa vez maravilhada. Seus olhos brilhavam com graça quando ela respondeu, baixinho:

— Você me convenceu quando disse "vamos precisar de você".

Lionel se intrometeu.

— E eu faço o quê?

Trystan guiou o grupo até as portas para que todos eles descessem aos estábulos.

— Saia da minha casa e, pelo amor dos deuses, não volte nunca mais.

CAPÍTULO 28
Gideon

Gideon se pegou de frente para um lugar repleto de algumas das figuras mais perigosas que o mundo já vira.

Mas, para ser justo, era isso que a maioria das pessoas encontraria na biblioteca pública de Rennedawn.

Ele puxou o capuz para cobrir cabeça e bisbilhotou a estrada vazia do bosque. Não havia muitas pessoas que poderiam reconhecê-lo, mas ele não podia se arriscar. Por ter sido tachado de cavaleiro desertor, ele era um alvo. Depois de entrar, Gideon se aproximou da mesa da recepção e assentiu educadamente para a idosa sentada ali. Seu cabelo grisalho espigava debaixo dos grampos, e os óculos grandes estavam empoleirados no nariz. O olhar de águia da mulher o imobilizou.

Com um pigarro, ele se lembrou de que houve uma época em que a maioria das mulheres o achava encantador.

— Bom dia, milady. — Gideon fez uma reverência e sorriu, abaixando o capuz. — Como uma mulher tão adorável quanto a senhora está nesta bela tarde?

A idosa deu um sorriso caloroso para ele, e seu rosto foi de agourento a adorável.

— Minha nossa. Você deve estar precisando de algo muito complexo para ser tão carinhoso assim com esta velha aqui.

Gideon sentiu um aperto nas proximidades do coração.

— Digo com toda a sinceridade do mundo que cada palavra foi de coração, senhora.

Havia algo bastante caloroso na disposição da mulher; seu rosto tinha marcas de momentos de sua vida, e ela as carregava com orgulho.

— Este aqui é seu, Keeley?

— Nem se ele implorasse. — A voz da capitã veio por sobre o ombro de Gideon, e ao ouvir o som, seu cérebro entrou em um embate entre a frustração e a alegria. Ele não queria ela ali. — Ele cuida dos meus cavalos.

A audácia daquela mulher!

Gideon tinha uma respostinha engatilhada e pronta, mas ela morreu de súbito quando ele a viu.

Não havia nem um centímetro sequer de couro vermelho à vista.

Não. Ela não estaria de uniforme em público. Não podia chamar atenção.

Se bem que o uniforme teria sido uma distração significativamente menor.

O volume comprido de ondas douradas do cabelo dela estava solto, caindo nas laterais, emoldurando o rosto da capitã em mechas que atenuavam sua aparência. O corpo dela estava coberto com um vestido de seda que flutuava sobre os ombros. Não havia adorno na peça, era apenas de um verde esvoaçante e largo.

Raios, quem era aquela estranha?

— Como está, Mo? — Keeley deu um sorriso acolhedor, indo em direção à recepção. — Dia cheio?

— Ah, quem me dera. Tivemos meia dúzia de gatos pingados a semana toda. O movimento caiu depois daqueles anúncios ridículos. — A idosa estava indignada atrás da mesa, batendo os tais anúncios na superfície. — Esse estardalhaço todo por Vilões, e nada a respeito de uma cura para a Doença Mística ou por uma educação mágica mais acessível para as aldeias menores. Juro, tudo que esse povo no poder faz é distrair a gente do mal que eles mesmos fazem até que a gente se esqueça deles. — Mo tamborilou um dedo comprido na testa. — Mas euzinha aqui não me esqueço de nada.

O queixo de Gideon caiu um tanto quando ele olhou para o pôster de PROCURA-SE com o rosto da irmã. Era menos intimidador que os anteriores, menos cínico no retrato, mais Evie.

— Essa moça não parece bem ser uma ameaça. — Gideon se sentiu na defensiva, pronto para proteger o nome da irmã à estranha.

Não houve necessidade disso.

Mo desdenhou, pegando uma pilha de livros e indo em direção a uma escada, gesticulando com o ombro para que a seguissem.

— Não, mas ela é uma mulher que saiu da linha. Portanto, o rei vai puni-la de acordo.

— Isso é tão errado — comentou Keeley, embrenhando-se na biblioteca, e

Gideon foi atrás.

O lugar era muito diferente da biblioteca do palácio. Gideon estivera lá um total de três vezes, mas todas foram como estar em um velório. Enquanto a do rei era abafada e escura, aquele lugar era aberto, repleto de janelas e com luz vindo de todos os cantos. Havia plantas e verdes de várias formas e tamanhos por toda parte, caindo sobre estantes, envolvendo as lombadas com brotos de flores. Além disso, as janelas abertas deixavam a brisa entrar, dando a Gideon a sensação de purificação quando uma alcançou seu rosto.

— O mundo é assim mesmo — concordou Mo, lançando a Gideon um olhar especulativo. — Aqui, segure isto, rapaz. Você parece ser forte. — Ela soltou um livro pesado, e Gideon avançou para pegá-lo, cambaleando sob o peso. — Hum. Só parece, pelo visto.

— Que ultraje — protestou Gideon, mas Keeley o fez perder o equilíbrio ao passar para ajudar Mo com os outros livros, abaixando-os com delicadeza.

— Se puder nos dar licença, Mo — balbuciou Keeley —, preciso conversar com o meu amigo… Herbert por um instante. — Ela pegou o braço bom de Gideon e o arrastou para detrás das estantes. — O que está fazendo?! — sibilou a capitã.

— Herbert? — Gideon fez careta.

Keeley passou as mãos pelo cabelo, puxando as mechas, impaciente.

— Acha mesmo que o segundo livro estaria em um lugar tão óbvio? Você está colocando a Mo em perigo, arrastando a pobre coitada para os negócios do chefe. E se alguém tivesse te seguido até aqui? Ela foi a primeira amiga que fiz fora da mansão, e não vou colocá-la em risco só porque te falta criatividade.

— Não me falta criatividade. — Gideon revirou os olhos. — Nem bom senso. Se estamos procurando um livro que ninguém vê desde a criação do reino, não acha mesmo que um lugar apropriado para começar a busca seria onde livros vivem?

A capitã franziu o cenho, mas não disse nada.

— Leve o tempo que precisar — tranquilizou-a Gideon. — O silêncio absoluto é uma reação frequente quando estou certo.

— Ela é importante pra mim, Gideon — sussurrou Keeley, e sua raiva se transformou em uma súplica. — Este lugar… e a Mo… importam pra mim.

Ah, como ela jogava baixo!

E funcionou imediatamente.

— Sinto muito. Eu não sabia.

— Não, eu é que peço desculpas. — Keeley bufou, balançando as mãos no

ar como se fosse uma borboleta capturada. — Este sempre foi um lugar particular pra mim. Quando te vi aqui, minha vida na mansão veio à tona e…

— Te fez me chamar de *Herbert*.

Ela riu, e seus olhos cintilaram. A energia que ela emanava era tão contagiante que Gideon sorriu de volta.

— Então você não me seguiu até aqui? — perguntou ela. — Foi mesmo só coincidência?

— Eu só estava tentando procurar nos lugares mais óbvios — brincou ele.

A capitã sorriu, aparentemente envergonhada, e ele ficou tão desconcertado com a reação que por pouco não começou a dançar para se desvencilhar do efeito.

— Na verdade, eu também ia procurar aqui.

— Rá! — gritou ele, mas o som foi abafado quando Keeley cobriu sua boca com a mão.

— Cala a boca! Deuses, a gente precisa de alguma coisa pra tapar sua boca.

Gideon arqueou as sobrancelhas, e seus lábios se mexeram de leve sob a palma dela. A capitã se afastou com um pulo tão rápido que trombou com a estante atrás de si e derrubou um livro do alto. O tomo balançou e caiu, mas Gideon conseguiu se esticar para pegá-lo.

— Herbert ao resgate.

— Você é um pé no saco. — Ela revirou os olhos.

— Keeley? — chamou Mo. — Você por acaso está cometendo algum tipo de perversão na minha biblioteca com esse rapaz bonitão?

Gideon sorriu.

— Ela me acha bonitão.

— Ai, meus deuses. — A capitã se afastou, e Gideon a seguiu feliz da vida. — Mo, pode nos ajudar a encontrar uma coisa?

— É um livro — acrescentou Gideon.

— Está em falta. — Mo riu, organizando as pilhas. O espaço era amplo e estava realmente sem cliente nenhum.

Era uma sensação melancólica. Havia tanta alegria ali. Tantos lugares para visitar, e ninguém para viajar para eles. Tudo porque Benedict estava decidido a semear o medo.

— Que tipo de livro?

— Ele é velho. — Sem dizer nada, Keeley começou a ajudar Mo a organizar os livros em seu carrinho em ordem alfabética.

— Eu também sou. — Mo estava ligeiramente exasperada. — Vou precisar

de mais informações.

— Ele tem as cores do arco-íris e páginas com a lateral prateada. É um design bastante elaborado. Único. — Gideon deu todos os detalhes de que conseguia se lembrar de quando vira o volume na mesa de Benedict. O dia em que sua carreira com a Guarda Valente acabou.

Mo endireitou a postura e se virou, baixando os óculos para a ponta do nariz. Seu rosto não demonstrava nenhuma emoção legível.

— O livro de Rennedawn?

Keeley arquejou.

— Você o viu?

Mo fez uma pausa.

— De certa forma.

— Que jeito mais sinistro de responder. — Gideon riu.

— Vocês dois sabem tanto quanto eu que o livro da *História de Rennedawn* fica no Palácio de Luz com o rei Benedict — falou a bibliotecária, olhando para Gideon com os olhos semicerrados.

— Claro. — Quando já não havia mais livros no carrinho para guardar, Keeley se sentou em um sofá próximo, e Mo se juntou a ela. Foi um movimento natural. Natural como um hábito desenvolvido ao passar um tempo considerável com alguém. — Eu sei disso, mas o Herbert é recém-chegado a Rennedawn. Ele vem do reino do sul.

— Ah, sim, a terra dos lírios. — Mo sorriu.

— Alguns dos melhores que existem — respondeu Gideon com jovialidade. — Só estou curioso mesmo, com todos esses rumores por aí a respeito da magia decadente, a nova vilã à solta… É o tipo de melodrama que se vê no palco.

— A profecia do livro da história do seu reino também é um dilema. Quanto a isso você não ficou curioso? — Mo abriu um sorrisinho.

Olha só. Uma informação para guardar para mais tarde.

— Nós estávamos pensando, Mo… será que não fizeram cópias extras? Os criadores iam querer que o público soubesse o que enfrentaria, não? — Keeley estava sendo cautelosa, mas Gideon conseguia ver a confiança entre as duas, algo que a capitã parecia desesperada para não quebrar.

Mo olhou com pena para eles.

— Criança, não temos cópias do livro da *História de Rennedawn* nesta biblioteca. — Ela deu uma risada sem humor. — Mal recebemos verba para comprar velas. Temos fechado as portas antes do anoitecer.

Keeley não demonstrou surpresa com a revelação.

— Eu trouxe uma caixa de velas de casa. Odeio pensar em você aqui sozinha no escuro.

— Eu gosto do escuro. — Mo ficou de pé e bateu a poeira da saia com um sorriso alegre. — Me prepara para a morte.

Gideon tossiu, sem conseguir recuperar o fôlego.

— Por que você diz coisas tão mórbidas? — Keeley deu um sorriso exasperado à amiga, e se levantou também.

— Porque é libertador olhar para o que você teme e simplesmente dar uma boa gargalhada. — Mo deu batidinhas na mão dela.

— Você é uma figura. — Keeley se esgueirou e deu um beijo na bochecha de Mo. — Precisamos mesmo ir. O Herbert não vê a hora de voltar a cuidar dos estábulos. — Ela deu sussurro zombeteiro: — Ele ama de paixão limpar cocô de cavalo.

— Não me surpreende — comentou Mo, olhando para ele com astúcia por sobre os óculos. — Sabe… — começou, depois continuou: — Eu não deveria falar nada, mas… — A idosa encarou os dois, séria. — Não temos cópias do livro da *História de Rennedawn* nesta biblioteca. Isso é verdade. Mas temos uma história de quando eu era jovem. Pode servir de alguma coisa para vocês.

— Como assim? — indagou Keeley com cautela.

— Houve um palácio antes do de Luz. — Mo parecia aflita, olhando ao longe. — Ficava no meio da Floresta das Nogueiras. Foi onde o primeiro rei ocupou o trono.

— Eu não sabia disso. — Keeley franziu o cenho.

— Era de se imaginar — disse Mo. — O pai do Benedict eliminou do reino quaisquer registros disso. Disse que o único palácio conhecido pelos cidadãos seria o de Luz. Mas o palácio antigo ainda pode ter um pouco de magia. Talvez valha a pena dar uma conferida lá.

Keeley chegou mais perto, contente.

— Sabe onde fica?

Mo deu uma risada sombria.

— Algum de vocês dois já ouviu falar na Morada do Massacre?

CAPÍTULO 29

Evie

— Tudo bem por aí? — Malcolm levou o cavalo para mais perto do de Evie no calor do meio-dia. O sol estava em um fervor absurdo para aquela época do ano. Evie sentia a pele do braço queimando, mas não fez nada para remediar.

Trystan cavalgava à frente, murmurando algo para Reinaldo, que estava se equilibrando na garupa até que muito bem, para alguém que até pouco tempo era um sapo. Uma risada veio após o comentário de Trystan, e Evie mais uma vez teve a impressão distinta de que estar ali, na natureza, não era para ela.

— Claro — respondeu para Malcolm, animada. — Por quê?

— Você está cercada por uma névoa escura que está literalmente pairando sobre a sua cabeça, então achei prudente perguntar. — Malcolm ergueu a cabeça, e Evie viu que ele tinha razão; a névoa se arrastava sobre sua cabeça, puxando os cachos até eles quicarem de volta.

Ela olhou séria para Malcolm.

— Que névoa?

— O quê? Você… Ah, tá. Você está brincando. Maravilha. Fico feliz. — Ele deu um sorrisinho pesaroso. — Você mudou desde a última vez que eu te vi.

Eles seguiram caminho enquanto Evie processava as palavras, tentando encontrar uma resposta.

— Fiquei mais chocha? — concluiu ela, sabendo muito bem que vinha cedendo muito à tristeza e ao desespero.

— Não. — Malcolm franziu o cenho. — Não é isso, de jeito nenhum. Eu ia dizer que você está mais… você. Se é que isso faz sentido.

— Não faz — intrometeu-se Alexander Reinando, depois riu em um barítono grave.

— Linda — murmurou Trystan, olhando de esguelha para ela. — É isso que

você está vendo, Malcolm. Uma mulher linda.

Malcolm trocou um olhar cúmplice com Evie.

— É mesmo, é?

— Sim — declarou Trystan, não dando brecha para discussão, arrastando o coração de Evie consigo.

Ao longo da jornada, as árvores começaram a ficar cada vez mais esparsas. Em seu lugar, surgiram arbustos e, de tempos em tempos, um casebre ou um jardim. O cavalo em que Evie estava montada bufou, nervoso, e ela murmurou palavras para tranquilizá-lo. Mais uma bufadela veio, até que de repente o bicho se ergueu nas patas traseiras, fazendo Evie despencar e cair no chão.

Bem ao lado do maior sapato que ela já tinha visto na vida.

— O que… Gigante? — Ela arregalou os olhos. Quando o sapato se levantou, cada músculo no corpo dela respondeu da forma mais inútil que se podia imaginar.

Ela ficou paralisada.

Até ser puxada pelos cotovelos.

— De pé, agora — falou Trystan, sem rodeios e sem emoção, ao tirá-la do caminho e sair correndo, puxando Evie consigo.

— E o Malcolm? E o Reinaldo?

— Os cavalos dos dois se assustaram e fugiram na direção oposta.

— Quem dera o meu tivesse feito isso — gritou ela, chegando mais perto dele enquanto os dois continuavam a correr, até enfim se abrigarem atrás de uma árvore grande.

O chão tremeu quando o gigante deu mais um passo. Era uma mulher. Ela gritou, o mais alto que pôde:

— FEE FI FO FUM.

A mulher gigante estava usando um vestido formal, grande o suficiente para servir também de tenda para humanos menores. A peça era belíssima, assim como o cabelo escuro sedoso que escorria pelas costas dela. Seu rosto era mais difícil de discernir — provavelmente porque estava um quilômetro e meio acima de onde Evie estava.

— Isso é uma gigante — murmurou Evie no esconderijo, apontando para o alto.

— E aquilo ali é uma pedra — retrucou Trystan. — Será que dá pra gente brincar de detetive uma outra hora?

— Sua grosseria não está ajudando, sabia? Ela pode ser quem a gente tá procurando!

— Não vamos ter como descobrir isso se ela pisar na gente — respondeu Trystan por entre os dentes.

— FEE FI FO FUM — vociferou a gigante novamente, erguendo pedras e terra do chão.

— Quem é fee fi fo fum? — perguntou Evie, gritando quando o pezão baixou com tudo bem ao lado de uma casinha.

Trystan apertou a ponte do nariz, depois murmurou:

— Por que não vai perguntar?

A gigante pegou uma rocha grande e a arremessou com tanta força que derrubou diversas árvores próximas da deles.

— Pelo amor dos deuses. Acho melhor a gente esperar uns cinco minutinhos.

Trystan olhou para ela, incrédulo.

— Acha que o surto devastador de uma gigante vai passar em cinco minutos?

Evie o encarou.

— Os meus geralmente passam em quatro.

— Sage! — lamuriou Trystan, depois pulou quando a porta de uma casa à beira da floresta se abriu de repente. Havia uma mulher linda na entrada, com cachos loiros compridos presos com uma fita simples.

— Venham, vocês dois! Depressa!

Eles não tiveram tempo para pensar duas vezes, simplesmente zarparam na velocidade máxima até o abrigo, em direção à salvadora loira.

Quando a porta se fechou atrás deles, os olhos azuis da mulher ficaram mais serenos.

— Ah, pobrezinhos. Não se preocupem, minha casa é enfeitiçada para acalmar os nervos. Vocês dois parecem estar muito aflitos. Aceitam um pouco de chá e, quem sabe, um lanchinho? — Havia cookies com gotas de chocolate esfriando em uma bancada, ainda macios e recém-tirados do forno.

Trystan pegou um cookie da bandeja, dando de ombros quando Evie se virou para ele. Em seguida, arqueou a sobrancelha quando percebeu que ela estava tentando lhe dizer alguma coisa com o olhar.

Evie ficou perturbada com uma sensação que se espalhava na boca do estômago. Um instinto que dizia que eles deveriam ter tentado a sorte com a gigante.

Mas não havia meio de explicar por que ela se sentia assim.

Em uma casa… feita de doces.

CAPÍTULO 30

Trystan

Trystan Maverine passara um bom tempo sem confiar em ninguém. Ele observava cada movimento das pessoas a seu redor, esperando que alguém fosse traí-lo. Qualquer um poderia ser uma ameaça. Qualquer um poderia errar. No entanto, o escopo desses princípios *não* incluía a culinária.

Pela expressão no rosto de Sage, ele estava com receio de que deveria passar a incluir.

— O que foi? — murmurou ele, em voz baixa.

— É melhor a gente ir.

— Por quê?

— Ah, não me digam que já vão embora! — A anfitriã os interrompeu, cheia de esperança. — Meu nome é Greta. Nunca recebo visitas. — Ela colocou a mão no ombro de Trystan e sorriu.

— Talvez seja porque a senhora tem uma gigante irritada como porteira? — sugeriu Sage, falando tão sem rodeios que Trystan até estranhou. Em seguida, com um puxão forte no braço dele, acrescentou: — Sinto muito, mas não podemos mesmo ficar. — Sage chegou até a tocar a maçaneta, mas então gritou de dor.

Trystan pegou sua mão, que agora estava marcada com uma queimadura vermelha.

— O que é isso?

Greta cruzou os braços e fechou a cara.

— Por que estão rejeitando minha generosidade?

— Porque ela causa bolhas — retrucou Sage. — Agora abra a porta.

— Infelizmente, isso não será possível. — Greta jogou o cabelo loiro sobre o ombro, abandonando toda a fachada de hospitalidade. — O que vai fazer, Vilã?

— Trystan ficou esperando a última sílaba ser concluída, mas pela primeira vez isso não aconteceu… Greta não estava mesmo se referindo a ele.

Era a Evangelina que ela se dirigia.

E Evangelina não parecia nem um pouco incomodada com isso. Na verdade, ela sorriu, olhando para ele com a outra mão ao peito.

— Ninguém nunca tinha me chamado assim antes!

— A primeira vez a gente nunca esquece — concordou Trystan, sério.

— Acha que pode ficar zanzando pelo reino, fazendo o que lhe dá na telha, sem consequências a mais ninguém? — continuou Greta. — Arrastando este pobre rapaz e prendendo-o em suas garras?

— Você por acaso tem tido reuniões com as vozes da minha cabeça? — perguntou Sage com uma curiosidade genuína que fez uma risada ficar presa na garganta de Trystan.

— Eu, na verdade, sou bastante apegado às garras dela — interrompeu Trystan, com a paciência no limite à medida que a veia pulsava em seu pescoço. — Gostaríamos muito que a senhora abrisse a porta para nós — começou ele, com educação, parando para se apoiar na parede e fungar. — E que nos passasse sua receita de biscoito de gengibre.

— Ah, a do glacê também — sussurrou Sage pelo canto da boca.

— Não vou permitir que você vá embora até eu ter certeza de que estará seguro.

O humor abandonou Trystan em um piscar de olhos.

— Não sei quais panfletos de noticiário mequetrefe você tem lido, mas o rei Benedict é um mestre da manipulação e um mentiroso de primeira. Não deixe ele te fazer de tonta. — Trystan cruzou os braços, mas se sentiu mais tranquilizado por Sage, que parecia estar recuperando sua paixão por ser vista como perigosa.

Graças aos deuses.

— Do contrário, pode ser que a gente precise da sua cabeça para a decoração de casa — acrescentou Sage, contente, e Trystan deu um tapa na própria testa.

Greta levou as mãos à cintura, desconfiada.

— E você? Se ela é a Vilã, o que acha que isso o torna?

Os cantos dos lábios dele repuxaram, satisfeitos e ameaçadores em sua resposta:

— Os músculos dela.

Ele sentia os olhos de Sage queimando a lateral de sua cabeça.

— Quando eu contar até três, vem atrás de mim — indicou ela, falando por entre os dentes.

— Quando você contar…

Só que ela não contou de fato, só gritou:

— Três!

A vida de Trystan era sinceramente… um ultraje.

Sage saiu em disparada para o corredor, e ele a seguiu. Óbvio que a seguiu.

Ela abriu a última porta, em uma nítida esperança de que fosse uma saída para os fundos, e Trystan fechou a tranca de metal depois de eles passarem. Em seguida, ficou encarando a porta fechada, incrédulo só de pensar que cerca de dez minutos antes ele estava na garupa de um cavalo.

Agora estava trancado em uma casa feita de doces.

Mas, Trystan pensou, se fosse para ele morrer daquele jeito… pelo menos morreria cercado pela pessoa e pela coisa que ele amava.

Sage… e açúcar.

— Trystan…

— O que foi agora? — grunhiu ele. — Não tem janelas?

Quando ele passou os olhos pelo restante do cômodo, atestou que de fato não havia janelas, mas não foi isso que havia chamado a atenção dos olhos apavorados de Sage.

Foi um caldeirão no centro, em cima de um fogo baixo.

Sage batucou o dedo no queixo, chegando à mesma conclusão que ele.

— Acho que descobri um dos ingredientes da receita do biscoito de gengibre.

Maravilha. Greta, a senhora do biscoito de gengibre, estava prestes a cozinhar eles dois.

CAPÍTULO 31

Lyssa

Lyssa e a irmã mais velha raramente entravam em um arranca-rabo. Elas brigavam, como todas as irmãs. Mas as discussões mais sérias, do tipo que estremecia a base do relacionamento das duas, não chegaram a acontecer nem cinco vezes.

E Lyssa achava que esse número estava prestes a aumentar.

Mas, se ela ia mesmo se rebelar… aquela era uma causa digna.

Ela olhou para a esquerda, depois para a direita.

— A barra tá limpa. Vão, vão, vão! — Ela abanou o braço feito um moinho, e Blade e Tatianna passaram cambaleando por ela, cada um deles segurando um saco em formato de ovo, grunhindo de tanto esforço, até chegarem aos aposentos da curandeira.

Teria sido uma cena engraçada, se não fosse tão perigosa.

Não. Ainda assim era engraçada.

Quando chegaram do outro lado da porta, com ela bem fechada, Lyssa sentiu que chegara a hora de comemorar.

— Conseguimos! Ninguém viu a gente!

Tatianna soprou uma trança da frente do rosto, o glitter ainda perfeitamente no lugar, apesar do perrengue. Lyssa faria questão de perguntar depois como ela alcançara tamanha proeza — mas uma anomalia de cada vez.

O primeiro saco caiu dos braços de Blade para o chão, e o de Tatianna veio depois.

— Por que eles se remexem tanto? — resmungou a curandeira, olhando para o saco em movimento. — Nós temos certeza de que eles ainda estão dentro dos ovos? Não era para eles estarem desnutridos ou, sei lá, menos agitados?

Diversos estalos vieram de dentro dos sacos, e em seguida um som de vento. Por fim, como um milagre, o primeiro saco se derreteu sob uma explosão de névoa roxa.

A coisa tremelicosa ao lado dele imitou a ação, até que de repente estavam os três olhando para…

Não um, mas *dois* filhotes de guvre.

Eles não eram maiores que a cesta ali no canto, ainda cheia de plaquinhas para Reinaldo. O guvre que Tatianna carregara era coberto de escamas coloridas iridescentes, tão brilhantes e intensas que ele chamou a atenção geral logo de cara. O macho. A outra criaturinha era menor, de um castanho opaco: a irmã.

Seus corpinhos tinham o formato de cobra, e as asas mal haviam se desenrolado após a eclosão. Os olhos grandes observavam o cômodo, e quando as portas dos aposentos da curandeira se abriram, as duas criaturas emitiram chilreios agudos para a srta. Erring e Clare do outro lado.

— Eles não estão aqui. — A srta. Erring estava esbaforida e aparentemente em pânico. — A Evie e o chefe não estão aqui, e nós estamos com essas coisinhas na mansão e… Por que aquele ali tá pulando na minha direção? — A guvre fêmea ia até a srta. Erring com os olhos grandes focados em seu rosto assustado. — Na-na-ni-na-não. Cobrinha de asas malcriada. Xô! — Ela abanou a mão quando a filhote piou de novo, pulando em cima de seu sapato. A srta. Erring a encarou, espantada. — O que é que está acontecendo?

Blade estava feliz da vida, encarando a mulher e o animal com um sorriso bobo.

— Acho que essa pobre coitada acha que você é a mãe dela.

Tá aí, pensou Lyssa. *Uma reviravolta que eu aprovo.*

Tatianna se animou.

— Ai, que fofo, Rebecka. Meus parabéns.

— Não sou mãe dela! — gritou a srta. Erring, assustando-se quando o animal em cima de seu pé soltou um ganidinho de dar dó, tentando subir em sua perna, sem sucesso. A moça dos Recursos Humanos e das Criaturas Mágicas se recusou a olhar para a filhote por dez segundos cravados antes de ceder. — Ah, está bem! Vem aqui! — resmungou, abaixando-se para pegar o animal e bufando quando a coisinha não perdeu tempo se aninhando em seu pescoço.

Lyssa observou, admirada.

— Você é tão sortuda…

A srta. Erring respondeu revirando os olhos.

— Ah, sim. É tanta bênção na minha vida que não acaba mais.

Os guvres adultos não chegaram a aparecer, e quando o primeiro ovo começou a rachar, e o segundo pouco tempo depois, Blade insistiu que eles fossem embora imediatamente, explicando que as guvres fêmeas eram muito protetoras em relação a seus ovos, e que não havia meio de descobrir o que os adultos fariam se encontrassem o grupo com os filhotes.

Lyssa sentiu uma pontadinha de culpa, mas a sensação foi superada pelos olhos arregalados do macho, que pulava em direção a Clare.

— Olha que belezinha você é! — Lyssa fez um "oun" quando Clare se abaixou para pegá-lo, e se esticou para fazer carinho na cabeça dele. O animal estava fazendo um som vibrante de pura satisfação, bem parecido com o ronronar de um gatinho.

— Por que os machos têm escamas coloridas e as fêmeas não? — perguntou Tatianna.

Blade estava cortando pedacinhos de carne que havia encontrado na despensa, fatiando-os na mesa que Tatianna usava para preparar seus remédios.

— Os machos precisam atrair para acasalar. As fêmeas não precisam.

A srta. Erring, Clare e Tatianna grunhiram em conjunto. Mas foi Tatianna quem protestou:

— A maioria das mulheres não passa batom nem glitter para impressionar um… *homem*. — Ela estremeceu.

Lyssa riu e chegou mais perto do guvre macho.

Blade olhou de uma mulher para a outra, lançando as mãos no ar e gesticulando para seu colete azul chamativo com dezenas de flores amarelas costuradas.

— Tá falando com quem? Porque não pode ser com o homem que está usando uma calça fúcsia.

— Eu gosto da sua calça — comentou imediatamente a srta. Erring, depois pareceu envergonhada pela confissão repentina.

A fêmea sentiu o incômodo da srta. Erring e se enrolou em seu pescoço, escondendo-se no cabelo.

— Essa coisa por acaso está… — começou ela, mas então o animal soltou um sonzinho leve. — Ela está dormindo? — sussurrou a srta. Erring, de olhos arregalados e em pânico.

— Vamos deixar isso de lado por ora — recomendou Blade. — Temos algumas horas antes de os guvres se darem conta de que os ovos sumiram, e

isso se tivermos sorte.

— Temos luz estelar e as crias. Só precisamos do Trystan e da Evie — comentou Becky, baixinho, tomando cuidado (apesar da irritação declarada) para não acordar a criatura adormecida que estava enrolada nela. — E do livro da *História de Rennedawn*.

— E de um *fouet*. — Lyssa sorriu.

A srta. Erring bufou.

— A profecia precisa ser colocada em prática onde o sol bate sem empecilho — relembrou-lhes Clare, dando pedacinhos de carne para o animal em sua mão. — Aqui, meu bem.

— Não vamos ficar com ele, *meu bem*. — Tatianna olhou para Clare com uma cara engraçada, chegando mais perto para acariciar a cabeça do animal. — Mas, enquanto isso, seria *bom* dar nomes a eles. Não quero continuar chamando os dois de Arco-íris e Neutra na minha cabeça.

Os animais emitiram sonzinhos de aconchego, e a srta. Erring colocou a filhote no chão ao lado do irmão, que agora estava aos pés de Lyssa.

— Essa aqui vai ser Cassandra. — Todos a encararam, e a srta. Erring revirou os olhos. — Que foi? Não vou botar um nome tipo Tremelique ou Gracinha ou…

— Ou Fofucho? — concluiu Blade com um sarcasmo de quem estava se divertindo. — Será que podemos dar a esse aqui um nome forte? Tipo Perigo?

A srta. Erring olhou para ele com uma expressão sofrida.

— Nós poderíamos… se odiássemos o coitado.

A porta balançou, e todos tiveram um sobressalto, batendo uns nos outros para irem ficar na frente dos guvres.

O rosto de Gideon apareceu.

— Ah, vocês estão todos aqui. O que é que estão… Quer saber? Deixa pra lá. Preciso que todo mundo comece a revistar a mansão. Agora!

— Por quê? — perguntou Lyssa, nervosa, puxando a saia para tampar a asa que começava a aparecer.

Gideon pareceu quase que feliz ao compartilhar a informação com eles:

— Achamos que o segundo livro pode estar escondido aqui. Na Morada do Massacre.

CAPÍTULO 32

Evie

Evie não conseguia parar de encarar aquela coisa.

A coisa, no caso, era o caldeirão grande o suficiente para comportar humanos, bem no centro do cômodo.

— Sage… No que você está pensando? — Ela ouviu a voz de Trystan falando baixo.

— Você acha que a Greta vai ao dentista com frequência? — Evie se sentia em um torpor.

A ameaça de ser cozida viva fazia isso com a pessoa.

— Acho que, se ela estivesse comendo a própria casa, seria muito mais fácil para nós sairmos dela. — Com um grunhido, ele pegou um banquinho e o tacou na parede. — Como pode isso não ter nem amassado?

Evie arqueou a sobrancelha, sentindo-se impossivelmente entretida.

— Estamos cercados por biscoito de gengibre velho. Você tem é sorte de *o banquinho* não ter quebrado.

A porta balançou, e Evie sentiu um aperto no coração. Naquele instante, ela esqueceu que tinha a adaga na cintura, a magia da morte escondida em algum lugar dentro dela, e um homem alto se jogando à sua frente.

— O que está acontecendo? — Trystan olhava para ela, em vez de para a porta, que vibrava sem parar por causa dos punhos de Greta. — Geralmente você não é tão… arisca assim.

— Eu não…

— Abram a porta!

Evie soltou um gritinho, torcendo a camisa de Trystan, depois pulando quando ele levou a mão à sua cintura.

— Ok, eu estou *um pouco* arisca. — Quando ela ergueu a cabeça, ele ainda

a encarava com atenção, como se o que estava acontecendo com ela naquele momento fosse muito mais importante do que a mulher que batia à porta para grelhá-los feito peru de fim de ano. — A ideia de ser devorada me apavora.

Os olhos de Trystan ficaram ainda mais sombrios, reluzindo com graça.

— Por mais especial que eu te ache, meu amor, essa é a reação mais comum a essa situação mesmo.

— Tire essa palavra da sua boca. Ela é letal — acusou Evie.

A familiaridade romântica entre eles era para ser atípica. Desde que ela o conheceu, Trystan fora uma repressão ambulante, determinado a se manter contido e sem emoções.

Mas agora sua determinação estava voltada a ela.

E ela não conseguia nem aproveitar a sensação.

Ele encostou os lábios no cabelo dela.

Isto é, não conseguia aproveitar *muito*.

— Se fosse para eu virar sopa com alguém, eu escolheria você. — Era uma fração do que ela queria dizer, mas Trystan sempre conseguia entender o que suas gracinhas significavam de fato. Ele sabia do maior medo de Evie: se ela deixasse rolar e se arriscasse, poderia acabar machucando ele.

Não só isso. Ela estava *destinada* a machucá-lo.

— Não gosto de sopa — declarou ele.

— Sim, eu me lembro. E acho isso um absurdo. — Ela deu batidinhas nas laterais da cabeça. — Não dá pra odiar sopa. Na maioria das vezes, é só caldo e vegetais.

Trystan não se abalou, mas parou para pensar.

— É que eu não gosto de comida molenga.

— Você comeu bolo hoje cedo — protestou ela.

— Bolo é macio, não molenga — corrigiu ele, encarando Evie como se fosse ela quem estivesse falando asneira. Mas, então, ele ergueu a cabeça. — Espere aí. O caldo!

— O caldo é *líquido* — respondeu ela, contrariada, observando com o queixo inclinado quando ele subiu no banquinho adjacente à panela enorme.

Trystan olhou para dentro e subiu as mangas.

— Está fervendo. Pode dar certo.

— O quê?

— Podemos derramar no chão. Biscoito derrete com o calor fervente, por mais duro que esteja. — Ele começou a balançar o caldeirão bem quando Evie percebeu algo alarmante.

As batidas haviam cessado.

Porque a porta estava aberta.

Greta estava parada na soleira, com o cabelo desgrenhado de tanto bater e o rosto adorável contorcido em uma carranca. Mas ela só teve uma coisa a dizer:

— Você não gosta de *sopa*?

Evie deu uma pausa no terror para concordar.

— Não é, menina?!

— Sage! Saia da frente!

Ela não esperou para ver por quê, só correu para a parede. Quando deu por si, uma corda havia se partido, o caldeirão havia tombado e o caldo fervente escorria em direção a Greta. A mulher gritou, fugindo da sala e do líquido escaldante.

Ele alcançou o tornozelo de Evie logo antes de Trystan pegá-la no colo e carregá-la nos braços como uma noiva. Eles estavam tão colados que ela sentia o coração dele, os músculos saltando sob seus dedos. Os olhares se encontraram, e Trystan segurou a cintura dela com mais força; seu semblante transparecia devassidão em vez de medo.

— É interessante que situações perigosas nos unam ainda mais em vez de nos afastar, como o monstro do destino declarou — comentou ele.

— Não é interessante. É doentio e ligeiramente cruel.

— Isso, ou o monstro do destino mente demais — sussurrou ele em um estrondo vindo do peito, com alegria dançando em seus olhos escuros.

— Quero acreditar nisso — sussurrou ela. — Muito mesmo. Você precisa acreditar em mim. Eu… eu não quero ter medo. — A emoção falou mais alto, com uma tristeza sufocada fazendo a voz de Evie falhar na última palavra.

Trystan a olhou com uma convicção que ela não sabia se já tinha sentido um dia — a respeito de nada.

— Você pode ter medo. E eu vou só… eu vou só continuar aqui.

Depois de plantar um beijinho na bochecha dela, e então na ponta de seu nariz, ele ergueu a cabeça para averiguar o estrago causado pelo caldo, mas as paredes permaneciam no lugar, sem amolecer ou desmoronar nem um pouco.

— Putz. Que decepção.

— Ah, não foi, não. — A voz de Greta os assustou. — Que *doçura*! — gritou ela, secando os olhos com o que parecia ser um biscoito de açúcar coberto de canela.

Os dois ficaram sem resposta por um segundo, e então a boca de Evie reagiu.

— Não vamos ter um gosto melhor por causa disso!

Greta a encarou, vertendo os olhos para diferentes cantos do cômodo. Ela parecia confusa, depois a ficha caiu.

— Vocês dois acharam que eu ia *cozinhar* vocês?

Bem, eles de fato tinham chegado a essa conclusão, não?

— Não era… hm… — começou Evie, sugando os lábios para dentro da boca. — Não era… isso que você ia fazer?

— Eu, hein! De onde é que vocês tiraram uma ideia tão nojenta como essa? — Greta parecia genuinamente ofendida.

— O caldeirão no meio da sua sala dos fundos, do tamanho de uma pessoa adulta? — Evie gesticulou para ele.

— Isso aí é da Fee! — retrucou Greta.

— Quem é Fee? — perguntou Trystan, incrédulo. Em seguida, o chão tremeu e o teto de repente foi arrancado da casa. Evie foi lentamente colocada de pé e se escondeu atrás de Trystan.

— Não esquece que eu é que tenho a magia da morte — grunhiu ela.

— Não esqueci. — Foi tudo que ele respondeu.

— Fee sou eu. — A gigante chamada Fee olhou para eles do alto, curiosa.

— Seu nome é Fee? — perguntou Trystan com cautela.

Evie sentiu uma onda de satisfação — do tipo que bate quando você descobre que estava certa.

— "Fee" tipo Fee Fi Fo Fum?

Fee falou com um nível de insatisfação.

— Eu estava tentando me apresentar quando vocês entraram na minha propriedade, e até limpei a trilha de pedras, mas vocês só me responderam com gritos de pavor! Essas suas visitas são muito grosseiras, Greta.

— Isso não teria acontecido se você tivesse me deixado perguntar quem era Fee Fi Fo Fum — cantarolou Evie, baixinho.

— Eu tinha acabado de me dar conta disso, obrigado — sibilou Trystan de volta. — Você quase pisou na gente! — gritou ele para a gigante.

— Ah, foi? — perguntou Fee. — Ou meus pés só são grandes e você fez uma suposição bem rude?

A boca de Evie formou um *O*, e ela não conseguiu tirar os olhos de Fee, nem quando foi dar batidinhas no ombro de Trystan.

— Acho que é a segunda opção. É melhor você pedir desculpas.

— Você achava que a Greta ia cozinhar nós dois! — acusou Trystan.

— Tinha um caldeirão enorme! Pra que mais eu deveria ter achado que ele

era?

— Para uma gigante — sugeriu Greta, balançando uma colherzona. — Eu sou a chef pessoal da Fee.

Ah, que alívio. E que vergonha imensa.

— Suponho que meu jantar esteja arruinado, Greta? — resmungou Fee, colocando o telhado de volta na casa. Sem dizer nada, Evie e Trystan seguiram Greta para fora. Sentindo-se mais que um pouco bobinha, Evie ergueu a cabeça feito uma criança que fora pega rabiscando a parede.

Ela sentiu o cheiro do ar da noite. De fato, já era noite. O céu do reino do leste, Kaliora, estava mais claro: a vantagem de ficar longe do alvoroço da capital e das aldeias mais movimentadas. Estrelas reluziam no alto.

Talvez a mãe dela estivesse lá. Podia ser que ela tivesse fugido para o céu, para voltar a viver entre as estrelas, querendo a vantagem de acompanhar a vida de Evie, mas sem participar dela. Ou vai ver nem fazia questão de observar a filha.

Greta estava dando novas opções de jantar quando Evie voltou à conversa.

No pior momento possível.

— Eles estavam tendo um embate de amantes.

— Não somos amantes — protestou Evie.

Ao mesmo tempo, Trystan contrariou:

— Não era um embate. — Ele estreitou os olhos para ela por um instante, com uma pose totalmente maligna, tanto que um arrepio desceu pela espinha de Evie. — Como você define "amantes", Sage?

— Se precisam de uma definição, então não deve ser o caso de vocês — falou Fee, e o olhar de Trystan mirou o céu.

— Vou direto ao ponto antes que meu orgulho frágil seja golpeado de novo — disse ele. — Estamos aqui em busca de um artefato. De uma chave.

— Claro que estão. Assim como todo mundo que viaja até as fronteiras de Kaliora. Todos chegam pedindo a mesma coisa. — Fee deu um sorriso de pena. — E ninguém nunca conseguiu ganhá-la de mim.

— Nós vamos conseguir. Qual é o jogo? — Evie estava falando sem pensar, mas se isso levasse a gigante a pelo menos mostrar onde a chave ficava, eles poderiam bolar um plano para roubá-la.

Pensando como uma verdadeira vilã.

Ela ficou aliviada por não estar sentindo uma pontada no peito, apenas contentamento.

— É fácil. — Fee sorriu com satisfação, e a felicidade de Evie evaporou de

uma só vez. — Vocês só precisam tomar a chave da minha mão.

— Sinto que não vai ser tão fácil assim — murmurou ela para Trystan.

— Eu daqui desta altura mesmo — acrescentou a gigante.

— É, não vai mesmo. — Evie apertou as têmporas, bufando quando Fee pegou a chave. Era uma coisinha despretensiosa, pintada de branco, com detalhes que ela não conseguia distinguir tão de baixo. — Acha que subir no telhado da Greta é trapacear? — perguntou a Trystan, mas a resposta que ele ia dar foi interrompida por um clarão.

Apenas o lampejo de algo reluzindo no luar — e pousando bem na palma da mão de Fee. Uma estrela cadente?

Só que não era uma estrela.

— Pega, Reinaldo! — A voz de Malcolm se espalhou pelas árvores. Ele estava com a mão esticada como se tivesse acabado de lançar uma bola.

Ou melhor… um sapo.

Alexander Reinaldo, em toda a sua glória anfíbia, fisgou a chave na boca e pulou antes que Fee pudesse capturá-lo com os dedos. Em seguida, pousou perfeitamente em cima de seu cavalo. Evie ficou se perguntando como algo tão pequeno e verde podia manter um charme tão galante.

— Vocês trapacearam! — vociferou Fee, batendo o pé e fazendo o chão tremer.

— Hora de ir. — Trystan pegou a mão de Evie e correu até Malcolm, que parecia cansado depois de recuperar os animais. Eles montaram e saíram cavalgando em disparada. A voz de Fee estrondou atrás deles.

Eles estavam voltando para casa. Para sua família.

Tinha dado tudo certo.

E isso fez Evie sentir um embrulho no estômago.

Porque, geralmente, indicava que algo bem errado se aproximava.

CAPÍTULO 33
Reinaldo

Alexander precisava admitir, mesmo que apenas para si mesmo, que ser anfíbio tinha lá suas vantagens.

Não tantas quanto ser humano, valia ressaltar, mas elas existiam. Por exemplo, se havia algo esquisito acontecendo na mansão, ele sempre era o primeiro a saber. Passava despercebido tantas vezes que começara a tratar isso como uma expressão artística.

Quando se era humano, todo mundo reparava no que você fazia e em onde estava.

Isso ia de encontro com os propósitos de Alexander. Mas o valor de ter polegares opositores era inestimável.

— Aí está você, Lyssa! — falou Evie com alívio, correndo até a irmã no espaço vazio do escritório. — Eu tinha certeza de que você estaria na cozinha, mas o Edwin disse que você não chegou a descer. — Evie abraçou a menina. — Fiquei com medo de você não ter voltado ainda.

As mãozinhas de Lyssa apertaram Evie de volta.

— Eu? Você que passou o dia todo fora. Foi pra onde?

— Quase virei sopa e insultei uma gigante. — Evie soltou a irmã para olhar séria para ela.

— Odeio quando isso acontece — respondeu Lyssa, sombria.

— Não nos deixe curiosos, vilãzinha. — Trystan as levou para um canto iluminado por diversas tochas. — Deu certo? Vocês atraíram os guvres adultos para a mansão?

A cara de Lyssa foi de leve e descontraída a fechada e distraída.

Uma expressão que, com base na experiência de Alexander, era o prelúdio de uma diversão caótica. Ainda mais quando uma das irmãs Sage estava

envolvida.

Os olhos de Trystan suavizaram diante do nervosismo da menina.

— Se a resposta for não, você não vai estar em apuros. De jeito algum.

Lyssa o encarou de olhos arregalados, como se a possibilidade nem tivesse passado por sua cabeça.

— Eu sei. Só não sei como responder. Se a gente pudesse encontrar o pessoal primeiro…

— Peraí… — começou Evie.

— Ah, Reinaldo! Você voltou a ser sapo! — interrompeu Lyssa, olhando ao redor, aflita.

Reinaldo pulou em direção a uma das cestas de suas placas, pegou o giz e, como de costume, escreveu uma palavra que significava muitas.

Começando com uma de suas favoritas.

COMPLICADO

— Chega — protestou Trystan, lançando a Alexander um olhar sério. — Lyssa. O que houve?

O som de passos se aproximando ecoou depressa pelo corredor.

— Foi *você* que deixou a porta aberta, e agora quer vir *me* chamar de irresponsável? — A voz de Tatianna veio primeiro, e a de Becky em seguida.

— *Eu* não deixei aberta; ela ficou presa em um dos seus cachecóis absurdamente longos.

— Meu cachecol nem estava lá! — retrucou Tatianna.

— Porque a Cassandra comeu! — vociferou Becky, e as duas pararam diante do grupo. — Cacete… — ela olhou para Lyssa — …ada. Eu falei cacetada.

— Mas antes disso, falou "cacete" — murmurou Lyssa, dando uma moeda de ouro para Evie.

— Quem é Cassandra? — perguntou Malcolm, curioso. — Espero que seja alguma linda amiga de vocês.

— A Cassandra é meio novinha demais pra você, Malcolm — falou Clare, juntando-se a eles com cara de contrariada e infeliz. Essa vinha sendo sua expressão de praxe nos últimos dias. — Maravilha. Tudo na mansão foi para o escambau enquanto vocês estavam fora. Espero que seja lá o que vocês estavam fazendo tenha valido a pena.

Alexander sorriu internamente, achando muita graça no fato de o lugar onde um dia Clare jurara nunca botar os pés ter se tornado um que ela queria proteger.

— Fomos atrás de uma chave. Uma chave de que o Benedict precisa para colocar em prática uma maldição que substituiria a versão atual de Rennedawn por uma na qual eu nunca viro o Vilão… se é que isso "vale a pena" para você. — Trystan abanou a mão na frente da expressão embasbacada de Clare. — O quanto do que eu falei você de fato entendeu, Clarissa?

— O bastante pra estar nauseada — murmurou ela, esfregando as têmporas.

— A mansão parece estar calma, Clare. O que está te deixando tão aflita? — comentou Evie, procurando sinais de perturbação.

— Abaixem-se! — gritou Blade bem quando veio uma explosão de névoa roxa. Todo mundo foi ao chão. Exceto Alexander, por motivos óbvios.

Trystan lançou as mãos sobre a cabeça de Lyssa e de Evie, bloqueando a vista delas do vapor roxo que cobria uma mesa, derretendo-a.

Não, pensou Alexander.

Só havia um tipo de animal com tais habilidades, e eles não deveriam estar perto da Morada do Massacre. Porém, um guinchinho confirmou, e Alexander ficou boquiaberto quando avistou não um, mas dois filhotes de guvre piando feito pássaros.

E então ele entendeu.

Que tinha fracassado.

— Que mal lhes pergunte, onde está a mãe? — Trystan estava tentando falar com uma tranquilidade calculada que evidentemente estava fora de controle, a julgar pela tensão em seu corpo. Ele ajudou Lyssa e Evie a ficarem de pé à medida que a névoa roxa se dissipava.

Lyssa apontou para Becky. Mesmo em pânico, Alexander soltou um coaxo de risada pelo semblante apavorado da moça do RH.

— Não tem graça — resmungou ela, cruzando os braços. Com um biquinho, pegou o guvre marrom. — A Cassandra é uma visita, até a mãe dela chegar. Eu sou um tipo especial de babá.

Cassandra estava felizinha se aninhando no cabelo de Becky quando o macho pulou nos braços de Evie, e ela arquejou como se tivesse ganhado diamantes de presente.

— Ai, ele é um fofinho, não é? — A tristeza que parecia rondar Evie nos últimos tempos se transformou em um calor que preencheu o espaço.

— Ele é uma das criaturas mais letais que existem, Sage — ressaltou Trystan em um tom monótono que não combinava com a forma como ele a observava admirando o bicho. — É melhor colocarmos os dois em jaulas até decidirmos como prosseguir.

— Vai ter que me prender com eles, então — respondeu ela com uma doçura fingida, sacolejando o macho como se fosse um bebê. — Já deram nome pra ele?

— Clarke — respondeu Lyssa.

Alexander escreveu algo depressa.

PQ

O que era uma ótima forma de descrever todos os âmbitos de sua vida no momento.

Lyssa deu de ombros.

— Os dois começam com *C*. A gente tinha deixado eles na enfermaria, mas eles escaparam quando saímos para procurar com o Gideon.

Evie franziu o cenho.

— Procurar o quê?

Gideon intercedeu, entrando na área do escritório ao lado de Keeley.

— Ufa, vocês encontraram eles. Podemos voltar à busca agora?

Alexander tinha um olhar aguçado para a natureza humana; até mesmo a menor das ações podia abrir para ele a verdade do caráter de uma pessoa. Ele aperfeiçoara essa habilidade tanto como príncipe quanto como sapo. E foi assim que adivinhou imediatamente o que Gideon ia dizer.

— Temos razão para crer que o segundo livro da *História de Rennedawn* está escondido aqui na mansão.

Alexander fechou os olhos com força, sabendo que com aquela descoberta…

O destino deles estava traçado.

CAPÍTULO 34
Clare

— Ele nunca deu um jeito em nada disso aqui? O Trystan tem mais de cem funcionários e nunca botou ninguém pra vir fazer faxina neste lugar? — grunhiu Clare, descendo até o porão, que parecia abrigar todo tipo de tralha. Ela tropeçou em um tapete enrolado, mas conseguiu se equilibrar se apoiando na parede.

Tatianna não tropeçou em nada, só fluiu pelo espaço, quase como se estivesse flutuando com a saia de tule comprida.

— Você sabe que o Trystan não liga muito pra sentimentalismo. Ele nunca viu necessidade nisso.

— Mas não se dar ao trabalho nem de esvaziar o cômodo para ganhar mais espaço? — questionou Clare, depois tropeçou em um retrato, arquejando quando Tatianna a puxou para perto para que ela não caísse. As duas ficaram a poucos centímetros de distância, e Clare conseguia sentir o cheiro de algo açucarado no hálito de Tatianna. Quando abaixou a cabeça para ver o quadro, percebeu que era um retrato antigo… da família deles. Tinha uns bons quinze anos. Trystan e Malcolm estavam abraçados e sorriam. O rosto da mãe deles, como sempre, estava fechado e descontente, e Clare estava alegre com os braços ao redor de… Arthur.

— Você está bem? — perguntou Tatianna baixinho. Seu rosto lindo nublou a visão de Clare até que tudo o que ela conseguia ver era a curandeira. — De verdade, Clare.

Na maior parte do tempo, Clare sentia o peso do luto pairando sobre a cabeça, cercando-a até que ela não tivesse alternativa a não ser chafurdar na tristeza de vez. Mas eles não tinham o luxo de perder tempo com isso.

— Na medida do possível, sendo uma pessoa que acabou de perder o pai

dias atrás. — Pelo menos, ela conseguiu responder à pergunta com certa sinceridade.

Tatianna sugou os lábios para dentro da boca.

— Sabe… — Ela engoliu em seco e se afastou um pouco. Sem se dar conta, Clare se moveu junto, como se os corações das duas estivessem entrelaçados. — Eu não mudei de ideia a respeito de nós… tentarmos de novo.

Clare ficou boquiaberta. Porque, de verdade, ela achava que essas portas tinham sido fechadas assim que todos descobriram que fazia um tempo que ela vinha se comunicando com Amara Maverine. Confiando na mãe quando absolutamente não deveria. E agora seu pai estava morto.

Depois disso tudo… era bom demais para ser verdade.

— Acho que estou vendo livros ali — murmurou Clare, subindo em cadeiras velhas e cacarecos cobertos de poeira. — Pode erguer a tocha enquanto procuro? — perguntou, começando a averiguar os textos antigos; alguns livros ela reconhecia, outros não. Nenhum era o que elas buscavam.

A luz da tocha no alto indicou a presença de Tatianna.

— Você não tem nada a dizer sobre o que acabei de falar? Sei que o momento não é ideal.

Clare soltou uma risada sem humor.

— Nunca existiu momento ideal no nosso caso, Tati. Da primeira vez que te pedi em casamento, estávamos no meio de uma discussão.

Quando Clare levantou a cabeça, Tatianna estava sorrindo — o sorriso que fazia seus joelhos bambearem e o coração disparar.

— Mas nos divertimos fazendo as pazes, não concorda?

O rosto de Clare queimou com um formigamento subindo por seu pescoço com a lembrança. A forma como tinham tirado tudo de cima da mesa às pressas, o rasgo das saias de Tatianna, Clare de joelhos…

— Ah, você se lembra, sim — falou Tatianna, convencida, vasculhando as prateleiras e afastando caixas que estavam cheias de coisas que não eram livros.

— Eu não conseguiria me esquecer daquele dia nem se tentasse. Estava tão feliz — murmurou Clare, jogando outro livro de lado em uma pilha que não parava de crescer. — Não tá aqui. Você tá vendo algum livro naquele canto?

— Clare. — Tatianna segurou o braço dela, implorando com seus olhos castanhos.

Clare abriu a boca, e um ardor começou a crescer detrás de seus olhos, deixando a visão turva.

— Eu só não queria inferir nada, nem passar a impressão de que, por causa

da morte do meu pai, você deveria…

Os dedos de Tatianna tocaram os lábios de Clare delicadamente, e seu tom não carregava nada além de gentileza.

— Clare, não estou te demonstrando apoio por nenhum outro motivo a não ser te amar; do fundo do meu coração. Pra mim, sempre foi você. Nós percebemos isso no momento em que nos conhecemos, não foi?

As lágrimas vieram depressa, e logo depois as fungadas, enquanto Clare secava os olhos.

— Sim. É só que eu tenho estado tão… sei lá. — Ela riu e deu um soluço.

Tatianna riu também, colocando a tocha no suporte da parede, libertando as mãos para segurar as bochechas de Clare.

— Eu também tenho estado meio "sei lá". Nós duas. Mas encontramos o caminho de volta uma para a outra. Então agora, quando as coisas ficarem difíceis… e sabemos que vão ficar… em vez de ir embora, quero que a gente sempre fique e conserte o que tiver de errado. É o que meus pais sempre fizeram.

— Mas isso é porque eles são normais — lamuriou Clare com uma risada. — Então quer dizer que estamos noivas de novo?

Tatianna sorriu.

— Ah, não. Isso só vai acontecer depois de eu receber o pedido mais romântico da história.

Clare bufou.

— Ufa, bom saber que não tem pressão.

Tatianna sorriu, inclinando o queixo de Clare para cima e a beijando. Foi suave primeiro, com a doçura de duas pessoas que se amaram pela maior parte da vida. Elas mudaram, cresceram, se distanciaram. E então estavam se reaproximando.

Depois, ficou mais intenso — Tatianna desceu os lábios para o pescoço de Clare, que colocou a mão debaixo de sua saia; as duas cada vez mais desesperadas por proximidade. Mãos acariciando bochechas e corações batendo em sincronia à medida que cada toque ficava mais íntimo. Clare arquejou quando Tatianna subiu a mão por sua coxa, até tocá-la naquele ponto que fez Clare agarrar seus ombros. Um arrepio percorreu sua espinha quando Tatianna deu uma risada sensual.

— Você continua tão sensível — sussurrou, emendando em um beijo firme que virou gemidos e sensações que foram crescendo até que Clare já não suportasse mais.

— Tati, eu…

— Relaxa, meu amor — pediu Tatianna, e Clare atendeu. A euforia de estar nos braços da pessoa que mais a conhecia, combinada à confiança e à fé que lhe era depositada, avassalou Clare até que ela ficasse mole e morosa. Ela então se virou para conseguir subir a saia de tule cor-de-rosa acima da cintura da curandeira e, com a habilidade dos lábios e da língua, mostrar o tamanho da certeza que Clare tinha sobre elas duas.

Foi um torpor de paixão até que ambas estivessem ofegantes e satisfeitas, apoiadas na parede à qual cambalearam, abraçadas uma na outra.

Clare se sentia quase que pronta para explodir, tamanho o alívio; era avassalador. Saber que ela não estava mais sozinha. Que Tati de fato voltara a ser sua. Depressa, ela se esticou para pegar mais um cacareco abandonado.

— Essas coisas todas são mesmo recordações do rei que viveu aqui antes do Palácio de Luz ser construído? — Clare riu, pegando um bibelô de cisne com uma cartola. — Por que alguém em sã consciência deixaria isto aqui para trás?

— Claramente falta extravagância ao Benedict — comentou Tatianna, tocando uma toalha de mesa cheia de brilho que estava pendurada na parede. — Eba! Pra minha mesa de exames.

— E se algum paciente seu sujar de sangue? — perguntou Clare.

— Eu mato, óbvio. — Tatianna sorriu, puxando a toalha de mesa de onde estava jogada sobre a parede e a levantando.

Clare sorriu também… até ver o que o tecido estivera escondendo.

CAPÍTULO 35

Evie

— Nem parece comigo direito — resmungou Trystan, apoiado na mesa preta elegante de seu escritório.

Eles haviam procurado até meia-noite, sem sucesso, e então Trystan mandara todos irem para a cama por pelo menos as doze horas seguintes antes de se reunirem mais uma vez no escritório. Evie colapsara imediatamente, deitada no ombro dele. Era uma lembrança turva, ser carregada no colo, ouvindo palavras doces sendo sussurradas em seu ouvido. Parecia um sonho.

Mas ela despertara em segurança, aninhada na própria cama naquela manhã, com Lyssa ao seu lado e a magia pairando no alto.

Ela havia acenado.

E a névoa acenara de volta.

E, quem sabe pela primeira vez desde que a magia se tornara dela, Evie olhara para ela de um jeito amigável e abrira um sorriso.

Agora, com a luz do sol do fim da manhã iluminando o espaço do escritório, havia um novo vigor no ar. Os dois filhotes de guvre estavam trazendo alegria e esperança a todos. Eles tinham conseguido a chave antes de Benedict; de perto, perceberam que ela era branca, coberta de flores pequenininhas e coloridas, com o arco refinado torcido no topo em um padrão elaborado que parecia ter sido criado com grande cuidado.

Ela imaginava que os deuses da magia eram incapazes de criar algo de outra forma.

Evie riu para si mesma, dando batidinhas nas saias de cetim onde havia escondido a chave, com o tecido branco e reluzente espigado caindo em camadas românticas da cintura até o chão. A peça fazia com que ela se sentisse bonita, forte e incrivelmente sortuda por ter acordado cedo o suficiente para ver

aquilo.

O que Clare e Tatianna haviam encontrado.

— Correto. — Alexander sorriu; sua camisa branca estava lavada e passada, e sua aparência estava um pouco mais caprichada que no dia anterior. O corte que ele mesmo fizera no cabelo parecia ter assentado, e o rosto estava com a barba feita com apenas uma leve camada de pelos. — É simplesmente… — As palavras pararam, ainda graves na voz baixa. Esfregando o pescoço com uma careta, ele concluiu: — Igualzinho a você.

Evie riu.

— De verdade, Soberano do Mal, tem certeza de que *não é* você?

— Certamente não! — retrucou Trystan, abanando a mão no ar.

Não havia nada de "certamente" naquilo. O retrato apoiado na parede era idêntico a Trystan. Só que o homem estava com um sorriso enorme aberto, como se fosse uma prática recorrente, uma covinha marcada em cada lado do rosto. Mas a maior diferença…

Era que o homem usava uma coroa.

— Deuses, Trystan. Esse é…? — começou Evie.

— O primeiro rei de Rennedawn — explicou Clare, apontando para a pequena gravação na parte de baixo. — Julius Benedict Martin primeiro.

— Martin? — Evie fez uma careta de confusão. — Esse por acaso é… Não é o sobrenome da família do Benedict, é? — Ela passou os olhos pela sala e viu Tatianna rindo com a boca escondida no braço. — Para. É, não é?!

— Sage, é um sobrenome perfeitamente comum — comentou Trystan, tentando usar a sensatez.

Uma escolha ousada, considerando que o novo objetivo de vida de Evie era ser totalmente insensata.

— De que lado você tá? — Ela tamborilou os dedos nos braços com um olhar zombeteiro.

Ele a encarou, neutro.

— Do lado da lógica.

— Que chatice, hein — retrucou ela antes de atravessar o cômodo para ficar perto dele, sorrindo para Alexander, que retribuiu com um sorriso charmoso. — Vocês encontraram nos porões que usamos de despensa? Como você nunca viu isso antes?

— Estava escondido debaixo de um negócio com glitter. — Tatianna fez uma pausa na risada para dar essa notícia com uma seriedade cômica. — O Trystan jamais teria chegado perto.

— Ah, era isso que tinha embaixo daquilo? — Trystan ficou de pé e se recompôs depressa, dando um pigarro. — Um detalhe de nada que passou despercebido. Eu mesmo vasculhei muitas vezes aqueles cômodos com o Reinaldo. E nunca encontramos nada de mais.

Foi uma reação diminuta e quase que indetectável, mas Evie podia jurar que viu Reinaldo estremecer.

— Então esse é seu ancestral? — perguntou Evie com a voz branda, encarando o homem que tinha exatamente a aparência de um rei. Régio, forte e bom.

Era o que Trystan teria sido.

Se você nunca tivesse nascido.

Ah, que bom, ela não via mesmo a hora de sua mente dar início à espiral caótica do dia.

— Pelo visto — murmurou Trystan, trazendo-a de volta à realidade. — Precisamos continuar procurando, pessoal, então deem fim às risadas e vamos ao trabalho.

Clare ainda encarava o quadro, quase como se o estivesse analisando.

— O que foi? — rebateu Trystan. — Por que está olhando assim para o retrato?

— Sua cabeça é maior, sem dúvida — comentou Clare, batendo no queixo.

— A pintura está fora de escala — declarou Trystan, exasperado, esfregando a ponte do nariz. — Pode ir fazer algo mais útil do que caçoar do tamanho da minha cabeça?

— Eu não estava tirando uma com a sua cara, só fiz uma observação — respondeu Clare, animada, dando batidinhas no ombro do irmão. Em seguida, saiu da sala com Tatianna indo logo atrás. — Avisamos se encontrarmos algo que valha a pena mencionar!

Reinaldo continuou onde estava, e Evie ficou feliz por isso.

— Como você está, hum… Alexander?

Ele riu, dando de ombros.

— Ainda sou eu mesmo — respondeu ele, olhando para cima, contemplativo. — Só que mais alto.

Alexander Reinaldo de fato ainda era ele mesmo.

Ainda trazia uma alegria generalizada com só uma ou duas palavras simples.

Evie sorriu, dando um passo à frente para colocar os braços ao redor dele.

— Caramba — falou ela, recuando intrigada. — Você tem muito músculo para alguém que acabou de voltar a ser humano.

— É de pular. — Ele sorriu em resposta.

Trystan parecia contente por duas pessoas tão importantes em sua vida estarem interagindo. Evie encarou aquilo como um tipo de imersão, como se ela de fato pudesse se tornar parte daquilo. Até que enfim.

— Acho que ele não ia gostar de ser apertado contra a minha bochecha como nos velhos tempos. A menos que…

— Não, ele não ia gostar — garantiu Trystan imediatamente.

Alexander riu, e seus olhos foram para outro lugar por um momento. Um lugar que parecia quase… triste.

— É melhor eu ir procurar — disse por entre os dentes. Em seguida, o ex-sapo apontou para Trystan e deu uma piscadela descontraída para Evie. — E… ele ia gostar.

Quando ele saiu, Trystan estava sorrindo de novo, sacudindo a cabeça.

— Sei que não é ideal ele ainda estar se transformando em sapo aleatoriamente de tempos em tempos, mas é incrível vê-lo.

Evie olhou de volta para o retrato para dar mais uma observada no ancestral de Trystan, e ficou imóvel. Porque Trystan *era* daquele jeito. Sem chamar atenção, ele sempre tinha sido bom, protetor e justo.

Pelo amor dos deuses, ele fora um príncipe o tempo todo, não?

Havia até um cálice de cerâmica em sua mão, na…

— Isso… Isso aí é a mesa da cozinha? — perguntou Evie, focando no plano de fundo do retrato. — Trystan! Isso é a cozinha do escritório.

— Sim. É mesmo. — Ele a fitou e franziu o cenho. — Isso é importante?

Evie deu um passo à frente, sentindo o corpo se agitar, prestes a explodir.

— Não, mas isso aqui é. — Ela apontou para o vitral da janela pintado atrás do rei. O que ela via todos os dias. O vitral em que eles viram a profecia escrita à luz do sol. Um sol forte, brilhando sobre… nada.

Apenas um pedaço de grama vazio.

— Trystan — chamou Evie, embasbacada. — Olha.

De fato, não havia nenhum livro da *História de Rennedawn* no vitral.

Porque ele estava na bancada… bem diante da janela.

CAPÍTULO 36

Trystan

Quando virou o Vilão, Trystan via prazer em pouquíssimas coisas. A Morada do Massacre se tornou seu santuário, onde ele lambia as próprias feridas, recompondo-se e treinando para ascender até se tornar uma força que Benedict não poderia ignorar.

E ele conseguira. Ao longo dos anos, Benedict mandara Guardas Valentes, assassinos particulares e mercenários para capturarem Trystan. Para matarem-no. Todos fracassaram.

Nisso ele via prazer.

Trystan virou a chave na tranca, mas não abriu a porta. Em vez disso, olhou para Sage, reparando em seu vestido branco bonito, nos cachos presos para trás em um pente branco que parecia uma pomba, criando um grande contraste com o vermelho brilhante de seus lábios.

E na forma como ela endireitara os ombros assim que eles entraram nas masmorras.

— Por que não toma a frente desta vez? — Ele se ouviu dizer. — Você é perfeitamente capaz disso.

Os olhos arregalados dela focaram os dele imediatamente.

— Não, isso… hum… Tudo bem. Eu fico só observando.

— Não, não fica, nada. Não vou deixar.

— Deixar?

Ele sabia que isso a enfureceria, e estivera contando com isso. Ele lutou para manter o rosto impassível.

— Você não tem que *me deixar* fazer nada — prosseguiu ela. — Eu tomo minhas próprias decisões.

— Sério? — desafiou Trystan, acuando Sage contra a parede. — Porque

você sempre quer se juntar a mim em interrogatórios de tortura. Eu diria até que às vezes você fica *ansiosa* esperando a oportunidade. E agora prefere apenas observar? *Será mesmo* que você toma suas próprias decisões? Ou é influenciada pelo que te dá medo?

As íris de Sage o encararam como duas chamas azuis; enquanto isso, ele sorriu feito o desgraçado que era.

— Por obséquio, do que é que eu tenho medo? — indagou ela.

— De que, independentemente de qual seja seu papel na história, você nunca vá ser suficiente.

A força da magia de Sage o atingiu com tanta intensidade que ele cambaleou para trás. Lágrimas de raiva se formaram, mas ela as afugentou piscando, com aquela faísca dentro dela lampejando à superfície.

— Vai se foder.

Aí está você, furacãozinho.

A chave da grande porta de madeira virou, e ela entrou, desembainhando a adaga a cada passo à frente.

A cena era tão excitante que chegava a ser inconveniente.

— Bom dia, Calvin. — Sage cumprimentou o filho de Otto Warsen com gentileza. Isso a tornou ainda mais perturbadora.

E ainda mais excitante.

Droga.

— O que quer, embuste? — Calvin estava consideravelmente mais fraco do que da última vez que ela o tinha visto.

Provavelmente porque Trystan havia quebrado suas patelas.

— *Eu* não quero nada — respondeu Trystan, comedido. — Mas minha parceira pode ter algumas perguntas.

— Eu não estava chamando *você* de embuste, seu imbecil — retrucou Calvin.

Trystan sentiu a raiva gélida subindo à superfície.

— Que estranho, porque tenho *certeza* de que não era *a ela* que você estava se referindo.

Calvin estremeceu e sacudiu a cabeça.

— O que quer saber?

— Quando te encontrei na cozinha e você me atacou… você estava tentando desmontar a janela. Eu pensei que fosse porque você não queria que a gente encontrasse a profecia quando colocasse o vidro contra o sol… Mas não era bem esse o motivo, era?

Calvin riu, jogando a cabeça para trás com o impulso.

— Ele tinha tanta certeza de que vocês nunca iam descobrir. Pobre coitado.

— Quem? O Benedict? — perguntou Sage, com a magia sombria vazando de seus dedos e se acumulando no chão.

Calvin apenas a encarou com o rosto ilegível.

— Claro.

— Obrigada por cooperar. Quem sabe logo, logo a gente não faz alguma coisa a respeito dessas correntes. — Ela deu um sorrisinho, mas Trystan achou isso bastante insensato.

— Assim que estiver livre destas correntes, srta. Sage, vou te esganar até você perder o ar dos pulmões — ameaçou Calvin.

O sorriso de Sage ficou ainda maior.

— Eu não disse que você estaria vivo. Disse?

O homem ficou paralisado, e Trystan também.

Raios, ela era excepcionalmente boa naquilo.

— Como foi que o segundo livro da *História de Rennedawn* virou parte da janela, e como podemos desfazer isso? — Ela fez a pergunta na lata, brincando com a ponta da adaga e andando para a frente e para trás.

— Não sei.

— Claro que sabe, sr. Warsen. De que outra forma você ia removê-lo?

— Com a minha buzanfa — retrucou o homem, olhando de soslaio.

— E eu aqui achando que você só usava essa parte do corpo pra falar merda. — Sage revirou os olhos, depois bufou com uma autenticidade em sua expressão lastimável. — Calvin, vou ser franca com você. Primeiro porque não tenho muito tempo; e segundo, porque não gosto mesmo de você.

Calvin abriu a boca, fitando Trystan como quem perguntava: *Você é o dono dessa coisa?*

Mas Trystan só cruzou os braços. E sorriu.

— O que é que você ia usar para tirar o livro? E sugiro muito que não me dê um insulto como resposta. A menos que queira que esta entrevista acabe… cedo.

Calvin ergueu o rosto, e algo se partiu na forma como ele sacudiu a cabeça, depois agitou as mãos.

— Quero um curandeiro para os meus joelhos.

— Beleza — respondeu Evie, antes que Trystan pudesse protestar.

— Veneno de guvre. — Calvin sorriu. — As criaturas podem acessar a cópia que a Sina tem da história de Rennedawn. Foi o veneno deles que a selou, e ele

pode libertá-la também. Quer dizer, se conseguirem encontrar o veneno. Eu só fui enviado para remover o vidro antes que vocês percebessem o valor dele.

Era curioso o fato de Sage ter sido a única a ver valor naquela janela, desde o princípio. Passando horas a fio olhando para ela. Isso era a cara de Sage — encontrar valor em coisas que outras pessoas deixariam passar despercebidas.

O próprio Trystan, por exemplo.

Ele sorriu.

E Calvin sorriu de volta, por achar que a informação tinha sido inútil. Sage não deu trégua.

— Tenho certeza de que podemos tirar dos dois filhotes que temos lá em cima. — Ela deu batidinhas na bochecha de Warsen, cujo semblante desmoronava, indo de convencido a abismado. — Obrigada, Calvin. Você ajudou muito. Vou mandar alguém dar uma olhada nos seus joelhos, sim. Você vai precisar usá-los quando estiver implorando pela própria vida.

— Eu… O quê?

Mas a pergunta temerosa de Calvin se perdeu quando Sage estreitou os olhos para Trystan e murmurou:

— Me encontre lá fora, tá bem?

Ela saiu pela porta sem nem olhar para trás, e Trystan a contemplou, depois fitou Calvin.

— Só por curiosidade… quanto tempo levou para as suas patelas quebrarem?

— Foi na hora! — gritou Calvin.

— Excelente. — Trystan fechou a porta atrás de si e virou a tranca, sabendo muito bem o que estava prestes a encarar.

— Você não tem direito. — A voz de Sage vinha da alcova às sombras, com uma lamparina acima de sua cabeça lançando um brilho em seu rosto. — Nenhum direito de dizer que tenho medo. É claro que estou com medo! Passei a vida toda com medo… e eu posso! Porque isso *nunca* me impediu de fazer o que eu precisava.

— Eu te perguntei se seu medo te controlava — murmurou ele, concentrado na maneira como o rubor nas bochechas dela ficava mais forte e sua respiração acelerava. — E não. Não controla. Nunca controlou.

Ela o fitou.

— Você…

Trystan indicou a porta fechada.

— Você fez isso com medo, mas foi em frente mesmo assim. Nunca te vi

agindo de nenhuma outra forma.

— Não gosto de ser manipulada. — Ela apontou um dedo para ele.

Ele pegou a mão de Sage e a olhou com reverência, obrigando-se a soltá-la, mas falhando. Em vez disso, ele pressionou os lábios no centro da palma de sua mão, com os olhos bem fechados, e não a soltou mesmo depois de terminar.

— Eu não gosto que você desista de si mesma.

A respiração de Sage vacilou quando ela sussurrou:

— Eu não estou…

— Está, sim. — De repente, ele sentiu raiva, como se quisesse pegá-la pelos ombros e sacudi-la até ela ver a razão. — Foi você que me disse que *nós* decidimos quem somos. Nem a magia, nem a Sina nem o Destino nem ninguém mais. Você e eu. Nós decidimos.

Os cílios de Evie baixaram, úmidos com as lágrimas que ela tentava conter.

— Você não entende. Todas as vezes que penso que posso confiar em alguém, todas as vezes que acho que posso ser feliz, algo acontece para arruinar tudo. Todas as vezes. E, todas as vezes, eu me recomponho e sigo em frente.

Quando os olhos dela encontraram os dele, estavam tão sérios e tão cheios de agonia que isso o esmagou.

— Se alguma coisa acontecesse com você, ainda mais se fosse minha culpa, eu não ia conseguir seguir em frente. Seria impossível.

— Porque você me quer — declarou ele, sem abrir brecha para ela se esquivar.

— É claro que eu te quero! — Sage jogou as mãos no ar, e seu rosto formou uma careta de ultraje. — Nada disso interfere no quanto eu te quero, te amo e preciso estar do seu lado o tempo todo. Eu penso em você do momento que acordo até a hora que vou dormir. Quando estou triste a ponto de parecer que não vou aguentar, eu ainda quero você.

Ela inspirou e expirou, e ele conseguiu ver as engrenagens girando em sua mente linda, conseguiu ver o muro subindo.

— Mas… — começou ela.

Ele a beijou.

CAPÍTULO 37

Evie

Evie deveria ter imaginado que eles iam acabar aos beijos.

E, lá no fundo, precisava admitir que talvez *tivesse* imaginado isso.

Era por isso que ela fora para o canto, longe de olhares curiosos, longe da porta da câmara de tortura.

Os lábios de Trystan cobriram os dela em um ritmo frenético que a deixou ofegante e desesperada. Ela agarrou os ombros dele e chegou mais perto. Trystan colocou os braços ao seu redor e a ergueu, pressionando-a contra a parede. Em seguida, ele estava puxando seu cabelo de leve, usando a nova posição vantajosa para plantar beijos ferventes no pescoço de Evie.

— Você não pode fazer isso toda vez que a gente discutir — repreendeu ela, esbaforida.

Embora ela quisesse muito que ele o fizesse.

— Pois bem. — Ele levantou a cabeça, com os olhos escuros indomados, e sua postura costumeira totalmente rendida a ela. — Podemos parar de discutir e pular direto para esta parte.

Ela riu. Era difícil acreditar que, momentos antes, queria avançar no pescoço dele, e agora havia avançado para *o colo* dele, abraçada ao pescoço de Trystan como se sua vida dependesse disso.

— Não estou acostumada a ser você a insistir. O que foi que te deu, Soberano do Mal? O que aconteceu com a norma de conduta de zero envolvimento no escritório?

— Queimei.

Os lábios dele se curvaram em um sorriso secreto que reservava apenas para ela, com as covinhas aparecendo para atacar o sistema nervoso de Evie e fazer seu coração derreter.

— Porque eu me apaixonei pela mulher mais enfurecedora que já conheci na vida. — Mais um beijo nos lábios dela, nas bochechas, em cada pálpebra.

— Ela deve ser terrível. — Evie soltou mais uma risada sem ar, e o calor se espalhou por ela quando os lábios de Trystan encontraram o topo dos seus seios, elevados pela estrutura do corpete.

Ele ergueu a cabeça para fitá-la nos olhos com um brilho de admiração.

— Ela é minha pessoa favorita.

Evie franziu o cenho ao mesmo tempo que sentiu um aperto no peito.

— E você é a minha.

Como se eles não pudessem mais suportar um momento afastados, os lábios de Trystan encontraram os dela de novo, e ele subiu a mão por sua perna, entrando por debaixo de suas saias e chegando mais perto até se esfregar contra ela e Evie arquejar.

— Eu não sabia que era possível — sussurrou ele, incrédulo. — Não sabia que era capaz de arder tanto assim. — Delicadamente, Trystan a colocou de pé no chão, e Evie sentiu a decepção pelo momento chegar ao fim.

Só que não chegou.

Porque Trystan ficou de joelhos.

— O que está fazendo? — sibilou ela, dando uma olhada para o corredor para conferir se não havia ninguém por perto. Aquela parte das masmorras só era frequentada por Trystan e seus respectivos prisioneiros, mas não havia uma barreira, apenas a parede se esgueirando para escondê-los.

Trystan deu um sorrisinho e arqueou uma sobrancelha.

— Capítulo seis.

Evie cobriu a boca com a mão para conter a risadinha maníaca. O calor percorreu seu corpo quando sentiu a saia sendo levantada até a cintura, Trystan agarrando sua coxa e colocando sua perna sobre o ombro.

— Você não precisa…

Mas então ele colocou a boca nela, fazendo uma sensação tão avassaladora percorrer seu corpo que Evie gritou, enfiando os dedos no cabelo dele. Trystan a recompensou com mais, despertando partes dela que queimavam sem parar, até ela levar a mão à boca e gemer. Evie permitiu que as sensações a levassem para um momento do êxtase mais puro e entorpecente, depois voltou à realidade.

Trystan voltou as saias dela para o lugar e a puxou para baixo, de modo que Evie ficasse com as costas coladas em seu peito e ele pudesse plantar beijos reverentes no topo da cabeça dela.

— Acho que nunca vi nada mais lindo do que o que acabei de testemunhar.

Evie sentia o desejo do corpo dele, duro em suas costas. Ela se virou com uma pergunta no olhar.

— Ah, desculpa. Você quer que eu também…?

— Quero que você fique nos meus braços. Me deixa te abraçar. — Ele riu com os lábios na cabeça dela. — Você ficaria horrorizada se soubesse quantas vezes me imaginei fazendo isso com você.

Ela ergueu a cabeça com um semblante sardônico.

— Imaginou nada.

— Da primeira vez que você se sentou na minha mesa, precisei dar umas voltinhas correndo no meu quarto até tirar a fantasia da mente.

— Você só pode estar brincando. — Ela arquejou, sentindo uma graça leve e a euforia inundando-a por dentro, afugentando todo o resto.

Ele retrucou:

— Eu não faço isso.

Evie riu, e Trystan devorou o som com mais um beijo firme.

— Que engraçado — murmurou ela.

— O quê, furacãozinho?

— Sempre achei que você fosse ser a conchinha de dentro.

— Você só pode estar brincando.

Ela abaixou a voz em vários tons.

— Eu não faço isso. — E foi aí que ela se lembrou: — Então você chegou a ler o capítulo seis.

Trystan deu um pigarro e chegou o mais perto possível da timidez para um homem estoico feito ele.

— Eu estava curioso… e por um bom motivo.

— O que raios te levou a ler *A perspicaz sociedade do espartilho*? — Ela deu um sorriso enigmático, achando a bizarrice um tanto adorável.

— O Edwin disse que era seu livro favorito.

Evie se virou para encará-lo.

— Quando você estava naquela sua biblioteca-barra-escritório…

Ele passou a mão pelo cabelo, aparentemente desconfortável com o quanto ela estava derretida pelo gesto.

— Eu estava procurando a cópia do Edwin. Sim. Não sou lá muito habituado ao romance, e achei que o livro talvez pudesse me ajudar… a te conquistar, por assim dizer.

Os olhos de Evie arderam, e ela retribuiu a bondade genuína de Trystan

encostando os lábios nos dele, saboreando-o, como se fosse a última vez.

Alguns instantes confortáveis se passaram. O momento parecia certo.

— Sei que há muita incerteza — comentou Trystan. — Sei que você ainda está se ajustando, mas será que pode me dar a chance de te provar que podemos ser felizes juntos… sem que o mundo imploda?

Ela se sentiu vulnerável e frágil ao assentir, apertando os braços ao redor do pescoço dele.

— Eu gostaria muito.

Ele tinha razão; ainda havia muita incerteza.

Mas, por ora, eles eram apenas Evie e Trystan.

Até onde o Destino permitisse.

CAPÍTULO 38

Blade

— Você quer usar o sopro dela? — perguntou Rebecka, distraída ao colocar duas mãos para proteger a criaturinha aninhada ao redor de seu pescoço feito uma fuinha. O toque era protetor e intencional, como Blade sempre soube que ela era. Na verdade, ele se surpreendia ao saber que um dia alguém tinha sido capaz de achar Rebecka Erring fria.

Ela era puro calor.

E estava preocupada com as criaturinhas que eles não perderam tempo em levar à cozinha do escritório, considerando que a solução para desvendar o livro supostamente estava dentro de dois bichinhos que eram mais difíceis de encurralar que o Fofucho.

— Pode ser o Clarke também. — Blade segurou os arreios com mais força, tentando impedir Clarke de derreter a mesa da cozinha. E a mão esquerda de Gideon Sage.

— Ai! — Gideon tirou a mão de perto. — Eve, o sopro deles derrete as coisas. Será mesmo inteligente usar isso na única chance que temos?

Alexander Reinaldo deu um pigarro. Ele se transformara em sapo pelo menos três vezes naquele dia antes de voltar à forma de homem, e Blade inevitavelmente sentiu pena do coitado por viver uma vida humana tão instável.

— A Winnifred? — falou com a voz rouca.

— Ela não é uma opção. — Trystan sacudiu a cabeça.

— Por que não? — perguntou Keeley de braços cruzados.

— Porque mandei o Malcolm escoltá-la de volta a seu posto na casa da minha mãe.

Blade viu o semblante horrorizado de Evie, a decepção no de Trystan e o… Bem, Blade não fazia ideia do que Reinaldo estava sentindo, mas a julgar pela

rigidez de sua expressão… não era agradável.

— Não é querendo julgá-la nem nada, mas… — começou Evie.

E Rebecka a interrompeu.

— Pois eu quero julgar, sim. Sua mãe não é uma víbora?

Evie cutucou o ombro de Rebecka e assentiu para ela. Blade tossiu e riu com a mão à boca, quase soltando Clarke sem querer.

O chefe, por sua vez, não transpareceu incômodo algum.

— O velório do meu pai é daqui a duas semanas. A Winnifred pensou que seria de bom tom ajudar a Amara com os preparativos.

— Talvez até lá a profecia se realize e Rennedawn pertença a você para sempre — ponderou Gideon. — Se é que vai dar certo, né.

Blade assentiu, perdido em pensamentos ao dar um petisco para Clarke.

Rebecka bufou.

— Você está dando petiscos demais. Ele está ficando impossível.

Infelizmente, os animais pelo visto aprendiam depressa. Clarke ouviu "petisco" e pulou dos braços de Blade, indo até Rebecka com as patinhas ineficientes.

— Não. Não, desça já.

O animal piou ao avançar para a cintura dela, olhando para Rebecka com os olhos grandes que imploravam por sua afeição. Uma prática que Blade conhecia bem.

— Ai, tá bom. Vem cá. — Ela segurou o animal, lembrando um pouco um quadro que ficava na casa do pai de Blade.

— Rebecka. Eles te amam. — Blade falou com carinho.

Ela olhou para ele com a mesma cara mirrada que fazia quando os estagiários ficavam fora de controle.

Era o semblante favorito dele.

— Que sorte a minha — balbuciou ela, seca. Só que Blade percebeu que ela segurava os animais com toda a delicadeza do mundo. — Como é que vocês têm certeza de que o Calvin Warsen não estava tentando enrolar vocês para fazer a gente destruir a janela?

— Ele não sabia que tínhamos os guvres — explicou o chefe, levando a mão ao quadril. Tinha algo estranho nele. Ele estava estranhamente… desconcertado.

— O Benedict queria os filhotes de guvre para os propósitos da profecia, mas talvez esse não fosse o único motivo — sugeriu Evie, e Blade percebeu que ela também estava com a aparência igualmente desgrenhada. Os cachos

estavam soltos e alvoroçados, e o vestido estava um tanto amarfanhado.

— Mas e aí… como foi o interrogatório? — perguntou Blade, inclinando a cabeça para observar as reações dos dois. — Foram com tudo?

Evie corou, e Trystan ficou imóvel feito uma estátua.

— Não, ele colaborou sem maiores problemas — disse Evie, a voz um tanto mais aguda, examinando a janela com uma concentração admirável.

— O Calvin? Ou o Trystan? — Blade sorriu, e Rebecka arquejou.

— Eu vou te esquartejar — grunhiu Trystan. — E não te dei permissão para me chamar de Trystan.

— Somos amigos. Não é como se eu pudesse continuar te chamando de "chefe", e se não for pelo seu nome, vou te chamar como?

— De "meu assassino" — resmungou ele.

Edwin serviu mais uma rodada de elixir de caldeirão com o cenho franzido.

— E quem vamos matar hoje?

Lyssa escolheu aquele momento para se juntar a eles, então todo o papo sobre assassinato foi suspenso por ora.

— Vamos dar ao Clarke e à Cassandra o momento deles, tá bem? — disse Rebecka. — Antes que eles façam um ninho de rato no meu cabelo.

Blade foi até ela com uma piscadela, e ela deu um de seus sorrisinhos. Ele pegou cada um dos animais pela barriga, tomando muito cuidado, depois colocou-os delicadamente na bancada, de frente para a janela.

— Existe algum comando para fazer com que eles colaborem? — perguntou Gideon.

— "Por favor"? — foi o palpite de Blade.

Os animais apenas chilrearam e caminharam pela bancada, derrubando alguns cálices de cerâmica, ainda estabanados por serem recém-chocados. Os dois tentaram ir até Rebecka, mas pararam quando ela apontou o dedo para a janela.

— Agora.

Os bichinhos pularam, animados por receberem a atenção dela. Mais uma vez, Blade sentiu uma familiaridade no desejo.

— Mais alguma ideia?

Reinaldo estivera observando em silêncio, avaliando cada um deles, depois a janela.

— Quebrar?

Blade sabia que suas observações dos outros nem sempre eram confiáveis, então não sabia ao certo por que tinha sentido algo sinistro na sugestão.

— Isso é um risco tão grande quanto derreter — respondeu Trystan, aparentemente não vendo nenhuma maldade no comentário de Reinaldo.

— Tive uma ideia — interveio a voz baixinha de Lyssa. — Posso tentar?

Blade achou significativo tanto para a inteligência de Lyssa quanto para a fé de Trystan na menina que seu chefe tivesse gesticulado imediatamente para ela prosseguir. Lyssa foi em direção aos animais, fechou os olhos e… começou a brilhar. Blade arquejou, assim como todos os outros, quando Lyssa colocou as duas mãos nas costas das criaturas; fumaça roxa subiu de suas bocas em lufadas grandes, cercando as paredes, derretendo tijolo e pedra, cobrindo a janela…

Uma luz mais intensa que Lyssa piscou, e então todos gritaram. Blade pegou a menina, depois se esticou para Rebecka, que estava tapando os olhos com as mãos. Um som de ventania invadiu o cômodo, e em seguida… a atmosfera ficou quieta.

A fumaça roxa se dissipou, a luz ficou mais fraca, e a janela… continuava intacta.

No entanto, o livro de Rennedawn não se encontrava mais debaixo do sol.

Estava nas mãos de Evie Sage.

CAPÍTULO 39

Evie

Evie sempre acreditara que sua imaginação poderia levá-la a lugares incríveis. Lugares mágicos, onde tudo era possível e onde ela poderia ser quem quisesse.

No entanto, a imaginação era uma faca de dois gumes, pois se alguém era capaz de imaginar coisas maravilhosas e belas com uma nitidez impecável, então também era possível imaginar… coisas ruins.

— Não vamos saber o que tem aí dentro até abrirmos. — A mão grande de Trystan pousou na lombar de Evie, empurrando-a de leve em direção ao livro.

— Por que acha que eu não abri ainda?! — retrucou ela, sem tirar os olhos do livro de histórias enorme que estava sobre a bancada da cozinha. Após o tomo ter aparecido, Trystan pensou que fosse mais seguro abri-lo ali, naquele momento.

Sem enrolação. Sem dar chance para o acaso de ele se perder. Eles abririam imediatamente.

E ele esperava que fosse Evie a fazê-lo.

— É mesmo quase idêntico ao outro — admirou-se Gideon —, só que a borda das páginas é um pouco diferente. A cópia do Benedict tinha laterais prateadas.

E aquele era brilhante, com diferentes cores e tons se unindo em redemoinhos belíssimos.

Evie indagou:

— Como vamos saber o que procurar, exatamente?

Becky respondeu severa, mas não sem gentileza:

— É um livro mágico, Evie. Deixe que ele te diga o que procurar.

Evie não esperou nem mais um segundo, abrindo o volume antes que alguém tivesse tempo para dar mais pitaco. Ela estremeceu, esperando… Bem,

ela não sabia o que eles estavam esperando, mas tinha certeza de que não era *nada*.

No entanto, nada foi justamente o que aconteceu.

— Que anticlimático. — Keeley foi até a mesa e se abaixou para ver o que estava escrito na primeira página.

Evie ficou ao mesmo tempo alarmada e aliviada por ver que a folha estava em branco.

— Será que foi um truque? — Becky fez a pergunta com dificuldade, impedindo Cassandra de morder o irmão.

— Vai ver nem todas estão em branco? — sugeriu Lyssa.

— Vire a página. — Trystan falou baixinho no ouvido de Evie, e ela permitiu que o som a acalmasse, que a presença dele formasse um escudo.

Suas mãos trêmulas pousaram sobre as páginas castigadas pelo tempo, amassadas e manchadas. Ela virou a página. E então seu mundo foi para o beleléu.

O livro começou a se folhear sozinho, com uma fumaça iridescente subindo até parar em uma página específica. Palavras apareceram escritas no ar acima deles.

É o dever de um Curandeiro Primordial a alma de toda a dor libertar, destruir a fonte da doença que assola Rennedawn, e a nomear.

As páginas avançaram mais uma vez, até pararem em uma imagem que fez o estômago de Evie virar chumbo.

Porque, gravado ali, em preto no branco — em um livro mais antigo que o próprio tempo —, estava um rosto e um nome.

E ambos pertenciam a Evie.

Ninguém falou nada. Ela imaginou que nem tinha como. O que diriam? Um livro mágico acabara de chamá-la de doença. E profetizou que era dever de um Curandeiro Primordial livrar o mundo dela.

— Tryst! — gritou Clare, entrando às pressas no cômodo. — Venham. Todos vocês, depressa.

— O que foi, Clare? — perguntou Trystan em um tom curto e grosso.

— Os Guardas Valentes voltaram, e estão exigindo uma reunião com você e… a Mulher Perversa.

— Estamos perfeitamente seguros com o pomar de espinhos ao nosso redor — retrucou Trystan.

A urgência de Clare foi a única coisa que conseguiu tirar Evie de seu estado devastado.

— Nem todos nós — falou ela.
E Evie sentiu o estômago revirar.
Todos os olhares se voltaram para Clare quando ela falou:
— Eles pegaram o Malcolm.

CAPÍTULO 40
Reinaldo

Quando o pomar de espinhos se abriu, armas foram levantadas.

Dos dois lados.

— Boa tarde, cavalheiros. Acabaram se perdendo, foi? — Trystan falou com desinteresse.

Alexander sabia que isso indicava que alguém estava prestes a ser esfaqueado.

Evie ficou ao lado dele, mantendo sua pose de bravura intacta, apesar do quanto ele sabia que ela estava sofrendo.

Eles deveriam ter queimado o livro quando tiveram a chance.

— Achamos que talvez vocês estivessem dispostos a fazer uma troca — anunciou um dos cavaleiros. Com o elmo à mão, ele parecia um homem qualquer. Um que provavelmente voltava para casa à noite, para os braços da família, para uma vida.

Esse era o problema de homens que seguiam reis corruptos. Eram habilidosos em esconder seus corações feios debaixo das armaduras de prata.

— A troca é pelo meu irmão, imagino? E o que vocês querem por ele? — perguntou Trystan. Alexander o viu fazer careta quando Malcolm foi arrastado ao centro e jogado no chão com diversas espadas às suas costas.

— Queremos Evie Sage.

Trystan grunhiu ao lado de Alexander, avançando, mas Evie já tinha se colocado na frente dele com um sorriso doce.

— Rapazes. Fico lisonjeada, de verdade, mas já estou comprometida.

Trystan virou a cabeça tão depressa que Alexander ficou chocado por ela não ter sido arrancada com a força.

— Está?

O sorriso dela vacilou, e ela abriu a boca.

— Meio que… sim. Se você me quiser… ou, hum, acho que está mais para uma questão de título oficial, mas não chegamos a tocar no assunto, então não precisa…

— Aceito — interrompeu-a Trystan com um rosnado. — Que você esteja comprometida… comigo.

— Que coisa mais ridícula! — resmungou um dos guardas. — A vida do seu irmão está em perigo, senhor.

A voz de Alexander saiu frígida:

— Dê um minuto aos dois — respondeu ele, tentando ignorar os gritos de protesto de sua garganta.

— Malcolm, cadê a Winnifred? — perguntou Evie, preocupada.

Alexander ergueu a cabeça e passou os olhos pela multidão, mas não havia nem uma feiticeira desajeitada por perto. Ele estava mesmo… *aflito* por isso?

— Não sei. Deve ter fugido — gritou Malcolm quando um dos cavaleiros enfiou o pé em suas costas. — Por favor, Trystan. Me ajude.

— Eu posso trocá-lo por ouro — disse Trystan. — O suficiente para vocês deixarem o Benedict.

— O Benedict é o único que está impedindo este reino de cair aos pedaços — gritou o cavaleiro mais próximo de Malcolm. — Não ligo para ouro. Só ligo para a minha honra.

Alexander arqueou a sobrancelha.

— Então por que você é… um cavaleiro?

— Basta! — vociferou o Valente no comando. — O que vai ser?

— Eu me rendo. — Evie deu um passo à frente, e todos no lado deles protestaram. — Só, por favor, soltem ele. — Ela fungou, e a ação foi tão incongruente com as características da Evie que Alexander conhecia que ele ficou desconfiado.

Os cavaleiros botaram Malcolm de pé, e então Evie gritou:

— Agora, Keeley!

Uma flecha voou pelo ar.

E acertou bem no coração de Malcolm.

CAPÍTULO 41

Evie

— Malcolm! — gritou Clare. — O que foi que você fez? — Ela foi para cima de Evie, que permitiu. O plano tinha sido feito às pressas, mas fora necessário.

Quando o Silk que escapara das masmorras apareceu no lugar onde Malcolm estivera, com a flecha perfurando seu exterior preto, a voz de Clare vacilou.

— Ah, deuses. Não é ele? Não é ele?

— Não deu tempo de contar pra vocês antes de virmos recebê-los. — Evie estremeceu, sentindo-se ligeiramente culpada por quase fazer Clare ter um piripaque. — Malcolm mandou uma mensagem algumas horas atrás. Keeley encontrou o recado em uma pilha de correspondências. Ele e a Winnifred chegaram em segurança à casa da sua mãe.

Reinaldo fechou os olhos, e seus ombros caíram. Clare teve a mesma reação.

Evie estalou a língua.

— Foi um esforço valente, rapazes. — Em seguida, ela estalou os dedos e deu uma risadinha. — Ah, olha só! À altura de seu nome. Façam-me o favor de mandar uma mensagem minha ao Benedict.

Assuste-os, pediu Evie à sua magia.

A névoa escura rondou seus pés, muito similar a um gato se esfregando em seu tornozelo, farejando-o antes de ir cercar os cavaleiros.

— Vão dizer ao Benedict que, seja lá onde for que aquele covarde tenha se escondido, algo tenebroso o aguarda quando nos virmos de novo. Que ele vai sofrer. E que os deuses ajudem quem se meter no meu caminho. — Ela sentiu com a magia toda a força vital deles, as cores se acendendo ao redor de cada um, o pedaço de escuridão sobre a jugular dos homens. Poderia matar cada um

deles; bastava querer.

A magia faria o restante.

Mas não.

Ela libertou os cavaleiros e respirou fundo quando um deles rastejou para longe dela, soltando um ganido que deveria ter tocado seu coração empático. E tocou mesmo. A bondade que ela cultivara a vida toda gritava e esperneava, implorando por misericórdia.

Mas Evie a ignorou.

E mandou a magia atacá-los, um a um, em pontos que causariam ferimentos — machucar, mas não matar. Cada homem caiu imediatamente.

— Digam ao rei que fiz isso! — gritou ela, sentindo-se avassalada, como se estivesse vendo outra pessoa assumindo o controle dela. Uma pessoa que ela não conhecia.

E essa pessoa estava contente — contente em ser temida, em ser odiada.

Contente em ser… a Vilã.

— Por que não diz você mesma?

A voz familiar a atingiu com violência, e a magia de Evie se dispersou em todas as direções, arrancando a cor das árvores próximas e pintando a grama de cinza. A voz da bondade e da razão em sua cabeça mandaram ela parar, engolir a raiva, o medo e a violência que tomavam conta. No entanto, até mesmo almas otimistas podiam murchar na escuridão.

— Benedict. — Ela cuspiu o nome com ódio, avançando, e seu vestido rasgou ainda mais nos galhos caídos a cada passo que ela dava. O rei estava montado no cavalo, cercado por homens de lealdade cega, que seguiam as ordens dele com atitude letal.

Evie soltou a adaga da bainha.

Benedict sorriu.

— É isso, srta. Sage. Permita-se ser quem você é de fato.

Tinha algo errado. Benedict estava arrogante demais para um homem que ainda precisava de um exemplar da *História de Rennedawn*, de dois filhotes de guvres e de uma âncora de maldição.

Será que eles tinham deixado algo passar?

De repente, a adaga vibrou em sua mão, e a cicatriz em seu ombro formigou de um jeito desagradável. Evie fez careta, no intuito de expulsar a sensação — que, pelo contrário, só se intensificou, até que o ombro dela parecesse estar em chamas e a adaga estivesse quase incontrolável.

— Adagas mágicas são mesmo uma maravilha — comentou Benedict. —

Mas, cuidado; às vezes elas agem por conta própria.

Evie agarrou o cabo com o coração martelando e o medo a sufocando, à medida que sua magia respondia ao chamado, indo ao encontro da adaga, que continuava a brilhar.

— Evangelina. — Trystan apareceu ao lado dela, encarando Benedict. — Deixe eu te ajudar.

— Trystan, pra trás — pediu ela, relutando contra os movimentos da adaga, lutando contra um impulso que era terrível demais para ela suportar. Suas mãos não pareciam mais suas. E não eram. Não podiam ser. A voz delicada em sua cabeça gritava em desespero, tentando puxar suas mãos para cima, e mais para cima…

Porque aquelas mãos tomaram a adaga — e esfaquearam Trystan Maverine no ombro, logo acima do coração.

Uma expressão de choque se formou no rosto de Trystan à medida que um pesadelo descarrilhava diante dos olhos de Evie. Pesadelo. Aquilo era um pesadelo. Só podia ser.

Ele caiu de joelhos. *Acorde. Por favor, Evie, acorde.*

— Eu não quis fazer isso — começou. — Eu não sei… como foi que eu…

— Sai de perto! — gritou Clare para ela, e Evie deu um passo para trás, sem jamais tirar os olhos dos de Trystan. Ele agarrava a adaga fincada em seu ombro com firmeza. Sangue. Ele estava sangrando.

Eu fiz ele sangrar.

Se aquela parte gentil dela não tivesse resistido, será que ela teria golpeado Trystan no coração?

— Mas que pena. — Benedict sorriu, em seguida chutou o flanco do cavalo até que ele disparasse em uma corrida pela floresta. Em meros segundos, ele partiu, com seus homens o seguindo lealmente.

E Evie se deu conta de uma verdade que a perseguira desde a infância.

A vida não era feita para as pessoas gentis.

O espírito de Evie fora assolado e ferido, atacado, dilacerado e testado. Tanta dor e tristeza que era mais do que seu corpo podia suportar. Tudo era barulhento demais, e cada sopro de vento em sua pele ardia — a agonia cresceu tanto que Evie segurou a própria cabeça e gritou.

Alguma coisa se partiu.

Ou muitas coisas. Tudo que ela conseguia ouvir era a si mesma, estilhaçando. Todas as vezes que fizera as vontades das pessoas que amava — todo o tempo que passou se fazendo descartável. E ainda assim, seu pai a

deserdou, seu irmão manteve distância, e agora sua mãe também tinha lhe dado as costas.

Eles nunca ficariam.

Ninguém jamais ficaria.

Exceto, quem sabe, ele… e agora ela o ferira.

Seus gritos ficaram mais altos, e através do torpor ela conseguiu ouvir diversas pessoas gritando seu nome. Quando Evie abriu os olhos, viu a devastação que havia causado — a prova de que de fato ela era o flagelo do reino.

As árvores. Ai, deuses, as árvores.

Derrubadas. Muitas tinham explodido até se reduzirem a nada, e o restante havia perdido a cor, a magia. Ela destruíra todas.

— Não — falou com um soluço, virando em um círculo e não encontrando nada intacto. Até mesmo a névoa escura ainda tentava fazer o mal, queria tomar sua dor e atacar com ela. Evie não conseguia contê-la.

— Trystan. — Ela deu um passo à frente, mas Clare a deteve com a mão no ar.

— Afaste-se, Evie — mandou, mas os olhos sofridos de Trystan encararam a irmã quando ele a empurrou, focando o olhar no de Evie.

— Não, Sage. Não… — Ele franziu o cenho e sacudiu a cabeça em movimentos rígidos, depois fez careta ao ficar de pé, ainda segurando o ombro.

Mas Evie já tinha se virado.

E fez a única coisa que prometera não fazer nunca.

Ela fugiu.

Fugiu dele. De todos. Da família que havia encontrado.

E ela não pararia, mesmo sabendo que a única pessoa de quem nunca conseguiria fugir, não importava a distância que percorresse…

Era ela mesma.

CAPÍTULO 42

Gideon

Uma semana agonizante depois…

Trystan Maverine não parecia mais nem príncipe, nem vilão. Gideon nunca tinha visto sua barba tão grande, e seu cabelo caía em cachos indomados que insistiam em entrar em seus olhos. Olhos escuros e vazios. O escritório estava abandonado e jogado à penumbra, iluminado por uma vela ou outra, com a luz do início da manhã mal começando a entrar. A luz estava baixa demais para leitura, mas Maverine estava sentado ali mesmo assim.

Analisando *A perspicaz sociedade do espartilho* como se o livro contivesse segredos ainda não desvendados.

Não, Trystan Maverine não parecia mais o Vilão.

Estava mais para um eremita — embora fosse um eremita com uma tendência a jogar pessoas pela janela.

O humor terrível do homem tivera início assim que a irmã de Gideon desapareceu em meio às árvores. Ele se manifestava em surtos de raiva abruptos que faziam qualquer funcionário que o tirasse do sério correr risco de vida. Literalmente.

— Pretende passar o resto do ano aí, sr. Sage, ou vai me dizer o que quer de uma vez, porra? — Ele não estava gritando. Trystan não tinha necessidade de recorrer a tais táticas, o que era ainda mais sinistro levando em conta a serenidade perigosa que o homem assumira.

Gideon deu um pigarro.

— Eu trouxe o livro da *História de Rennedawn* para quando o senhor tiver terminado sua… leitura de lazer.

Os olhos vazios do homem se estreitaram, e a boca repuxou em uma

carranca de insatisfação. Péssimo para Gideon. Muito ruim mesmo para Gideon.

— Pedi para que a Lyssa trouxesse — esclareceu por entre os dentes.

Agora, para uma pessoa lógica que dava valor ao fato de a cabeça estar colada ao corpo, aquela seria a hora ideal para sair de fininho. Mas a culpa e a preocupação pela irmã estavam devorando Gideon de tal maneira que não sobrava muito espaço para a noção.

— Acha mesmo que está em condições de ver qualquer uma das minhas irmãs no momento?

Ele já estava se abaixando antes mesmo de terminar a pergunta, sabendo muito bem que um projétil seria atirado em sua cabeça. Por sorte, foi apenas o romance que Trystan segurava.

Assoviando e tentando disfarçar o anseio, Gideon se aproximou da mesa do homem e deixou o livro da *História de Rennedawn*.

— Não sei o que você vai encontrar em um livro vazio.

Maverine ficou de pé antes que Gideon pudesse recuar.

— Não está vazio. Ele só é seletivo a respeito do que compartilha, e quando. A profecia…

— Ah, deuses! — Gideon resmungou. — Estou por aqui com essa profecia tempestuosa que parece estar arrastando você e minha irmã pelo pescoço. São só palavras! Que importância elas têm quando Evie foi embora e ninguém sabe onde ela está?

Exceto Gideon.

Ele sabia onde ela estava.

Contudo, não contou a Maverine, nem mesmo quando o homem agarrou seu colarinho com o punho erguido.

Keeley escolheu aquele momento para escancarar as portas, detendo Maverine antes que o murro pousasse no rosto de Gideon.

— Por mais tentador que seja, tenho as atualizações que o senhor me pediu. — Keeley se virou para ele com um leve sorrisinho, e Gideon sentiu um embrulho no estômago. — Os Guardas Malevolentes colocaram armadilhas nas fronteiras da mansão. Basta um passo em falso dos Valentes, e eles explodem.

— Muito bem. E você conseguiu localizar Joseph, o Acadêmico?

Bufando e jogando a trança comprida detrás do ombro, Keeley esfregou a mão sobre o coração.

— Algumas pistas, mas nada concreto ainda. O homem se esforçou para ficar muito difícil de rastrear. O senhor mencionou que o Edwin o conhecia…

será que não deveríamos perguntar se ele tem alguma ideia do paradeiro do Joseph?

— Não — respondeu Maverine sem pestanejar. — Vamos deixar o Edwin fora disso.

Keeley parecia estar pronta para protestar, mas mordeu o lábio.

— Sim, senhor.

Gideon falou, mesmo sabendo que deveria ficar calado. Como acontecia toda vez que ele abria a boca.

— Por que quer encontrar Joseph, o Acadêmico? Ele não é meio que um cara recluso?

— Preciso que ele examine isto. — Maverine tirou a adaga do cinto e a jogou sobre a mesa; a mesma arma que fora fincada nele. A adaga de Evie. — E preciso que ele me diga por que a ferida sarou assim que a lâmina foi tirada.

Gideon estivera se perguntando a mesma coisa. E por que a adaga parecia mais esmaecida que antes. Como se estivesse sem vida. Mas Gideon não conseguia se importar com a lâmina abandonada de Evie. Só com a própria irmã.

— E depois o quê? O livro não nos deu nenhuma pista, e nos falta um vilão ou vilã para a profecia. Qual é seu plano pra isso, sua *alteza*?

— Vou te dar alguns segundos para sair por aquela porta antes que eu te faça sair pela janela — alertou Maverine, batendo tão forte na mesa que o livro se abriu sozinho. Então, o objeto ganhou vida.

— Palavras — murmurou Keeley, apontando para o texto que se formava pouco a pouco na folha.

Foi Maverine quem leu em voz alta:

Achado, antes perdido,
O composto será resolvido
Onde o sol bate sem empecilho e se forma o amor puro
Um toque abre a porta e conserta tudo

— Esse livro precisa mesmo se comunicar através dessas rimas bregas? — Keeley esfregou as têmporas. — Que perturbação.

Blade esgueirou a cabeça para dentro, com uma expressão de olhos arregalados que chamou a atenção dos três.

— Vocês estão lendo *Meu amor, meu sol* aqui?

— Não — respondeu Maverine, fechando o livro e o guardando em um

armário, que em seguida trancou. Ele parou, depois se virou, enfadado. — Estava bisbilhotando?

Blade deu uma risadinha de nervosismo, abrindo mais a porta e revelando Rebecka, Tatianna e Clare — as três agachadas. A outra porta se abriu também, e Reinaldo sorriu com cara de culpado.

Blade falou em nome dos abelhudos:

— Estávamos chamando de "vigilância" para a Rebecka não ter um surto psicótico.

— Porque é isso mesmo! — resmungou a dita-cuja na defensiva.

— O que é isso? — perguntou Gideon, ainda cismado com o título. — "*Meu amor, meu sol*"?

Blade pareceu ter sido pego de surpresa.

— Ah, é um livro ilustrado infantil. O chefe estava lendo uma passagem dele agorinha, não? "O sol brilha sem empecilho". Por isso me soou familiar quando li a profecia da primeira vez. Era a historinha que meu pai mais gostava de ler para mim.

— Keeley? — chamou Maverine, sem precisar terminar o nome antes que a capitã já estivesse em alerta e a postos. — Encontre-o.

— Já sei onde vou encontrar — respondeu ela.

— Vou junto — propôs Gideon.

Keeley enrijeceu, mas concordou e já partiu para a porta. Eles estavam na metade da descida quando ela perguntou:

— Por que está vindo comigo, Gideon?

Ele parou nos degraus acima dela, admirado com a vista direta que tinha de seu rosto. Keeley estava com os olhos fixos nele, buscando suas segundas intenções.

Gideon não tinha nenhuma. Portanto, falou a verdade.

— Eu só queria, hum… estar com você. Se não… tiver problema?

A capitã sugou os lábios, mas não antes de Gideon vê-la tentando conter um sorriso.

— Acho que tudo bem.

Ele a seguiu feito um cão farejador.

— Tente conter seu entusiasmo.

— Darei o meu melhor. — Mas ele conseguia ouvir o sorriso na voz dela. — Vai contar a ele sobre a Evie? — perguntou com cautela.

Gideon engoliu em seco.

Sabendo que sua irmã estava por aí. Sofrendo mais do que qualquer um

poderia imaginar.

CAPÍTULO 43

Evie

— Do começo, rapazes! Faltam só três dias! Preciso que vocês acordem pra vida ou deem o fora do meu palco!

"Assustadora" era a melhor palavra para definir Helena, a prima de Evie. Os atores zanzavam feito formigas operárias pelo palco amplo diante da mera menção de sua insatisfação. Todos se sobressaltavam enquanto ela gritava suas ordens, exceto os homens bancando os seguranças na porta dos fundos.

— Era melhor eu ter ficado na sua casa. Isso aqui parece ser arriscado — insistiu Evie, com a vergonha e a culpa persistindo também, comprimindo seus pulmões até não sobrar mais ar.

Ai, deuses, Evie tinha feito merda.

— Deixa de ser ridícula. — Helena jogou o cabelo escuro volumoso para trás dos ombros e futucou a safira suspensa em seu pescoço. — A Aldeia do Coração é uma oposição declarada ao rei Benedict. Estamos na fronteira entre dois reinos; ele não pode mandar e desmandar no nosso solo, e ninguém aqui te denunciaria.

Helena deu um tapa na testa quando Fritz, o antigo sequestrador de Evie, de quando ela visitou a Aldeia do Coração pela primeira vez, se embananou com as falas no palco. Era absurdo pensar isso, mas suas lembranças daquele passeio, da experiência de quase morte com Trystan na masmorra do teatro, agora pareciam retratar tempos mais felizes e simples.

Trystan. Ele tinha sobrevivido ao que ela fizera com ele — pelo menos fisicamente. O coração de Evie lhe lembrou com gentileza de que ele a perdoaria, que entenderia. Ele ficara ao lado dela durante cada mínima provação. O que era um desafio a mais? Eles finalmente haviam concordado em seguir juntos.

E daí eu quase o esfaqueei no coração.

Não tinha por que tacar mais lenha na vida de Evie. Ela já estava em chamas.

Assim como a peça desastrosa a que ela estava assistindo.

Outros dois homens que ela reconhecia estavam vestidos para algum tipo de espetáculo de horrores, mas a maquiagem grotesca ainda dava menos medo que seus sorrisos largos.

— Olá, srta. Sage! — falou um dos brutamontes maiores. Evie inclinou a cabeça, certa de que era o mesmo homem que a amordaçara durante sua primeira visita.

Ela pretendia cumprimentá-lo usando seus modos amigáveis de sempre, porque de verdade, ele tê-la amordaçado não era nem de longe a pior coisa pela qual ela havia passado nas últimas semanas. Entretanto, antes que pudesse responder, um dos outros atores/sequestradores deu uma cotovelada nas costelas do homem.

— Ei! Não é pra ninguém saber que ela tá aqui, seu palerma.

— Eu sei, ué! Por isso não usei o primeiro nome dela!

— Estou cercada de um bando de imbecis. — Helena grunhiu nas mãos, e não moveu um músculo sequer quando os homens se pegaram aos socos.

— Não é melhor a gente separar a briga?

— Os personagens deles estão maltrapilhos por causa de uma batalha. Assim a gente só vai poupar o tempo dos maquiadores. — A prima bufou e olhou para os cantos cinza do teatro, passando pelas paredes. A cor permanecia, a magia ainda estava presente, mas ficava mais fraca a cada dia. Evie ainda nem completara sete dias ali e já estava vendo a mancha cinza aumentar na parede, como se fosse uma teia de aranha.

Você fez merda, Evie.

— Eu fugi, Helena — disse Evie em voz baixa, sentindo um aperto no peito e o estômago cheio de pedras. O ar gelado que entrava pelas janelas abertas assoprou o suor em sua nuca, provocando um calafrio. — Sou igualzinha à minha mãe.

— Evie. — Helena olhou séria para ela. — Você mandou um recado detalhado para o Gideon com instruções para cada situação que pudesse surgir depois do bilhete que chegou relatando o estado do Trystan, depois continuou se comunicando com ele para saber como as coisas estavam. Você mal passou sete dias longe. A tia Nura foi embora por *dez anos*.

Evie estremeceu, sentindo a magia sombria crescendo em seu peito, mas ela

foi reprimida quase que instantaneamente, bloqueada pela magia dos trolls da ponte desde que entrara na aldeia.

— Ainda assim, fui covarde — sussurrou, porque era a verdade. Ela desistira.

— Acho que você mereceu tirar alguns dias de covardia, prima. — Helena começou a perambular pelo teatro, riscando itens em sua prancheta enquanto inspecionava o equipamento de segurança. Evie a seguiu, como fazia quando elas eram pequenas. — Você está passando por uma baita mudança de carreira, hein? De assistente a Vilã em questão de meses? Vai dar o que falar na *Conto de Caras*. — Helena riu.

Evie semicerrou os olhos e franziu o nariz.

— Não. Não precisa se preocupar, eu tô rindo por dentro — murmurou ela, seca, batendo com o ombro na prima quando ouviu o ronco de deboche em resposta.

— E daí que estão te tachando de ruína do reino? Você é uma mulher em posse de grande poder sendo atacada por alguns homens inseguros. Sei que você tá toda traumatizada e tal, mas isso não te torna especial. Esse tipo de coisa acontece o tempo todo.

— Ah, claro. — Evie abanou a mão no ar. — Uma sexta-feira qualquer.

Helena estalou os dedos, sorrindo.

— Agora você entendeu. Ah, eu estava pra perguntar: o quanto você é apegada aos seus dedos?

Evie olhou de um lado para o outro.

— Isso aí é o começo de uma piada de sacanagem? Cadê o Douglas com o caderninho? — O homem, que da última vez que Evie vira não parara de encará-la, não estava por perto; nem ele nem o caderno em que escrevia constantemente. Uma pena, pois Evie estava com a corda toda.

— Não, eu só fiquei pensando que com a recompensa que estipularam pela sua cabeça, talvez nos deem metade da grana por uma parte do seu corpo que não fosse te fazer falta.

Os lábios de Evie se retorceram de repulsa.

— Helena, isso é nojento.

A prima respondeu solenemente:

— A inflação também é.

— Helena! A nova equipe de segurança chegou! — anunciou Fritz, com dois hematomas no rosto que pareciam lhe dar bastante orgulho.

— Pode deixar eles entrarem, Fritz! E leva alguém com você! — mandou

Helena. — Bora fazer uma pausa, pessoal. — Gratos, os artistas saíram do palco.

— Se, em teoria, a aldeia toda é confiável, por que precisamos de segurança?

Com um esvoaçar do vestido dourado, Helena praticamente foi embora rodopiando, passando um dedo coberto pela luva no apoio de braço.

— A segurança serve apenas para proteger os artistas, garantindo que ninguém vá entrar com algum tipo de arma. Além do mais, já tivemos plateias com mãos bobas, então achei melhor dar um basta antes que alguém precise ser punido.

— Mas isso não é caro? — sussurrou Evie.

Helena deu de ombros, e uma vulnerabilidade atípica tomou conta de seu rosto por apenas um momento, depois ela voltou para seu sorrisinho indulgente.

— Por mais cruel que eu possa ser, não vou vender minha alma para ganhar um trocado a mais. Se tivermos um dinheirinho extra para direcionar à segurança, nós pagamos. E temos um dinheirinho extra. Fim da história.

Evie ficou se perguntando por que as pessoas de sua vida não conseguiam aceitar elogios por um ato de bondade. A própria Evie não *precisava* de elogios para ser boa, mas sempre gostava quando alguém reconhecia a gentileza que se escolhia dar aos outros.

O sol ainda brilhava mesmo sem elogio, mas mesmo assim Evie gostava de pensar que ele ficava mais forte quando ela reconhecia seu esforço. Era um pensamento feliz. Ultimamente, estavam escassos.

Isso matava seu espírito. Ela não era assim. Não mesmo. Nunca tinha sido do tipo que lamuriava, que deixava a dor diminuir a alegria que a mantinha seguindo em frente. Mas vai ver o problema era esse. Quantas vezes poderia se reerguer antes de destruir o que restava?

— Me surpreende minha mãe não ter voltado aqui antes de mim — falou Evie, decepcionada, mas não surpresa com a rejeição. Enfiando os dedos nos bolsos do vestido que pegara emprestado de Helena, ela reparou que ele ficava um pouquinho largo no peito, mas a prima tinha um gosto refinado, e a piscina de seda azul macia caía sobre suas curvas de um jeito feminino distinto.

— Eu não teria aceitado a tia de volta aqui; me dá um pouco de crédito, vai. — Helena franziu o cenho. — Talvez ela volte para o meu pai. Não seria um desastre?

— Ele a entregaria — supôs Evie, sabendo que seu tio acreditava fervorosamente no reino corrupto. Era fácil ignorá-las quando as coisas ruins

não estavam bem diante de você, mas isso também não as tornava menos reais.

Helena ficou séria e colocou a prancheta em uma poltrona vazia.

— Meu pai é ignorante e não está disposto a aprender. Duas coisas muito perigosas. Vamos torcer pra que a sua mãe seja inteligente o bastante para saber isso a respeito dele.

Uma comoção na porta dos fundos do teatro chamou a atenção das duas. O coração de Evie martelava no peito. Será que era ele? Será que ele tinha aparecido para buscá-la? E que contradição era o rebuliço de esperança, porque ao mesmo tempo ela tentava afugentar a lembrança dele curvado no chão, ferido pelas próprias mãos dela.

Evie acreditava que havia coisas que uma pessoa nunca deveria ver na vida. Aquela dor e aquele medo nos olhos de Trystan descarrilharam uma premonição assustadora. Uma vida em que eles eram inimigos, inimigos de verdade, com nada além de ódio entre os dois.

O que, por algum motivo, não parecia ser sinal de um relacionamento saudável e duradouro.

No entanto, independentemente do motivo pelo qual ela sabia que não deveria, Evie queria tanto que fosse ele que o desejo a esmagou quando viu que não era.

Não seja uma tremenda hipócrita, Evie!

Em vez disso, seja uma tremenda megera. É mais divertido e dói menos.

Os novos seguranças entraram para trocar de posto perto das portas, todos de cabeça baixa em deferência a Helena. Isso arrancou um sorriso de Evie.

— Você é mesmo a rainha deste castelo, né?

Helena deu tapinhas no topo da cabeça.

— E cá estou, sem coroa. — As duas riram. O sorrisinho costumeiro de Helena se transformou em uma expressão genuinamente feliz. — Aceita uma bebida? — Ela assentiu para o palco vazio e, momentos depois, elas se sentaram nele, enquanto Helena enchia o copo de Evie com um pouco de gim.

As luzes do palco estavam acesas, com o sol prestes a sumir. Evie sabia que precisava voltar para casa — só os deuses sabiam como Lyssa devia estar se sentindo, depois de a mãe ir embora e de Evie partir também, em um intervalo de poucos dias. Porém, naquele momento, ela se deixaria aproveitar o simples prazer de beber com a prima.

Evie deu mais um gole longo, sentindo o calor escorrer para a barriga, os membros relaxando pouco a pouco enquanto ela balançava para trás com as mãos apoiadas no chão.

— Helena? — chamou Evie, depois deu mais um gole e serviu uma segunda dose. — Você acredita em amor verdadeiro?

— Claro.

— Essa é uma resposta casual demais para uma pergunta tão pesada. — Evie balançou o dedo no rosto da prima.

Helena virou a cabeça para o outro lado, mas Evie ainda conseguia ver o sorrisinho no rosto da prima quando ela respondeu:

— Claro que acredito, sua tonha; não sou tão cínica assim. Ainda não, pelo menos. Eu mesma já vi acontecendo.

— Quando? — perguntou Evie, desconfiada.

— Com você e o Maverine que não foi — retrucou Helena, sacudindo as mãos e gargalhando quando viu a cara de Evie. — Brincadeira! Ai, meus deuses, você fica tão sem graça quando passa por uma crise de identidade.

— Desculpa se o fato de a minha vida estar em frangalhos não te entretém. Como posso ser mais divertida? — perguntou Evie com a voz vazia.

— Sei lá. Faz uns polichinelos ou algo do tipo.

Evie ficou de pé e fez dez, com o gim em sua barriga deixando-a quente e lânguida.

Helena bateu palminhas e sacudiu a garrafa vazia de gim com uma bufadela de incredulidade.

— O gim foi roubado por fadinhas invisíveis.

— Vou pegar mais! Onde? — Ela se virou, cobrindo os olhos com as mãos ao forçar a vista em direção ao holofote.

— Tem uma barraca logo ali na esquina. — Helena jogou à prima sua bolsinha de moedas e se levantou para ajustar um pedaço do cenário que estava fora do lugar.

Cambaleando, Evie desceu os degraus do palco e foi para os fundos do teatro, onde estavam os três seguranças, estoicos e imóveis.

— Com licença? — Evie chegou mais perto. — Podem sair da frente? Preciso resolver uma pendência rapidinho.

— Permita que nós a escoltemos, senhorita — falou um dos homens com a voz baixa e a cabeça virada para o chão. Mas a voz era familiar.

Sinos de alerta tocaram, e embora Evie não conseguisse mais ver a diferença entre perigo real e a sugestão de perigo, ainda sabia que ter cautela era mais seguro.

— Ah, obrigada, mas não precisa. É logo ali, e prefiro ir sozinha. — Ela deu a resposta com os ombros para trás, encarando-os para que soubessem que não

estava intimidada.

Eu sou o caos!

E não é só um jeito engraçadinho de falar. Eu sou mesmo.

Rígido, o segurança assentiu, abrindo espaço para ela passar. Evie se sentiu aflita até sair, com as cores bonitas do céu e o gelado da noite lhe provocando arrepios nos braços em um refresco agradável, com o álcool intensificando o efeito. De uma só vez, ela sentiu um peso sendo tirado das costas, andando à margem da água da Aldeia do Coração em um silêncio pacífico. Os aldeões estavam voltando para casa, para suas famílias, e a maioria mal olhou para ela.

A maioria, sim — mas alguns olharam.

Porque, embora Evie estivesse bêbada a ponto de trocar as pernas, ela não tinha treinado com o Vilão de Rennedawn e saído sem aprender nada. A paz se desfez imediatamente quando ela percebeu: estava sendo seguida.

Passando direto pela barraca que vendia álcool, ela virou à direta novamente, fechando um circuito ao redor da praça. A presença ainda estava ali, e ela não tinha magia para se proteger. Sua adaga fora deixada para trás. Cravada no peito de Trystan.

Ela se virou em outra rua, uma que estava vazia.

A arte da surpresa estava a seu favor, mas Evie tinha uma aversão veemente à palavra "sutil", então com um grito ela se virou meneando o punho, conectando-o com músculos fortes. Um grunhido veio em seguida, e então ela foi levantada no ar. Quando viu o rosto do homem…

Ela soltou um berro.

CAPÍTULO 44

Evie

— **Pra. Que.** Me. Pegar. De. Fininho. Assim! — gritou Evie, pontuando cada palavra com um tapa no braço de Raphael Fortis.

— Foi ideia do Roland! — respondeu Raphael, gesticulando para Roland e Marv, que acenaram para ela.

— Eu falei que era uma ideia ruim, srta. Sage — falou Marv, esfregando o cabelo rebelde.

O irmão mais velho de Rebecka Erring teve a decência de fazer cara de culpado, por mais hesitante que fosse, mas Evie ainda estava tentando colar a alma de volta ao corpo.

— Peço desculpas. — Raphael se abaixou em uma reverência cortês.

Ela o encarou.

— Eu não vou fazer reverência de volta.

Roland riu.

Raphael estava diferente do que da última vez que Evie o vira. Mais triste. Mais derrotado. Ela sabia bem como era isso.

— Você está péssimo — comentou ela.

— Bondade a sua reparar. — Raphael girou os ombros. — Não dormimos ontem à noite. Passamos o dia todo viajando até aqui.

Evie deu um soluço, encarando Marvin e depois Roland.

— Mas eles estão com a cara boa.

Marv se alegrou.

— Obrigado, srta. Sage.

— Marv, eu te imploro pra aumentar sua linha de corte pra elogios. — Ela deu o conselho com uma dose saudável de cautela. Seus instintos a tentavam a ser amigável com o guarda do portão que os havia traído.

Foi então que ela se lembrou do motivo pelo qual tinham mandado Marv embora.

— Ah, aliás… o veneno…?

Roland bufou.

— Está sob controle, mas não curado. — Ele fitou Marv com intenção, profundamente, esticando-se para pegar sua mão com um leve toque do polegar e os olhos suavizando. — Ainda não.

Marv ficou vermelho, e Evie se permitiu apreciar o momento.

Raphael, por outro lado, não estava em um clima lá muito paciente ou romântico.

Suas sobrancelhas escuras estavam viradas para baixo, e a boca estava rígida.

— Evie, uma coisa terrível está prestes a acontecer. Nós precisávamos te avisar.

— Será mesmo que precisavam? — Evie relutou contra um sorriso. — Eu amo surpresas.

Roland futucou os óculos, e o nervosismo estava evidente em seu tom.

— Não dá pra esperar, Evie.

— Bem, deve ser ruim mesmo se vocês se arrastaram até aqui. — Ela viu terror nos movimentos do homem, na agitação de seus olhos indo de um lado para o outro. — Como vocês sabiam onde me encontrar?

Raphael tirou o elmo, soltando o cabelo, depois pegou um papel dobrado do bolso e o entregou a ela.

— Minha mãe estava mandando isso aqui para as pessoas sob nossa proteção.

PROCURA-SE: VIVA OU MORTA

A VERDADEIRA VILÃ

EVIE SAGE

ROUBO DE MAGIA

ASSASSINATO

TRAIÇÃO

Dessa vez, quando Evie olhou para o desenho da mulher retratada, não viu muita diferença entre elas.

— Vão precisar de uma folha maior, se eu continuar acumulando feitos nesse ritmo. — Ela falou com um sorriso, ignorando o mal-estar em seu estômago. Tinha enchido a cara de gim; era óbvio que sua barriga ia chiar.

Gim fazia coisas maravilhosas e horríveis.

— Tem uma rede de sussurros de pessoas leais a Benedict trabalhando com ele, e elas têm sussurrado sobre você. — Raphael puxou o capuz do manto de Evie em um gesto fraternal que fez ela sentir saudade de Gideon. — Elas sabem que você está sendo abrigada na Aldeia do Coração. Não é seguro.

Não havia mais lugar algum seguro, não quando o próprio corpo dela havia se tornado estranho e imprevisível.

— E por que você está me contando isso? Por pura bondade do seu coração, eu suponho? — A pergunta dúbia não era necessariamente justa. Os irmãos de Rebecka não tinham culpa das transgressões da mãe.

— Acredite no que quiser a respeito das minhas motivações, mas a verdade é essa. Minha mãe tem cultivado mais plantas das lembranças para o Benedict, e ela não tem mais remorso quanto a ferir a filha de Nura Sage. Isso… não é certo. Nossa família, os Fortis, devem proteger contra a corrupção e lutar por quem não pode se defender. — A bufadela que saiu pela boca de Raphael era dolorida. Seu rosto lindo ficou derrotado à medida que os pilares morais desmoronavam ao seu redor. — Como foi feia a nossa queda.

Evie também conhecia essa sensação, então colocou a mão no braço de Raphael em um gesto reconfortante.

— Não tão feia assim, eu acho — falou ela com a voz branda.

A brisa que vinha do rio, o leve bater das ondas e o respingo de água salgada em seus tornozelos a ajudaram a recuperar a sobriedade mais rápido do que diversas xícaras de elixir de caldeirão. Deuses, como ela sentia falta de elixir de caldeirão. Deuses, como sentia falta de tudo na mansão. De *todos*.

— Pra longe da minha prima! — A proclamação arrastada e aguda foi feita com um meneio de…

— Pelo amor dos deuses, Helena! Larga essa garrafa de gim. Você vai desperdiçar a bebida. — Evie tirou o álcool recém-comprado da mão da prima, percebendo que Raphael caíra de quatro no chão para desviar do golpe. — Aqui. — Evie deu à prima uma de suas sapatilhas. — Arrasa, vai.

Mas Helena interrompera seu movimento, com a mão ainda erguida no ar, pronta para atacar o homem que ela achava que estava machucando Evie.

Evie estava emocionada demais para se preocupar com a possibilidade de Helena matar o homem.

— Que vexame — grunhiu Raphael, ficando de pé e batendo a terra da camisa. — Usando uma garrafa de gim como arma, gritando feito uma banshee… — Quando Raphael ergueu a cabeça, viu Helena girando o sapato

de Evie no dedo, observando o guerreiro Fortis com o interesse que um gato dava a um canário.

Ele ficou imóvel, como se seus olhos estivessem processando diversas coisas ao mesmo tempo.

— Prossiga, senhor. — Helena deu um sorrisinho e jogou o calçado para Evie sem interromper o contato visual. — Estou adorando sua avaliação do meu caráter. Espero que publique.

— Eu ia ficar sem espaço na página — retrucou Raphael por entre os dentes, endireitando as costas e atingindo sua plena altura.

— Ah, aposto que você fala isso pra todas. — Helena riu como o soar de sinos, do tipo que toca antes de uma batalha. Mesmo embriagada como estava, Helena ainda assim conseguiu fazer uma reverência, com suas saias caindo perfeitamente a seu redor. — Meu nome é Helena. Sou dona do Teatro das Terras Mortas. E você é…

Raphael cambaleou para trás, de queixo caído.

— O Teatro das Terras Mortas. Você é dona do Teatro das Terras Mortas?

Helena foi para o lado de Evie; ela estivera assistindo à interação com interesse, e agora sentia que precisava de algodão-doce e pipoca.

— Você já ouviu falar? — perguntou Evie.

Raphael fechou os olhos com força antes de sussurrar:

— Foi lá que o Benedict colocou seus espiões.

Helena tropeçou para trás.

— Impossível. Nenhum funcionário meu sequer viraria a cara na direção do Benedict.

— Pense o que bem entender. Mas seu teatro é perigoso. Para você, para a Evie, e para qualquer um que botar os pés lá dentro. — Raphael falou de maneira sombria, mas com convicção. Convicção demais para que o coração de Evie não fosse parar nos pés.

Os atores. Será que alguém se machucaria por causa dela?

— Não — sussurrou Evie, depois disparou em uma corrida para a casa de espetáculos. — Não. Não. Por favor, não. — Suas pernas estavam se movendo, avançando em uma velocidade furiosa. Helena e Raphael gritavam para ela parar não muito detrás, mas ela mal os percebia. Seu sangue gelara, e seu corpo todo sucumbia às sensações quando ela escancarou as portas.

A respiração de Evie era o único som dentro do cômodo vazio. Ou, pelo menos, ela presumia que estivesse vazio, mas estava escuro demais para ter certeza, com apenas um holofote iluminando o palco.

— Oi?

Sua idiota. E se alguém te responder?

A porta se fechou com um baque, e ela gritou.

Evie não fazia um som daqueles desde que os meninos de sua turma começaram a se esconder em cantos escuros para pular de supetão e assustá-la. Mas, no fim, aquele medo se calava, porque debaixo da luz, os garotos eram indefesos. Ela ficava segura.

Agora, Evie não fazia mais ideia do que estava à espreita na escuridão.

Ela se virou lentamente, torcendo para ver Helena e Raphael. Até mesmo Marv seria uma companhia mais bem-vinda do que estar sozinha no breu sinistro.

Um saco de areia caiu com tudo no palco, fazendo Evie arquejar, e uma corda desenrolou e despencou logo ao lado.

— Caso esteja se perguntando — falou com a voz controlada —, isso foi muito bizarro da sua parte.

Seguindo pelo corredor comprido, ela se aproximou dos degraus do palco, olhando ao redor em busca de qualquer coisa que pudesse ser usada como arma.

Os sons leves de risada pareciam um espírito deslizando pelo espaço.

— Se for um fantasma, tenho outras sugestões de pessoas para você assombrar. Sabe quem é Griffin Sage?

E foi então que um corpo mole caiu com um baque de embrulhar o estômago, a dez centímetros de onde ela estava.

— Deuses! — Os olhos de Evie ardiam. Ela levou uma das mãos à boca e a outra foi parar sobre o coração. — Ah, não. Fritz. Fritz? Não. Não. Não. — Ela caiu ao lado do homem, virando sua bochecha, e sentiu ânsia ao ver seu rosto. Ele fora mutilado. Arrancaram um olho e diversos dedos. Evie passara tempo o bastante trabalhando para o Vilão de Rennedawn para saber como era uma tortura. Aquilo não tinha sido comedido.

Era pessoal.

Ela passou os dedos sobre o pedaço de papel preso ao peito do homem, que mal se mexia com os suspiros lentos de vida que desvaneciam. Um pânico gélido se instalou dentro de Evie. Mais um pôster de PROCURA-SE.

Esse dizia:

MULHER PERVERSA

A VERDADEIRA VILÃ

ÚLTIMA ATROCIDADE:
INCENDIOU O TEATRO DAS TERRAS MORTAS

E então…
Evie sentiu cheiro de fumaça.

CAPÍTULO 45

Lyssa

No escritório

Lyssa Sage tinha sido deixada para trás com apenas um caracol e um ogro como companhia. Era um dia ruim com apenas esses pontos altos.

— Capricha no molho, Edwin! — mandou Lyssa, e Edwin respondeu despejando uma xícara cheia do líquido marrom sobre a massa de biscoito.

— Srta. Lyssa — começou Edwin. Ele estava sendo cauteloso. Ultimamente, todo mundo vinha sendo cauteloso ao redor dela; a vida estava mais instável do que quando eram apenas ela e Evie. Agora estava mais cheia, mas *pelos deuses* como também estava mais caótica, e Lyssa percebia que a história que ela estava vivendo não era mais segura. Para ninguém.

— Se alguma hora você quiser conversar sobre algo, tenho um ótimo ouvido. — Ele fez menção de pegar as duas orelhas e fingiu surpresa ao encontrar a esquerda. — Olha só! Tenho dois! Agora você precisa me contar todos os seus problemas. Não podemos desperdiçar meus dons assim.

Florzinha, o caracol, comia mais uma flor, aparentemente indiferente à emoção que Lyssa direcionava à gaiola. Desejando, só um pouquinho, viver com tamanha simplicidade.

Mas só um pouquinho.

Ela era excêntrica, não tola.

E seus sentimentos eram grandes demais para serem contidos em uma concha tão pequena.

A menina franziu os lábios e colocou os braços ao redor do torso de Edwin.

— Estou tão preocupada com a Evie e com medo de ela não voltar pra casa… E se ela estiver machucada? Estou triste e assustada. Mas

principalmente triste. — Lyssa nunca tivera dificuldade de expressar como se sentia, não importava o quanto fosse desconfortável ou doloroso.

Edwin se abaixou para abraçá-la, depois se afastou e deu-lhe batidinhas na cabeça.

— Você tem direito de estar triste, pequena.

— Sei disso. — Ela fungou, esfregando o nariz de um jeito nada educado para uma dama. Fungar devia ser uma proibição das grandes nas regras da vilania, mas Lyssa também aprendera a seguir outras regras na vida, e jamais se esqueceria de sua primeira professora.

— A Evie sempre me disse que o choro é seu corpo se despedindo da dor — falou ela, esfregando os olhos de leve. — Mas não acho que ela está mesmo indo embora. Nada vai ajudar. Nada pode consertar isso pra minha irmã.

A expressão de Edwin ficou atribulada.

— Nem sempre é nosso dever consertar as coisas ruins quando elas acontecem.

— Então de quem é? — indagou Lyssa, baixinho.

— Receio que, na maioria das vezes, o tempo seja a única resposta às piores dores. Mas podemos encontrar momentos de alegria para nos ajudar a seguir em frente, e aos poucos a dor se torna apenas um incômodo, e um incômodo vira lembrança.

Que pensamento mais petrificante. Simplesmente esperar as coisas melhorarem, sem saber se iam de fato. Era verdade, Lyssa nunca tivera problema em acreditar que um joelho ralado sempre se curava, e que uma palavra feia parava de arder quando palavras boas demais eram lançadas sobre ela. Mas morte? Traição? Perda?

Um estrondo de trovão chacoalhou a janela da cozinha, para sempre alterada. Não trazia mais o brilho do sol no livro, já que os raios de luz tocavam apenas o campo de grama vazio, mas pelo menos bastava para impedir que a chuva entrasse.

— Edwin, que ideia besta a minha. Por que me deixou tentar fazer biscoitos de carne para os filhotes? — Lyssa franziu o cenho para o cheiro medonho da massa e fez uma cara intrigada.

— Porque, srta. Lyssa — respondeu Edwin, com carinho —, você me lembra de um jovenzinho com quem passei muito tempo na minha padaria. Ele também era bonzinho e queria ajudar como fosse possível… — Os olhos de Edwin suavizaram, e ele começou, sem questionar, a modelar a massa de biscoito nojenta em formas circulares antes de colocá-las na bandeja. — Ele

sabia o quanto um ato de bondade era importante para ajudar as pessoas. Mais importante até que palavras.

Lyssa franziu o cenho.

— Palavras são importantes também, Edwin.

O ogro contemplou, e enfim a fitou com os olhos pensativos.

— Tem razão, srta. Lyssa. Palavras são importantes; elas permitem que você tenha esperança enquanto espera a ajuda vir.

Os biscoitos tomaram forma depressa depois de eles voltarem à tarefa, modelando a massa em silêncio e esperando em ainda mais silêncio até ficarem prontos. Em seguida, os dois os levaram ao cercado nos aposentos da curandeira, onde Blade brincava jogando uma bola para os dois animaizinhos. Os filhotes piaram animados e correram em direção à grade quando Lyssa entrou.

E com eles estava… outro ogro?

Suas mãos azuis estavam em cima dos bichos com as palmas brilhando, mexendo uma luz cintilante e colorida pelos dedos grandes e passando-as sobre os animais com um semblante rígido de concentração no rosto.

— Olá, Blade. Trouxemos biscoitos para eles — anunciou Edwin. A chuva ainda caía, mas agora era apenas uma garoa.

O ogro azul virou ao ouvir a voz dele, e Edwin se atrapalhou com a bandeja. Ele a teria derrubado se a srta. Erring não tivesse vindo correndo do canto para ajudá-lo a endireitar as mãos.

— Está tudo bem, Edwin? — perguntou a srta. Erring, preocupada.

— Olá, Edwin. — O cabelo índigo do outro ogro era comprido e estava preso; ele usava roupas formais. O polimento das botas grandes refletia no manto recém-passado, que ele usava sobre uma camisa fina, com calças chiques.

Lyssa olhou de soslaio para Edwin, que estava imóvel e sem palavras.

— Edwin — sussurrou a menina. — Dá oi, né.

— Oi — disse Edwin de repente, e Lyssa escondeu a risada com a mão. — Quer dizer… olá, Joseph.

O outro ogro, Joseph, abaixou as mãos devagar, mas a luz que cobria as criaturas não se apagou, permaneceu sobre elas feito um escudo, como uma armadura contra o mundo.

— Fiquei surpreso quando descobri que o seu vilão estava me procurando. Mas confesso que não consegui resistir à oportunidade de vir ver você.

Blade abriu a boca ao assentir para si mesmo.

— Estou tão feliz por estar aqui para ver isso.

A srta. Erring mandou ele se calar.

— Eles estão descansando agora — explicou Joseph. — Eu só estava dando um pouco de proteção às almas inocentes dos dois.

Tatianna entrou com Clare, ambas segurando baldes enormes de água e trombando uma na outra quando viram Joseph, derrubando metade do conteúdo no chão.

— Sr. Joseph? — perguntou Tatianna, boquiaberta.

Clare levou as mãos à boca. Em seguida, as duas gritaram e correram em direção ao ogro, lançando os braços ao redor dele.

— Olhem só pra vocês duas! — Joseph riu. — Como cresceram!

— Vocês todos se conhecem? — indagou Lyssa, sentindo-se como uma tampa de bule girando sem conseguir se encaixar na abertura.

Tatianna deu o braço a Joseph e o escoltou a uma das poltronas almofadadas.

— O Joseph morava na nossa aldeia, onde estudava algumas ruínas que ficavam perto do mar. Ele era incrível. Nem acredito que você veio. O Trystan tinha certeza de que as mensagens não iam chegar até você. Ele já te viu?

— Foi ele quem me trouxe para cá, mas partiu pouco depois. Parecia estar um tanto apressado. — Os olhos violeta de Joseph lampejaram de volta à porta. — Alexander?

Reinaldo havia entrado com um sorriso tão grande que Lyssa não conseguiu deixar de imitar.

— Olá — murmurou.

— Fico feliz em saber que são falsos os rumores que tenho ouvido a respeito de você estar vivendo como anfíbio. — Joseph puxou Reinaldo para um abraço com direito a tapinhas nas costas.

— Espera só algumas horas — sugeriu Reinaldo com um meio-sorriso que também era parcialmente uma careta.

— Fico surpreso. — Edwin encontrou a própria voz. — Fico surpreso que o Trystan tenha saído às pressas, já que precisava dos seus serviços.

Joseph deu de ombros.

— Consegui contar tudo de que ele precisava saber bem rápido. Sou um acadêmico de magia há mais tempo do que vocês, humanos, estão vivos. — Ele riu.

Reinaldo franziu o cenho.

— O que você contou a ele? — A voz saiu baixa, mas ainda soava grave.

Joseph fez contato visual com Edwin.
— Você sabe… não sabe? Eu sempre suspeitei.
Edwin enrijeceu e sacudiu a cabeça.
— Sabe o quê? — perguntou Lyssa.
Joseph ficou sério.
— Que o Trystan é um Curandeiro Primordial.

CAPÍTULO 46

Evie

Evie tinha certeza de que havia muitas pessoas no mundo que amariam dar pitaco em como partiriam dessa para uma melhor.

Conforme as chamas subiam ao seu redor, ela deu como certo: aquela não era sua primeira escolha.

Ela ficou paralisada, vendo o fogo se alastrar depressa pelo espaço. Sabendo que, para diversas pessoas horrendas, sua morte seria mais fácil. Com o prédio sendo consumido pelas chamas. Com a arquitetura desmoronando ao redor dela, assim como a vida havia feito. Ela, esmagada sob os sonhos destruídos de uma pessoa amada.

Seria mais fácil para o reino. Poético, até. Evie encarou o leve subir e descer do peito de Fritz. A crueldade gravada em suas feridas.

E então, ela se reencontrou através da fumaça. Sua voz interior falou, determinada.

Evie Sage morreu como uma mártir.

E permitiu que um homem inocente morresse.

É. Não vai rolar, não.

Pegando impulso nos pés, Evie se curvou, usando toda a sua força, com os músculos protestando debaixo do corpo de Fritz, e apoiou o corpo do homem em seu ombro. Cambaleando, ela passou pelas chamas indo até a entrada da fachada do teatro, batendo à porta de aço com uma das mãos e ignorando a dor no punho. Já estava tão quente.

— Helena! — gritou Evie. — Tá me ouvindo? Raphael! Marv! Roland!

Não houve resposta.

Algo se moveu em sua visão periférica.

— Ei! — gritou Evie, colocando Fritz no chão com delicadeza e se

posicionando na frente dele como uma sentinela, sabendo que aquele borrão era a pessoa que o havia machucado.

O que significava que, quem quer que fosse, era perigoso.

Ainda assim, ela foi atrás.

Seus pulmões começavam a queimar de um jeito insuportável, e seus olhos lacrimejaram — dessa vez, só para variar, não por tristeza.

Que revigorante.

— Mostra a cara, covarde!

E então apareceu Douglas, o homem loiro com o caderninho.

— Surpresa? — debochou ele.

— Não muito. — Ela revirou os olhos. — Passei o quê? Nem alguns momentos na sua presença da última vez que estive aqui, e você ficou o tempo todo me encarando. Da mesma forma como não me surpreende quando começa a chover de uma nuvem escura.

O semblante de Douglas desmoronou.

— Ah. Sinto muito — falou ela, levando a mão ao peito em um gesto exagerado, tossindo muito. — Te chateei?

Uma viga coberta de chamas caiu ao lado dela, e um pedaço de escombro se fincou sob a pele de seu braço, escaldando-a e só irritando Evie ainda mais. A magia sombria se contorceu dentro dela, querendo sair. Ela também estava presa.

A visão de Evie ficou nublada, e seus batimentos foram desacelerando à medida que pontos pretos também se formavam diante de seus olhos. Sem conseguir enxergar um palmo à frente do rosto, ela trombou com o ombro em uma parede, mas foi derrubada ao chão. O calor era tão sufocante agora que ela estava engasgada, e sua respiração vinha em soluços curtos. Sem ar. Não havia ar.

— Socorro — pediu ela com a voz rouca. O som mal passou de um sussurro, e era impossível de se ouvir em meio ao crepitar do fogo, da dizimação gradual do prédio. A garganta dela estava em chamas, e seus olhos queimavam tanto que precisou fechá-los um pouco. Seus membros e o coração cederam.

Ela estava morrendo.

Não. Eu não vou.

— Posso acabar com tudo agora, se quiser. — Douglas pairava sobre ela, indiferente ao fogo e à fumaça, com o corpo revestido em algum tipo de material brilhante que era impermeável às chamas.

Tateando e lutando para respirar, Evie relutou contra tudo dentro de si para

não fechar os olhos de vez, não se render à inconsciência, segurando o mundo real com firmeza para não entrar no mundo dos sonhos.

— Por quê? — perguntou ela a duras penas, encolhendo-se quando ele chegou mais perto.

— O antigo dono prometeu deixar o teatro pra mim. — Douglas a cutucou com o pé, e Evie tentou rolar para longe, mas percebeu que estava fraca demais para se mexer. — Só que aí ele o deixou para Helena. Acha que eu gostei de perder meu teatro pra ela? De ser forçado a trabalhar para aquela otária? Odeio ela. E odeio *você*.

Desde que começara a trabalhar com o Vilão, Evie já quase tinha morrido de muitas maneiras diferentes. Estrangulamento, envenenamento, afogamento, queda… e a lista não parava por aí. Ela poderia aceitar a morte por incêndio, se fosse necessário.

Mas morrer nas mãos de um homem fraco e de ego frágil?

Nem fodendo.

Douglas se aproximou com mais um passo, e Evie se esticou para pegar o pedaço afiado de madeira que encontrara abaixo de si ao cair. Sem dó, ela o fincou no pé do homem. Ele gritou, incrédulo, e cambaleou para trás, sumindo no borrão de fogo e fumaça.

— Você deveria usar seu caderninho pra se expressar. Incêndio faz muito mais estrago. — Trôpega, ela ficou de pé, com madeira e concreto caindo ao redor deles à medida que o restante do teatro era consumido pelas chamas.

— Você se recusa a morrer — acusou Douglas.

— É meu jeitinho. — Ela tossiu no braço, procurando uma saída. Qualquer uma.

Douglas não parecia se importar.

— Deixe que eu dou o *meu* jeitinho pra resolver.

Sem cerimônia, ele avançou na direção dela. Evie cambaleou e caiu com tudo no chão, gritando de dor quando o homem pulou para pairar sobre ela.

Mais um estalo veio de cima, dessa vez mais alto, mais sinistro que o resto.

— Merda! — gritou Evie quando uma viga caiu bem acima dela. Se fosse para escolher ser queimada viva, morrer sufocada ou esmagada, agora decidira que esmagada provavelmente era a pior opção. Era de se admirar o quanto quase sentia falta de afogamento na lista.

Fuja. Levanta.

Mas acabou.

E então ela sentiu um formigamento no mindinho da mão esquerda.

BUM.

Evie não o viu nem escutou; tudo o que havia diante dela era mais um borrão, mas esse não a empurrou. Não, esse borrão correu até ela, atravessando o fogo, desviando dos escombros que caíam em meio às chamas que se espalhavam — não importava. Nada o deteve.

Nada. Nada até que ele chegasse até ela. E então, mãos firmes a puxaram para um peito que ela conhecia. Evie agarrou o pescoço com força quando ele se mexeu, segurando-a com apenas um braço, afastando os destroços com a espada no outro.

— Você veio.

— Não existe nenhum mundo — sussurrou Trystan no ouvido dela conforme eles se afastavam do palco incendiado — em que eu não viria atrás de você.

Então Evie ergueu a cabeça. E desejou não ter feito isso.

Mais um estalo.

E o Teatro das Terras Mortas desmoronou.

CAPÍTULO 47
Trystan

Trystan Maverine um dia se considerou um homem paciente. Um dia. Mas, naquele momento, enquanto tentava abrir os olhos pela décima vez em sabe-se lá quantos minutos, ele nunca se sentira tão impaciente. Tentou de novo. E nada. Desgraça maldita. Ele costumava comandar uma corporação inteira com zero desobediência, e agora nem mesmo seu corpo lhe dava ouvidos.

Provavelmente porque uma construção inteira caíra sobre ele.

Ou, melhor dizendo, ao redor dele, quando ele arrastou Sage pela soleira da porta no instante em que o resto da estrutura sucumbiu ao calor e às chamas. Sage estivera tossindo quando Trystan perdeu a consciência, e ele acordou com alguém cutucando seu ombro — dedinhos que fizeram uma sensação atravessar seu corpo.

Ele ouviu um som em algum lugar ao lado dele. Uma fungadinha.

E, então, arregalou os olhos e encontrou a fonte. Claro que tinha que ser simples assim.

— Sage? — chamou ele, estremecendo ao ouvir o quanto soava afoito. Ela recuou da cama com cinzas no cabelo e um pouco de fuligem sujando a ponta do nariz, uma das bochechas e ambos os ombros desnudos.

— Eu não morri. Por que está chorando? — Trystan baixou as sobrancelhas. — A menos que esteja chorando *justamente* por eu não ter morrido. O que seria muita grosseria, considerando que salvei sua vida. Mais uma vez — acrescentou ele, seco.

Ela não falou nada, e seus olhos estavam tão esmaecidos, tão sofridos que ele desistiu da provocação imediatamente.

— Não foi de bom tom — admitiu. — Peço desculpas por…

Mas então ela o envolveu com os braços e começou a soluçar em seu

pescoço, pressionando um longo beijo na sua bochecha, por tempo o suficiente para ele se sentir engasgado, com lágrimas ardendo em seus próprios olhos.

— Quando você não acordou, achei que eu tivesse te perdido. Fugi para não te machucar, e acabei fazendo isso mesmo assim… — Ela levou a mão à boca para conter um soluço, depois a tirou lentamente quando o impulso passou. — Ao primeiro sinal de problema. Sou hipócrita. Covarde. E…

Sage fez menção de se afastar dele, mas Trystan prendeu os braços ao redor dela e segurou seu rosto com o máximo de delicadeza que conseguiu. As mãos de Evie seguraram os punhos dele, e suas testas se encontraram.

— Você pode fugir quando quiser, amor — falou baixinho no ouvido dela. — Vou estar logo atrás de você antes mesmo que você possa piscar.

Ela se afastou dele com uma sobrancelha arqueada.

— Pisquei umas milhares de vezes na semana passada, e você nem tchum.

— Pensei que você precisasse… — Ele estremeceu quando viu que ela arregalou os olhos. — De um pouco de espaço. Você merecia um pouco de privacidade. Eu não queria…

— Eu te esfaqueei — interrompeu ela, cuspindo as palavras como se elas estivessem importunando sua boca.

Encarando a cicatriz já curada no ombro dele com uma confusão adorável, Sage a cutucou de novo, e Trystan permitiu, aproveitando a sensação da pele dela na sua.

— Pior: te esfaqueei com uma adaga mágica. Eu fiquei… Deuses, eu fiquei péssima por isso. Sei que as habilidades de cura da Tatianna são acima da média, mas isso aqui é bem diferente.

— Não foi a Tatianna que me curou — murmurou Trystan, analisando cada singelo movimento do rosto de Evie. — A ferida sarou sozinha. Ou melhor… eu… me curei sozinho.

Evie arregalou os olhos.

— Você se curou sozinho? Como?

— Antes que eu te conte o que estou prestes a contar — com um grunhido, Trystan se sentou mais longe, ignorando o galo na cabeça causado pela queda dos destroços —, preciso que entenda uma coisa primeiro.

A forma como a garganta de Sage pulsou indicou sua inquietação, a maneira como ela levou as mãos ao peito para não tocar Trystan. Uma tragédia.

— Sim?

Ele pegou uma das mãos dela e a puxou para seu próprio peito.

— O que aconteceu não foi culpa sua, e mesmo se tivesse sido, não teria me

impedido de estar aqui com você agora.

O lábio dela tremeu, e seu suspiro foi de alívio.

— Eu entenderia se…

— Não. Foi. Culpa. Sua. — Ele pontuou cada palavra com a testa colada na dela. Deuses, como sentira saudade de abraçá-la. O cheiro do cabelo de Evie estava ofuscado por fumaça, mas ele ainda assim a cheirou e beijou sua têmpora. — A adaga estava impregnada de magia. A mesma magia que tem vivido no seu ombro desde que Otto Warsen te cortou com ela.

Ele deu a ela um momento para processar a informação antes de concluir:

— A magia que foi roubada de mim, assim como a sua foi roubada de você… era a mesma magia da adaga.

Sage abriu a boca, e seus olhos desviaram para que ela pudesse se recuperar da revelação.

— Então a magia da adaga, a mesma que tem me protegido… era sua magia de cura?

Trystan segurou o braço dela com delicadeza, para que suas palavras seguintes não a fizessem cair da cama de bunda no chão:

— Magia de Curandeiro Primordial. Eu… Eu sou um Curandeiro Primordial.

Bem. Acho que quebrei as engrenagens de tolices de Sage, porque não tem nada girando detrás dos olhos dela agora.

Sage estava entorpecida. Em choque. Tão espantada que soluçou e riu, de um jeito ao mesmo tempo fofo e preocupante.

— Seu único propósito nesta terra, de acordo com o livro da *História de Rennedawn*… — Ela estava sem ar de tanto rir, secando os olhos com o dorso das mãos. — É livrar o mundo de mim? E no fim das contas essa mesma magia tem *me protegido*?

A gargalhada ficou mais alta e atingiu um nível ligeiramente ensandecido.

Será que ele deveria entrar em pânico? Parecia que sim.

— Você precisa de alguma coisa? — perguntou ele em voz baixa.

— Uma linha do tempo que não esteja tentando me matar? — A cabeça de Sage tombou no peito dele, e seus ombros sacudiram à medida que ela continuava rindo. Coisinha estranha.

— Estou tentando te dizer que a magia dentro da adaga estava tentando chegar até mim, e que por isso você não conseguiu controlá-la. Não foi de forma alguma feito seu, e mesmo se tivesse sido… — Ele esperou que ela o encarasse antes de concluir: — Eu não vou embora. *Nunca* vou te deixar

sozinha. Está claro?

Ela apenas assentiu, e o vermelho tingiu suas bochechas.

— Que bom. — Ele sorriu. — Só deve levar mais umas cem vezes pra te convencer.

Sage sorriu tanto que seus olhos ficaram pequenos. Em seguida, ela colapsou na cama ao lado dele. Foi a primeira vez que ele se deu ao trabalho de averiguar seus arredores. Estavam em um pequeno chalé. Ou quem sabe um galpão? Ele estava em uma cama encostada no canto, com uma pia antiga e diversos móveis espalhados pelo outro lado, com uma almofadinha aqui e uma mesinha lá.

— Eu sabia que aquele cavalheiro pudico ainda estava por aí, escondido em algum lugar, esperando para me punir. — Sage estava tagarelando enquanto levava uma cumbuca cheia de água para perto dele, entregando-lhe um pano para limpar a fuligem das mãos e dos braços. Em seguida, começou a usar outro pano no próprio rosto.

Trystan manteve o foco em uma mancha de fuligem teimosa no braço e retrucou:

— Não tem nada de cavalheiresco no modo como eu quero te punir. Disso eu tenho certeza.

Era um fato. Por isso, Trystan não entendeu ao certo por que a reação de Sage foi ficar boquiaberta, como se ele tivesse acabado de jogar um tijolo em sua cabeça.

— Você tá fazendo isso de propósito. É pra se vingar de todas as vezes que te fiz engasgar com a comida, não é?

— Sinceridade? — Trystan arqueou uma sobrancelha. — Foi o que você pediu. Prefere que eu minta?

— Sim — respondeu ela com a voz esganiçada. — Minta.

Trystan deu de ombros. Pois bem.

— Sonhei com você pouco antes de acordar. Foi um sonho bastante inocente. Não tinha *ninguém* pelado. — Ele deu um sorrisinho e se abaixou quando ela arremessou uma almofada nele.

— Minta melhor — debochou ela, revirando os olhos.

— Eu te odeio — falou ele baixinho, observando cada centímetro do rosto precioso dela com um olhar meigo demais.

— Querem que eu bote uma meia na porta? — Helena, a prima de Evangelina, entrou com uma bandeja de comida nas mãos e uma sombra enorme em seu encalço. — Acho que ia pegar meio mal, considerando que meu

empreendimento acabou de virar cinzas, mas também não quero ser uma anfitriã chatonilda.

Trystan ficou surpreso.

— Isso aqui é… sua casa?

Helena reagiu à pergunta como se Trystan tivesse lhe mostrado a carcaça de um animal morto e perguntado se era sua bolsa.

— Tá doido? Eu lá pareço mulher de dormir em um galpão de jardinagem? Preciso de um travesseiro de penas e de um sistema de ar-condicionado fabricado por fadas. Além do mais, isso aqui tá mais pra um depósito de adereços cenográficos. Ou melhor, era…

— Sinto muito pela perda do seu teatro — falou Trystan, apertando a mão de Sage de leve quando ela estremeceu.

Helena abanou a mão, embora seus dedos tremessem.

— Eu odiava a arquitetura antiga mesmo. Aquele lugar tinha fantasmas demais. E o que você conseguiu salvar quando usou sua magia para proteger a Evie e o Fritz…

Sim. O brilho de luz iridescente quando as vigas começaram a cair, a forma como a luz o envelopou; Fritz se levantando o bastante para ajudar tanto Trystan quanto Evie a saírem de dentro para o ar puro…

E bem à deixa vinha o bocó, com uma aparência terrível, usando um tampão sobre o olho perdido.

— Não deixe ela te enganar. Eu vi uma lágrima cair quando sua magia me curou. — Fritz sorriu, dando uma cotoveladinha em Helena, e Trystan ignorou quando ela empurrou o homem com um semblante afetuoso.

Trystan tinha mesmo feito aquilo. Ele… ele salvara alguém.

Uma reação alérgica era iminente.

— O que houve com o Douglas? — indagou Trystan, esfregando a cabeça.

— Já estamos procurando os homens que fizeram isso sob ordens do Benedict — garantiu Raphael Fortis, entrando no cômodo. Estranhamente, com um dos sapatos de Helena na mão. — O Douglas escapou com a ajuda de um dos aldeões. Um seguidor, claramente. Tenho a autoridade de colocá-los sob custódia em nome da família Fortis. Vamos descobrir para onde foi que aquele covarde fugiu.

— E os outros que estavam no teatro? — perguntou Marv com cautela, aparentemente tão perdido quanto Trystan.

— Eles escaparam pela saída dos fundos quando o incêndio começou — falou Helena com os olhos tristes sobre a boca firme, abrindo espaço na porta

para Roland e Marv entrarem.

— Muitas das relíquias foram salvas. — Roland deu a notícia a Helena, que respondeu com uma fungada.

— Já me cansei dessa vida de espetáculos mesmo. Vamos fazer uma reforma… com uma nova proposta. — Helena não parecia embargada pela emoção, mas seus dedos tremeram de leve quando ela foi ajustar as saias.

— Temos um prestador de serviços mágicos excelente na Fortaleza Fortis que poderia te dar uma ajuda. — Raphael fez a sugestão com rispidez, sem olhar para Helena.

— Maravilha. Mas antes de discutirmos a carpintaria — disse Trystan, já cansado de observar. No entanto, ele fez uma pausa antes de falar de novo: — O que raios os irmãos Fortis estão fazendo aqui?

— Estou fazendo o que é certo para Rennedawn, ao contrário de todos os outros políticos neste pesadelo regido pela ganância — falou Raphael por entre os dentes.

Sage entrelaçou os dedos das mãos, examinando-os, quieta, com cara de inocente.

— Na verdade, ele veio confessar o amor dele por mim.

— Hã?! — rebateu Raphael.

Ao mesmo tempo, Trystan rosnou um:

— Como é que é?

Mas os olhos azuis de Sage reluziam quando encontraram os pretos dele.

— Eu estava tentando aliviar o clima.

Trystan semicerrou os olhos.

— Me tirando do sério?

Sem escrúpulos, ela respondeu:

— Aham.

Raphael se virou.

— Vamos deixar vocês dois a sós — disse ao sair do galpão com Helena em seu encalço, revirando os olhos. Marv acenou quando Roland o mandou sair também.

— Eu não me atreveria, srta. Vilã — desafiou Trystan assim que eles dois ficaram sozinhos, com a voz calma.

— Eu conquistei esse título. — Sage estremeceu, acanhada ao mexer nos cachos.

Foi como se ela tivesse enfiado a mão no peito dele e começado a esmurrar seu coração com um martelo.

— Evie. Eu não quis dizer que…

— Não — interrompeu ela. — Tudo bem. Eu não ligo. Eu me assustei, mas eu… acho que precisava sentir aquele tipo de medo para que me lembrasse.

— Se lembrasse do quê?

Ela murmurou baixinho.

— Do quanto sou *corajosa*. E, bem, eu meio que gosto de ser malvada. Sempre gostei. — Ela tocou a bochecha de Trystan. — A Vilã e o Príncipe-Curandeiro Primordial.

Juntos.

Mas amaldiçoados.

CAPÍTULO 48
Reinaldo

Alexander Reinaldo costumava fazer uma brincadeira com os amigos quando eles eram crianças. Uma brincadeira na qual ele lhes contava duas verdades e uma mentira.

Ele ficou se perguntando se aqueles mesmos amigos sabiam que ele nunca tinha parado de brincar. Que a vida toda do príncipe Alexander fora feita de verdades seletas e mentiras mais seletas ainda, que era assim que sua vida sempre seria. Estava tão acostumado que já quase não via a diferença.

E que bom para ele, parando para pensar — uma mentira era sempre mais convincente quando as pessoas ao redor dele acreditavam.

Por isso ninguém nunca o questionava. Ele, o sapo. O pobre coitado preso dentro de algo que ele não era. Como era fácil ter empatia por um príncipe, querer que ele fosse bom o suficiente para ignorar as placas de HAHAH, para ignorar a verdade que os encarava.

Alexander, no entanto, era excelente em julgar quando *outra pessoa* estava mentindo.

E aquela idosa entrando no escritório do Vilão de braço dado com Keeley, alegando ser uma simples e modesta bibliotecária … não era o que aparentava ser.

— Mo, é aqui que eu trabalho. Aqui você vai estar segura. — Keeley a ajudou a passar pelas portas e se sentar na cadeira. — A biblioteca pública foi atacada — explicou Keeley, frustrada. — Tive que trazê-la para cá.

Gideon ergueu a mão para Tatianna, Clare e Reinaldo.

— Foi ideia minha, se precisarem de alguém a quem apontar dedos, ou a espada do Trystan.

— Não tem para quê tamanho furdunço, Keeley. Eu estou perfeitamente

bem, e a biblioteca está precisando de uma faxina pesada. — Mo fez menção de ficar de pé e fez careta, caindo de volta na cadeira.

Tatianna entrou em ação.

— Deixa que eu dou uma olhada na senhora. — Suas mãos brilharam em um tom cálido de amarelo, avaliando a mulher em busca de lesões.

Alexander se sentiu irritado com sua desconfiança imediata. Os anos internalizando tudo começavam a pesar; ele se sentia irrequieto e nervoso.

— Água, milady? — perguntou Alexander, com seus modos de berço de ouro saindo da dormência.

Os olhos de Mo cintilaram.

— Obrigada, querido. Você é um príncipe.

O cômodo ficou imóvel, mas todos se recuperaram ao perceberem que Mo estava usando uma expressão inocente. Era um elogio, não uma acusação.

Alexander foi depressa até a bancada com o jarro e serviu um copo com as mãos trêmulas. Ele entregou a bebida à idosa com um senso de orgulho por ter cumprido uma tarefa tão simples. Se bem que ele achava mais impressionante fazer isso com patinha de sapo.

Por outro lado, aquele jeito incitava menos olhares.

— Não estou sentindo nada além de alguns hematomas — explicou Tatianna com delicadeza. — Se quiser, posso aliviar a dor enquanto eles saram.

Mo assentiu.

— Seria um sonho, querida.

Tatianna botou as mãos à obra, e Gideon tirou um livro da bolsa.

— Encontramos *Meu amor, meu sol*, Blade. É esse aqui mesmo? — O livro de acabamento de couro tinha cores fortes e nitidamente era para crianças, a julgar pelos desenhos entalhados na capa.

— Isso, é esse mesmo — respondeu Blade, parecendo perdido em uma lembrança cara ao virar o volume nas mãos. — É uma primeira edição? Diz aqui "Propriedade da Moira". — Blade arqueou as sobrancelhas e deu um sorrisinho amigável a Mo. — A biblioteca de Rennedawn sem dúvida tem um ótimo acervo. Quantos livros a senhora doou?

Mo fez careta quando Tatianna passou por uma área sensível.

— Muitos.

Keeley enrijeceu aos sinais de dor que vinham da idosa.

— Quer que eu busque uma bolsa de gelo na cozinha?

Mo sorriu.

— E um pouco de chá para o nervosismo, se não for muito incômodo.

Keeley já estava partindo, com Gideon indo logo atrás.

— Espera. Eu ajudo.

"Belê" foi a última coisa que Alexander ouviu antes de redirecionar o foco à mulher diante deles.

— Por que a senhora foi atacada? — indagou Alexander, sem conseguir segurar a língua. Era a primeira vez que ele falava sem pensar. Fora quando acontecia de se dirigir à feiticeira em treinamento.

Um erro, a deduzir pelos olhares desconfortáveis.

Mo, no entanto, deu uma risadinha. Os óculos caíram de seu rosto e ficaram suspensos na corrente de miçangas ao redor do pescoço.

— Bibliotecas são um lugar de refúgio. Um lugar onde qualquer um pode ser quem quiser. Onde o conhecimento e a empatia colidem. — Ela olhou firme para Alexander. — Para um homem como o Benedict, coisas assim são mais ameaçadoras que qualquer arma.

Verdade.

— Foi essa passagem. A que o livro de Rennedawn revelou. — Blade abriu o livro infantil e apontou para a página com as mesmas palavras que eles tinham visto antes.

Rebecka apareceu atrás dele para ler o texto.

— O que é que isso prova? Além de plágio.

Alexander estendeu a mão.

— Posso ver? — perguntou ele com uma educação gentil, e Blade entregou o tomo sem questionar. Quando Alexander olhou para a página, a ilustração ao lado dela fez calafrios brotarem em sua pele.

Um retrato, com cacos coloridos de vitral. Um homem sem rosto e uma mulher sem rosto, esticando-se um para o outro em um campo de flores com os corpos posicionados como se estivessem correndo enquanto uma luz brilhava ao redor deles. No entanto, Alexander estava cismado com a forma como as mãos quase se tocavam, mas permaneciam fora do alcance uma da outra.

A tristeza que o atravessou foi instantânea e avassaladora, como se o momento estivesse acontecendo com *ele*. Era o fenômeno impressionante de um livro. Como um coração poderia se partir por alguém que nunca havia conhecido?

E ainda assim...

— Será que essa pode ter sido uma das janelas da mansão? Antes de o chefe reformá-las em imagens mortíferas? — indagou Becky.

— O Alexander é quem está aqui há mais tempo. — Tatianna apontou para

a página e olhou para Reinaldo. — Essa aqui é uma das janelas da mansão, Alexander?

Ele deu mais uma avaliada demorada na página, assimilando cada detalhe com uma atenção cautelosa. Em seguida, foi sincero quando ergueu a cabeça e falou, com dificuldade:

— Não da mansão.

Alexander fez careta.

E, sem motivo ou aviso, seu corpo se transformou. Seus membros encolheram depressa e desconfortavelmente até que sua visão de mundo se tornasse bem mais curta, e todo o resto dobrou de tamanho, depois triplicou.

Ele voltou a ser sapo.

Sem demora, escreveu uma palavra em uma placa.

SACO

— Sinto muito. — Clare ficou com dó, pegou Alexander do chão e o tirou do monte de roupas descartadas para colocá-lo em uma cadeira. — Pense como humano. Pense como humano — entoou ela feito uma torcedora em um estádio esportivo.

— Talvez se ele começar a pensar como sapo quando estiver como humano… — Mo deu seu conselho vago com uma risadinha rouca, depois voltou a atenção ao livro infantil, endireitando a postura. — Se for uma passagem do livro de Rennedawn e vocês de fato tiverem uma cópia, seria bom compará-las.

— Está comigo! — Lyssa entrou no cômodo com o livro em mãos, e Alexander tossiu uma risada na pata. Será que a menina estivera de butuca esperando para entrar quando surgisse a oportunidade?

Ele admirou a paciência da pequena.

— Como foi que você tirou do cofre? — perguntou Blade.

Lyssa o encarou como se a resposta fosse óbvia.

— Roubei as chaves do Trystan.

Rebecka não achou graça.

— A gente precisa controlar essa sua mãozinha leve, sua cleptomaniacazinha.

— O Florzinha que mandou. — Lyssa ergueu o caracol, toda séria.

Blade foi para o lado dela e, sutilmente, fez dois joinhas para Lyssa.

— Eu acredito nela. Esse caracol não é florzinha que se cheire.

Lyssa sorriu, abrindo o livro na folha de rosto e levando-o até Mo. Mas ela ficou paralisada.

— Moira? — sussurrou Lyssa.

Mo deu um sorriso intrigado à menina.

— É meu nome todo.

Lyssa ficou apavorada, dando um passo para trás, depois mais um.

Alexander apareceu ao lado dela em um instante, e então se colocou à frente da criança, preparado para protegê-la se necessário, por menor que fosse, ainda não confiando no brilho dos olhos de Mo. Ele escreveu mais uma palavra depressa.

NÃO

Lyssa protestou.

— Quem é v…

— Moira. — A bibliotecária permaneceu plácida, e o livro começou a tremer nas mãos de Lyssa até voar de seus dedinhos para os de Mo. — Senti sua falta — sussurrou Mo, passando os dedos nas primeiras páginas. — E eu sinto muito, a todos vocês.

— Pelo quê? — perguntou Blade, quase que frenético pela forma como o clima havia mudado.

— Por isso.

O livro se abriu e, um a um… eles foram puxados para dentro.

CAPÍTULO 49

Evie

— Como pode minha adaga ainda ter magia se eu a devolvi a você? — perguntou Evie, desconfiada, caminhando com Trystan pela Floresta das Nogueiras depois de eles terem se despedido de Helena. Marv e Roland concordaram em passar mais alguns dias na Fortaleza Fortis para testar mais remédios para o veneno de Marv.

— Acho que é porque tem uma parte da minha magia que ainda vive dentro de você. Agora é a você que ela pertence.

Ela era egoísta. Porque queria mais do que só uma parte; queria tudo. A adaga vibrou de novo na lateral de seu corpo. O chamado à cicatriz estava um tanto mais fraco agora, mas quente e reconfortante, assim como o homem a seu lado.

Eles voltaram para a mansão. Devagar. Assimilando a presença do outro depois de tanto tempo separados.

Sete dias.

Cada um tão doloroso como se fosse um ano se passando entre eles.

Ela não queria pensar nisso.

— Mas por que o Benedict mandou Otto Warsen esconder a magia em uma adaga, hein? Por que não uma planta das lembranças, como a outra magia que ele roubou?

— Acho que a magia de Curandeiro Primordial era potente demais para a planta das lembranças que o Benedict usou para tomá-la. E então ele pensou em escondê-la dentro de uma adaga que Otto Warsen estava forjando, para protegê-la.

— A adaga com a qual ele me cortou.

Trystan enrijeceu ao lado dela e seu punho apertou na lateral do corpo.

— Isso, a que ele usou pra te cortar.

— Você sabe que ele já tá morto, né? — relembrou ela, cutucando Trystan com o ombro, depois o agarrou com força quando ele a ajudou a pular uma poça sem aviso e a colocou de volta no chão delicadamente.

— E sou grato por isso — respondeu ele com veemência. — Pelo bem dos meus implementos de tortura.

Ela tentou não se derreter toda.

— Então você é um Curandeiro Primordial? — Evie sorriu, analisando-o de cima a baixo. — Vai deixar a barba ficar grandona e viajar pelo continente dando festas loucas?

— Parece estar tudo do avesso, não acha? — ponderou ele. — Com o fato de a minha magia ser do tipo de cura.

Evie pensou nos meses anteriores, lembrando como Trystan havia protegido em silêncio as pessoas que amava.

— Não — respondeu ela com a voz branda. — Não é nem um pouco do avesso.

O vermelho nas bochechas dele ficou mais intenso, e ele respondeu com rispidez:

— Está bem. Já chega de elogios.

— De jeito nenhum. Eu ainda nem teci comentários a respeito da sua beleza e valentia! — Ela riu, e ele se virou, capturando o som com a boca, arrancando o sorriso do semblante dela e o substituindo por calor.

— Pode me dizer depois — murmurou Trystan no ouvido dela, e em seguida se endireitou, tirando a malandragem do rosto com uma indiferença seca.

Ela sorriu, e eles continuaram andando.

— Coitada da Helena — falou ela, pensando no empreendimento dizimado da prima e arriscando um assunto mais seguro: — Tem certeza de que é uma boa deixar ela e o Raphael sozinhos?

— A Helena parece ser perfeitamente capaz de se defender sozinha.

— Eu estava preocupada é com o Raphael — corrigiu Evie, dando uma risada.

— O Marv e Roland não podiam ficar, e imaginei que você não quisesse que a Helena cuidasse sozinha da reforma.

Marv ainda tinha informações valiosas, e eles não iam conseguir extrair nada dele antes que o veneno o levasse.

— Não mesmo. Foi uma boa ideia. — Ela tropeçou em um galho e olhou

feio para ele. — Não me parece justo que, além de ser vilã, eu também precise ser estabanada.

— Essa é sua verdadeira história de origem como vilã — acrescentou Trystan, mais uma vez seco. — Evie Sage: procurada por trombar com uma mesa.

Ela revirou os olhos para ele… depois tropeçou de novo em uma bolota de musgo.

Trystan a segurou, e o calor entre eles dois aumentou. A névoa escura que estivera suprimida dentro das fronteiras da Aldeia do Coração os rondou. As mãos de Trystan também brilharam, uma luz opala iridescente indo se misturar com a escuridão. Quando se encontraram, foi como se cada parte deles estivesse em contato.

Evie arquejou, e Trystan fez o mesmo. Os dois apenas observaram a cena por cinco longos segundos.

E então a trégua acabou.

Com um arquejo, ele a puxou para si, e a magia os cercou em uma onda de poder mesclado.

— Eu quero você. — Trystan segurou o rosto dela, fazendo uma pergunta com os olhos escuros e lindos.

— Agora — sussurrou ela, gemendo de encanto quando ele a pegou no colo e cambaleou até encontrar uma raiz de árvore tão grande que criava uma pequena alcova de privacidade no bosque vazio. Enquanto ele a carregava, Evie abriu a camisa dele, rasgando o colarinho até partir no meio, abrindo o caminho para que ela pudesse tocar a pele de Trystan.

Ele grunhiu no pescoço dela, mordiscando a pele, tão incontrolável que ela ficou febril de tanta necessidade. Juntos, caíram na grama abaixo da raiz, e Trystan a rolou no chão até que a árvore os cobrisse.

— Alguém pode chegar aqui de repente — murmurou ele, soltando a trança dela e passando os dedos por seu cabelo, agarrando os cachos.

— Bom, tomara que eu consiga chegar *lá* antes disso — brincou ela, arqueando a sobrancelha.

As bochechas dele queimaram.

Ela riu do pudor dele, passando o dedo por seu peito e sentindo um poder forte ao deslizar a mão sob os cordões da calça de Trystan. Com os olhos escuros lampejando, ele soltou um sibilo em resposta ao toque dela.

— Não estou preocupada — falou Evie. — Eu não me preocupo… não quando estou com você.

— E nunca vai precisar se preocupar.

Ele grunhiu, sem nem conseguir fazer as palavras saírem direito. Trystan puxou para baixo o vestido de seda azul que Helena emprestara a ela e expôs os seios, então pegou um na boca com lambidas frenéticas.

Evie gemeu, agarrando o cabelo dele e sentindo o corpo todo formigar. À medida que o calor na parte inferior de sua barriga se espalhava por toda parte, ela começou a mexer os quadris contra ele, arfando quando Trystan os separou para tirar a própria calça e o vestido dela, levantando-a até que Evie estivesse montada em seu colo, arquejando.

Ela se moveu contra ele, e Trystan a segurou para plantar beijos possessivos em seus lábios, em suas bochechas; cada toque era cheio de certeza. Cada suspiro era uma vida compartilhada entre os dois; uma prova do quanto o amor deles crescera até abranger a essência de cada um. Ele não iria embora.

Ele a amava. E não iria embora.

— Você é minha. — Trystan beijou o pescoço de Evie. — E eu serei sempre seu. Sempre.

Evie se grudou em Trystan até os dois gemerem e ela cair sobre ele.

Depois disso, vestiram-se depressa, trocando sorrisos tímidos e beijos meigos. Quando ele a virou para fechar seu vestido, acusou com a voz branda:

— Minha camisa não tem salvação.

Ele tentou unir as laterais enquanto ela escondia uma risada com a mão.

— É só dizer que foi atacado por um animal selvagem. — Evie sorriu.

— Eu *fui* mesmo. — Ele riu quando ela bateu no braço dele. — Podemos dizer que foi o mesmo animal que deixou esses roxos no seu pescoço.

Ela arquejou e ergueu a mão para tocar os pontos onde sentia as marcas de amor de Trystan.

— Epa…

Mas a alegria e as brincadeiras acabaram quando, de repente, uma luz subiu ao céu de uma fonte que eles não podiam ver em meio às árvores.

— O que é isso? — sussurrou Evie, perdendo a cor ao se dar conta da direção de onde o clarão vinha.

Trystan confirmou, falando horrorizado:

— A Morada do Massacre.

CAPÍTULO 50
Clare

Quando Clare acordou, estava cercada por névoa. Não mais na Morada do Massacre, mas em outro lugar. Um lugar que ela conhecia bem.

Era a casa onde ela crescera, mas estava diferente. Menos antiga, menos fria. Parecia que… alguém morava ali. Um rangido estridente veio da porta, fazendo ela ter um sobressalto e pular para trás. Era Trystan. Só que não. Era o Trystan do passado, talvez com seis anos de idade, percebeu ela quando o menino saiu correndo para o jardim.

— Ouçam, ouçam! Como rei do nosso clube, decreto que ninguém mais deverá roubar peônias do jardim da sra. Lalula. Estou falando com você, Tatianna.

Tatianna seguira Trystan para o lado de fora com os braços cruzados de indignação, o rostinho e as bochechas redondas dando-lhe a aparência de uma boneca, sobretudo combinados à monstruosidade cor-de-rosa bufante em forma de vestido que ela usava.

— Olá-á? — Clare acenou, tentando se fazer vista, e evitar dar um susto nas crianças. Será que Mo ter aberto o livro a mandara de volta ao passado? Tatianna se virou e sorriu; foi correndo na direção de Clare, mas a atravessou. O torso de Clare desapareceu em um tufo de fumaça por um momento antes de ressurgir. Se ela tivesse um estômago naquele momento, ele teria se esvaziado.

— Clare! — gritou Tatianna, e Clare virou a cabeça depressa em direção ao nome. Ela não estava preparada para ver a si mesma. Sua versão menor. Devia ter uns quatro anos, talvez. Todos os dias de sua infância geralmente se misturavam, marcados somente por ocasiões, não datas.

Olha só a cicatriz no meu lábio superior. Isso aconteceu quando eu estava

tentando salvar um gato de uma árvore. O buraco na lateral da casa? Foi quando tentamos fazer bolinhos com seis cores diferentes de açúcar.

Não havia nada marcante para definir que dia era aquele. Trystan estava ali, e Alexander, Malcolm correndo atrás deles. E Clare… Clarezinha e Tatianninha estavam logo à frente, guiando os demais a um local recém-descoberto para que pudessem brincar. Onde poderiam fazer de conta, inventar um jogo.

Deuses, como ela sentia falta daquilo.

Mas tinha ficado para trás. Aqueles momentos não voltariam. Estava na hora de parar de viver por eles.

— Esta foi uma existência adorável, mas não me pertence mais — sussurrou Clare.

E, com as palavras, seu corpo sacolejou. A casa, que estava a uma distância considerável, ficou borrada até aparecer diante dela, com a porta aberta e uma força invisível a puxando para dentro.

— Aposto que ele já está dando sinais, Amara. Que felicidade! — O rosto jovem do pai dela estava ali. Vivo. Expressivo. Cheio de alegria. Clare sentia tanta saudade dele que não conseguiu se segurar e saiu correndo em sua direção. Contudo, mais uma vez, ele passou direto por ela. Clare não tinha permissão de fazer parte daquela lembrança uma segunda vez. Só que ela não tinha presenciado aquele momento… tinha?

Não era uma lembrança *dela*.

— Escrevi para o Benedict. Ele precisa saber. — Amara estava amuada, menos brusca do que como Clare sabia que ela sempre havia sido, com o cabelo escuro preso em um coque apertado que repuxava suas feições. Seus olhos escuros eram muito parecidos com os de Clare e Trystan, mas não tinham a mesma bondade. — Não acho que isso seja motivo para comemoração, Arthur.

O pai de Clare franziu o cenho, coçando a barba ruiva comprida.

— E por que não? O fato de Trystan ter magia é uma bênção. *Toda* magia é uma bênção.

Quando Amara se virou, estava sisuda, e então cruzou os braços. A mãe de Clare parecia mais jovem, sem dúvida, mas havia uma falta de jovialidade nela mesmo naquele passado, uma falta de alegria que em anos posteriores Clare viria a questionar. Será que a leveza fora tirada da mãe por alguma grande tragédia? Ou Amara simplesmente nascera sem ela?

— Pois bem. Nem todos podemos ter esse seu otimismo.

Arthur não desistiu e voltou a se dirigir à esposa com uma habilidade

construída ao longo dos anos:

— Amara, minha querida. Se eu estiver certo, o Trystan será ovacionado. Você não deseja isso para ele? Sei que eu sim.

— Ainda não entendo por que você se importa tanto com o futuro dele, seja qual for. Afinal de contas, não é o pai dele.

Clare estremeceu ao mesmo tempo que o pai. Deuses, a mãe dela sempre havia sido tão cruel assim? Sim. Ela não tinha lembrança alguma de Amara sendo de qualquer outro jeito.

Arthur suportou o golpe como aceitava tudo.

— É, não sou mesmo. Mas isso não muda minha afeição pelo menino.

Amara revirou os olhos e se serviu com uma taça de vinho tinto.

— Sim, eu sei disso. Você é um modelo de virtude, dando amor a crianças que nem são suas. Como seria possível alguém competir com tamanha bondade? — A porta abriu uma fresta, e Clare ficou surpresa ao ver um jovem Alexander entrando, confortável na casa, mas cauteloso. — Príncipe Alexander, posso ajudar com alguma coisa? — disse Amara com frieza.

— N-não, obrigado. — Alexander gaguejou e olhou para a cozinha. — Na verdade… posso pegar um copo d'água?

O sorriso que Amara deu não foi nem um pouco amigável, mas Alexander a seguiu até a cozinha mesmo assim. Clare continuou onde estava, observando o rosto do pai com uma dor aguda. Ela havia cruzado os braços e segurado os ombros, no intuito de se proteger para que cada pedacinho dela não desmoronasse.

Tudo piorou quando Arthur foi para o outro lado do cômodo e pegou um livro grande da gaveta da escrivaninha. Um livro que Clare conhecia.

Arquejando, ela seguiu o pai, bisbilhotando sobre seu ombro, surpresa ao se dar conta de que conseguia sentir o cheiro das ervas que vinham de sua pele devido aos dias que passava procurando medicamentos para os enfermos, soluções para dores. Arthur inspirara Clare a trabalhar com plantas mágicas, mas ao longo dos anos se tornou óbvio que ela não tinha o mesmo dom dele para abrandar a dor. Pelo contrário, Clare parecia mais adepta a *causar* dor do que a curá-la.

O pai abriu uma página, depois outra, e mais uma, todas em branco, exceto uma, e foi nessa que ele deixou o livro aberto.

— Ah, Trystan — murmurou. E quando Clare viu o que o pai fez, entendeu.

O desenho na página era da Floresta das Nogueiras, mas não exatamente.

Havia fileiras infinitas de tocos de árvores espalhadas pelo papel — o chão disperso do bosque, flores murchas e uma linha cursiva de texto ao lado, que Arthur leu em voz alta.

— *Tudo deve ser destruído antes que seja desfeito. Findar é começar, perder é ganhar. Rennedawn será mudada para sempre.*

A voz que Arthur usou para ler a passagem era a mesma que usava para histórias de ninar, sermões e conselhos. Era a autoridade segura de um pai que você sabia que só queria seu bem, que não apenas te amava, mas também gostava de você. Clare tentou tocá-lo, mas a mão atravessou seu ombro direto, e ela sentiu uma fisgada no coração quando Arthur virou a cabeça, tocando o ponto, sorrindo para si mesmo. Colocando o livro na mesa com os olhos fechados, Arthur saiu do cômodo, seguindo um estrondo do lado de fora.

Clare fez menção de ir atrás, mas as páginas do livro viraram tão depressa que ela teve medo de que ele fosse sair voando, feito as asas de um beija-flor. No entanto, ele parou na primeira página, o verso da capa. Havia uma frase gravada ali que fez Clare parar, que fez tudo parar. Incluindo sua mãe, que retornara ao cômodo e estava dando a volta no sofá para observar a mesma página que chamara a atenção de Clare.

Para minha querida amiga, a Sina. Que todos os nossos anos juntas sejam tão frutíferos quanto cada uma das histórias que criamos lado a lado. E que os fins sejam como queremos.

E, abaixo disso…

Para minha cara amiga, Destiny, o Destino. Que todos os anos que compartilharemos sejam repletos de finais felizes e tempos alegres. Onde a cor insiste em aparecer para salvar quem sofre das noites mais cinzentas. E que os fins sejam exatamente como devem ser.

Não foi essa parte que chocou Clare. Foram as marcas de arranhão sobre o nome da Sina. Raivosas. Cruéis.

A Sina e o Destino um dia foram grandes amigas. Mas alguma coisa mudou, algo deu errado.

Amara interrompeu a leitura e foi até a porta. Quando a abriu, Clare arquejou, caindo pelos móveis até despencar de bunda.

A mãe de Evie estava à porta. O pai também. Quando o casal adentrou o recinto, uma terceira pessoa também apareceu: Benedict. Havia um bebê nos braços de Nura com um tufinho de cabelo escuro e cacheado.

Evie.

— Tem mesmo certeza disso, Griffin? — perguntou Nura, trêmula. Ela

estava vinte e tantos anos mais jovem, uma mistura perfeita dos traços de Evie e Lyssa. Tão parecida que Clare ficou embasbacada, coçando os olhos para ter certeza de que o que estava vendo era real.

— Que alternativa temos? — respondeu Griffin, tirando o bebê dos braços trêmulos da mulher e atravessando o cômodo para ir até Arthur, que já estava de pé, cumprimentando os recém-chegados com uma expressão sombria. — Arthur. Agradeço pelo que está fazendo pela minha família.

O pai de Clare estava de cabeça baixa, e ela acenou a mão na frente dele antes de olhar para o bebê em seus braços. Com poucos dias de vida e uma névoa sombria brincando com os cachinhos macios ao redor do rosto.

Não. Ah, não. Era isso. Aquele era o momento em que eles tinham mudado rumo da história, em que eles tinham mudado *tudo*.

Renna Fortis entrou em seguida, trazendo consigo uma planta familiar. A planta das lembranças. Eles iam tirar a magia de Evie e…

O pequeno Trystan entrou correndo. Ficou de olhos arregalados e espantado quando todos os adultos ali reunidos se viraram para ele. Arthur parecia envergonhado, passando a mão pelo rosto e puxando a barba ruiva. A casa acolhedora não parecia mais aconchegante, e gelou ainda mais quando Amara cruzou os braços, assentindo para os três visitantes. Das duas, uma: ou ela estivera esperando por eles ou estava incrivelmente serena na presença de diversos rostos novos, um deles sendo o rei.

— Vamos começar, então? — perguntou ela, soando leviana demais para o ato que estava prestes a cometer. — Trystan, venha aqui.

O menino nem se mexeu. Ele olhou para Nura Sage, que estava afoita no canto, com os olhos escuros marejados com lágrimas que ela não deixava cair. Trystan tirou um lenço amarelo do bolso e o entregou para ela com um sorrisinho.

— Para a senhora, milady.

Nura aceitou a oferta da mesma forma que uma pessoa seguraria a asa de uma borboleta, sem conseguir encarar o garotinho cuja vida ela estava prestes a mudar para sempre.

— Ele é um doce de menino, Griffin. Como é que nós vamos…

— É ele ou a Evie, Nura — rebateu Griffin. Se o homem um dia tivera um pingo de paciência, já havia secado.

— Tenha calma e não se aflija, sra. Sage — declarou Benedict com um sorriso treinado; um gesto que ele sabia que tranquilizaria as pessoas. — A magia de Curandeiro Primordial inata do Trystan um dia inevitavelmente vai

destruir a escuridão da sua filha. Só estamos subtraindo a dela da equação.

O pequeno Trystan foi até Arthur e puxou sua mão. O pai não quis olhar para ele, e Clare sentiu vontade de gritar. O bebê chorou quando Renna segurou a flor sobre ela, um som terrível vindo da névoa que agora se extraía do corpinho diminuto.

— Parem! Vocês estão machucando ela! — gritou a voz infantil de Trystan, e ele correu para Benedict, sem entender nada do que estava acontecendo exceto a sofreguidão que aquele bebê sentia.

No entanto, Arthur o pegou pela cintura.

— Está tudo bem, meu filho. Eu prometo. Vai ficar tudo bem.

A cena congelou, e uma voz soou de algum lugar no ouvido direito de Clare, um sussurro que surgiu da mesma forma como as dúvidas brotam na mente:

— Você pode impedir que isso aconteça — disse a voz.

— O quê? — sussurrou Clare de volta. — Impedir? Como?

— Basta desejar que nunca tivesse acontecido. Que as histórias nunca tivessem sido trocadas, que os caminhos nunca tivessem se entrelaçado aqui. É só desejar, e estará feito.

Clare abriu a boca e arquejou. Desejar que aquilo fosse desfeito? Que Trystan jamais tivesse se tornado o Vilão? Que a família deles nunca tivesse se fragmentado? Que ela nunca tivesse cometido os erros que cometeu para chegar até ali?

A vida de todos seria tão diferente.

Era tentador. *Muito* tentador mesmo.

Então Clare se espantou consigo mesma ao decretar com firmeza:

— Não.

— Não? — indagou a voz.

— Eu amo meu irmão — sussurrou Clare —, e por mais que queira que ele nunca tivesse sentido essa dor… ele já sentiu. Apagar e desfazer tudo… pelos deuses, eu seria uma enorme hipócrita novamente.

— Tem certeza disso? — questionou a voz.

Pelo amor dos deuses, sim, Clare tinha.

— Meu amor não depende de ele nunca ter feito coisas ruins. Aceito meu irmão como ele é agora. Não quero mudar nada nele.

A voz não estava atrelada a nada que Clare pudesse ver, mas ela com certeza a ouviu sorrir.

— Meus parabéns, srta. Maverine. Você passou.

E quando Clare acordou com um sobressalto, suando frio na nuca, ela se

sentiu leve como não se sentia havia anos. Encarou Moira, que estava sorrindo, brilhando, esperando Clare ligar os pontos.

— Você não é bibliotecária coisa nenhuma — começou Clare, com dois dedos pairando sobre a boca.

Moira assentiu, depois gesticulou para os demais, enrolados em folhas e videiras que saíam do livro aberto, todos com os olhos fechados. Clare sabia que cada um deles estava em seu próprio teste, e que somente eles tinham o poder de sair.

— O que eu sou, Clare Maverine?

Clare suspirou.

— A Sina.

CAPÍTULO 51
Blade

Blade ficou se perguntando por que as pessoas temiam tanto os fantasmas do passado quando podiam tranquilamente temer os que já se faziam presentes.

Era nítido que ele estava em uma visão, um sonho. Seu pai o repreendera tantas vezes ao longo dos anos pela falta de atenção que Blade se treinara a cismar com cada palavra, cada detalhe, para o caso de alguém pedir que ele repetisse alguma coisa. Tudo para evitar a culpa que sentia sempre que errava.

Então, agora ele tinha certeza: Moira não era bibliotecária, seu jogo mexia com a mente, então Blade disse a si mesmo para ficar esperto enquanto observava seu pai, uma versão mais cinza da última que Blade vira, entrando no escritório do rei Benedict, batendo papéis na mesa com um grito fervoroso:

— Acabou para você.

O pai fulminava de uma forma que Blade jamais tinha visto. Seu rosto severo estava vermelho de raiva; ele cerrava os punhos e forçava cada músculo do rosto. O homem enrubesceu ainda mais quando Benedict sorriu.

— Vamos com calma, Iven. Não tem motivo para pressa. Venha, tome alguma coisa.

— Você atacou a Morada do Massacre. Duas vezes. Meu filho poderia ter se machucado, seu desgraçado egoísta.

A acusação do pai, e o medo em sua voz ao fazê-la, forçou Blade a dar um passo para trás, abrindo a boca, enquanto o coração acelerava com o choque. Ele ficou se perguntando se o pai só estava dizendo aquelas coisas por ele estar ali… até que Benedict foi abrir uma janela e praticamente *o atravessou*. Foi então que Blade se deu conta de que o rei não podia vê-lo.

O que significava que o pai também não.

Então esse medo e esse senso de proteção são reais?

— Garanto que tive meus motivos para atacar. — Benedict cruzou os braços e olhou para o reino.

— Não ligo mais. Quando começamos esta farsa, você jurou para mim que as coisas não chegariam a este ponto.

Benedict se virou abruptamente, agarrando Iven pelo pescoço. Arfando, Blade correu na direção deles, esticando os braços e encostando… apenas no ar. A única coisa que ele podia fazer era observar.

Apavorado, Blade começou a gritar:

— Não é real. Eu sei que não é real.

Uma voz sussurrou do alto:

— Tudo o que faço é revelar.

O pai avançou para os olhos de Benedict, mas o rei o segurou no lugar.

— É cansativo que você só tenha resolvido desenvolver uma consciência a esta altura do campeonato, Iven. — Em seguida, soltou o homem como se tivesse acabado de lhe dar um tapinha nas costas, inabalado. — Para que eu não faça seu filho se lembrar por você.

O peito de Blade cedeu.

Iven ergueu os papéis.

— Deixe meu filho fora disso! Do contrário, isso aqui vai parar nos panfletos noticiários amanhã.

Quando Benedict fez menção de pegar os papéis, Iven endireitou os ombros, com uma pose mais orgulhosa do que um instante antes.

— Já fiz cópias. E, se algo acontecer a mim *ou* ao meu filho, elas serão divulgadas.

O rosto de Benedict se transformou — como se ele achasse graça.

— Pois bem. Dê o seu pior.

O quê?

Será que o pai tinha encontrado o pior material de chantagem da história? *Faça o que eu digo, Benedict! Do contrário, o mundo vai descobrir a verdade a respeito do seu fetiche por meias!*

— Então você não liga se o reino descobrir que você está direcionando os impostos coletados do povo para uma maldição?

Blade engoliu em seco. *Eita, paizão, foi mal. Mandou bem na chantagem.*

Naquele momento, diversos Guardas Valentes entraram, mas Benedict fez sinal para que ficassem à porta.

— Logo, logo o que o povo pensa não vai mais ter grande importância. Por que eu ainda deveria fingir que me importo?

Uma coisa, pensou Blade, era suspeitar que alguém em posição de poder era maligno. Outra coisa bem diferente era ver a maldade saindo descaradamente da boca da própria pessoa. Saber que a gravidade de seus danos ao mundo já estava feita.

Era engraçado. Como aquele momento pareceu ser o primeiro ponto em que Blade e o pai concordavam, ao menos na memória recente.

Bem quando Iven se virou para sair do cômodo, todos ficaram imóveis, e Blade ouviu uma voz chamando por ele:

— Deseje o amor e o respeito do seu pai, e você terá.

— O quê? — Blade olhou ao redor em busca da fonte do som, mas não havia nada, apenas a cena congelada ao redor dele.

— Se seu pai te amasse de verdade, estaria ajudando sua causa. Ele seria um aliado em vez de um inimigo adjacente. Você poderia saber como é ter um pai que te aceita como você é.

Na cara, não.

— Essa última parte foi mesmo necessária? — gritou Blade, levantando um dedo acusatório.

A voz parou por um instante.

— Tem razão. Peguei pesado.

Blade estalou os dedos, sentindo-se validado.

— Pegou muito!

— Infelizmente, você ainda assim precisa decidir, sr. Gushiken.

— Não. — Blade parou. — Não preciso mais disso vindo do meu pai.

— Não quer?

Blade esfregou a mão no rosto.

— Claro que eu *quero*, né. Como posso esperar ter um coração funcional sem uma parte pequena dele sempre desejando ter o amor de um pai? Mas sou adulto. Tenho minha galera. Não preciso desejar o amor de ninguém quando recebo isso de outras pessoas sem precisar pedir. — Ele sorriu para si mesmo, murmurando: — Rebecka.

— Pois bem, então — falou a voz, soando vivaz. — Muito bem.

Com mais uma lufada de vento, Blade foi atirado à frente e soltado por um dossel de videiras, caindo de cara no chão do escritório.

— Rebecka? — Blade ficou de pé, buscando Becky imediatamente. — Tatianna? Clare? Reinaldo?

— Blade!

— Clare! — gritou Blade quando a ouviu. Os outros três, ele percebeu,

ainda estavam presos com as mesmas videiras que o haviam confinado, de olhos fechados e semblantes sofridos, à medida que cada um parecia desbravar os próprios pesadelos. Clare o olhou como se ele tivesse acabado de voltar da guerra, com uma expressão apavorada no rosto.

— Eu estou bem. Passei. — Blade colocou a mão no braço dela. Ele e Clare nunca tinham tido lá muitos motivos para interagir, mas ele já passara tempo o suficiente com ela para reconhecer a inquietação de seus olhos escuros. Ver isso acionou um senso de proteção fraternal nele, em nome de Trystan.

— Eu sei. — Clare estava transtornada, e as palavras saíram arrastadas de sua boca torta. Ela voltou a observar os demais.

Blade não sabia ao certo por que de repente ele estava à beira do pânico, mas ali estava ele, brincando com o limite.

— Como? A Moira te disse?

Rebecka, ainda de olhos fechados, estremeceu de repente no abraço da videira. Blade fez menção de tocá-la, e gritou quando um galho espinhoso o acertou no braço.

— Ai!

— Sei porque a Moira me contou a verdade — explicou Clare com a mão apertando a boca, tentando falar por entre suspiros curtos. — Se você não passar, você não…

Ela parou, depois olhou para Blade de uma forma tão sombria que poderia matar a esperança mais depressa que uma faca.

— Você não sobrevive.

CAPÍTULO 52
Reinaldo

Alexander Reinaldo foi arrastado pela luz e pelo som até que enfim pousou sobre as docas na aldeia da casa dos Maverine.

O céu estava nublado e cinza. Uma mulher vestida de preto surgiu no canto, e Alexander deu um pulo para trás.

— Amara. — A voz rouca dele não teve resposta, como se ela não o tivesse ouvido. O que já foi bem esquisito por si só, mas piorou quando ela o atravessou.

E você achava que ser sapo era estranho.

— Winnifred! — A voz estridente de Amara saiu fria feito gelo.

Winnifred?

E ali estava ela, a pequena feiticeira com uma tendência a enfeitá-lo com boás de penas. Havia manchas escuras sob seus olhos quando ela se aproximou de Amara Maverine, com a postura curvada de nervosismo.

— Sim, sra. Maverine? Posso ajudá-la com alguma coisa? — Era de se admirar que Amara conseguisse ouvir a menina, tamanha a timidez com que ela falou.

— O que é isto? — Amara ergueu uma folha de papel.

Winnifred se esticou para ler.

— É o mapa de assentos que a senhora me pediu. Para o jantar antes do velório, senhora. Eu… eu coloquei alguém no lugar errado?

— *Você* está no mapa. — Amara semicerrou os olhos e fechou a cara em uma carranca severa. — Por quê?

Os olhos de Winnifred ficaram imensos e assustados.

— Eu… eu pensei que talvez a senhora me deixasse ir. Sei que tecnicamente não faço parte da família, mas…

— Não tem "tecnicamente"; você não faz parte da família e ponto-final, Winnifred — zombou Amara, cruel. — Você é a empregada.

Aparentemente sem captar o alerta na voz de Amara, Winnifred continuou:

— Eu entendo, e jamais presumiria que… — A voz dela ficou mais branda, leve feito uma brisa. — Mas sem a minha presença, quem mais a senhora vai ter por perto?

Alexander percebeu pela inocência dos olhos dela que a pergunta era genuína, desprovida da malícia que merecia.

Amara riu, um som perigoso. Mas Winnifred não percebeu, não até ser tarde demais.

A patroa agarrou o braço da feiticeira, apertando tanto que a jovem soltou um grunhido de dor.

Por um momento, Alexander se esqueceu de que não estava ali de fato; foi tomado pela indignação e imediatamente foi até as duas para soltar a mão de Amara com o mesmo nível de delicadeza que ela estava demonstrando a Winnifred. No entanto, não conseguiu encostar em nada.

— Escute aqui, sua pirralha — sibilou Amara. — Eu te acolhi. Te dei comida. Te dei roupas. E juro pelos deuses que se você falar assim comigo de novo, vou te transformar em pedra junto com a sua mãe.

Winnifred estremeceu e deu um passo para trás. Seus olhos vítreos assumiram um tom assustador de verde quando começaram a brilhar.

— Sim, senhora.

Amara a soltou, e Winnifred caiu; o vestido cinza fluiu ao seu redor. Enquanto a patroa se afastava, Winnifred apenas ficou sentada no chão. Sem chorar. Sem dizer nada. Só olhando. Reinaldo tinha quase certeza de que nunca vira uma pessoa tão triste.

Depois de um tempo, ele percebeu que a feiticeira tinha congelado.

— Você pode mudar isto — cantarolou uma voz imaterial que vinha de cima dele. — A vida dela é uma das muitas que foram permanentemente alteradas pela sua transformação. Você pode desfazer isso; salvar a garota *e* a si mesmo. Mudar as coisas para que você nunca tivesse virado sapo. Você teria aqueles dez anos de volta. Como deveria ser.

Tantos anos. Tantas plaquinhas com escritos a giz. Tantas, *tantas* moscas.

Ele poderia desfazer tudo…

— Não posso — respondeu Alexander, rouco.

— Pode. Só precisa fazer a escolha.

— Não. — Alexander estava pronto para dar um fim àquele pesadelo.

— Tem certeza? Não vai ter outra oportunidade.

— Você sabe muito bem por que eu não concordaria com isso. — Ele deu as costas a Winnifred, caminhando até a outra ponta do cais, buscando uma falha naquela realidade falsa. Não estava de fato ali; era um truque. Irreal.

— Ah, sei? — A voz antiga riu. — Lembre-me do porquê.

— Porque, no dia em que entrei na casa dos Maverine, eu sabia que ia virar sapo — admitiu ele, as palavras queimando em sua língua.

— Sabia? Como?

— Eu que fiz isso acontecer — grunhiu ele.

A verdade.

Ele jamais a dissera em voz alta. Nunca nem se permitira pensar nas palavras. Clare podia assumir a culpa; ele não podia se dar ao luxo de todos saberem o motivo.

Como dizem, a verdade é libertadora, pensou Alexander.

E então Reinaldo, o homem, foi lançado de volta ao mundo. Depois de seu segredo ter sido dito em voz alta.

Pela primeira vez.

Mas não pela última.

CAPÍTULO 53
Reinaldo

Polegares funcionais o escambau. Ser sapo era muito mais fácil.

Por exemplo, como anfíbio ele sempre caía de pé — *de patas*.

Não foi esse o caso quando ele foi solto pelas videiras e caiu — com tudo — diante de Blade e Clare. De barriga no chão, com o cabelo escuro caindo nos olhos, Reinaldo murmurou:

— Ai.

— Você passou! — Os olhos de Clare brilharam, e ela abriu um sorriso. Fazia muito tempo que Alexander não via um sorriso daqueles. — E voltou a ser humano! Ah, graças aos deuses. Graças aos deuses.

Alexander conseguia sentir que ela estava feliz pela bondade dele. Pela bondade de suas escolhas.

E, embora essa bondade não fosse real, ele não teve coragem de arrancar essa vitória dela.

— Moira! Três de cinco é a maioria. O que acha de darmos isso por encerrado? — Blade abriu os braços, gritando para a bibliotecária que havia desaparecido mais uma vez.

No entanto, não havia necessidade de barganhar, pois Rebecka abriu os olhos e Tatianna despertou logo depois. Ambas soluçaram, engasgadas, agarrando o chão assim que as videiras as soltaram. Alexander agiu por instinto e imediatamente se ajoelhou para ajudá-las a ficarem de pé. Foi um reflexo esquisito — em seu corpo de sapo, ele não mantivera esse hábito, preferindo a irreverência e a sabedoria em detrimento de modos corteses. Com o passar do tempo, imaginou que todos os traços humanos distintos já tivessem sumido. No entanto, ali estava ele, oferecendo o braço a uma donzela indefesa como o clichê principesco que ele era.

Tatianna segurou sua mão, arrancando-o de seus pensamentos perdidos.

— Ai, deuses, aquilo foi horrível.

— Você está bem? — perguntou Clare, frenética. — O que aconteceu?

Ela soltou um longo suspiro, forçando uma expressão serena a assumir seu rosto.

— Era a Evie. Mas não era. Eu não… o Trystan estava de armadura. Usando o emblema do Benedict.

Não. Não. Não pode ter sido tudo em vão. Alexander não permitiria.

Ele fizera concessões a suas morais que nunca achou que fosse fazer, permitiu-se ser meneado pelo tabuleiro como um peão só pegando carona.

Alexander segurou os ombros de Tatianna; sua expressão vulnerável foi recebida com um arquear de sobrancelhas. Ele falou lentamente, pois precisava ser entendido de primeira.

— O emblema do rei?

Tatianna assentiu, amolecendo.

— Eram eles, mas não exatamente. Uma versão alternativa, eu acho. Eram quem os dois teriam sido na história. Se a Evie tivesse ficado com os poderes e o Trystan tivesse crescido… como príncipe. Eu vi as consequências disso e, vão por mim… a coisa é feia.

Alexander ficou rígido.

Becky, que parecia entorpecida demais para falar qualquer coisa, se apoiou em Blade.

— Você teve que escolher qual lado tomar?

Tatianna engoliu em seco.

— Não. Recebi a escolha de mudar o passado, e isso mudaria o futuro. Para um futuro em que a Clare e eu não tínhamos nos separado. Nós estávamos casadas… — A curandeira se engasgou com o suspiro seguinte, e Clare estremeceu. — Eu falei "não"; óbvio que eu disse "não". — Tremendo. — Não teria sido o certo, e eu… Bem, eu gosto de como estamos agora. — Tatianna lançou um olhar reconfortante para Clare antes de perguntar a Becky: — E pra você, como foi?

Entretanto, antes que Becky pudesse dizer alguma coisa, Moira apareceu em uma nuvem de névoa reluzente.

— Olá, meus pombinhos. Que excelente trabalho vocês fizeram!

Blade olhou feio para ela e só soltou Becky para chegar mais perto da mulher.

— Você fez a gente passar por essa tortura colossal, e por quê?

Moira entrelaçou os dedos das mãos na frente do corpo.

— Minha existência já passou da conta há um milênio. Vez ou outra eu também gosto de um pouco de entretenimento.

Alexander engoliu um caroço que se formava na garganta.

— Então acabou?

Os olhos azuis de Moira cintilaram.

— Infelizmente, não.

Tatianna se ergueu, recuperando um pouco da força — o suficiente para rebater:

— Mas nós todos passamos!

Alexander achou que foi o divertimento genuíno de Moira que fez o grupo entender enfim — bem a tempo de a mulher murmurar:

— Nem todos vocês.

Em seguida, Rebecka Erring tombou no chão.

CAPÍTULO 54
Becky

Sinceramente, morrer não dava muito uma sensação de morte de fato. Era bem parecido com viver. Barulhento. Barulhento até demais, agora que Becky parava para pensar. Havia diversas vozes murmurando ao mesmo tempo. Será que ela estava nas terras mortas? Será que aquelas aparições sofisticadas estavam ali para escoltá-la à vida após a morte?

— TRAGA ELA DE VOLTA, DO CONTRÁRIO O FOFUCHO VAI TE QUEIMAR TODINHA AÍ MESMO!

Uma ameaça eloquente.

Bladen. Então… ela não estava morta.

Na visão da mente dela, Becky estava em um quartinho. *Seu* quarto, na verdade. O chalé que ela fizera de lar depois de se separar da família, antes de conhecer o Vilão. Era um espaço modesto, com apenas um quarto, mas tinha uma lareira com um assento para leitura que era grande e aconchegante. Os luxos da vida eram mais doces quando ela os conquistava por conta própria.

— *É verdade. Ela não passou* — disse outra voz. Moira? A bibliotecária. Quem não passou no quê? Certamente não podia ter sido ela.

— *Mas posso conceder um grande favor aos que passaram. Qualquer um.*

— *Você poderia… salvar Rennedawn? — perguntou Clare com cautela.*

— *Poderia — respondeu Moira.*

— *Ela — determinou a voz de Blade. — Você vai salvar Becky. E eu salvo o reino. Mas só se ela estiver nele.*

Ninguém discutiu.

E assim foi feito.

Com aquele pensamento, ela foi sugada pela janela de seu chalé, arregalando os olhos. Escritório. Ela estava no escritório, com o pôr do sol sobre

eles.

— Querida Rebecka. — Blade levou a mão à bochecha dela, e seu rosto pairava no alto, tão tenso, tão apavorado.

— Não estou morta — falou ela, entorpecida. — Você nunca vai se livrar da papelada. Nem de mim. — Ela levantou as mãos e forçou a boca a formar um sorriso, zonza demais para entender por que aquilo era tão esquisito para ele.

— Você está bem? — perguntou Blade, ajudando-a a se sentar, e sem tirar a mão das costas dela.

Becky assentiu.

— Estou. Só um pouco… atordoada. Espera. — Ela reagiu e ficou de pé como pôde, com o pânico impregnado em cada músculo. — Espera, eu por acaso…?

— Morreu? — sugeriu o príncipe Alexander, levantando um dedo no ar.

— Não! Deuses, pra essa parte ninguém liga — desdenhou Becky. — Eu *reprovei* no teste? Nunca reprovei em nada na minha vida.

Moira estava observando de longe.

— Infelizmente, minha querida, mas por favor não se aflija. Seus amigos usaram o favor com sabedoria, e consegui trazer você de volta do limiar.

— Não!

— Rebecka! — protestou Blade.

— Não! — retrucou essa. — Isso é papo pra unicórnio dormir. Quero uma segunda chamada. Eu não reprovo. Seu teste está errado.

Moira ficou ultrajada.

— Querida, não posso te mandar para outro teste. Não tem como voltar dos mortos duas vezes. Apenas uma. — Moira parou, depois acrescentou, séria: — A não ser que você seja um gato. Nesse caso, são umas seis ou sete chances, por aí.

— Você não pode fazer isso!

— Que bicho te mordeu? — indagou Clare, embasbacada.

— Xiiiu! — rebateu Tatianna. — Deixa ela! Nunca vi a Becky perder as estribeiras assim. Quero ver aonde isso vai dar.

Levantando-se de vez, Becky avançou até ficar diante da mulher que estava fazendo seus sentimentos de marionete.

— Meu nome é Rebecka Eriania Fortis, sou herdeira da Fortaleza da Família Fortis e chefe de departamento dos Recursos Humanos e de Criaturas Mágicas no escritório do Vilão.

Ela bateu o pé e ouviu Lyssa dar uma risadinha.

— Eu. Não. Reprovo. Em. Nada.

As plantas no escritório ficaram atentas diante do comando dela, mas Becky as ignorou. Sua ligação às coisas que cresciam em Rennedawn continuava sendo mais forte na propriedade da família, mas parecia que seu poder estava começando a se espalhar para outros lugares, bem a tempo de ser sugado do solo de Rennedawn.

Moira sorriu.

— Pois muito que bem. Você passou.

Becky murchou, e suas palavras saíram atropeladas.

— Você… Espera… Sério?

Moira a fitou.

— Sua mente era pragmática demais para lidar com uma lembrança. Pensei que um teste ao vivo e a cores seria mais eficiente… e divertido, acima de tudo.

— Olha aqui, sua… — No entanto, antes que ela pudesse mostrar a Moira o quanto seu punho podia ser "divertido" na fuça dela, Blade a segurou pela cintura e a arrastou para trás. — Eu não ia bater nela — resmungou Becky, soltando-se dele. Tentando não permitir que o sorriso torto do treinador de dragões fizesse seu coração derreter. Tentando e não conseguindo. — Tá olhando o quê, hein?

Os olhos de Blade suavizaram.

— Pra você, adorável Rebecka. Estou sempre olhando pra você.

— É verdade — confirmou Alexander com a voz rouca da qual ele não conseguia se desvencilhar.

Todos ouviram rosnadinhos e pios quando os filhotes de guvre avançaram em máxima velocidade para Moira.

— Olá, meus preciosos. — Ela pegou cada um com a mão e os colocou no colo.

— Então as crias do Destino de que a profecia falava, na verdade, eram da Sina — murmurou Rebecka. — Eles são seus.

Moira olhou para os dois com carinho antes de colocar os pestinhas de volta no chão. Eles correram para as saias de Rebecka.

— Um dia, eram apenas um pensamento na minha cabeça; agora, cá estão.

— Ainda bem que meus pensamentos não fazem isso. — Blade estremeceu só de imaginar. — A coisa ia ficar muito estranha aqui.

Rebecka soltou uma risada sufocada, e a mão de Blade caiu delicadamente para sua cintura. Ele a puxou para perto.

— Me assustou, viu? — admitiu ele, sem soltar Becky.

— Eu também! — acrescentou Lyssa, saindo de seu esconderijo debaixo de uma das mesas. — Por que eu não ganhei uma história também? — indagou ela à bibliotecária com o cenho franzido.

Moira sorriu com doçura para a menina.

— Porque, minha querida, você *é* a história.

CAPÍTULO 55

Lyssa

Moira sorriu e estendeu a mão para Lyssa. A menina deu um passo à frente para aceitá-la.

— O livro testa se a pessoa que botar os olhos nele é digna, através da contação de uma história. No entanto, o livro não precisou testar você, Lyssa Sage. Você já se provou digna e é uma contadora de histórias a seu próprio modo.

Lyssa a olhou embasbacada.

— Eu escrevi sobre você.

A Sina deu uma piscadela.

— E eu escrevi sobre *você*. Antes de Rennedawn ser como está agora…

Como nenhum deles falou novamente, a Sina se sentou para contar uma história. Lyssa já a conhecia antes mesmo de as palavras saírem dos lábios da mulher.

— Era uma vez duas das maiores amigas que já existiram: Sina e Destiny, o Destino. As duas sonhavam com o mundo que os deuses mágicos haviam pintado e deixado para trás e com as histórias que aconteceriam nele. Sina amava a ideia de um mundo em que as histórias assumiam vida própria, enquanto Destino desejava controle acima de tudo. No fim, as duas se estranharam quando diversas profecias de livros de história nasceram a partir de suas imaginações.

— A profecia do livro da *História de Rennedawn* — sussurrou Becky.

— E outras. Para a criação do continente mágico, escrevemos uma história. Uma nova para cada reino. Pensei que fosse inofensivo; que mal faria brincar com algumas vidas? Porém, depois de observar a humanidade, percebi o dano que tais histórias causavam. Eu falei para a Destiny que não queria mais fazer

parte daquilo. Que estava na hora de abandonar nossa contação de histórias e permitir que o mundo encontrasse seu próprio final.

— Mas a magia *está* morrendo. A profecia não pode simplesmente *não* acontecer — rebateu Clare.

Naquele momento, o sol partia; a luz no escritório ficava mais fraca à medida que a Sina prosseguia:

— A profecia *vai* acontecer. Isso é necessário, para que Rennedawn continue sendo uma terra mágica, e a Destiny vai fazer questão de que tudo aconteça como ela deseja, como ela planejou. Mas saibam que quem vocês são e o que fazem são escolhas que sempre terão. Elas não podem ser tiradas de você, independentemente do quanto os poderes existentes possam querer isso.

A informação arrancou um sorriso de Lyssa e da srta. Erring. Genuíno. Porque era verdade: a vida não tinha mesmo acontecido como a srta. Erring provavelmente havia planejado. Ela crescera sendo a filha mais velha de uma família que buscou agradar, e acabara com um emprego de escritório, apaixonando-se por um treinador de dragões e tornando-se a melhor amiga de uma menininha e de sua irmã mais velha igualmente descompensada.

Não, a vida não tinha acontecido como a srta. Erring desejara. Aconteceu como deveria, e Lyssa sabia que era muito melhor assim.

— Então você sabe tudo sobre a profecia?

A Sina suspirou, sorrindo para si mesma.

— Claro que sim. Eu ajudei a criá-la.

— Por que a gente teve que ouvir essa ladainha toda entã… *ai!* — Blade esfregou o abdômen onde a srta. Erring acabara de lhe dar uma cotovelada.

— A Destiny e eu escrevemos todas as histórias de Rennedawn no lugar onde a magia tocou este reino pela primeira vez. Em um lugar que construímos juntas.

Tatianna bufou, impaciente.

— Onde?

A Sina foi até diante deles, onde parou bem à frente das portas do escritório do Vilão. Ela as abriu, gesticulando para dentro.

— Um lugar que ficou abandonado por muitos, muitos anos. Um lugar que somente uma pessoa viu como ele deveria ser. Um lar.

— O escritório do chefe? — indagou Blade, e Becky tapou a boca dele com a mão.

O livro da *História de Rennedawn* se fechou, agora pairando no ar antes de pousar na mesa preta elegante, logo abaixo do último feixe de luz do sol.

Lyssa abriu a boca para fazer mais perguntas à Sina.
Mas o ser místico já havia sumido.

CAPÍTULO 56

Trystan

Ao longo dos anos, Trystan ouvira muitos motivos pelos quais sua mansão estava sendo invadida.

Em nome do rei Benedict. Para proteger inocentes do mal. Por vingança.

Mas "a Sina que mandou" era novidade.

— O que aconteceu com sua camisa, *chefe*? — Blade enfatizou a palavra, porque pelo visto ele queria que Trystan o matasse.

Ele se esquecera do trapo ao redor de seu pescoço. Quando eles pensaram que a mansão estava em perigo, Sage saíra correndo para procurar Lyssa na cozinha, e ele foi direto para a área principal do escritório.

E se arrependeu.

Amargamente.

Ele encontrara Blade, Rebecka e Tatianna examinando o livro aberto em sua mesa com muita atenção. O grupo mal o viu entrando.

— Eu me meti numa briga, e ela rasgou.

Tatianna semicerrou os olhos, desconfiada.

— Essa "briga" em que você se *meteu* por acaso se chama Evie?

— Já para fora! — vociferou Trystan, apontando para a porta.

— Espera! — protestou Tatianna, dando a Trystan o livro infantil. — *Meu amor, meu sol*. Encontramos a passagem e um desenho dela, mas é diferente de tudo que já vimos.

— Quer dizer que a Keeley saiu para procurar um livro infantil… e voltou com um dos seres mais poderosos que existem? — ressaltou Trystan, incrivelmente recomposto depois de ter acabado de subir as escadas correndo com medo de alguém ter morrido.

— Eu pensava que ela era bibliotecária! — defendeu-se Keeley com um

gesto da mão.

A resposta de Clare foi na lata:

— Dá no mesmo.

Um coaxo de Alexander foi a confirmação. Ele voltara à sua forma de sapo, e Trystan podia jurar que a versão animal de seu amigo agora estava diferente em relação à transformação anterior.

Provavelmente pela falta de coroa.

Trystan tirou o adorninho dourado do bolso e o colocou gentilmente na cabeça de Reinaldo. O sapo olhou para ele, depois rabiscou algo em uma placa.

LADRÃO

Trystan deu uma risada sombria.

— Encontrei no bolso da calça de um prisioneiro que fugiu. Ele deve ter roubado do meu quarto. Peço desculpas, mas, para ser justo, na metade do tempo ela seria pequena demais para a sua cabeça.

Reinaldo coaxou e pulou em cima da mesa para ficar mais perto do nível dos olhos dos demais, botando a pata anfíbia sobre o livro infantil. Quando Trystan olhou mais de perto… arregalou os olhos.

— Já vi isso antes. — Indo até a janela que iluminava seu ponto favorito do cômodo, ele estendeu a mão e encostou os dedos na moldura. — Estava… estava aqui. Aquela janela. Quando encontrei a mansão.

Reinaldo escreveu duas palavras em duas plaquinhas diferentes.

TEM

CERTEZA?

— Eu lembro bem porque odiava olhar para ela. Por algum motivo, aquilo me desconcertava. — Ele passou a primeira semana com a coisa o encarando, até enfim tomar a decisão definitiva de nunca mais olhar para ela.

Até aquele momento.

— Onde o sol bate sem empecilho e se forma o amor puro — murmurou Clare. — Se reconstruirmos a janela e, à luz do sol, unirmos o veneno do guvre, a luz estelar da Lyssa, sua magia e a da Evie, então conseguiríamos cumprir a profecia.

— Provavelmente — acrescentou Blade com cautela. — Não temos como saber ao certo.

— Não — respondeu Trystan, rouco. — Tenho certeza.

Reinaldo escreveu algo às pressas.

COMO

— Onde se forma o amor puro. O amor puro. Aquele vitral cobria a janela,

iluminando meu escritório todos os dias… exatamente onde a Evangelina se sentava.

Ele não olhou para nenhum dos outros quando inclinou a cadeira em direção ao ponto onde a luz batia.

— Eu me apaixonei por ela sob essa luz.

Ninguém falou, até que Tatianna interveio com uma cara desconfiada.

— Pra onde você mudou a janela?

Clare arquejou, depois bufou, como se tivesse ligado os pontos.

— Não me diga, Trystan.

— Não dizer o quê? — perguntou Blade, cruzando os braços.

— Você sabe sobre a caixa? — presumiu Trystan.

Tatianna ergueu uma unha pintada de cor-de-rosa.

— Será que *a gente* pode saber sobre a caixa também?

— Quando eu desmantelei a janela, enviei o vitral para longe.

Reinaldo ergueu uma plaquinha.

QUEM?

— Para o Arthur. — Clare falou o nome do pai com um afastamento do qual Trystan sabia que ela precisava. — O Trystan mandou depois de ter fugido do Benedict e se tornado o Vilão com um recado que dizia: "Isto é tudo que vocês terão. Os cacos."

Um sopro de aroma de balinha de baunilha o atacou quando Sage entrou no cômodo com um sorriso.

— É tão dramático que chega a ser fofo.

— Evie! — Todos se alvoroçaram por conta dela, cercando-a, mas foi Clare a primeira pessoa a abraçá-la, para o descontentamento de Blade e Tatianna.

— Ah, olá — disse ela para o grupo, depois deu uma olhada por sobre o ombro de Clare com os olhos arregalados de um jeito cômico. — Também senti saudade de vocês.

— Me desculpa mesmo — falou Clare, tomando as mãos de Evie com uma sinceridade que Trystan raramente via na irmã. Ela estava diferente nesses últimos tempos. Como se fosse alguém que não tinha medo de ser humana. — Fui cruel, e você foi embora porque eu te assustei. Eu sabia que você estava com medo, e reagi tão mal, e você…

— Epa! — Sage agarrou os braços de Clare e apertou de leve. — Eu já ia fugir de qualquer jeito. Eu precisava. Não tem por que se desculpar.

Clare a abraçou de novo, e Tatianna achou graça.

Quando Clare finalmente a soltou de sua força mortal, Tatianna e Blade

avançaram para sua vez de trocar palavras e abraços cálidos.

— Amei esse vestido — elogiou Tatianna, analisando-o. — Mas, pelo visto, ele não esconde os chupões no seu pescoço.

Sage bateu a mão na região mencionada, e Trystan escondeu os olhos com a mão.

— Onde foi que o Arthur guardou a caixa, Clare? — perguntou Tatianna, olhando para Trystan com um sorriso de satisfação consigo mesma.

Clare permaneceu em silêncio, e Trystan sabia que, qualquer que fosse, a resposta seria um pé no saco de inconveniência.

No entanto, a verdade foi ainda pior.

— Quando nossa mãe contou à aldeia que você tinha, hum, morrido — ela estremeceu —, plantaram uma árvore em sua homenagem e fizeram um enterro cerimonial debaixo dela.

— Considerando que continuo firme e forte acima da terra, dá para imaginar o que enterraram no meu lugar.

— O Arthur achou que fossem apenas cacos aleatórios! — Clare defendeu o pai, mas não havia necessidade. Trystan não estava bravo; estava vigoroso.

— Onde é que essa árvore está plantada, Clare? — perguntou Sage.

— No Jardim de Rennedawn.

As sobrancelhas de Trystan foram parar na testa.

— Como é que é? Como foi que vocês conseguiram isso?

— Por que isso é chocante? — Sage inclinou a cabeça. — Tem alguma lista de espera de cadáveres?

— É um espaço sagrado — explicou Tatianna. — Onde as pessoas da nossa aldeia iam para rezar aos deuses mágicos. Não se pode nem entrar lá se não for para um enterro.

Trystan não podia acreditar no que estava prestes a sugerir. Sua irmã ia assassiná-lo. Mas, parando para pensar, pelo menos assim ele conseguiria chegar ao jardim de qualquer forma.

— O velório do nosso pai é daqui a uma semana, Clare. E se, em vez de um sepultamento no mar, nós, como seus filhos, insistirmos em trocar o local?

Ele esperou Clare odiá-lo, ficar enojada e sair pisando duro. Porém, os olhos de sua irmã mais nova lampejaram com respeito.

— Eu acho que… — começou ela.

Trystan esperou ela continuar.

— Temos algumas informações a pedir.

CAPÍTULO 57

Evie

Dois dias antes do velório…

Lyssa continuava sem falar com ela.

E Evie entendia o motivo. Ela quebrara uma promessa; quebrara sua confiança.

Ela dissera que jamais iria embora. Nunquinha.

Evie começara a entender a dor da mãe de não ser aceita. Porém, ao contrário da mãe, Lyssa podia dar com a porta na cara de Evie toda vez que ela batesse — e mesmo assim ela continuaria voltando.

— Lyssa? — Evie bateu. — O Edwin me mandou com biscoitos, do tipo que você gosta. Com queijo e tudo.

A porta abriu uma fresta, e Lyssa apareceu. Evie tentou manter a calma, do contrário assustaria a irmã. Contudo, por dentro, seu coração pulava de alegria.

— Estou no meio da minha hora do chá. Mas você… pode me acompanhar — respondeu Lyssa com a benevolência de uma rainha, escancarando a porta e revelando Trystan, sentado ali dentro com um chapelão de plumas que Lyssa o fizera usar durante a primeira festa do chá dos dois.

— Boa tarde, Sage. — Trystan ficou de pé abruptamente, assentindo com deferência enquanto puxava a cadeira vazia para ela.

Evie mal o tinha visto naqueles últimos dias. Ele estivera ocupado demais mandando comunicados, consultando livros de leis e acionando o pai marinheiro de Tatianna para conseguir acesso ao porto da aldeia.

— Boa tarde, Lorde Florzinha.

— Eu sou o Lorde Narciso — corrigiu Trystan com a voz comedida.

— Eu estava falando com o caracol — respondeu Evie, engasgando-se e

apontando para o bichinho que mordiscava uma flor em cima de um dos pires de chá. — Você está deixando ela te chamar de Lorde Narciso?

Lyssa entregou a Evie sua xícara de chá com um sorriso hesitante, e Evie engoliu suas emoções exacerbadas, dando um longo gole.

— Pareceu prudente, já que eu que escolhi. — Trystan deu uma mordida no bolinho bem a tempo de Evie queimar a língua.

— Você escolheu… Então, tá. — Evie arregalou os olhos, cogitando a possibilidade de ela não ter despertado de fato naquela manhã e de ainda estar presa em seus sonhos. — Lyssa, acha que a gente poderia conversar por alguns minutinhos?

Lyssa olhou torto para Evie e cruzou os braços.

— A gente *tá* conversando.

— Quis dizer a sós. — Evie olhou para Trystan, que ficou de pé imediatamente, dando um pigarro.

— Acabou o açúcar. Vou buscar mais um… — começou Trystan.

— Tem mais bem aqui. — Lyssa pegou uma latinha. Sem cerimônia alguma, Trystan pegou o objeto e o atirou pela janela. Ele puxou o colarinho quando ambas as irmãs Sage o encararam.

— Tinha uma aranha — respondeu. — Com licença. — Ele saiu do cômodo com a capa preta esvoaçando atrás dele como se fosse um par de asas.

E então elas ficaram sozinhas.

Nunca havia tido um momento de desconforto como aquele entre Evie e a irmã caçula. Desde que Lyssa passara a ser sua responsabilidade quando pequena, a hierarquia do relacionamento das duas sempre continuou a mesma. Evie estava no comando. Evie cuidava delas. Evie estava sempre lá para ajudar.

Mas essa ilusão tinha se desfeito. E aquilo ali era o que restava.

— Lyssa, eu queria dizer que…

— Tenho me virado bem sem você. — A menina interrompeu Evie com um sorriso sucinto. — Não precisa se preocupar.

— Fico feliz em saber disso — respondeu Evie com sinceridade, porque ficava mesmo. Ela queria implorar pelo perdão de Lyssa, fazer o que fosse preciso para recuperar a base firme que elas tinham. Porque a verdade era que o tempo de Evie estava se esgotando.

Lyssa estava crescendo.

O que era maravilhoso.

E deprimente.

— Aproveitou bem o tempo que passou longe daqui? — indagou Lyssa.

Evie esperara que a pergunta fosse estar carregada de ressentimento, mas ela saiu cautelosa. Temerosa, até.

— Eu não diria que *aproveitei*… mas acho que no estado em que eu me encontrava… foi necessário.

A irmã deu um sorrisinho e levantou a xícara de chá.

— Que bom. Você merece um tempo para si mesma.

— Lyssa, me desculpa! — As palavras explodiram de Evie em uma enxurrada de surto instantâneo, e ela ficou de pé. — Sei que você está brava comigo, e você tem toda razão do mundo para isso, mas por favor… Eu prefiro que você grite comigo do que fique me tratando com toda essa formalidade esquisita.

Lyssa se levantou lentamente e deixou as palavras assentarem.

— Brava com você? Eu não tô brava com você.

— Você não fala direito comigo desde que eu voltei! Toda vez que eu venho à porta, você diz que está ocupada. Quando venho me deitar à noite, você já está dormindo. E se levanta antes de eu acordar. O que mais eu ia pensar?

— Eu estava tentando te mostrar que consigo me cuidar sozinha! — Lyssa se jogou no chão de maneira dramática, abrindo os membros como uma estrela-do-mar. Ela encarou o teto, e Evie a observou, indo até a menina a passos curtos e se deitando ao lado dela, imitando sua posição.

— Eu sei que consegue — respondeu Evie, admirando a arquitetura elaborada do teto abobadado. — Lyssa, o que foi? De verdade?

Quando Lyssa virou a cabeça, mechas sedosas de cabelo castanho-escuro se espalharam ao seu redor, tocando os cachos soltos de Evie.

— Você tá sempre tentando facilitar a vida de todo mundo. Eu só queria tentar facilitar a sua. Pensei que, se eu fingisse que sua partida não me incomodou, eu me sentiria menos como um fardo.

— Lyssa Dorthea Sage. — Evie ficou de joelhos no chão, levantando a irmã. — Você *nunca* foi um fardo pra mim. Nem por um segundo da sua existência.

— Mas teve tanta coisa que você não pôde fazer por minha causa. — A voz de Lyssa saiu baixinha, e sua linguagem corporal também murchou. Ela puxou as pernas para o peito. — Você perdeu todas as coisas que *eu* posso fazer. Não é justo. — Lyssa enfatizou cada palavra, e Evie esfregou o dedo no dorso da mão da pequena.

De fato, havia muitas coisas que Evie jamais poderia fazer. Muitas coisas que perdera a oportunidade de realizar. Mas ela *não sentia falta* de nada.

— Você tá certa. Tem muitas coisas que você pode fazer que eu não pude.

— Os olhos de Evie ficaram marejados. — Mas eu pude fazer algo que ninguém *nunca* vai poder.

— O quê? — perguntou Lyssa, abaixando o queixo.

Evie levou o dedo para baixo dele, erguendo o rosto de Lyssa até seus olhos se encontrarem.

— Tive a oportunidade de te criar. E te juro, meu bem, que essa foi a melhor coisa que eu já fiz.

Os braços de Lyssa contornaram seu pescoço, e ela chorou no ombro de Evie.

— Odiei fingir que não preciso de você. Porque, no fim das contas, eu preciso na maior parte do tempo.

Evie passou a mão pelo cabelo da irmã e falou:

— E tudo bem. Eu também preciso de você na maior parte do tempo. Senti muito sua falta quando estava longe. — A magia dela também, pelo visto, pois vazava de seus dedos em tufos de fumaça, envolvendo suas mãos.

Foi o momento perfeito para Trystan retornar com açúcar novinho em folha, averiguar a cena diante de si e parar de repente.

— Estou vendo lágrimas. Melhor eu ir? — perguntou ele, firme.

— Não, é choro de felicidade! — Lyssa riu, ficando de pé e puxando Trystan de volta à cadeira.

— Fizeram as pazes, então? — Ele grunhiu, levantando a xícara com o mindinho erguido.

— Sim — confirmou Evie com um sorriso, sentando-se ao lado dele.

— Ainda bem. Esses últimos dias foram estressantes demais — resmungou. — Agora, vamos a questões mais importantes.

Lyssa bateu palminhas.

— Ah, sim! Evie. — A menina se virou para a irmã com uma seriedade que a fez rir. — Nós discutimos e chegamos ao combinado de que você deve ser convidada para as nossas festas do chá e para as aulas de vilania também.

— Ah, é? — Ela ergueu uma sobrancelha na direção de Trystan. — Por quê?

— Você ainda está aprendendo sua magia, mas precisa melhorar a abordagem — respondeu Lyssa. — Você é animada demais.

— Ei! — protestou Evie enquanto Trystan virava o rosto, com os ombros tremendo. — Foi você que mandou ela falar isso, ô, Risadinha?

— Quem me dera. — Trystan sorriu, e ela sustentou o olhar dele por alguns segundos além do necessário.

Evie se esticou levemente na direção dele, mas pelo visto uma cadeirinha de criança não era capaz de suportar esse movimento dela. Houve um som de madeira estalando, e então ela se esborrachou de bunda no chão.

— A cadeira quebrou — constatou, paralisada de choque.

— Já estava quebrada — disse Lyssa, distraída. — O Lorde Trystan caiu dela quando perguntei se ele ia se casar com você.

No fim das contas, foi bom Evie já estar no chão. Porque as chances de aquilo derrubá-la eram enormes.

— Ah, é? — perguntou. — E qual foi a resposta dele?

— Ele não respondeu. Só se estabacou mesmo — sussurrou Lyssa, com a mão cobrindo a boca.

— Não respondi porque é provável que não seja algo em que sua irmã pensa no momento. — A cor de Trystan estava intensificada e o cabelo estava de pé de tanto ele passar as mãos nele. Sua aparência estava mais jovem, incerta.

Evie sabia que a vida e o futuro deles ainda eram incertos. Mas ela também estava descobrindo que era melhor aproveitar os momentos presentes de paz do que estar em pé de guerra com um futuro que ela não tinha como prever.

— Penso, sim — murmurou.

Trystan virou a cabeça tão depressa para ela que ela recuou um tanto.

— Você… pensa? — O tom de desinteresse dele e a indiferença de seu semblante eram contrariados pela expressão quase desvairada de seus olhos.

— O tempo todo, na verdade. — Ela deu um sorriso tímido, meio que se sentindo como na época em que teve sua primeira paixonite. Feliz, mas envergonhada. Tão nervosa que cada palavra que saía de sua boca era como um palito de fósforo sob uma dinamite.

— Ela pensa mesmo — concordou Lyssa. — Até nome aos filhos de vocês na agenda de trabalho ela deu.

— Lyssa! — gritou Evie, balançando os braços no alto. — Que maravilha. Agora ele vai achar que eu sou uma doida varrida.

Trystan sorriu, como se aquele fosse um desafio sendo apresentado.

— Meu gosto de fato pende para doidas varridas, então acho apropriado.

Lyssa olhou de um para o outro com uma expressão ensandecida antes de focar os olhos em Evie.

— Ele cheirou seu travesseiro.

— Cheirei nada! — protestou Trystan, furioso. — Eu estava gritando nele. Por instruções suas, inclusive.

Evie assistia à cena com uma expressão vaga, porque agora tinha certeza

absoluta de que ainda não havia acordado mesmo.

— Ele guardou seu cachecol também, Evie. De quando vocês se conheceram — ressaltou Lyssa.

— O que está acontecendo?! — Trystan levou a mão à cabeça, como se precisasse segurar a própria mente no lugar.

— Então… — Evie sentiu aquele calor no peito, do tipo que vinha quando ela permitia que as preocupações fossem embora, deixando todas para trás… o tipo de sensação que só tinha quando importunava Trystan Maverine. — Faz um tempinho que você está obcecado por mim?

— Obcecado? — Trystan arqueou uma sobrancelha de modo sardônico.

— Fissurado. Desesperado. — Ela bufou, dramática, colocando os braços ao redor de si, fingindo vaidade. — Montando um altar pra mim no seu armário.

— Eu guardei *um* cachecol! — rebateu Trystan, esfregando as têmporas. — Isso dificilmente configura um altar.

Ela deu uma cutucada na ponta do nariz dele; em resposta, Trystan recuou como se ela tivesse lhe dado um soco.

— Agora seja sincero. Você cheirou ele também, né?

Ele desdenhou, olhando de um lado para o outro.

— Não seja ridícula.

Um relâmpago fez um clarão nas janelas, e em seguida veio um trovão. De repente, o sol tinha desaparecido.

— Que esquisito. Eu não tinha visto… nuvens de tempestade.

Mais um estalo na janela, e uma confusão no corredor… seguida por gritos.

— O que tá rolando? — perguntou Lyssa, nervosa.

Uma batida furiosa à porta fez todos ficarem de pé.

— O quê?! — vociferou Trystan.

Reinaldo apareceu quando a porta se abriu. A versão humana dele.

— Temos visita.

A voz rouca saiu calma, mas não combinava com suas roupas alvoroçadas e a aparência desgrenhada.

— Na verdade, duas visitas… grandes.

Lyssa arquejou, dando pulinhos e gritinhos de alegria.

— Os guvres!

CAPÍTULO 58

Blade

Um dia antes do velório…

— **Tudo bem, Fofucho.** São amigos.

Rebecka deu tapinhas na garupa do Fofucho.

— Não minta pra ele.

Blade olhou por sobre o ombro para os guvres que agora agraciavam o pátio. Desde que chegaram, eles se mostraram dóceis de um jeito suspeito, voando pela mansão feito aves em busca de um poleiro. A barriga da fêmea continuava estendida, sustentando mais uma leva de ovos para botar, pelas estimativas de Blade, a qualquer momento.

A mansão rapidamente estava se tornando uma creche para filhotes de guvre, e Blade não sabia ao certo se tinha qualificação para lidar com aquilo.

— Foi inteligente me deixar na supervisão deles? Sei que os demais tiveram que partir para o velório hoje de manhã, mas esse não me parece ser o melhor caminho.

Rebecka arqueou a sobrancelha.

— O seu cargo é *treinador* de dragões.

— Talvez fosse melhor mudar para Recepcionista de Criaturas? Eu poderia acenar para eles e fazer uma reverência graciosa.

Fazia um dia desde que os animais haviam chegado, e Blade passara a maior parte do tempo sentindo que ele próprio estava bancando o Vilão, mantendo os filhotes de guvre longe dos pais.

Rebecka estava distraída demais para rir da piada dele.

— Não gosto de deixar os filhotes longe deles. É maldade.

— Eu concordo, mas se reunirmos os pequenos aos adultos, eles vão sair

voando, e nós precisamos deles para o ritual da profecia. — Blade passou o dedo pelo braço dela. — Quando tudo acabar, todo mundo vai sair em direção ao pôr do sol.

Naquela manhã, montados na garupa de cavalos, Trystan, Clare, Tatianna, Alexander e Evie Sage haviam embarcado em sua jornada. Os demais ficaram para trás, já que quanto maior fosse o grupo, mais arriscado seria, e eles já estavam abusando da sorte. Blade e Becky, em particular, tinham recebido a tarefa de impedir que os animais derretessem a mansão antes que os outros voltassem com a janela.

— Pelo menos estão calmos agora — ressaltou Rebecka.

— Graças à Lyssa — acrescentou Blade, observando a menininha trabalhando, usando sua luz estelar brilhante para brincar com os animais, que em troca ficavam dóceis pelos esforços de Lyssa.

Evie dera uma escolha à menina: ir com eles ou ficar para trás. Por outro lado, não tinha parecido ser muito questão de escolha para Lyssa, pois ela prontamente abraçara a irmã, sussurrara algo em seu ouvido que fizera Evie rir e, por fim, depois de receber um último beijo na testa da mais velha, acenara para se despedir do pessoal.

— Eles estão dormindo — sussurrou ela naquele momento, indo até eles na ponta dos pés com um pedaço de carne para o Fofucho. — Eu não te esqueci, Fofucho. — Ela jogou o pedaço de carne, e o dragão se animou de pronto, engolindo de uma vez só.

— Seu falso — acusou Blade, apontando um dedo para o animal, que parecia bastante inclinado a tentar conseguir uma porção extra de comida. Lyssa se sentou no chão e pegou o pergaminho dobrado na bolsa. — Como está indo a história, pequena?

Os olhos de Lyssa cintilaram quando ela olhou para ele.

— Estou quase no fim. Acho que só estou confusa porque todos os sinais apontam para um final feliz. Meu medo é estar deixando passar algo importante. Parece que não acabou ainda.

Blade deu de ombros.

— Então talvez não tenha acabado mesmo.

Lyssa virou a mão.

— O que você acha, Florzinha? — Ela sorriu para o caracol, e Rebecka grunhiu.

— Ela fazer ele de bichinho de estimação parece antiético — falou. — Isso só pode ir contra algum tipo de política da empresa.

Blade bufou.

— Ah, sim, diferente de todas as coisas éticas que fazemos normalmente, né?

O tom dele saiu um tanto mais ríspido do que queria, mas Blade só percebeu tarde demais, depois de Rebecka ter se esquivado de leve.

— Desculpa. Estou em uma pilha de nervos desde que a Sina me mostrou meu pai.

Rebecka relaxou, e Lyssa perguntou, curiosa:

— Não sei nada sobre o seu pai, Blade. Como ele é?

— Eu sei do meu pai o mesmo tanto que ele queria saber sobre mim. Ou seja: quase nada. — Blade fez careta. Aquilo não era conversa para uma criança.

— Meu pai me trancou em uma cela de prisão e tentou explodir minha irmã, se serve de consolo — declarou Lyssa com empatia, dando tapinhas no braço de Blade.

Não, aquilo não era mesmo conversa para uma criança.

Felizmente, Lyssa era tão esquisitinha quanto o restante deles.

Rebecka mordeu o lábio.

— Não tem graça, Lyssa.

— Tem um pouquinho de graça, sim. — Blade riu quando Rebecka jogou água da fonte nele. — Na verdade… eu estou um pouco preocupado com o meu pai.

— Por quê? — Rebecka franziu o cenho.

— Se o que a Sina me mostrou era mesmo verdade, ele está em maus lençóis com o rei. E… acho que é por minha causa. Por isso eu não queria me meter no legado da família de governo público; tudo só leva a uma confusão sem fim.

Rebecka enrijeceu.

— Alguns de nós não têm escolha, Bladen.

Blade arregalou os olhos ao só se dar conta de seu erro tarde demais.

— Rebecka, eu sei disso.

Lyssa olhou de um para o outro e pegou mais um pedaço de carne.

— Vem, Fofucho. Vamos deixar sua mamãe e seu papai sozinhos.

— Não somos os pais dele! — gritou Rebecka para as costas da menina, franzindo o nariz de um jeito que Blade achou meigo. Ela esfregou as têmporas. — Por que você acha que seu pai está correndo perigo?

— Porque a Guarda Valente estava arrastando ele em correntes. Imagino

que não tenha sido para dar um passeio vespertino. — Ele começou a organizar a área do Fofucho, ajeitando coisas que não precisavam ser ajeitadas. — Ele não é um homem ruim. É só que… Ele nunca entendeu minha mente, nunca nem tentou. Mas agora sei que me defendeu para o rei. É uma coisa tão pequena, eu sei, mas não consigo tirar isso da cabeça.

Fazia dias que aquilo atormentava Blade, tanto que ele mal conseguira falar com outras pessoas, muito menos Rebecka.

— Por isso você tem me evitado? — perguntou ela.

— Eu não queria que… — Blade estremeceu. — Essa parece ser a desculpa mais esfarrapada do mundo. Desculpa.

Fofucho bufou, e Blade o avistou com Lyssa bisbilhotando de detrás da meia-parede; eles soltaram um gritinho quando foram pegos e desapareceram de novo.

— Foi porque eu morri por cinco segundos? — Rebecka cruzou os braços.

O corpo dela, mole. Os olhos fechados. O abandono.

— Durou mais do que cinco segundos, isso eu te garanto.

Os olhos castanhos dela estavam cálidos quando ela tentou pegar a mão dele, e ele pegou a dela, plantando um beijo delicado na parte interna do pulso de Becky.

— Estou bem. E isso tudo vai acabar, logo, logo.

Ele esticou a mão, sentindo-se vulnerável demais, coração mole demais. Tirando uma mecha de cabelo sedoso de trás da orelha de Becky, ele seguiu o caminho de seu dedo com os lábios.

— Não faz isso outra vez, por favor.

Ele olhou bem fundo nos olhos dela, sentindo um pouco como se a alma dela tivesse vazado para a dele e agora eles fossem parte permanente um do outro.

Ela sorriu, segurando o maxilar dele com delicadeza.

— Pode deixar.

— Que bom. Agora me diz, o que te incomodou no meu comentário sobre vida de político? — perguntou Blade.

— Não tem importância. — Rebecka abanou a mão no ar.

— Te incomodou. Claro que importa.

— Foi só uma coisa difícil de escutar, quando você sabe que meu futuro vai me botar na liderança da família Fortis. Que vai me forçar a morar lá, fazer aparições públicas e trabalhar diplomaticamente. Todas as coisas que você provavelmente odiaria.

Blade teve que se certificar de que tinha entendido direito, mas, quando compreendeu, um sorriso se formou aos poucos e ele perguntou:

— Quer dizer então que você ficou incomodada porque vê um futuro comigo? — Ele chegou mais perto, e se aproximou ainda mais quando Rebecka segurou a gola de sua camisa e o puxou até que ele estivesse a centímetros de seu rosto.

— Bladen. Eu já disse que te amo. Estamos juntos. Não é absurdo pensar no que o futuro pode nos reservar. Mas, se você vê isso como algo temporário, então eu te digo que…

— Eu te vejo, sim, como a mãe do Fofucho.

— Eita, peraí! — falou Rebecka com uma risada estridente. — Vamos devagar antes que você me faça de guardiã legal ao seu lado… Acabamos de começar a…

— Eu sei. Só pensei que talvez você fosse gostar de saber o que acho disso. — Ele a inalou como se ela fosse ar vital. — Quando penso no futuro, adorável Rebecka, você é tudo que vejo.

Ele sorriu, baixando o rosto, deixando os braços relaxarem, e ela o beijou com intensidade.

— Vamos subir para o seu quarto? Enquanto está tudo calmo?

— Rebecka Eriania Fortis — disse Blade com um arquejo, sentindo o calor fazer seus batimentos dispararem. — Está me fazendo uma *proposta*?

Ela arqueou uma sobrancelha.

— A oferta expira em três, dois, um…

Blade a colocou sobre o ombro antes que ela pudesse dizer mais alguma coisa, e em troca recebeu sua risada, formando um rastro sonoro até os aposentos dele.

Mais tarde naquela manhã, deitado em silêncio ao lado de Rebecka na cama, Blade ponderou por que ainda estava tão ressabiado com o fato de seu pai tê-lo defendido. Para ele ter se virado contra Benedict, devia ter sido algo sério.

Tão sério que Blade sabia que Lyssa tinha razão.

As coisas estavam longe do fim. Aquilo era só o começo.

CAPÍTULO 59
Tatianna

Tatianna preferia manter a família separada de seu trabalho. O que era inconveniente, porque Trystan parecia determinado a unir essas duas esferas de seu mundo.

— O que foi que meu pai falou quando você pediu isso pra ele? — perguntou Tatianna quando os cavalos se aproximaram do porto na costa de Rennedawn. O Mar Lilás estava surgindo à vista… assim como o navio cor-de-rosa grande que seu pai pintara em homenagem a ela.

O Capitão Jones era vergonhoso. E ela o amava por isso.

— O Jones Água-Viva foi perfeitamente adepto à empreitada. Até convenceu a Amara a mudar o plano do sepultamento. Vamos jantar a bordo do navio para fazer uma pequena celebração da vida, depois atracamos na aldeia. — Trystan guiou o cavalo a um galope para alcançar Evie, como se não suportasse os poucos centímetros de distância entre eles.

— Depois, nós o sepultamos — murmurou Clare, e Tatianna quis poder pegar para si um pouco da dor dela para que o fardo não fosse tão grande.

— É aí que vamos desenterrar os cacos de vidro — acrescentou Evie suavemente. O contraste entre sua delicadeza e a névoa sombria que a cercava era mesmo peculiar. Luz e sombra, cor vibrante e cinza-escuro.

Era uma representação que combinava bem com a própria mulher.

— Vamos discutir a estratégia no navio — assegurou Trystan, olhando para Evie, que continuava virada para a frente. — Tudo bem aí, Sage?

— Eu… Sim. Claro — disse Evie com um sorrisinho engraçado.

Trystan ficou com cara de quem acreditou na resposta dela tanto quanto acreditava no fato de os unicórnios terem sangue rosa-choque.

Eles se aproximaram da lateral do navio sem incidentes, pois o porto ficava

quase vazio naquela hora do dia. Alexander, que estivera calado, escolheu aquele momento para comentar:

— É sempre tão morto assim?

Que péssima escolha de palavras, pensou Tatianna, fazendo careta.

— Poucos navios atracam aqui por causa das rochas — explicou ela para Alexander, entendida do transporte marítimo por causa da quantidade de viagens que fizera com o pai quando criança. — Era nossa melhor aposta para subirmos a bordo despercebidos.

— Despercebidos na medida do possível para o nosso grupo, né — acrescentou Clare, lançando a Tatianna um olhar misterioso, depois assentindo de leve na direção de Evie e Trystan e arqueando as sobrancelhas.

Tatianna riu, e quando olhou para a frente de novo, eles haviam chegado a uma rampa cor-de-rosa vibrante esgueirada pela lateral da embarcação. Os murmúrios que vinham de cima, da tripulação do pai, eram familiares e reconfortantes; e o cheiro de sal do Mar Lilás trouxe à tona lembranças preciosas da infância.

— O que vamos fazer com os cavalos? — indagou Evie, dando batidinhas no focinho do animal em que estava montada, balançando o pé para descer.

— Transformar eles em sapos? — murmurou Alexander.

Todos o encararam.

— O que foi? Eu posso fazer piada — disse, desmontando. Suas frases estavam ficando maiores.

— Podemos levá-los com a gente. Meu pai tem acomodações para animais — relembrou Tatianna, deixando a risada invadir sua voz. — Vamos?

Ela foi primeiro, ansiosa para ver o pai, apesar dos protestos. O grupo foi atrás, levando os animais em seu encalço. O impacto dos cascos na madeira alertava a tripulação da chegada deles.

Contudo, assim que Tatianna botou o pé no navio do pai, encontrou uma recepção horrível.

Porque, no lugar de seu pai, estavam o rei Benedict e a Guarda Valente.

CAPÍTULO 60

Trystan

A rampa foi erguida antes que eles pudessem recuar.

Não fazia mal; Trystan *não queria* recuar.

Ele queria assassinar.

Desembainhando a espada, partiu para cima de Benedict, meneando a lâmina na direção do desgraçado. Benedict nem se mexeu e apenas observou com uma satisfação que não era comum de ser encontrada em um homem prestes a ser cortado ao meio.

A espada baixou, mas foi repelida de Benedict tão depressa e de maneira tão abrupta que Trystan saiu voando, batendo no mastro principal do navio e caindo com tudo. A dor se espalhou por suas costas.

— Ei! — Ele ouviu Sage gritar em seu estado de desorientação. Enquanto tentava se recompor, ele a viu indo à frente, com as saias esvoaçando para trás, a cor em contraste com a magia que agora vazava de seus dedos. Sage manteve os olhos fechados ao soltar um grito de guerra. O poder perseguiu Benedict e a Guarda Valente, mas o rei continuou parado.

Sem nem estremecer.

Algo estava errado.

— Sage, espera! — gritou Trystan, tarde demais.

A magia, assim como a espada dele, foi repelida de Benedict e a atingiu com tamanha força que ela arquejou com o impacto brutal. Desabando no chão, Sage se engasgou ao tentar recuperar o fôlego.

Trystan ignorou a dor em seus membros e mal a registrou enquanto ia até Sage. Ele se lançou em meio à magia e a pegou no colo para tirá-la dali de perto.

— O que está acontecendo? — grunhiu Trystan, abraçando-a firme.

Praticamente desafiando os soldados a se aproximarem. Ele acabaria com cada um deles.

— Papai? — O sussurro de confusão de Tatianna ecoou pelo navio quando o Capitão Jones se revelou. — O que o senhor fez?

— Não é o que você está pensando, Tatianna — começou, olhando feio para Benedict e gesticulando para eles irem ao seu lado.

Clare foi a primeira a ir, depois Alexander e Tatianna. Evie e Trystan foram em seguida, a uma certa distância, desconfiados do homem em quem achavam que podiam confiar.

— Quando você mandou o recado dizendo que ajudaria a nos transportar… — disse Trystan, esperando Jones Água-Viva confessar sua traição.

— Surgiu uma condição de última hora vinda de um… parente. — O Capitão Jones soava arrependido, fazendo careta ao admitir. Não estava feliz com a situação, assim como eles também não estavam; e isso ficou claro quando ele olhou para a filha com um orgulho protetor e muita, muita culpa. — Tatianna, acredite em mim, eu não queria fazer isso. Não tive escolha.

— Ele ameaçou sua vida? — Tatianna estava magoada, com a boca franzida e as sobrancelhas escuras unidas em uma carranca paralisada.

— Ameaçou *a sua*. — O Capitão Jones chegou mais perto, mas parou quando Benedict começou a bater palmas.

— Que comovente. — Ele sorriu. — Sinceramente, é uma honra testemunhar esta ocasião.

— Eu vou matá-lo — murmurou Trystan.

— Mal posso esperar — balbuciou Sage em resposta, segurando o braço dele enquanto ele segurava o dela, ajudando os dois a ficarem de pé. — O que está fazendo aqui, Benedict? Baixou tanto o nível a ponto de entrar de penetra em velórios?

— Não há necessidade de entrar de penetra quando se recebe um convite direto da esposa do falecido. — Benedict gesticulou um braço, e de trás dos corpos da tripulação saiu Amara Maverine, com o coque firme e os ângulos de seu rosto adorável ainda mais severos pelo vazio de seus olhos.

— Olá, Trystan.

— Eu deveria ter imaginado que você estaria metida nisso — acusou Clare, atravessando a tripulação até ficar cara a cara com a mãe, e Trystan se mexeu também, para o caso de a irmã precisar de ajuda para estrangular a mulher. — Como estava no testamento do nosso pai, *nós* é que devemos organizar seu sepultamento. Se interferir, estará infringindo a lei.

Amara não sorriu nem franziu o cenho. Encarou a única filha como se fosse um inseto na sola do sapato, com a inconveniência de se dirigir a ela provocando um revirar de olhos.

— Clarissa, estou cansada demais para discutir com você. Tive que viajar por um dia inteiro neste navio horrendo. Agora, se puder se acalmar, vai perceber que esta foi a melhor coisa que poderia ter lhe acontecido.

— Impossível. — Clare desdenhou. — Você ainda está parada aí, respirando.

O primeiro sinal de emoção lampejou nos olhos escuros de Amara.

— Por que não explica, Capitão Jones? Já que meus filhos parecem estar determinados a serem obtusos.

— Permita-me! — Benedict deu um passo à frente, fazendo seu manto de pele esvoaçar às costas. A coroa de ouro sobre sua cabeça cintilava à luz do sol. — Fiz um acordo com o Capitão Jones. Permitir que eu participasse da celebração funerária a bordo, ou do contrário eu esperaria a chegada de vocês nas docas com um arsenal atrás de mim, e não me acanharia para usá-lo.

O Capitão Jones soltou um suspiro arrasado, enfraquecendo a confiança inabalável no homem, mas Trystan sentiu sua raiva na expressão que seu rosto assumiu.

— Eles concordaram com uma trégua temporária se eu os deixasse subir a bordo para o jantar de celebração da vida. Pensei que seria mais seguro do que permitir que vocês se deparassem com uma emboscada no porto.

Tatianna bufou e esfregou os olhos.

— Sinto muito que tenham te arrastado para isso.

— Como? — A voz rouca intercedeu, e todos os olhos se voltaram ao homem que estava de pé, posturado, com os ombros para trás e um ar principesco de realeza em sua pose. A cada dia que passava, Alexander se assemelhava mais a seu retrato. O cabelo estava domado, e as roupas eram simples, mas limpas. A coroa de ouro não era mais um adorno no topo de sua cabeça, e sim um anel em seu dedo. O propósito original antes de sua maldição. — Como é que você sabe que eles respeitarão a trégua?

— Ora, se não é o príncipe Alexander! — exclamou Benedict. — Minha nossa, como o rapaz está bem. Isso é obra da sua empregada, Amara?

Um lampejo de cinza pálido foi arrastado pela multidão, e uma moça pequena foi jogada no meio do confronto. Winnifred Erodina.

— Aqui está ela. — Amara praticamente desdenhou através do sorriso. — A Winnifred foi quase tão eficiente quanto a mãe é. — Amara parou com um

propósito letal. — Perdão. Como a mãe *foi*.

Os ombros de Winnifred tremiam, mas ela endireitou a postura com uma determinação nos olhos verdes grandes. Baixando o pé, fez menção de se levantar, mas pisou nas saias. Teria caído se Alexander não tivesse aparecido ao seu lado, segurando seu cotovelo com um toque quase inexistente, ajudando-a a recuperar o equilíbrio. Quando ele olhou para os homens que a haviam jogado, estava com um semblante sombrio.

— Estou aos seus serviços. — Winnifred soltou o braço de Alexander e fez uma reverência diante de Benedict. — Vossa Alteza. — Suas palavras saíram diminutas e mirradas, mas os punhos estavam cerrados.

Benedict ergueu o queixo de Winnifred e a encarou.

— Terei isso em mente.

Sage não deixou barato. Trystan sabia que ela não ficaria na dela. Empurrando Winnifred para trás de si, ela protegeu a garota com um olhar em chamas.

— Não concordei com nenhuma trégua. Se encostar nela de novo, eu te esfolo vivo.

Benedict apenas achou graça na ameaça.

— Receio que não seja uma escolha, srta. Sage. Assim que vocês embarcaram, entraram no encantamento. Não haverá possibilidade de violência neste navio, e quem tentar só machucará a si mesmo. Não é mesmo, Lorde Charles?

Um homem à esquerda de Benedict assentiu, o cabelo longo penteado para trás com uma quantidade absurda de óleo capilar. As pontas de seu bigode curvadas para cima.

Ele parecia uma caricatura de anúncio para um ajudante de crime sinistro. E então Trystan percebeu uma coisa.

— Você é um especialista mágico, não é?

Lorde Charles semicerrou os olhos saltados.

— Não sou mais. Meus dias diagnosticando pessoas com seu tipo mágico acabaram. Agora trabalho para o meu rei. Gideon Sage deixou parte de sua magia de bloqueio para trás, e nós conseguimos lançá-la na embarcação, fazendo com que qualquer ato violento se vire contra a pessoa que o fizer. Como o ricochetear de um escudo.

O Ajudante de Crime Sinistro falava demais.

Sage fechou os olhos com força.

— Por quê? Por que você não preferiu só nos esperar para fazer uma

emboscada?

Benedict deu de ombros.

— Porque eu queria ter uma conversa calma, e meu novo chanceler recomendou que esta provavelmente seria a única opção para não terminarmos em um banho de sangue.

— Mas eu amo tanto finais felizes — resmungou Sage, cruzando os braços. O brilho perverso em seus olhos dizia a Trystan que ela estava averiguando a possibilidade de uma briga, com as engrenagens de sua mente já girando. Pensando em todas as formas das quais poderia fazer Benedict pagar.

Trystan não acreditava na balela de existir "tipos" para companheiros. Mas aquele era justamente o tipo dele. Mulher maníaca planejando assassinato.

De tão distraído pelo rubor das bochechas de Evie ao lado dos lábios, ele quase deixou passar a informação escondida na resposta de Benedict.

— Que novo chanceler?

Benedict pareceu feliz ao gesticular com o braço.

— Esta é a parte empolgante. Venha, Chanceler. Estão ansiosos para vê-lo.

Um homem atravessou o aglomerado de corpos e foi parar ao lado de Benedict — um cavaleiro cujo rosto estava coberto por um elmo, mas quando ele o tirou…

As bochechas de Sage foram de vermelhas de raiva a pálidas de espanto e medo.

— Olá, Evangelina. — O homem sorriu.

A voz de Sage vacilou, mas a postura permaneceu firme quando ela disse:

— Olá, papai.

Era Griffin Sage.

CAPÍTULO 61

Gideon

Enquanto isso, na mansão…

Quando Gideon era novinho, o mundo o elogiava por suas semelhanças com o pai. Griffin sempre havia sido bastante admirado na aldeia. Ex-Cavaleiro Valente, açougueiro local, marido e pai devoto.

Gideon costumava se alegrar ao ser comparado com o homem.

Agora, pensar no pai lhe causava mal-estar.

Lendo o bilhete mais uma vez, ele baixou os olhos para os rodopios da letra.

Lyssa abriu as portas do escritório particular que eles haviam recebido permissão para adentrar, com feixes de luz vindo das janelas iluminando seu vestido cheio de movimento.

— Estão todos aqui, Gideon. — Ela colocou o restante dos bilhetes que recebera na mesa de mogno.

O cômodo estava denso com o cheiro de couro velho e pergaminho; Gideon voltou a um lugar onde já tinha estado. Qualquer lugar era melhor do que ler os recados persuasivos deixados para Lyssa libertar Griffin Sage da custódia do Vilão.

Venha depressa, Lyssa! Seu pai precisa de você!

Lyssa, venha ver seu pai. Ele te ama tanto.

Não se esqueça de vir sozinha.

O último era o mais bizarro, o desejo de isolar a menina.

— Você tá bravo comigo? — perguntou Lyssa, cruzando os dedos das mãos à frente do corpo e mordendo o lábio.

— Não — expressou Gideon com veemência. — Estou bravo com a pessoa que escreveu esses bilhetes pra você.

— O Marv? — Lyssa avaliou os papéis ao lado dele.

— Eu achei que sim. Ainda acho que sim. Mas o Marv não vai poder nos contar nada até curarem o envenenamento, e esta escrita… — Gideon empurrou os bilhetes para mais perto dela, junto com um relatório formal escrito por Marvin. — Está vendo aqui? Eu achei que a letra fosse parecida, mas neste relatório, a escrita do Marv é mais rabiscada do que a dos bilhetes.

— Ah. — Lyssa se animou. — Parece isso aqui! — Ela pegou um lenço do bolso e o entregou ao irmão.

Gideon o pegou lentamente, intrigado com o que um pedaço de pano poderia ter a ver com aquilo. No entanto, quando ele colocou o tecido na palma aberta, as costuras delicadas ligadas a pedaços de renda, ele percebeu que havia duas palavras escritas.

Estou aqui.

Em uma letra idêntica à dos bilhetes diante dele.

— Lyssa, onde foi que você conseguiu isso?

— Encontrei. — Ela fez cara de quem estava contemplando. — Por quê?

— Porque eu acho que quem escreveu isso aqui também escreveu os recados pra você.

A irmã olhou desconfiada para ele, colocando as mãos na cintura.

— E você descobriu isso por causa de só duas palavras?

— Olha aqui então. — Gideon gesticulou para alguns floreios específicos, e Lyssa arregalou os olhos.

— Caramba.

Sim. Caramba.

E sabe o que mais?

Fodeu.

Gideon tirou os óculos de leitura e bufou de frustração.

— Não sei como é que vou descobrir quem escreveu isso.

— Alguém que tenha o nome começando com *E*? — supôs Lyssa, e Gideon ergueu a cabeça.

— Por que você acha isso?

Lyssa puxou o lenço para mais perto, e Gideon estreitou os olhos para ele um tanto. Ali estava: havia um pequeno *E* costurado na parte de baixo.

— Quem a gente conhece que tem um nome que começa com *E*?

Keeley abriu as portas, entrando com uma carranca sombria.

— Desisto. Já faz quase que um dia inteiro. Vasculhamos a floresta, mas não deu em nada. A Sina sumiu.

— Acabei de ver ela — falou Lyssa, indo até uma das estantes de livro para ver a coleção.

Keeley se virou para Lyssa com uma lentidão perigosa.

— Lyssa… onde foi que você viu a Sina?

— A Moira — corrigiu ela, indiferente ao tom de Keeley. Aquela menina era muito adaptável. — E ela estava na cozinha com o Edwin.

Gideon se virou para Keeley, que olhou boquiaberta para ele. O semblante dela era ao mesmo tempo cômico e alarmante.

— Capitã? Tá tudo bem?

— Você usa óculos pra ler? — perguntou Keeley, apontando para as lentes como se fossem armas de destruição em massa.

Até que enfim.

Uma descoberta *agradável*.

— Uso. Por quê? Achou que fiquei bonito? — Gideon sorriu.

— Ah, Gideon. — Lyssa sacudiu a cabeça, decepcionada.

— Não — retrucou Keeley.

Com certeza sim. Gideon nunca mais ia tirar os óculos.

— E. — Lyssa arquejou.

A atenção de Gideon na capitã vacilou.

— E…

Lyssa estava alarmada ao gesticular para a porta.

— Edwin.

Gideon tinha razão. A resposta era… caramba.

E sabe o que mais?

Fodeu.

CAPÍTULO 62

Evie

Evie Sage estava prestes a se sentar a uma mesa, bem de frente… para seu pai.

— Que tipo de cruzeiro de tortura é esse, hein? — sibilou ela para Trystan enquanto a mesa comprida era colocada no convés e todos zanzavam procurando seu lugar.

— Quer trocar? — murmurou Trystan.

— Você está do lado de quem?

— Minha mãe.

Evie estremeceu.

— Deixa pra lá. Vou me esconder atrás do centro de mesa.

Havia tipos encantadores de jantares.

E também havia seja lá que tipo de horror fosse aquele.

A tripulação começou a distribuir os utensílios, a servir vinho e até mesmo a oferecer um pouco de manteiga à medida que o grupo ia se acomodando. Como uma família feliz e um tanto descompensada.

Aquilo era tão agradável quanto fazer o inventário mensal. Ou um procedimento dentário de canal.

— Este vinho é divino, Capitão. Seu gosto é impecável — elogiou Benedict com jovialidade enquanto se servia de mais uma taça, como se fossem todos bons conhecidos compartilhando uma refeição, em vez de inimigos implacáveis tentando não cometer assassinato durante os aperitivos. Erguendo o cálice na direção de Evie e Trystan, ele acrescentou: — Vocês dois precisam experimentar.

Evie ergueu a taça e bebeu o líquido de um gole só, depois estendeu o cálice com um sorriso convencido que ela sabia que Benedict e o pai dela iam odiar. Seus lábios repuxaram ainda mais ao pensar nisso, e ela deu a ordem ao rei de

Rennedawn:

— Mais.

Ela não estava olhando para Griffin Sage, mas conseguiu ouvir o rangido de sua cadeira quando ele ficou de pé, conseguiu ouvir seu ultraje quando ele acusou:

— Seja mais respeitosa, sua insolente, sua…

— Não. — Agora Trystan estava de pé também e, quando Evie viu seu rosto, reconheceu o Vilão mais uma vez, e a escuridão da magia sob sua pele comemorou. Ah, não, era *ela mesma*, na verdade. Comemorando bem alto.

Ela fechou a boca para parar de assoviar.

— Posso até não poder te machucar neste exato instante, mas uma hora ou outra você vai sair deste navio. Se continuar falando assim com ela, será um prazer passar o resto dos meus dias te caçando. Sente-se. Agora.

Griffin curvou os lábios ao olhar para Trystan com desdém, mas voltou à cadeira lentamente.

— Você não é mais o Vilão, senhor. Não tenho por que temê-lo. Sua magia se foi.

Trystan deu um gole no vinho também, sem mencionar o fato de que sua magia de Curandeiro Primordial havia retornado. Nem o que esse poder garantia.

Era justo, principalmente porque Evie sabia que ele próprio não fazia ideia do alcance desse poder.

— Magia nunca foi meu método preferido para matar alguém — murmurou ele com uma quietude letal. Em seguida, sem desviar os olhos do pai de Evie, Trystan pegou a garrafa e serviu mais vinho no cálice dela.

Como podiam esperar que ela mantivesse a mente sã naquelas condições?

Tatianna estava do outro lado de Evie, olhando feio para Griffin e tamborilando os dedos nos braços cruzados. Alexander estava ao lado de Tati, ainda como humano, felizmente. Ele se esgueirou para encarar os demais e mexeu a boca para murmurar uma só palavra.

Eca.

Em seguida, fez dois joinhas para baixo. Evie sorriu; Reinaldo não tinha perdido seu talento de dizer muito com uma só palavra. E, de alguma forma, isso ficava ainda mais engraçado com o acréscimo de sua expressão facial, pois a boca dele se curvou para baixo em uma careta.

— Como é bom revê-lo, Alexander. Fazia muito tempo. — Amara arqueou a sobrancelha enquanto passava manteiga no pão.

Clare imitou o movimento.

— Mas também, pudera, mãe; a senhora estava ocupada *demais* transformando ele em sapo.

Amara ficou de pé e sibilou:

— Peça desculpas imediatamente.

Tatianna abriu a boca, mas Clare pegou sua mão, gesticulando para ela parar. O clima estava ficando tão carregado que ninguém tocava a comida que estava sendo servida pela tripulação.

Evie sabia que, mesmo imersa em um caos justificado, ainda podia recorrer às suas habilidades impecáveis. Vilã, realeza ou assistente, não importava.

Ela sempre sabia como deixar uma situação ruim… ainda pior.

Experimentando a salada, mastigou devagar, depois comentou:

— O frango está seco.

Charles a fulminou com os olhos, e seu garfo tilintou no prato quando ele apontou para ela.

— Seus modos são pavorosos, srta. Sage.

Ela se esticou sobre o prato, erguendo um legume com o garfo e girando-o no ar.

— Estes aspargos aqui também são.

Trystan apertou a perna dela debaixo da mesa, mas quando Evie se virou para ele, notou um divertimento impossível reluzindo em seus olhos.

— Chega de coisas desagradáveis — mandou Griffin, sentando-se mais à frente na cadeira.

Evie retrucou sem demora:

— Ah, então o senhor está de saída?

Alexander escondeu uma risada com o punho, e Clare lhe passou um guardanapo, disfarçando seu próprio sorriso.

O pai franziu o cenho.

— Não estou te reconhecendo, Evangelina.

— Geralmente é o que acontece quando se conversa com uma pessoa desconhecida. — Evie deu um gole longo no vinho, deixando o calor se espalhar por sua garganta e descer ao estômago, apaziguando o rebuliço de seu coração por encarar aquele homem de novo.

— Que grupo interessante de pessoas nós temos reunido aqui para celebrar a vida de Arthur Maverine — intercedeu o Capitão Jones da cabeceira da mesa.

Interessante, sim. Como uma alergia sem explicação.

— Tenho certeza de que ele ficaria feliz em ter pelo menos um dos filhos

aqui. — Griffin cortou a carne em seu prato com um amargor na voz.

— Tem dois filhos dele a bordo — corrigiu Clare com firmeza.

Benedict trocou um olhar com Griffin.

— Não, acho que não.

Trystan estremeceu.

— Passe os pãezinhos, Evangelina — mandou Griffin, observando o impacto de suas palavras em Trystan com uma condescendência que provocou uma raiva fervilhante dentro dela. Evie era incapaz de sentir uma raiva frígida: assim como todas as suas emoções, o sentimento ardia forte, com a magia debaixo de sua pele pressionando a superfície sem conseguir escapar e a cicatriz em seu ombro queimando sob o tecido do vestido. O resquício da magia de Trystan, tentando protegê-lo.

Ela não podia usar violência. Isso a deixava com duas escolhas: usar as palavras… ou a criatividade.

Evie pegou um pedaço de pão na cestinha à sua frente… e o atirou na cabeça do pai, acertando sua testa com um baque oco.

A ação estava menos para uma vitória dos pensamentos intrusivos e mais para uma rendição saudável.

Trystan começou a se engasgar com o que quer que tivesse botado na boca, observando Evie da mesma forma que um dia ela vira um pássaro voar com tudo… de encontro a uma árvore.

Por sua vez, Griffin pareceu chocado com o projétil derivado de trigo, e ficou boquiaberto enquanto um engasgo silencioso de raiva pintava seu rosto de vermelho. Tatianna abafou a risada com os dedos, escondendo-se atrás do ombro de Clare, e Trystan havia se recuperado o suficiente para erguer uma das mãos e deter Charles, que parecia prestes a explodir diante da falta de civilidade.

Evie deu mais um gole no vinho, pegou a manteigueira e perguntou, com a voz meiga:

— Quer que eu te passe isso também?

Griffin não mordeu a isca. Em vez disso, recostou-se na cadeira com o mais puro ódio marcado no rosto que ela conhecia desde sempre.

— Preferiria que não.

— E eu preferiria que você não botasse uma bomba no meu local de trabalho depois de tentar me vender como se eu fosse um pedaço de carne. Mas acho que é tolice a minha; afinal de contas, você é açougueiro mesmo — retrucou Evie, sentindo o calor do vinho baixando todas as suas inibições e todo

o medo virando cinzas na boca de seu estômago.

O pôr do sol agora lançava raios de luz na água, e ela percebeu com um pico de alegria que ele criava anéis de arco-íris refletidos em cada onda.

Era um cenário lindo para uma cena tão horrenda.

— Alguém aqui já leu *A perspicaz sociedade do espartilho*? — indagou Trystan, casualmente levando à boca uma garfada do prato principal.

Dessa vez, foi Evie quem se engasgou.

Trystan apenas continuou olhando para a comida em seu prato em uma contemplação descuidada, mas, debaixo da mesa, dedos grandes e quentes envolviam os de Evie, e o brilho da cicatriz formigou em resposta.

— De que se trata? — Tatianna abriu um sorrisinho, atiçada pelo novo tópico.

— Até onde cheguei, a obra explora as dificuldades que uma mulher tem de encontrar harmonia em um mundo injusto comandado por homens enquanto também se apaixona por um deles. É, sem dúvida, um conflito de identidade.

Evie ficou boquiaberta, de tão atônita com a avaliação. Trystan falava do livro como se fosse um aluno defendendo uma teoria para um grupo de acadêmicos. E os olhares vagos ao redor da mesa eram prova de que tinha conseguido.

— E…? — incitou Tatianna, com uma perversidade descarada.

Trystan fez careta.

— Ah, está se referindo às cenas explícitas dos personagens fazendo amor?

— Cenas explícitas do quê? — Griffin parecia prestes a explodir de raiva.

Evie soltou uma risada esganiçada.

— Você disse "fazer amor"?

— O Blade me falou para evitar a palavra "fornicação" em contextos românticos. — Ele olhou para ela com uma preocupação obviamente fingida, explicando com cautela: — Você sabe que é um livro de romance, certo?

— Eu sei que é um livro de romance! — Evie jogou as mãos no ar.

Ao mesmo tempo, Amara bateu as mãos na mesa.

— Chega! Este é um jantar de celebração da vida, e vocês estão fazendo chacota dele!

— E armar para o Arthur ser assassinado não era fazer chacota da vida dele? — Clare arqueou uma sobrancelha, cética.

— Clare! — Tatianna sussurrou o nome dela em um espanto animado. — Arrasou.

Amara fervilhava de ódio. Seus ombros subiam e desciam com suspiros

raivosos.

— Vou me retirar para minha cabine agora. Boa noite.

— Nunca vi tamanha crueldade desnecessária — balbuciou o Lorde Charles, atacando o purê de batata.

— Isso não é verdade — acusou Trystan, depois deu um gole lento na bebida.

Charles ficou pálido, baixando o garfo e a faca delicadamente quando Trystan ficou de pé, dando a volta na mesa para encarar o especialista mágico.

— Não sei do que está falando.

— Ah, convenhamos, Charles. Sei que já faz alguns anos, mas não diga que não se lembra do verão que passamos todos juntos no meu 19º ano de vida.

Evie ficou paralisada, e os pelos de sua nuca se arrepiaram.

O rei Benedict sorriu.

— E eu aqui pensando que você não se lembrava.

— Lembrava do quê? — perguntou Clare, parecendo pronta para derramar tinta laranja sobre a mesa toda.

A tinta que derretia objetos até que virassem um monte de nada.

— Houve uma época em que Charles foi meu especialista mágico. Conte a eles, Charles — encorajou o Vilão. Por fora, parecia ser um convite amigável, mas Evie conhecia aquele homem melhor do que a si mesma, e seus olhos haviam se transformado em lascas rígidas de preto.

Charles engoliu em seco, dando a impressão de estar prestes a devolver o jantar garganta acima.

— Isso foi há muito tempo. Eu estava seguindo ordens do meu rei.

— Ordens para fazer o quê, se puder dividir? — questionou Tatianna, encarando os dois homens, séria.

Trystan agarrou Charles pelo colarinho, ignorando o arquejo do homem, e os Guardas Valentes ficaram a postos diante da ameaça, levando a mão à espada.

Contudo, Charles não relutou contra as mãos de Trystan. Como se soubesse que, seja qual fosse a atitude de Trystan, era merecida.

— Foi o Charles quem me declarou como o Vilão.

CAPÍTULO 63
Reinaldo

Alexander voltou à forma de sapo antes da sobremesa. Por sorte, conseguiu se ausentar depressa para que acontecesse longe de olhares curiosos. E, àquela altura, o jantar já havia se deteriorado de qualquer forma.

E virado uma competição de quem passava mais tempo encarando.

Até então, Alexander achava que Trystan estava ganhando, mas Benedict era um oponente à altura.

— Winnifred? — chamou Benedict, e ela foi toda desengonçada até ele com uma jarra nas mãos. De cabeça baixa, a feiticeira serviu a água, e Alexander sentiu um incômodo inexplicável. Ele sabia como era se sentir pequeno.

Naquele momento mesmo, por exemplo, pois estava usando um prato de assento.

— Acreditem ou não, viemos aqui para negociar — começou Benedict, entrelaçando os dedos das mãos e se sentando mais à frente. — Sei que vocês estão com a âncora e a cópia da Sina do livro da *História de Rennedawn*. Quero as duas coisas. E, em troca, vou lhe dar tudo o que sempre quis.

Alexander pegou a plaquinha que Trystan lhe entregara sorrateiramente quando a transformação aconteceu. Ele rabiscou letras bonitas, depois a levantou.

MORRA

— Muito bem colocado, Reinaldo. — Trystan sorriu e bateu palmas. — Capitão Jones, por acaso há uma prancha a bordo?

O pai de Tatianna estremeceu.

— Sim.

Griffin Sage parecia entediado com a conversa, mas ajudou Benedict como

o bom pau-mandado que havia se tornado.

— Acho que não está entendendo. Trystan, se permitir que a maldição aconteça, você terá Rennedawn nas suas mãos. Isso o tornará herdeiro do rei, e você nunca mais terá outra vida além dessa.

— Eu jamais desejaria uma vida em que Sage e eu estamos em lados opostos.

— Você já está em uma vida assim. — Benedict olhou para Reinaldo, e o tom de ameaça em seus olhos era de dar medo. — Vocês são adversários agora, quer admitam ou não. Mas o reino não vai sobreviver muito mais a este lenga-lenga.

— Por isso vamos realizar a profecia — declarou Trystan.

Benedict bufou.

— Não entende? Você *não tem como*. A profecia já saiu muito dos trilhos quando tentamos alterá-la anos atrás. Tudo para salvar uma menininha que não era digna de tanto esforço.

Trystan o encarou, e seus olhos prometiam violência assim que as circunstâncias permitissem.

Griffin Sage fungou, sem olhar para a filha, como o covarde que era. Mas isso nem chegou a importar, porque naquele momento Winnifred apareceu ao lado do rei Benedict e despejou a jarra de água inteira em seu colo, chamando a atenção de todos.

Benedict ficou de pé, gritando de ultraje.

— Como se atreve, sua bruxa!

— Feiticeira — corrigiu Winnifred baixinho.

— Peça desculpas à Sua Majestade por um acidente tão descuidado — mandou Griffin Sage, mas Winnifred não se acuou nem choramingou. Apenas o fitou com uma expressão vaga.

— Não posso — começou ela. — Porque não estou arrependida. — O rosto dela se alegrou ao acrescentar: — E não foi um acidente — informou, sem nem um pingo de sarcasmo.

Só estava compartilhando a verdade.

Que atípico.

E perigoso.

— Deixe a garota em paz — resmungou Trystan, indo para o outro lado da mesa e se colocando entre Winnifred e os dois homenzarrões que pareciam querer lançá-la ao mar. — Não haverá negociação alguma. Se esta foi sua tentativa ridícula de me tirar do eixo, não deu certo.

Benedict deu de ombros e se afastou até estar ladeado por seus Guardas Valentes.

— Já parou para pensar, Trystan, que não era você quem eu queria tirar do eixo?

Benedict fez menção de se retirar da mesa, passando por todos eles, e no caminho…

Olhou direto para Alexander.

CAPÍTULO 64

Lyssa

Lyssa Sage sempre tinha uma história para contar.

Evie sempre dizia que, depois que Lyssa começou a falar no auge de seus onze meses de idade, nunca mais parou. Tudo era uma aventura, tudo era mais uma maneira de entreter. Ela amava as emoções que uma história despertava nas pessoas. As lágrimas, as gargalhadas, os suspiros apaixonados, o medo.

Quer dizer, o medo ela não amava.

Quando os três entraram na cozinha, Gideon foi se ocupar com o elixir de caldeirão, e Keeley pegou um dos bolinhos cobertos de mel que Edwin estava tirando do forno.

— Cuidado, Capitã Keeley! — alertou Edwin. — Estão quentes.

— Peço desculpas. — Keeley abriu um sorrisinho acanhado. — Você não fazia bolinhos de mel há tanto tempo que me adiantei. — Ela olhou ao redor, nervosa. — Edwin, você por acaso viu a Moira… digo, hum… a Sina?

Edwin apontou para a porta.

— Saiu apressada. Disse que precisava resolver uma coisa. Aposto que volta já, já.

Keeley não pareceu acreditar nele, mas assentiu e voltou sua atenção a alguém que vinha chegando.

De cabeça baixa, Joseph, o Acadêmico, entrou no cômodo vindo do corredor, e Edwin começou a mexer nos óculos, nervoso.

— Eu ouvi direito? Você fez bolinhos de mel? Os meus favoritos. — Joseph sorriu com carinho, e Lyssa notou as bochechas de Edwin indo do azul usual a índigo. — Fez para mim?

— É só que eu tinha os ingredientes. — Edwin largou a frigideira no fogão e voltou a se concentrar em mexer o elixir de caldeirão. — Precisa de mais

alguma coisa, Joseph? As crianças querem falar comigo.

— Crianças? Sou a capitã da guarda do Vilão! — protestou Keeley.

— E eu sou adulto… tecnicamente — acrescentou Gideon.

— Não quero envelhecer nunca. Todo mundo age de um jeito tão esquisito — declarou Lyssa.

A srta. Erring e Blade entraram em sequência, com os filhotes de guvre no colo.

— O que houve com o seu cabelo, Gushiken? — perguntou Gideon, arqueando as sobrancelhas.

— Tirei um cochilo… pesado. — Blade deu um pigarro, e a srta. Erring se virou bem lentamente para olhar para ele.

— Tá vendo? Isso é esquisito. — Lyssa se sentia validada. — Edwin, você já tinha visto esse lenço aqui?

Edwin pegou o tecido na sua mão grande e o encarou com atenção.

— Não, mal cobre meu polegar, na verdade. — Ele riu, e Lyssa se deu conta do quanto aquilo era ridículo. Como se aquele trapinho de nada pudesse mesmo ser útil para um ogro, exceto quem sabe para fazer de cobertor para um camundongo de estimação.

— O que te fez pensar que era meu? — indagou Edwin.

— Tem um *E* na parte de baixo — murmurou Gideon, derrotado, fazendo careta ao bebericar o elixir de caldeirão.

Joseph apareceu ao ombro de Edwin, e o chef enrijeceu, prendendo a respiração quando o outro ogro chegou mais perto.

— Eu reconheço isso.

— Reconhece? — Lyssa o fitou.

— Esta renda só é usada para capas de encantamento — explicou Joseph. — Posso? — perguntou ele com delicadeza, e o ogro entregou o tecido. Os dedos se tocaram, e ambos sorriram nervosos.

— Para de olhar — sibilou Keeley para Gideon.

— Que foi? — chiou Gideon de volta. — Sou romântico. Pode me levar algemado, Capitã.

Enquanto os adultos discutiam, Lyssa voltou ao trabalho.

— O que é uma capa de encantamento?

— Toda linhagem de feiticeiras tem uma capa que é repassada na família — explicou Joseph, analisando a peça com um interesse absoluto. — Vez ou outra, elas pegam pedaços do tecido e usam como cobertores para bebês ou…

— Lenços de bolso — concluiu Lyssa.

— Exato. — Joseph sorriu para ela. — Em Rennedawn, há apenas dez linhagens de feiticeiras. É o único tipo de magia que é passado de uma geração a outra, em vez de despertar ao longo da vida.

— A família Fortis tem algo parecido — comentou a srta. Erring. — Mas é de seda.

Os olhos dele se alegraram.

— Não havia me dado conta de que tínhamos alguém da família Fortis aqui. É um prazer conhecê-la. Passei muitos anos estudando sua família.

— Estupendo. Diria que já está mais perto de diagnosticá-la? — respondeu a srta. Erring, seca.

Joseph riu, apontando para ela.

— Você é igualzinha à sua avó.

— Obrigada. — A srta. Erring relaxou. — Você a conhece?

— Nossos caminhos se cruzaram algumas vezes. Ela sempre foi uma ótima parceira de dança em festas. — O ogro sorriu de lado para Edwin. — Assim como o Edwin.

— Ah, é? — Keeley sorriu para si mesma, e Lyssa mordeu a língua, derretendo-se.

A risada de Edwin saiu sufocada.

— Não, você está sendo gentil. Eu pisava no seu pé.

Joseph fitou o rosto de Edwin cheio de carinho.

— Nunca percebi.

Blade sussurrou para Gideon, em tom brincalhão:

— Melhor irmos embora?

Keeley, a srta. Erring e Lyssa chiaram para eles se calarem tão depressa que os rapazes saíram de perto delas.

Lyssa descobriu que gostava de ter esse efeito sobre as pessoas.

— Então o *E* significa…

— Erodina. — Joseph saiu do torpor que o fizera encarar o rosto de Edwin com admiração. — Provavelmente se trata da linhagem Erodina.

— É da Winnifred? — indagou a srta. Erring. — Mas ela só apareceu alguns dias atrás. E o Marv foi preso pouco tempo depois. Não pode ter sido ela que escreveu aqueles bilhetes para a Lyssa.

— Então foi alguém para quem ela deu o lenço.

A srta. Erring teve um sobressalto e arregalou os olhos.

— Bladen, me arrume um corvo, por favor. Preciso escrever para o Roland.

Tive uma ideia. — Blade já estava de saída antes mesmo que ela terminasse de falar.

— Podemos mandar um pra Evie também. Se ela acabar encontrando a Winnifred na aldeia do Maverine, pode conseguir descobrir quem foi a última pessoa que esteve com o lenço dela — sugeriu Gideon, e Edwin sacudiu a cabeça.

— Se ainda estiverem no navio, vai ser mais difícil de alcançá-los. É melhor esperar até de manhã e mandar direto para a aldeia.

Todos concordaram com Edwin em silêncio, incluindo Lyssa. Ela perambulou até a janela onde a srta. Erring estava observando Cassandra e Clarke subirem um em cima do outro para chegarem mais perto para receberem carinho.

— Eles são tão fofinhos.

— São umas pragas, isso sim — respondeu a srta. Erring com carinho, erguendo os animaizinhos nos braços. — Mas acho que não são tão ruins assim.

Lyssa sorriu, mas logo ficou encafifada por se sentir inquieta. Levou um instante para perceber que era porque o cômodo não estava mais ensolarado. E então, algo se mexeu atrás do vitral da janela.

Um olho gigante.

— Srta. Erring! Sai daí! — gritou Lyssa, jogando as mãos brilhantes no ar.

E, antes que qualquer um deles pudesse alcançar a porta, o cômodo foi engolido pelo veneno fatal de guvre.

CAPÍTULO 65

Evie

Evie estava apoiada no guarda-corpo do navio, olhando para a água, quando seu pai a encontrou.

— Lembro o quanto você amava olhar as estrelas. — A voz dele saiu discordante, castigando a alma dela. Era um som que causava conforto, mas também muita dor.

— Não vou ficar relembrando momentos com você, papai. — Ela não olhou para ele, só manteve o olhar à frente, com os braços expostos ficando gelados pelo vento que batia nas velas.

Ele bufou.

— Fiquei sabendo que sua mãe foi embora de novo. Imagino que tenha sido muito doloroso para você.

Ela não conseguiu se controlar. Encarando-o, Evie falou:

— Não. Eu estava bem preparada para ser abandonada de novo. Já me acostumei, aprendi com o senhor.

Por um breve instante, o arrependimento tomou o rosto do pai. No entanto, logo depois seu semblante se tornou calculado.

— Você deve pensar que Trystan Maverine não faria isso.

— Sei que não. — Ela se afastou do guarda-corpo com um impulso e passou reto pelo pai com a cabeça erguida.

— Mas faria, sim. Ele *vai* fazer isso. — Foi a certeza no tom dele que abriu espaço para a dúvida, e Evie parou. — Não está vendo o rastro de dano que você deixa? Para onde quer que vá, a destruição a seguirá, e ele vai passar a odiá-la. Porque, como herdeiro do trono de Rennedawn, foi justamente isso que ele nasceu para fazer. Você não pode resistir ao que é inevitável.

Ela se virou e sorriu.

— Então entenda o seguinte: você não é nada. Pode me chamar de ruína do reino se quiser. Tudo o que você vai ser é o lacaio de um rei corrupto. Eu sinto pena de você.

Levando a mão ao peito, ela começou a se retirar para sua cabine, mas o Capitão Jones apareceu diante dela, entregando um frasco e dois cobertores grossos.

— O que é isso?

— O auxílio de descanso do Jones Água-Viva. — Ele deu uma piscadela para ela e um beijo amigável na bochecha. — Sinto muito por tudo isso. De verdade.

Evie deu tapinhas na mão dele, e ficou se perguntando se o capitão sabia como fazia diferença pra ela ver um pai se desculpando. De maneira sincera e tudo.

— Você fez a coisa certa, e fico feliz por isso. Qual cabine devo pegar?

— No fim do corredor, o mais longe possível de onde a Guarda Valente vai ficar.

Ela desceu a escada, tentando ignorar o assovio de um dos Guardas Valentes ao se aproximar da porta. Nada de violência.

— Ai! Seu infeliz!

Isso não detivera Trystan.

— Ah, desculpa. Minha perna escorregou.

Evie não se virou, só sentiu o peito dele em suas costas e escutou um murmúrio baixo dizendo:

— Vai.

Ela abriu a porta e ele entrou atrás dela, fechou e a segurou antes que ela desabasse.

— Falei com o meu pai. Detestei. — Ela soava diminuta e incerta. Sua força não funcionava com o pai.

Ela foi até um leito pequeno no canto, onde largou os cobertores de Jones e o "auxílio de descanso".

— Quer que eu mate ele por você? — perguntou Trystan com a voz branda ao segui-la, analisando Evie com os olhos escuros, sem dúvida em busca de estragos.

— Não. — Evie se sentia assombrada por todas as coisas que jamais seria. — Quero que ele esteja vivo e bem quando perder. Quero que tenha que testemunhar o próprio fracasso.

Os lábios de Trystan se curvaram, com seu belo rosto oculto nas sombras

formadas pela luz das velas.

— Você tem um dom para a malícia.

— Ou só um dom para a maldade.

— Eu diria que dá na mesma. — Trystan deu de ombros, e seu sorriso vacilou quando notou uma lágrima escorrendo pela bochecha de Evie. Droga. — Ei. — Ele a virou para si delicadamente, o que fez as lágrimas caírem mais rápido e deixarem rastros quentes e furiosos no rosto dela. — O que foi?

— É só que as coisas parecem terríveis demais para serem reais. Eu posso te amar, e você pode me amar também, e ainda assim tenho a sensação de que vai acabar muito mal. Sei que tudo que sai da boca do meu pai é calculado, uma tentativa de causar danos, mas não significa que não seja verdade.

Trystan segurou a nuca de Evie, guiando-a devagar até a mesa colada na parede.

— Não é verdade. O que foi que ele te disse?

Ela deu um sorriso triste.

— Ah, o de sempre. Que estamos fadados a virar inimigos. Que quaisquer esforços para evitar isso serão em vão. Que vou deixar um rastro de destruição por onde passar até um dia você se cansar e me abandonar, assim como todo mundo.

Trystan a soltou, o rosto contorcido de raiva ao seguir para a portinhola, olhando para as ondas rebeldes.

— Mal posso esperar pra sair desta merda de navio.

— Pra me abandonar? — brincou ela, rindo ao dizer as palavras como forma de sua mente testar as águas. Seu coração repelia a ideia, mas não tanto quanto Trystan, que se virou tão depressa e com tamanha fúria que ela cambaleou para trás.

— Você pensa isso mesmo? — Ele chegou mais perto, e seu rosto escureceu a cada passo. Não pela primeira vez, Evie sentiu uma emoção que lembrava um mal-estar. Do tipo que toma conta quando se está enfrentando um adversário. — Que estamos nos encaminhando para um final em que… eu te abandono?

— Foi só brincadeira. — Ela riu de nervoso, brincando com as pontas dos cachos.

— Não, não foi. — Ele a encarou bem no fundo dos olhos, como se a alma de Evie estivesse desnuda diante dele e não houvesse nem um cantinho que ele não pudesse ver. Ela não suportou mais e baixou o rosto para as tábuas rosa-claro do piso. — Olhe para mim — mandou ele.

— Não.

— Olhe para mim. — Ele estava irritado, mas sua voz era suave. Ela já vira a raiva volátil dele, e aquele não era o caso. Era uma raiva silenciosa. — Evangelina.

— O quê? — Ela pousou os olhos no rosto dele e jogou as mãos no ar. — O quê? Quer que eu diga que estou com medo? Então, tá: eu tô com medo! Estou tentando ser uma nova versão de mim mesma, e não sei como. Tenho magia sombria e um destino do qual nunca soube, mas ainda sou quem sempre fui! Não sei como conciliar essas duas versões, e não consigo entender como um homem com quem tive que batalhar para que demonstrasse os próprios sentimentos ainda não desistiu de mim.

Ele sorriu, e foi assustador.

— Você está com medo porque sabe da verdade.

Evie engoliu em seco, um som singelo vindo do fundo de sua garganta quando ele agarrou as bochechas dela e a puxou para mais perto da boca, pairando bem acima de seus lábios.

— Que… que verdade? — sussurrou ela.

— Você sabe — respondeu ele com a voz rouca. — Diga.

A ordem foi resoluta e calma, firmando-a no lugar.

— Que não importa o que eu faça, não importa aonde eu vá, qual ato horrendo eu cometa ou qual dor eu transforme em piada, você nunca vai se importar se eu for a pior pessoa do mundo. — Evie sentiu uma pontada no coração quando os olhos escuros de Trystan invadiram os dela. — Você não vai me abandonar.

A compreensão daquilo se assentou, e Evie se permitiu acreditar, ignorando as barreiras que erguera para se proteger, para proteger seu coração. Era inútil mesmo; Trystan já estava ali, aninhando-o em suas mãos.

Só que então ele a soltou, e a chama no sangue dela se desfez em confusão.

— Você acabou de dizer que… Pra onde está indo? Nós não vamos…?

Ele deu um sorriso torto e pegou um dos cobertores que ela havia colocado na cama.

— Não vamos o quê?

O rosto dela queimou, e sua pele formigou de vergonha.

— Jogar… damas?

— Não acho que, em sã consciência, eu consiga sucumbir ao meu extremo desejo de — ele parou, pensativo, e aquele semblante pueril e brincalhão em seu rosto fez Evie se sentir mais leve — jogar *damas*. — Trystan foi até a porta

com uma compostura que a irritou.

Principalmente porque ela estava se desfazendo feito um laço de fita mal amarrado.

— Tem Guardas Valentes por todo o navio — continuou Trystan —, e as portas dessas cabines não trancam. Quero continuar de sentinela lá fora, caso algum deles se esqueça de que não deve haver violência a bordo.

— Você pode me proteger daqui de dentro — protestou ela.

O olhar de Trystan foi uma carícia que tocou Evie das pernas ao peito, até parar em seu rosto.

— Se eu continuar aqui, não vai ser para ficar de guarda para você.

Ele não precisava dizer o que estaria fazendo; ela conseguia ver no calor de sua mirada.

— Me encontre no convés do navio logo antes de o sol nascer — pediu Trystan, abrindo a porta e saindo para o corredor.

Evie franziu o cenho.

— Por quê?

— Precisamos bolar uma estratégia para chegar ao Jardim de Rennedawn antes dos outros.

Ele não disse mais nada, apenas fechou a porta sem fazer barulho, e Evie sabia que conseguiria se acalmar, com a certeza de que ele estava do outro lado, de sentinela. O vento assoviou pela portinhola, e Evie sentiu uma fagulha.

O início de uma péssima ideia.

CAPÍTULO 66
Becky

Quando Becky abriu os olhos, uma luz forte brilhava sobre ela. Será que havia morrido… de novo?

Não, era para haver paz na morte, e ela estava irritadiça demais.

— Lyssa, eu sei que deveria te incentivar a brilhar, mas será que dá para não fazer isso direto nas minhas córneas? — Becky semicerrou os olhos para enxergar além da menina lançando sua luz estelar sobre eles. A cozinha não estava destruída.

Estava… mudada.

As paredes, antes precárias e gastas, agora estavam vibrantes e claras, a pedra transformada em um tom quente de marrom, com pedaços de videiras crescendo pela superfície e flores brotando por onde passavam.

Até mesmo o vitral da janela estava diferente; tudo estava mais iluminado. Tudo e, pelo visto, todos.

Lyssa diminuiu um pouco a intensidade da luz, encarando o cômodo admirada.

— Fui… fui eu que fiz isso?

A batida das asas dos guvres zanzando do lado de fora da janela indicava que eles estavam recuando. Tinha sido tolice achar que os animais causariam algum mal quando seus filhotes estavam lá dentro. Mas ninguém poderia ter previsto a reforma completa.

— O que aconteceu? — Blade voltou correndo para a cozinha com o suor brilhando na testa. Foi imediatamente até Becky e a abraçou. — Eu vi eles voando para cima e pensei que… Deuses, será que é assim que o chefe se sente o tempo todo? Não é de se espantar que ele seja tão tenso. Quero te embrulhar em almofadas grossas. — Blade parou a gracinha quando reparou no resto do

cômodo.

Gideon ajudou Keeley a se levantar. Provavelmente tinha segurado a capitã quando Lyssa gritou.

— Era para o veneno ter matado a gente.

— Ah, mas é aí que vocês se enganam, crianças. — Moira (ou melhor, a Sina), apareceu à porta com os olhos enrugados de tão encantada com a travessura. — Com as pessoas certas, destruição pode se tornar criação.

Keeley lançou os braços no ar.

— Você passou esse tempo todo escondida aqui na mansão?

Moira deu de ombros, indiferente aos semblantes perturbados que olhavam feio para ela.

— Antigamente eu morava aqui. Acham que não conheço cada canto para passar despercebida?

Lyssa fitou a mulher, e Rebecka chegou mais perto, assumindo uma abordagem de proteção contra qualquer ameaça possível.

— Os guvres e eu… fizemos a cozinha ficar… — Lyssa perdeu o fio da meada, sem conseguir encontrar a palavra certa. O que, na opinião de Rebecka, deveria alarmar todo mundo.

A Sina foi até Lyssa e se agachou para ficar cara a cara com ela. Seus olhos reluziam.

— Mágica. Sua luz estelar e os guvres restauraram a vida deste lugar.

Rebecka se aproximou ainda mais, percebendo que a mesa, que antes era de um marrom sem graça, estava com um tom turquesa; os pés do móvel agora eram curvos e tinham florezinhas amarelas.

— Então era assim que a cozinha deveria ser?

A Sina sorriu.

— É assim que a mansão toda deveria ser. A magia decadente não é novidade. O mundo tem perdido a cor desde sua criação.

Blade deu um pigarro.

— E como a recuperamos?

A Sina pegou um belo pincel com cabo de carvalho branco e cerdas em um tom clarinho de cor-de-rosa.

— Pintamos de novo.

— Se precisamos pintar o reino de Rennedawn inteiro, vou ter que recomendar um pincel maior, Moira. — Keeley encarou o objeto. — A menos que… Espera, ele é encantado?

A Sina riu.

— Nem um pouco. Comprei de segunda mão em uma feira de artesanatos.

Becky riu e botou as mãos na cintura, ainda admirando a cozinha.

Assim como Edwin, cujos olhos marejavam ao ver os detalhes belíssimos que apareceram em seu fogão, o brilho intenso e alegre que vinha das panelas e frigideiras sobre ele.

— É tão lindo.

Clarke e Cassandra saíram dos armários onde tinham se escondido e saltitaram para lá e para cá como se a cozinha fosse um parquinho. Os animais estavam tão entrosados que mergulharam no ar em sintonia; as asinhas os carregaram com tufinhos de névoa roxa cintilante.

Lyssa ergueu as mãos, tocando o veneno com sua luz branca prateada. A mistura reluziu, respingando explosões de cores brilhantes sobre todos eles.

Rebecka estremeceu, sentindo algo atingi-la, mas o impacto não causou dor. Era como se fosse um brilho cálido, e quando ela olhou para baixo, viu que seu vestido marrom agora florescia em fúcsia e verde. Os mocassins práticos haviam sido substituídos por margaridas costuradas uma na outra, e agora ela não fazia ideia de como sapatos como aqueles conseguiam, ao mesmo tempo, ser confortáveis *e* ter uma estrutura robusta.

— Isso foi incrível! — Lyssa assistiu, maravilhada, a todos ali presentes recebendo uma dose de cor: as vestes simples de Gideon foram substituídas por uma camisa azul, e as peças de couro vermelhas de Keeley desapareceram debaixo de um material marfim mais macio, com bordas douradas cintilantes. E o vestido de Lyssa deu lugar a outro, o novo com uma saia grande de tule, iridescente e coberta de borboletas.

E Blade… estava igual a como sempre se vestia.

Quando ele percebeu que Becky estava reparando nesse fato, deu um sorriso cúmplice a ela, gesticulando para seu colete irritantemente colorido.

— Receio que não seja possível consertar a perfeição.

Ela revirou os olhos, mas sorriu, vacilando quando se lembrou.

— Você conseguiu mandar um corvo para o Roland e o Marv responderem?

Blade passou a mão no cabelo.

— Bem a tempo de ver os guvres vindo para a cozinha. — Clarke foi até ele e mordiscou os tornozelos do homem. — Encontrou um lanchinho, foi? — Blade o pegou no colo com um sorriso estampado no rosto.

— Por que é tão importante que eles respondam, Rebecka? — Joseph olhava com uma curiosidade profunda no semblante; o que fez Becky perceber que a mente dele nunca parava de fazer perguntas. Ele queria buscar respostas

para tudo que conhecia. Um dia, Rebecka também tinha sido assim.

Ela não sabia ao certo quando isso havia mudado.

— Pensei que, se o Marv ainda não conseguir responder às nossas perguntas sobre o traidor sem que o veneno o mate, talvez possa nos dizer o que sabe do lenço de bolso.

Joseph ficou em silêncio por um momento, depois falou:

— Acredito que, com o veneno dos guvres e a luz estelar da Lyssa, vocês consigam fazer mais do que apenas curar a magia da mansão.

O coração de Becky acelerou, tomado por um único sentimento: aquele que indicava que a vida estava prestes a mudar de eixo mais uma vez.

— Como sabe disso? — perguntou com cautela.

Joseph endireitou a postura e abriu um sorriso maravilhoso. De um tremendo alívio.

— Porque, quando entrei neste cômodo, eu estava sofrendo da Doença Mística — declarou Joseph, e a boca de Edwin se abriu ao mesmo tempo que seus olhos se arregalaram.

Joseph avaliou o próprio corpo, reparando nos robes coloridos que haviam assumido o lugar de sua capa de antes, com um floreio nas mangas que lembravam Rebecka de um dos vestidos antigos da mãe.

Mas ela se esqueceu de tudo isso quando Joseph ergueu a cabeça e falou, com uma incredulidade alegre:

— E acho que fui curado.

CAPÍTULO 67

Trystan

A névoa que precedia o amanhecer se espalhou pela água, e a silhueta da aldeia surgiu ao longe. Trystan tinha pegado no sono do lado de fora da porta de Sage com a mão no cabo da espada e acordou se lembrando de que ela havia dormido do outro lado.

Geralmente eu durmo nua. Caso estivesse se perguntando isso, dissera ela quando eles dois estavam trancados na casa do Lorde Fowler.

Que péssimo momento para se lembrar daquela gracinha. Agora a rigidez das costas nem se comparava à rigidez de… outras partes.

— Bom dia — disse Sage, animada, do lado dele, ainda prendendo a blusa.

É bom que os Guardas Valentes estejam todos desmaiados, pensou ele, sombrio. Do contrário, ele próprio cuidaria disso.

Sage ajustou a última tira do cinto grosso cingido à cintura, depois se inclinou para amarrar as botas, revelando pedaços da pele adorável nas clavículas. Seus cachos estavam úmidos.

Será que havia tomado banho?

Da última vez que ela fizera isso, Trystan por pouco não tinha causado uma concussão em si mesmo.

— Tudo bem? — perguntou ela e inclinou a cabeça, fazendo a manga da blusa escorregar em provocação a Trystan.

Ele deu um pigarro.

— Estou distraído. Há grandes chances de que, quando atracarmos, o Benedict esteja pronto para nos tomar em custódia com mais Guardas Valentes. Precisamos sair do navio antes disso.

Sage olhou para o lado do navio com um olhar consternado.

— Tipo sair dando cambalhotas?

— Algo do gênero.

— Bom dia — cantarolou Clare. O cabelo escuro e curto estava preso para trás com diversos grampos cor-de-rosa, e seu vestido era esvoaçante, feito de um tecido verde que, adornado de joias, a fazia cintilar. — Pensei em usar a cor favorita do nosso pai hoje.

As roupas do próprio Trystan não eram tão sentimentais assim. Ele estava vestindo preto da cabeça aos pés — era o que sempre usava —, mas carregava no bolso o lenço amarelo que Sage lhe dera para representar seu pai e o amor que ele salvara. Era o máximo de sentimentalismo que Trystan tinha a oferecer.

— Por que acordou tão cedo? — indagou Trystan, procurando Alexander pela embarcação.

— Preciso falar com o pai da Tatianna. — Clare pronunciou as palavras depressa, quebrando o foco de Trystan.

— Sobre alguma questão em particular? — indagou Sage com um sorrisinho.

— Não, senhora. — Clare estava mentindo, mas Trystan não sabia por que Sage via graça nisso. Ela sorria feito um gato que havia acabado de engolir o peixinho da família.

— Tem certeza? — Sage tremelicou os cílios. No entanto, antes que Clare pudesse protestar, Alexander pulou em seu ombro com uma plaquinha.

PEDIDO

Evie gritou, segurando as mãos de Clare e pulando para cima e para baixo.

— Eu sabia!

— Fica quieta! — Clare tampou a boca de Evie com as duas mãos. — Só vou conversar com ele a respeito da possibilidade. Estou esperando o momento certo.

— E esse momento seria o sepultamento do nosso pai? — A pergunta de Trystan era genuína, então ele não entendeu por que Sage deu um tapinha em seu braço.

— O que tem o sepultamento do seu pai? — Tatianna apareceu, falando no meio de um bocejo, mas pausou quando viu que todos a encaravam. — O que foi? — Seu vestido também era vibrante, com todos os tons de rosa, e as mangas lembravam as asas de um anjo.

— Estávamos discutindo como vamos chegar à janela enterrada antes do Benedict e da Guarda Valente. — Clare o encarou com firmeza. — Não é mesmo, Trystan?

— Sim — confirmou ele, seco. — Não se fala em outra coisa aqui.

— E se vocês dois forem agora? — sugeriu Tatianna. — Por que não pegam um dos barquinhos e vão para a costa antes que os outros acordem? Se alguém suspeitar de algo, podemos dizer que vocês ainda não se levantaram. Ou que estão "fazendo amor". — Tatianna riu pelo nariz.

Clare estremeceu.

— Eu, hein.

Trystan repassou o cenário mentalmente. O de "partir imediatamente". Não o de "fazer amor". Ele não estava tentando ficar numa saia justa na frente da irmã e da cunhada.

E de Sage.

— Vão perceber se um dos barquinhos sumir. Só tem dois — ressaltou Trystan.

— Tem uma outra solução — falou Sage, abaixando as calças e revelando uma bermuda cheia de babados que servia de roupa íntima.

— O que você tá fazendo?!

Trystan olhou ao redor, agitado, mas o convés estava vazio, exceto por um dos homens de Benedict que estava de butuca na vigia do navio, embora o ronco que vinha do alto indicasse que ele não estava vigiando muita coisa.

Em seguida, Sage soltou o cinto da roupa e arrancou a camisa frouxa, ficando só de regata branca e com as pernas lisas expostas.

Porém, Trystan não teve tempo de aproveitar a vista.

Porque Sage deu uma piscadela para ele, passou a perna pela borda do navio e pulou.

CAPÍTULO 68

Evie

A água estava congelante, e a maré, forte. Mas ela já estava comprometida com aquele plano ridículo. Não era hora de se arrepender. Era hora de *nadar*.

Um respingo veio de trás dela, e Evie parou, flutuando na água.

— Perdeu o juízo, foi? — grunhiu Trystan, se esforçando para dar mais uma braçada até chegar ao lado dela. — Você poderia ao menos ter esperado um Flutuamanto.

Ela riu ao se lembrar do aparato que geralmente era usado quando crianças aprendiam a nadar, para mantê-las na superfície. Lembrava um manto, mas era feito para ajudar a boiar. Fazia anos que Evie não via um daqueles.

— Não vejo um Flutuamanto desde que era pequena. — Ela revirou os olhos e voltou a nadar. A queimação em seus braços não ajudava, a correnteza era mais forte do que ela esperava. — O navio tem que dar a volta para chegar à doca; nós vamos ser levados pela maré até — ela perdeu o fôlego por um momento quando uma onda quebrou e a puxou para baixo, mas ela ressurgiu depressa — a praia.

Trystan agarrou sua cintura e a puxou para cima.

— Espero que não como cadáveres — resmungou ele, feito um velhote rabugento, puxando-a consigo através da correnteza.

A superfície do mar estava pintada de laranja por causa do amanhecer. Era como tomar banho de luz do sol. As ondas foram se acalmando à medida que eles se afastavam do navio, e mais quentes conforme o sol subia mais alto no céu.

Evie começou a boiar de costas para descansar por um instante. Fechando os olhos, permitiu que a luz mergulhasse sob sua pele, permeando todos os lugares de seu coração que deveriam ter endurecido. Contudo, Evie se sentiu

sorrindo.

Porque ainda via beleza nos momentos simples. Até mesmo nos terríveis. E estava passando a confiar que seria sempre assim.

— Logo, logo volto a nadar — garantiu a Trystan.

Não houve resposta. Nem mesmo os sons dos movimentos dele fazendo respingar água ao lado dela. Na mesma hora, Evie ficou na vertical, vasculhando a água, mas ele não estava por perto.

Não entre em pânico, Evie.

— Se você tiver sido devorado por um tubarão, vou ficar… — Ela respirou pesado, nadando para mais perto da costa, parando para olhar ao redor mais uma vez. — Tão furiosa.

Sem resposta.

Agora pode entrar em pânico, Evie.

— Trystan! — Ela mergulhou sob as ondas, buscando na água, mas não conseguiu ver nada com o sal queimando seus olhos. Subiu para respirar, mas mal tomou fôlego antes de submergir novamente. Ela imaginou ter visto um borrão de movimento, mas passou em segundos. De volta à superfície, a névoa começou a sair de seus dedos e a pairar sobre ela, aguardando sua ordem.

Encontre ele, mandou Evie. *Encontre o corpo humano mais próximo.* O poder mergulhou nas ondas, e ela foi atrás, procurando à medida que a névoa preta rondava alguém, iluminando a pessoa em uma iridescência arco-íris.

Pronto. Agora traga ele para mim.

A magia cercou o corpo borrado, e Evie a encontrou na metade do caminho, passando os braços ao redor do peito musculoso e puxando-o para a superfície.

— Trystan! — gritou, sacudindo o corpo. Estava mole.

Não.

A costa. Precisamos chegar à praia.

Sem muito esforço, a névoa escura começou a empurrá-los pelas ondas até chegarem à areia. Evie agarrou os ombros robustos de Trystan, arrastando-o com esforço. A magia a ajudou a levá-lo para mais longe das águas, e então Evie caiu de joelhos.

— Acorda. — Ela o chacoalhou, mas ele não reagiu. Nem com um pulsar do maxilar. Seu rosto estava suave, plácido. Ela bateu o punho no peito dele. — ACORDA!

A água escorreu da boca de Trystan, e ele se engasgou com o líquido, virando e agarrando a areia.

— Deuses — praguejou ele. — Precisava bater tão forte?

— O que aconteceu com você?! — gritou ela, ignorando a encarada de um velho pescador que passava por eles carregando um balde. — Segue seu rumo, cara de peixe! — gritou ela, e o homem saiu correndo.

Trystan riu, e sua cabeça tombou no chão. Seus olhos estavam fechados, e o peito se mexia com suspiros pesados.

— Aquele homem vende iscas nesta praia desde que eu era criança, e nunca o vi com medo.

Evie esperou um instante, tentando acalmar o coração disparado, absorvendo a visão de Trystan vivo e bem. Jamais teria conseguido salvá-lo sem a magia sombria. Ela devia… tudo à magia.

— O que aconteceu? — perguntou ela enfim.

— Deixei cair uma coisa e superestimei bastante o tanto que conseguiria prender a respiração. — Ele tossiu mais; ainda saía água de seus pulmões.

— O que você poderia ter deixado cair de tão importante?

Ele abriu o punho, e ali estava a chave que Benedict buscava. A âncora para realizar a profecia brilhava na palma de sua mão.

— Não podia correr o risco de que Benedict a encontrasse no navio. — Ele se sentou, e Evie o ajudou, abismada com seu bom humor. — Agora: vamos para o Jardim de Rennedawn? Botar um fim nisso de uma vez por todas?

Evie baixou os olhos para seu corpo parcamente vestido.

— Talvez seja melhor encontrarmos roupas primeiro.

Trystan arregalou os olhos e virou a cabeça, procurando quaisquer curiosos que pudessem estar à espreita.

— Eu insisto — falou ele com a voz rouca.

E lá foram eles. Sabendo que aquela era a última chance que tinham de salvar Rennedawn.

Fosse de Benedict…

Ou de Evie.

CAPÍTULO 69
Gideon

Gideon Sage achava que nunca mais teria motivo para ver a casa de sua família.

Mas ali estava ele.

Diante do chalé que abrigava algumas de suas melhores lembranças, e algumas das piores de Evie.

Depois de Lyssa transformar a cozinha, ela o puxou de lado, rodopiando com seu vestido de tule brilhante, e fez um pedido.

Que ele encontrasse todas as histórias que ela havia escrito e deixado para trás.

Ele não podia dizer não. Estava cansado de decepcionar as irmãs.

Não houvera tempo para considerar como ele reagiria ao lugar. Gideon o analisava agora, observando cada detalhe com o olhar sedento. O teto de palha que consertara com o pai quando tinha apenas doze anos ainda estava firme e forte. As flores que ladeavam o caminho de entrada, plantadas pela mãe, continuavam florescendo, e o orvalho seguia se formando na grama, como sempre havia sido.

A única coisa que parecia diferente ali era ele.

— Então foi aqui que você cresceu? — A voz o assustou, e ele desembainhou a lâmina e a apontou antes de se dar conta de quem vinha. A Capitã Keeley encarou a faca, achando graça. — Vai me empalar, Senhor Cavaleiro?

Gideon desdenhou.

— Não seja ridícula. Até parece que uma laminazinha de nada seria o suficiente para te despachar.

Keeley inclinou a cabeça. Seu cabelo estava solto — porque ela queria torturá-lo, aparentemente —, e ela continuava sem as peças de couro da

Guarda Malevolente, ainda com a roupa mágica com a qual Lyssa a presenteara. Seus ombros estavam expostos pela blusa branca de tecido fino, e a cintura fina estava presa com um espartilho branco e dourado que fazia sua pele adorável parecer radiante com o sol nascendo ao fundo.

Gideon já havia frequentado todos os tipos de bordéis na capital do reino, pois os Guardas Valentes eram clientes assíduos e os mais generosos. Vira muitos corpos nus de mulheres, sem nem corar. Já até se dera bem com uma ou outra participante predisposta de tais estabelecimentos.

Não havia por que perder as estribeiras por causa das clavículas de Keeley.

— Seria preciso o quê? — perguntou Keeley.

Gideon a encarou, desorientado.

— Como é?

Keeley esfregou os lábios juntos.

— Para me despachar. O que acha que seria preciso?

— Não sei, não. Um exército. — Gideon se virou em direção ao chalé, precisando se distrair com um trauma de infância.

— Então foi aqui que você morou quando era pequeno — comentou ela, e sua respiração tocou a nuca de Gideon.

— Pelo visto.

Keeley apoiou o cotovelo no ombro dele, em um gesto tão casual que outra pessoa vendo a cena imaginaria que aquele era o tipo de coisa que faziam todos os dias.

Ele bem que queria. No entanto, a estrela iluminada para a qual costumava fazer pedidos não estava mais lá. Nunca mais estaria. Sua mãe.

Os pensamentos de Gideon ficaram barulhentos.

Você falhou com a sua família.

Falhou com as suas irmãs.

Não era para você ter voltado.

E então Keeley despedaçou cada um.

— Não chega aos pés da torre abandonada na qual cresci, mas as tulipas são bonitinhas.

Gideon foi tomado por gratidão. Quando se embrenhava nos confins obscuros da mente, era sempre bom ter companhia.

— Queria ter te conhecido antes — murmurou ele, e ela arregalou os olhos dourados.

Keeley não respondeu, apenas seguiu em direção à casa.

— Aonde você pensa que está indo?

— Ver sua casa, ué. Não foi pra isso que viemos? — Keeley abriu a porta e entrou sem olhar para trás. Gideon foi correndo atrás dela, tropeçando nos próprios pés para alcançá-la.

Ele escancarou a porta e viu que ela já estava se sentindo em casa. Ficou tão atônito ao vê-la averiguando a estante de livros na sala de estar que começou a ter umas ilusões bastante peculiares. Deles dois morando ali, criando alguns filhos endemoniados, com Gideon desenvolvendo um gosto por jardinagem.

Ele sacudiu a cabeça, segurando as têmporas, alarmado.

— Estou com vontade de perguntar se quem tem um interesse tão intenso em romances eróticos é a Evie ou seu pai. Mas estou torcendo para que seja a sua irmã. — Keeley avaliou as prateleiras, pegando um volume pequeno de brochura.

E Gideon ficou ainda mais alarmado.

Ela abriu o livro e folheou as páginas.

— Minha nossa. Essa posição aqui é possível mesmo?

— Quer tentar? — sugeriu Gideon, depois grunhiu quando uma almofada acertou seu rosto. — Mas, sim, aposto que esses livros são da Evie.

Keeley estreitou os olhos para a estante modesta, buscando mais um pedaço da família dele. Ela pegou mais alguns livros — um almanaque, um livro de culinária —, depois tirou uma pilha de papéis amarrados e encarou a primeira página com uma mistura de fascínio e divertimento.

— *Trystan e a princesa perdida.* Por Lyssa Sage.

Gideon abriu um sorriso.

— Deixa eu ver.

Eles dois se sentaram lado a lado no sofá, com as pernas se encostando, e fazendo contato visual em um momento de tensão, uma batida de coração. Em seguida, Keeley jogou os livros e os papéis no colo dele. Com um pigarro, Gideon observou a obra.

— Ela é mesmo uma figura, não é?

Keeley murmurou, concordando, inclinando-se sobre o ombro dele enquanto ele folheava a história da menina de dez anos.

— Ela tem uma imaginação e tanto. Isso é um dom.

— Mas todas as crianças são assim, não? — ponderou Gideon.

— Acho que, de certa forma, sim. Mas nem todas podem deixar isso florescer. Sua irmã fez um ótimo trabalho com a Lyssa; dá pra ver que ela é confiante em quem é. — Keeley franziu o cenho, fixando-se em algo em uma das páginas finais. — Eita.

— O que foi? — Gideon se esgueirou, tentando encontrar o que ela estava vendo, mas, quando ergueu a cabeça para fazer contato visual, viu que seus rostos estavam a meros centímetros de distância. Ele vacilou.

— Se eu te beijar agora, quais as chances de um a dez de você me dar um tabefe?

— Seis — sussurrou ela.

— Vou tentar a sorte — falou ele com a voz rouca, passando as mãos pelo cabelo dela e puxando seus lábios para os dele, bebendo-a como se isso fosse essencial à vida, a seu próximo suspiro, e ela reagiu, correspondendo. Agarrando a camisa dele, encorajando-o a subir nela até que as páginas e os livros caíssem no chão.

Keeley puxou a camisa de dentro da calça dele, deslizando as mãos geladas pelo abdômen, e Gideon soltou um suspiro de choque pelo prazer que seguiu o toque dela. Seus lábios encontraram qualquer parte dela que pudessem alcançar, roçando as bochechas, o maxilar, descendo pela curva delicada do pescoço.

— Gideon? — A voz dela era uma pergunta, e ele percebeu como ela congelou embaixo dele.

— Desculpa — murmurou ele, sentando-se de novo e passando a mão pelo cabelo. — Eu me excedi.

— Não, Gideon, olha. — Keeley apontou para o livro de culinária velho. Ele bateu no chão com um baque surdo, caindo aberto em uma seção de páginas ocas.

E o que eles viram… não eram receitas.

CAPÍTULO 70
Trystan

— E se a gente pedir com jeitinho? — sugeriu Sage.

— Até podemos — concordou Trystan —, se quisermos que notifiquem nossa presença a todos os Guardas Valentes em um raio de um quilômetro. — Ela agora estava usando o vestido que Trystan roubara de um varal próximo. Era um tantinho largo demais, mas pelo menos a manteria confortável.

— O nome é Jardins de *Rennedawn*. Isso não quer dizer que a entrada deveria ser aberta a todos os cidadãos?

Era de se pensar que sim.

Eles estavam escondidos atrás de um arbusto, bem diante dos portões do jardim, de onde dava para ver um campo de flores cercado mais além. Árvores altas acenavam para eles de cima dos muros.

— Você está pensando como uma boa pessoa, Sage. É preciso pensar com o cérebro do Benedict.

Ela olhou feio para ele.

— Eca. Não. Será que não posso só usar minha magia pra derrubar o guarda?

Tentador.

— Até poderia, mas correríamos o risco de haver outros guardas que não estamos vendo. Talvez a gente precise criar um plano infalível… Sage!

Ela puxara o vestido por cima da cabeça e agora, com suas poucas roupas íntimas, seguia até a entrada do jardim.

— Com licença, senhor? — chamou ela com doçura.

Trystan sentia uma veia saltando na testa e o coração disparando. Teve que se conter fisicamente para não interferir, apertando as mãos nos galhos enquanto se lembrava de confiar em Sage. Mas não no homem que ele ia matar

por babar por ela.

— Ei, a senhorita não pode andar por aí vestida assim!

Sage riu descaradamente, de modo tão convincente que até mesmo Trystan teria acreditado. O Guarda Valente sem dúvida acreditou.

— Ai, como sou boba. Saí pra dar um mergulho, e você não vai acreditar: meu vestido foi levado. Por acaso o senhor não teria alguma coisa com que eu possa me cobrir pra voltar para casa?

O guarda fez uma saudação, ávido para agradar a moça bonita que lhe pedia um favor. Trystan não culpou o homem por sair tropeçando nos próprios pés.

— Volto já!

— Leve o tempo que precisar! — Sage acenou, depois se virou na direção do arbusto, que Trystan segurava com tanta força que chegou a escorrer sangue pelas mãos. Ela fez uma reverência com um sorriso satisfeito.

— Isso foi arriscado — repreendeu ele, devolvendo o vestido a ela. — Ele poderia ter te reconhecido.

— Sorte a minha, então, que o guarda não estava nem perto de olhar para o meu rosto. — Ela riu, colocando o vestido, depois encarou Trystan quando o viu de cara fechada. — Ânimo! — Sage deu batidinhas no rosto dele, e essa provocação foi como uma xícara de elixir de caldeirão, de tanto que fez o coração dele disparar. — Estamos prestes a cavar seu túmulo.

Eles foram para os portões e os abriram delicadamente, fazendo careta para o rangido quando entraram, atendo-se aos muros.

— Como vamos saber qual árvore é? — sussurrou Sage, e Trystan viu que havia muitas nos entornos dos jardins, mas apenas algumas mais adiante entre as pilhas de flores. — E se a gente acabar desenterrando um cadáver?

Ele deu de ombros.

— Acidentes acontecem.

— Trystan!

Eles continuaram andando, com Sage tentando tirar os cachos úmidos do rosto e fracassando, até dar um passo em falso em uma pedra e soltar um gritinho de susto.

— O que foi…

— Arthur — sussurrou Trystan, sentindo um embrulho no estômago ao se dar conta do que era: a lápide de seu pai, de guarda sobre o túmulo recém-cavado, com a terra coberta por uma dúzia de margaridas brancas. — É o Arthur.

De repente, tudo se tornou real.

Os olhos dele queimaram à medida que a emoção o açoitava por dentro. O torpor da perda estava passando, e o que havia por baixo doía. Muito.

— Sabe — começou ele, sentindo uma lágrima escorrer pela bochecha —, acho que eu não estava acreditando de fato na morte dele.

Sage não falou nada, porque não havia palavras para apaziguar o sofrimento de uma perda. No entanto, pegou a mão dele e plantou um beijo no dorso, aquecendo-a e lembrando a Trystan de que ainda havia vida para além da dor que assolava seu coração.

— Eu sinto muito. — A voz dela falhou, e Trystan viu que lágrimas também escorriam pelo rosto de Sage. — Sinto muito que isso tenha acontecido. — E era verdade; dava para ver no tremor do lábio dela e na instabilidade da sua mão na dele.

— Acha que ele ficaria orgulhoso? Por eu ser um Curandeiro Primordial? — Trystan ficou chocado com a vulnerabilidade de suas palavras, mas Sage tinha o hábito de fazer isso: vencê-lo pelo cansaço até que a verdade estivesse totalmente visível para ela.

Sage pegou as bochechas de Trystan e ficou na ponta do pé para dar um beijinho em sua boca. Ele retribuiu e fechou os olhos com força ao saborear o gosto e a sensação dela. Cada vez era melhor que a anterior.

— Acho que ele já sentia orgulho por você ser quem é, Trystan.

O sorriso tenro dela afirmou isso.

— Eu te amo — sussurrou ele, segurando sua bochecha.

Ela sorriu, e seus olhos reluziam.

— Ouvi esse boato mesmo.

Ele a beijou mais uma vez — foi inevitável —, depois se virou para o túmulo.

— Vamos procurar o meu.

— Não precisa — murmurou ela, apontando para uma árvore a menos de um metro e meio de onde o pai descansava. — Colocaram ele bem ao seu lado.

Trystan sentiu as lágrimas queimando de novo, mas se moveu apesar delas, pegando a pá que estava apoiada na lápide do pai, recém-coberta de terra. Era melhor do que usarem as próprias mãos, como haviam planejado a princípio.

Ele ajustou o cabo gasto na mão e passou a palma pelo topo da pedra.

— Obrigado, Arthur. — Trystan engoliu em seco, abaixando-se até tocar a testa na pedra, e suas lágrimas escorreram para a terra. — Obrigado por ter me dado a Evie.

Com essas palavras de despedida, Trystan Arthur Maverine se virou para o

próprio túmulo.

E começou a cavar.

CAPÍTULO 71
Gideon

— É... tinta. — Lyssa encarou as dezenas de recipientes que eles haviam encontrado em praticamente todos os livros de culinária nas prateleiras da família. Gideon e Keeley os haviam levado com cuidado para os aposentos da curandeira, onde os filhotes de guvre sassaricavam, brincando de um tipo de esconde-esconde com os pais nas janelas.

Ninguém os deteve, para evitar que aquele cômodo se tornasse o próximo alvo dos adultos.

— É a tinta que o papai usava para espionar a Evie — falou Gideon, fazendo com que ela olhasse com mais atenção. — É extremamente rara.

— Como funciona? — indagou Keeley, pegando um frasco e abrindo a tampa. Gideon o tirou das mãos dela com gentileza.

— Lyssa, posso usar sua pena? — pediu Gideon, e a irmã a entregou com um olhar desconfiado.

— Não entorte.

A srta. Erring passou por eles e parou para falar:

— Nem brinque com isso! — Com um pigarro, ela murmurou: — Continuem.

Lyssa franziu o nariz, encarando o pergaminho vazio quando Gideon se abaixou para rabiscar nele.

— Pra mim, parece normal. — Lyssa inclinou a cabeça.

— Mas quando coloco uma única gota em um pedaço de papel diferente… — Gideon completou a ação, e as mulheres se reuniram ao redor para ver a frase se escrever exatamente na mesma letra de Gideon. — Ela copia tudo que foi escrito desse frasco de tinta em específico.

Lyssa ficou visivelmente preocupada com essa novidade.

— É uma invasão de privacidade terrível.

— Lyssa, cadê o diário de trabalho da Evie? — indagou a srta. Erring, ressabiada.

— Debaixo do travesseiro dela.

— E você sabe disso porque… — continuou a srta. Erring, encarando a menina.

— Porque eu li — explicou Lyssa, sem um pingo de vergonha.

O olho da moça do RH tremeu, depois ela prosseguiu:

— Desisto. Pra que voltar a isso? O mistério dos bilhetes foi resolvido. Quem se importa com o fato de o Griffin estar estocando tinta?

— Se ele tiver usado esta tinta nas correspondências com o Benedict, a gente pode conseguir informações importantes.

Gideon pegou mais um dos frascos, derramou um pouco da tinta em papel em branco, e todos observaram. E esperaram.

Até que as palavras começaram a se formar — devagar, mas com firmeza. Não, não eram palavras. Um coração? E dois nomes no meio.

Evie e o Vilão

Gideon riu, amassando o papel antes que ele pudesse revelar mais, deixando o potinho de tinta de lado.

— Esse aqui era da Evie, então.

Keeley revirou os olhos.

— E se todos forem dela?

Mas parecia que Lyssa vinha fazendo suas próprias investigações enquanto eles estavam de costas. Encarando o pergaminho em suas mãos com os olhos arregalados, ela o ergueu para mais perto do rosto.

— Não acho que esse aqui tenha sido dela. — Ela entregou o papel a Gideon.

E, quando ele viu o que estava escrito, entendeu por quê.

O escritório do Vilão foi infiltrado. A implantação da bomba para destruir o escritório fracassou. Não houve baixas. Algum outro método deve ser usado.

Assinado,

Um homem preso.

— Foi o papai quem escreveu isso? — perguntou Lyssa.

— Provavelmente — murmurou Gideon. Mas algo lhe dizia que a resposta era não. — Pode ter sido o Marv.

— O Marv não plantou a bomba — protestou Keeley. — Ele estava a postos no portão de entrada durante todo esse incidente.

Um pio os interrompeu.

Clarke cambaleou sobre a irmã em uma tentativa de subir nas saias de Becky, e ela permitiu, segurando o animal junto ao peito.

— Deveríamos achar esquisito os pais estarem confiando tão abertamente em nós com os filhotes?

Blade riu.

— Acho que transformar a cozinha em um desenho colorido não dá para ser considerado "tão abertamente" assim, mas por que seria diferente? Somos uma creche gratuita.

— Como é que um guvre te pagaria? — perguntou Lyssa, batucando o dedo no queixo.

Gideon bufou.

— Me matando derretido, provavelmente.

Lyssa gesticulou para o vestido que aparecera em seu corpo quando a luz estelar e o veneno se encontraram.

— Ou com um tutu.

— Difícil dizer o que seria pior — resmungou Becky, dando batidinhas nas costas de Clarke quando o animal soltou um arrotinho estrondoso.

O som assustou Lyssa, e ela derrubou mais um pouco de tinta no papel, o que fez mais palavras se formarem na página.

O amor verdadeiro nunca fez parte do plano.

Assinado,

Um homem preso.

— Foi meu pai. Só pode ter sido. Estou certo. — Gideon ergueu o papel e leu de novo, encafifado, pois, quanto mais olhava…

Menos certeza tinha de que era o pai. Na verdade, não tinha certeza nenhuma.

CAPÍTULO 72
Clare

— **Acha que eles podem** ter se afogado? — perguntou Clare enquanto a tripulação zanzava pelo barco, baixando a âncora para preparar o desembarque deles.

— Você é sempre tão otimista, meu amor. — Tatianna segurou a mão de Clare e beijou sua bochecha. — Aposto que não, do contrário a terra teria tremido.

Amara saiu de sua cabine, usando um vestido preto formal, e Clare deu um passo para trás, aproximando-se ainda mais de Tatianna.

— Clarissa. Espero que esteja em posição de destaque no sepultamento hoje.

— Claro, mãe — respondeu Clare com um tom pra lá de doce.

Amara olhou feio.

— O que está vestindo? Não é apropriado para um velório.

Ela baixou os olhos para o vestido verde vibrante.

— Meu pai não teria gostado de um mar de escuridão em sua despedida. — Clare endireitou a postura, sentindo-se muito mais forte do que das últimas vezes em que bateu de frente com a mãe. Ela não ligava mais para o que a mãe pensava dela; seus julgamentos não doíam mais. Agora, tudo o que Clare sentia quando Amara a repreendia com o olhar…

Era triunfo.

— Jamais saberemos, não é mesmo? Winnifred! — A jovem feiticeira saiu correndo atrás da patroa, com o cabelo longo esvoaçando às suas costas enquanto corria para alcançar Amara, que agora desembarcava do navio. Contudo, ela parou no alto da prancha quando Tatianna a chamou.

— Por que se casou com ele, o Arthur? Você tinha o Trystan, mas havia

outras maneiras de ser mãe, de ser a esposa dele.

Clare respirou fundo, congelada, mas a mãe pareceu humana — triste, até — ao responder:

— Ele era o gostinho que eu tinha de bondade. Eu queria um pouco da alegria que ele dava aos outros. Mas nem mesmo o Arthur podia me fazer feliz. Se nunca mais me der ouvidos, Clarissa, ao menos lembre-se disso: a alegria pode até ser dada pelos outros, mas precisa morar dentro de uma pessoa para que consiga florescer de verdade.

Amara endireitou a postura, engolindo em seco, e os músculos de seu pescoço tensionaram.

— Talvez você se saia melhor do que eu cultivando-a dentro de si. — E, com esse último comentário, Amara desceu para a doca.

— Clare? — O laço cor-de-rosa que nunca saía do punho de Tatianna roçou o ombro de Clare quando ela a tocou novamente. — Tá tudo bem?

— Tá, sim. — Porque ela tinha certeza absoluta de que se sairia melhor cultivando a bondade em sua vida, enquanto a mãe estava destinada a deturpá-la. O que lembrava Clare que… ela precisava viabilizar um pouco de alegria naquele exato instante. — Vai indo que eu já te encontro.

Tatianna assentiu e deu batidinhas na mão dela.

— Jones Água-Viva! — gritou Clare quando perdeu de vista os laços cor-de-rosa que prendiam o cabelo de Tatianna. — Posso falar com o senhor?

Foi fácil de enxergar o casaco suntuoso do pai de Tatianna quando ele atravessou a tripulação, que se dirigia para o atracadouro. A raiva de Clare por Jones havia sumido da noite para o dia, e agora fora substituída por uma pilha de nervos.

— Bom dia, Clarissa. Como está?

Ela não se valeu de rodeios para chegar à pergunta, e falou na lata:

— Gostaria de ter sua permissão para pedir a Tatianna em casamento… de novo — disse, depois fez careta, percebendo o quanto aquilo soava instável.

Jones Água-Viva tirou o chapéu e o levou ao peito, aparentemente emocionado.

— Vou te dizer a mesma coisa que falei quando, da primeira vez, você pediu para mim e para a mãe dela.

Clare vasculhou a memória, e sorriu quando encontrou a lembrança.

— Preciso da permissão da Tatianna, não da sua.

Ele puxou Clare para um abraço do qual precisava desesperadamente — do tipo que se recebe de um pai. Ela sentiu uma pontada no peito quando o

capitão lhe deu tapinhas nas costas.

— Você tem nossas bênçãos, sempre. — Ele se afastou e engoliu em seco, fungando. — Seu pai era… bem, ele era meu melhor amigo, e sei que se os papéis estivessem invertidos, ele cuidaria da minha Tati. Então, embora jamais seja minha intenção assumir o lugar do seu pai… se um dia você precisar, estou à sua disposição.

Clare estava chorando livremente ao abraçá-lo de novo.

— Obrigada.

Quando se separaram, o Capitão Jones franziu o cenho.

— Você por acaso viu o Alexander? Homem ou sapo, tanto faz.

— Não, não o vejo desde que a Evie e o Trystan foram… hum, descansar.

Ele ficou pensativo.

— Que curioso. Vai ver ele já desembarcou… Se bem que acho que nós repararíamos em um homem nu deixando a área. — Ele riu, mas o divertimento sumiu de sua voz quando olhou intrigado para a lateral do navio.

— Está dando falta de algo, Capitão? — O rei Benedict apareceu no convés com vestes opulentas, o elegante manto preto de pele esvoaçando atrás dele, e Clare teve medo ao ver um pouco de Trystan no modo como ele andava. Griffin Sage seguiu seu rei de longe, lançando olhadelas sutis ao redor do navio. — Pensei em todos desembarcarmos juntos, como demonstração de boa-fé.

— A Evie e o Trystan vão já, já — falou Clare, temendo que algo tivesse dado errado.

— Clare! — A urgência na voz de Tatianna quando reapareceu em terra firme era a única coisa de que Clare precisava para abandonar o navio (literalmente), pulando na rampa e descendo às pressas até encontrar a origem do grito de Tatianna.

Sua mãe, Lia.

— Clarissa! — Lia puxou Clare para um abraço, beijando suas bochechas. — Minha nossa, como você está linda! Ela não está linda, Tatianna?

— Mãe. — Tatianna revirou os olhos com um sorriso carinhoso. — Sim, ela está muito linda.

— De fato! — Malcolm apareceu em seguida, e Clare sentiu um alívio como nenhum outro, abraçando o irmão mais velho. — Vocês levaram uma eternidade pra chegar. — Ele deu um beijinho na cabeça dela e entregou uma carta selada. — Isso aqui chegou hoje cedo. É pra Evie. Cadê ela?

— Ela já tá vindo — falou Tatianna, apressada. Clare rasgou o selo, e Tatianna perguntou em um gritinho estridente: — Você deveria mesmo estar

abrindo isso?

Talvez não. Mas que bom que Clare o fez. Porque, quando terminou de ler a mensagem de Gideon, sentiu um aperto no coração e sua alma se contorceu em nós feios.

— Ai, deuses — sussurrou Clare.

— O que foi? — murmurou Tatianna.

Clare não conseguia sentir os dedos. Era como se estivessem desprendidos de seu corpo. Enfim, ela disse:

— É o Alexander.

CAPÍTULO 73

Evie

Eles estavam na metade da escavação quando Evie ouviu passos descendo pela trilha de cascalhos.

— Trystan — sibilou ela, jogando a pá em um dos arbustos e puxando o braço dele. — Tá vindo alguém.

— Opa! Aí está você. Consegui encontrar uma belezinha de túnica, pode apostar! — começou o guarda, e então emendou: — Ei! O que está fazendo? — Suas sobrancelhas grossas estavam franzidas, e tinha um sorriso de escárnio nos lábios.

Ele deu três passos em direção a eles antes de algo atingir sua cabeça, fazendo-o desmaiar. Atrás dele, com a pedra ainda na mão, estava um homem, encarando a pedra como se ela tivesse atacado sozinha.

— Reinaldo! — gritou Evie, pegando as mãos dele e o abraçando. — O timing do seu resgate foi perfeito.

Alexander Reinaldo fez uma reverência. O manto que pegara emprestado cobria a camisa de linho branco, e o tecido amassou quando ele se inclinou.

— Fico feliz em poder ajudar… meus amigos.

— Os outros já chegaram? — indagou Trystan.

Reinaldo abanou as mãos com um sorriso reconfortante.

— Não, eu segui vocês dois quando caíram no mar.

— Eu não *caí* no mar — corrigiu Evie, satisfeita. — Eu pulei.

Trystan bufou, apertando a ponte do nariz.

— Sim. Nós sabemos.

— Eu conheço alguém que bufava assim — comentou Evie com seriedade. — Era mãe de cinco filhos.

Reinaldo riu, e Trystan olhou para ela. O alerta naquele olhar a animou. Era

um desafio.

— Melhor eu ajudar a cavar enquanto vocês dois…?

Trystan o encarou de um jeito sombrio, Reinaldo entendeu a deixa, pegou a pá e colocou as mãos à obra.

Evie se sentia mais calma sabendo que o guarda estava… fora do caminho, e assimilou o jardim memorial de Rennedawn. Era lindo. Botões de rosa se formavam em um arbusto de um verde vibrante, com árvores de todos os formatos e de todas as cores criando um dossel acima deles. Plantas que ela jamais vira brotavam do chão, perto das fontes, em cima dos bebedouros de pássaros. Era pacífico.

Um lugar feito para o descanso.

Evie se sentou ao lado da árvore e permitiu que os rapazes cavassem, agarrando os joelhos e buscando paz dentro de si mesma, em sua magia. Ela se perguntou se chegaria um dia em que não teria que se esforçar tanto. Estava cansada de ser resiliente.

Porém, Evie lembrou a si mesma que não era vergonha nenhuma descansar antes de desbravar o mundo. Talvez nem sempre fosse preciso fazer por merecer.

— Qual é a lembrança favorita de vocês com o Arthur? — perguntou Evie, trançando tufos de grama.

Trystan parou de cavar por um instante e começou a rir sozinho.

— Uma vez ele me pegou tentando fugir de casa.

Reinaldo também riu.

— Lembro disso. Foram cinco minutos interessantes.

— Foram *quinze* — corrigiu Trystan, com uma jovialidade encantadora em sua vergonha. — Eu já havia chegado à praia quando ele me encontrou.

O lábio de Evie ia rasgar, de tanto que estava sorrindo.

— Quantos anos você tinha?

— Seis. — Trystan pegou mais uma pá de terra. — Ele me derrubou antes que eu pudesse subir no bote que, sem dúvida, teria afundado. E me arrastou de volta à praia. Ele… ele não perguntou por que eu queria ir embora, e não usou a magia de Curandeiro Primordial para consertar meus sentimentos. Ele me disse que… disse que ficaria muito triste se eu partisse. Que sentiria minha falta.

Trystan engoliu em seco, e Reinaldo virou a cabeça na direção dele, mas Evie viu o quanto seus olhos tinham ficado vermelhos.

— Ele te amava — comentou Evie baixinho, sentindo uma pontada de dor

pela perda de alguém de coração tão bom.

Trystan fungou.

— Ele… Ele não era um homem perfeito. Mas era alguém com quem eu gostaria muito... de me parecer.

A voz de Reinaldo saiu rouca.

— Você é um conjunto das partes boas dele. Disso eu sei.

— E você, Alexander? — perguntou Evie com a voz branda.

Reinaldo deu um sorriso trêmulo, baixando a pá para pensar por um momento.

— É difícil demais. Ele sempre foi muito receptivo. Eu sempre tinha um lar na aldeia dele. O Arthur era um homem que fazia com que todos ao seu redor se sentissem acolhidos. Mesmo quando a pessoa não merecia.

Evie ficou emocionada ao ver o impacto de um único homem. As vidas que ele havia tocado, as histórias que alterara com sua mão gentil. A forma como uma vida era capaz de influenciar tantas, como nenhuma alma precisava ser desperdiçada, como cada ato de bondade seguiria vivendo depois que seus agentes deixassem este mundo.

Era um privilégio testemunhar isso. Uma vida bem vivida.

Reinaldo havia parado de falar, pois sua voz estava embargada demais para continuar, e os homens continuaram cavando em um ritmo enérgico até atingirem algo que tilintou contra a pá de metal.

— Se certifiquem de pegar todos os cacos. — Evie ficou de pé, observando os dois chegarem à caixa. Depois de limparem a terra da superfície preta lisa, Trystan pulou no buraco para tirá-la lá de baixo.

— Sage? — O tom de Trystan estava leve, e seus olhos, suaves ao olharem para ela. — Lembra quando a Clare disse que o Arthur não fazia ideia do que eram os cacos de vidro?

Evie fez uma careta.

— Sim, por quê?

— Estávamos errados.

Ele chegou para o lado, revelando a janela de vitral do livro da *História de Rennedawn*, recriada em perfeita semelhança. Só que o campo de flores estava ainda mais detalhado, com dentes-de-leão espalhados pelo ar, enquanto as duas pessoas se esticavam uma para a outra.

— Conseguimos. — Trystan estava embasbacado. — Podemos realizar a profecia.

Alexander Reinaldo encarou os pedaços grandes de vidro em completa

descrença.

— Você… Isso é perfeito.

Evie viu algo lampejar nos olhos de Reinaldo, mas sua mente se distraiu quando Trystan deu um pulo para fora do buraco e a girou no ar. Ela deu um gritinho de alegria.

— Trystan! O que te deu? — Ela riu e ele a beijou com uma alegria contagiante.

— O que quer que tenha sido, é melhor esconder, porque os convidados do velório vão chegar a qualquer momento — acrescentou ela, sombria, e ele a colocou no chão. Suas bochechas estavam vermelhas, e ele esfregava a nuca.

— Certo. Sim. Claro. Eu vou só… Alexander, pode me passar?

Reinaldo se abaixou, encarando a janela com uma expressão fechada, depois a deu para Trystan lentamente. Sem perder tempo, pegou uma pá para tapar o buraco de volta.

— Vai lá encontrar o pessoal — disse Evie a Trystan. — Eu ajudo ele.

Trystan deu mais um beijo firme nela, dessa vez carregado com uma promessa.

— Vai acontecer, Sage.

— O quê? — perguntou ela, encantada com a maneira como a empolgação parecia ter tomado conta dele.

— Nossas meninas — sussurrou ele com um sorrisinho travesso. — Duas.

Evie ponderou se alegria demais podia ser prejudicial à saúde, porque seu coração estrondava no peito, e ela sentia que podia ser a causa da sua morte. Quando Trystan desapareceu em meio à mata, Evie pegou uma segunda pá e ajudou a cobrir o buraco de terra.

Reinaldo fez uma pausa, curvado sobre a pá, de costas para ela.

— Você não parece estar feliz — comentou ela com empatia. Claro que não; o pobre coitado ainda vivia com meia-maldição, sem a menor esperança de as coisas mudarem. — Desculpa. Eu não deveria ter falado nada.

Quando ele se virou para ela, os olhos dourado-escuros de Alexander exprimiam bondade — uma característica que ela sabia ser inata a quem ele era, que fazia parte dele tanto quanto a cor.

— Você é uma pessoa muito generosa. O Trystan tem sorte de ter você. O escritório também.

— E pensar que quase aceitei outro trabalho. — Evie achou graça, incrédula. Com aquela escolha, ela mudara todo o rumo de sua vida.

Alexander continuou cavando, entrando em um fluxo concentrado de

movimentos.

— Não, você jamais teria conseguido fazer isso com aquela mãe que precisava da vaga. E acho que você tinha muito mais cara de assistente do Vilão do que de criada em uma propriedade pacata.

Era verdade. Evie não teria sobrevivido lá. Cedo ou tarde, sua inquietação teria falado mais alto, e sua vida teria mudado de qualquer jeito…

Ela ficou paralisada. Seu sorriso sumiu e o coração despencou.

— Reinaldo, como é que… Nunca contei pra ninguém que… dei aquele emprego pra outra pessoa.

Reinaldo vacilou, mas continuou sua tarefa.

— Deve ter comentado, sim — murmurou ele baixinho, mas Evie ouviu uma nuance diferente.

Como se fosse um alerta.

— Não, não comentei. — Ela se afastou. — Como é que você sabe disso?

— Evie, por favor. — Ele olhou para ela, com seus olhos implorando, tomados por tristeza.

Naquele momento, ela sentiu algo lindo morrer.

— Evie! — A voz foi um eco de sua dor, e quando Evie se virou, avistou Clare correndo na direção deles com Tatianna em seu encalço. Ela podia jurar que foi capaz de sentir o que estava por vir; nem sequer precisou ouvir as palavras. Evie simplesmente… sabia. — É o Reinaldo! Ele escreveu os bilhetes! Foi ele!

No intervalo de tempo que ela levou para piscar, pelo visto, Alexander havia largado a pá e pegado Evie pela gola da roupa, pressionando uma lâmina mortalmente afiada em seu pescoço.

— Eu sinto muito — sussurrou ele em seu ouvido, fazendo com que eles dois recuassem de Clare e Tatianna. — Sinto muito mesmo.

Trystan irrompeu do meio das árvores em seguida, e quando seus olhos encontraram os de Evie, sua boca ficou rígida.

— Pois bem, Alexander. Está pronto para contar a verdade? — Trystan avançou com as mãos no ar, mas suas palavras seguintes chocaram a todos: — Você já esperou tempo demais.

CAPÍTULO 74

Blade

— Sua avó tá bem? — perguntou Blade a Roland, levando ele e Marv às pressas para o pátio, onde Lyssa estava com os guvres.

— Mais doente a cada dia que passa, mas segue bem-humorada — respondeu Roland. — Cadê minha irmã?

— Ela tá descendo. — Blade fez uma pausa, observando os outros irmãos Fortis que inesperadamente haviam ido junto. — Vocês sabem que ela vai ficar furiosa por vocês estarem aqui, certo?

Reid Fortis deu seu sorriso estelar.

— Até eu? Sou o favorito dela.

Roland riu de deboche.

— Se precisa dessa mentira para se sentir melhor…

— Eu mandei *um* de vocês trazer de volta. — A voz de Rebecka era a de uma mulher que havia sido desafiada na cara de pau. Foi assustador de se ouvir.

Blade estava se divertindo muito.

— Achamos que seria mais seguro virmos juntos — respondeu Reid de maneira descontraída, batendo as mãos nos ombros de Roland e Raphael.

— Para quem? — indagou ela, avançando até eles com os braços cruzados e a sobrancelha arqueada.

Reid deu risada e empurrou Raphael à frente.

— Rapha, conta pra ela o tanto que você queria vê-la.

— Eu queria te ver — grunhiu Raphael. Rebecka revirou os olhos, mas Blade conseguiu ver a sugestão de um sorriso.

Ela estava feliz por eles estarem ali.

E agora Blade também estava.

— Marv, quase não te vi aí, parceiro. Como está se sentindo? — Blade lhe

deu um tapinha no ombro, e Marv estremeceu.

Roland passou o braço em volta dele, segurando o guarda em pé.

— As flores que eu estava usando no tratamento dele pararam de ajudar. O veneno não está se aproximando mais do coração, mas ele está ficando mais fraco.

— Tragam ele para o pátio — mandou Keeley, descendo os degraus. — Pode ser que haja uma solução.

À luz do sol, a Sina estava com suas duas grandes criações, a guvre fêmea de cabeça baixa para lhe cutucar com o focinho.

— A Lulu não vai produzir mais veneno até ver os filhotes — falou à medida que se aproximavam. — E o Fergus está a ponto de derreter qualquer coisa em que possa baforar.

— Tinha um menino na minha sala com esse mesmo problema — comentou Lyssa com uma expressão séria.

Becky arqueou as sobrancelhas.

— Pelo que entendi, Lulu e Fergus são os guvres adultos, correto?

A Sina estalou a língua.

— Tantos encontros com eles e você nunca perguntou seus nomes? Que tremenda falta de educação.

— Não bastou uma tentativa de me assassinar? — respondeu Rebecka, seca, e fungou. Sua educação era impecável.

— Você pode garantir que eles não vão sair voando assim que os trouxermos aqui para fora? — indagou Blade, balançando as mãos. Ele se sentia péssimo mantendo os filhotes longe dos pais, mas não podiam prender todos de novo. Não sem consequências da idosa que os encarava por detrás das lentes dos óculos grandes.

— Não. — A Sina deu de ombros. — Sou contra interferir nas minhas criações. Quem faz isso é a Destiny.

— Não daria para abrir uma exceção? — perguntou Rebecka. — A senhora mesma disse que não aprova a Doença Mística. Isso poderia detê-la.

A Sina bufou, dando mais um tapinha em Lulu antes de se dirigir a eles.

— Não acha que já houve ocasiões demais em que quis me meter? Mas ir contra meus próprios princípios dessa forma ameaçaria a essência da minha existência. Eu desapareceria.

— Se perdermos os guvres, perdemos minha avó. Inúmeros cidadãos de Rennedawn vão continuar a sofrer porque a senhora se recusa a fazer alguma coisa — acusou Rebecka, com o rosto se contorcendo.

— Minha querida, minha vida é um fio interminável. — A Sina parecia empática, mas firme. — Esta não é a primeira tragédia que vejo. Sofro em cada uma delas.

— A senhora não vai fazer *nada* para garantir que eles fiquem? — indagou Keeley, franzindo o cenho.

— Também não farei nada para garantir que eles vão embora — respondeu a Sina, com uma piscadinha para ela.

Rebecka encarou Lulu, que avançou de cabeça baixa e esfregou a cabeça na mão da mulher. Um agradecimento. Por amar seus filhotes também.

— Lyssa, traga eles pra cá. — A voz de Rebecka vacilou, e todos se viraram para ver a menina abrindo a porta com um rangido. Clarke e Cassandra cambalearam, desengonçados, tropeçando um no outro, piando de alegria.

Lulu emitiu um pequeno ruído, abaixando a cabeça de novo até que ela repousasse sobre o chão, em espera. Clarke e Cassandra voaram até lá, acariciando a bochecha da mãe. Eles se aninharam uns nos outros. Mas não voaram.

E, de repente, o mundo pareceu certo de novo.

A Sina bateu palminhas.

— Se eu interferisse, jamais teríamos essas maravilhas do cotidiano.

Lulu rolou no chão, deitando-se de costas, permitindo que seus filhotes pulassem em sua barriga, brincando feito dois cachorrinhos. E Fergus soltou um som estridente de felicidade, disparando para o céu em padrões circulares e espirais. Um voo de comemoração.

Blade assoviou, batendo palmas junto com a Sina. Não tardou para que Rebecka se juntasse a eles, e em seguida seus irmãos também.

Eles celebraram as novas e as velhas vidas, as boas e as ruins.

Até que um zunido cortante no ar ecoou nos ouvidos de Blade. Quando ele seguiu o som, não estava mais comemorando. Em vez disso, assistia horrorizado a uma lança se fincar na lateral do corpo de Fergus.

E, com o choro de sua parceira, o guvre macho, em todo seu esplendor de cores, despencou do céu.

CAPÍTULO 75
Reinaldo

Era o fim.

O pior tinha passado, finalmente.

E, no processo, ele só precisara perder todos com quem se importava.

— Você… você sabia? — Alexander fora tão cauteloso. Tão meticuloso. Não podia acreditar que, esse tempo todo, seu amigo permitira que as coisas chegassem tão longe.

— Não. Não, eu não sabia. — Trystan riu com amargor. — Eu jamais teria suspeitado de você. Mas você sabia disso, não sabia? Eu confiei em você. Te amei como um irmão desde que éramos crianças, Alexander, e por causa disso, ignorei cada sinal de alerta piscando bem na minha cara. Mas agora entendi tudo. Entendi você.

— Eu não queria que chegasse a este ponto, Trystan. — Sua voz saiu mais leve depois de dias de prática, mas a rouquidão persistia. Talvez para sempre.

— Ah, não? — As palavras de Trystan soaram baixas e mortais. — Então, a solte.

Alexander apertou a lâmina no pescoço de Evie.

— Preciso da janela. Traga para mim, e nada vai acontecer com ela.

Evie falou:

— Você não vai me machucar, Reinaldo.

Alexander não conseguia suportar aquilo, mas precisava. Ele tentara não sujar as mãos, ficar longe de tudo, mas não havia outra maneira de aquilo terminar. Alexander Reinaldo tinha apenas uma opção.

— Eu vou, se for preciso — respondeu com firmeza. — Nisso, Evie, nós estamos em lados opostos.

O olhar de Trystan estava impassível.

— Há quanto tempo?

— O Benedict me achou quando saí da mansão, oito meses atrás. Pouco antes de você me encontrar.

— No dia em que conheci a Evie — concluiu Trystan.

Alexander engoliu em seco.

— Isso mesmo. E comecei a trabalhar com ele naquela época. Tentando te impedir de cumprir a profecia.

Tatianna chegou mais perto, e ele segurou a lâmina com mais firmeza.

— Por quê? Por que você concordaria com algo assim?

Alexander engoliu em seco.

— Porque a maldição precisa acontecer. Para que todas as suas vidas sejam salvas.

Evie se remexeu nos braços dele, de repente se afastando dele e chegando mais perto da faca, que abriu um corte na parte superior de seu pescoço. Alexander jogou a arma longe, como se fosse um monstro, e caiu para trás, agarrando a árvore para se equilibrar. Suas mãos tremiam.

— Peço desculpas se isso os assustou. Eu estava me cansando da situação toda. — Evie esfregou o pescoço, e Trystan acompanhou o movimento, a gota de sangue que escorria para sua clavícula. — Eu disse que ele não ia me machucar — falou ela com leveza.

— Tem um corte no seu pescoço que não estava aí um momento atrás. — Se fosse possível matar com um olhar, Trystan o faria. — Eu não concordo com sua afirmação.

— Longe de mim acabar com a graça desta recepção… — falou Malcolm, arfando ao correr até eles. — Mas vocês têm só mais uns cinco minutos antes que não dê mais para enrolar o rei. Algum plano de fuga?

— Não tem nenhum — murmurou Alexander, sabendo que havia guiado todos a um beco sem saída.

Se tinha uma coisa para a qual ele não estivera preparado era o punho de Trystan, que o atingiu de supetão, derrubando-o no chão com tudo. Malcolm empurrou seu irmão para trás, e Clare se ajoelhou ao lado de Alexander com as mãos no ar.

— Na verdade, tem, sim.

— Era essa a minha deixa? — perguntou uma voz, escondida em uma das árvores mais altas.

— Era, Lorde Fowler. — Trystan se afastou da clareira quando a engenhoca voadora de Lorde Fowler se aproximou. O homem excêntrico, que se divertira

horrores sequestrando-os em sua festa temática pouco tempo antes, pousou delicadamente no chão. — Está com a janela?

— Guardadinha — confirmou o Lorde Fowler, fazendo uma saudação. Seu bigode grosso se mexeu tamanha a convicção da resposta.

— Trystan, eu te imploro — suplicou Alexander a seu amigo mais antigo, sentindo saudade dos dias em que só precisava de uma palavra para se expressar. — A maldição precisa acontecer. Rennedawn deve ruir de todas as maneiras possíveis antes de voltar a ser um reino íntegro, assim como a janela. Cumprir a profecia a esta altura é botar um curativo pequeno em um corte que não para de sangrar.

— E como é que você sabe disso? — perguntou Tatianna. — Foi o Benedict que te disse? Ele não passa de um mentiroso, Alexander.

Mas sobre aquilo o rei não tinha mentido. Alexander tinha certeza.

— Sobre isso, ele não tem por que mentir. Vocês não acham que, se acreditasse que a profecia lhe entregaria Rennedawn de mãos beijadas, ele já não estaria fazendo tudo a seu alcance para cumpri-la em vez de sabotar seus esforços?

Trystan pareceu contemplar as palavras, inclinando a cabeça.

— Se isso tudo foi um grande plano para nos salvar, por que manter em segredo? Por que você aceitaria ajudá-lo?

Alexander fechou os olhos com força.

— Eu sabia que alguém tinha que fazer o mais difícil para salvar a nós todos. Alguém precisava fazer a escolha que ninguém mais ia querer fazer. De que importa ter sido eu? — A voz dele ficou mais baixa. — Eu era apenas o sapo.

— Você sempre foi muito mais que isso. — Clare franziu os lábios até eles perderem a cor.

— A profecia vai funcionar — disse Trystan. — Você está errado.

Alexander se engasgou com a frase seguinte:

— Espero estar.

— Precisamos ir, Vilão — falou o Lorde Fowler a Trystan, ajudando Tatianna, Clare e Malcolm a entrarem. — Há espaço para mais duas pessoas a bordo.

Evie ficou entre eles.

— Nós… Não, não podemos ir embora.

— Eu não vou. — Alexander esperava mais um golpe quando Trystan avançou em sua direção, mas seu velho amigo o surpreendeu puxando-o para

um abraço. — O que… o que está fazendo?

— Uma mulher muito sábia um dia me disse que muita coisa podia ser resolvida com um abraço. Eu estou… — Ele respirou fundo. — Estou tão irritado com você. Mas, quando você se der conta de que o Benedict te passou a perna, vamos estar esperando por você. Em casa. — Ele piscou várias vezes, esfregando o braço nos olhos.

Alexander, por sua vez, não se deu ao trabalho de esconder as lágrimas que queimavam em seus olhos ao ver seu melhor amigo partindo com a mulher que ele amava. A cesta alçou voo, e ele acompanhou o movimento, esperando até que estivessem alto o suficiente. Alto o suficiente para ver o que ele tirara do bolso de Trystan.

— Príncipe Alexander? — Benedict apareceu atrás do ombro dele. — Teve sucesso?

Ele não olhou para o rei, sabendo que seu ódio estaria evidente demais. Em vez disso, entregou o objeto.

A chave.

A âncora.

Agora, era o fim de fato.

Ele jamais conseguiria perdoar a si mesmo.

CAPÍTULO 76
Gideon

Gideon ainda se lembrava de seu primeiro dia como Guarda Valente. Da promessa que fizera de proteger os inocentes. Ele podia não ser mais um cavaleiro, mas o juramento continuava em vigor.

— De onde essa lança veio? — gritou, sua raiva tão palpável, tão tangível que ele quase a sentia no ar a seu redor.

Blade e Rebecka correram para o guvre macho. Fergus. O animal tinha um nome. E uma alma. E estava com uma lança fatal fincada na barriga — uma lança com o emblema de Benedict.

Clarke e Cassandra o cercaram. Lulu soltou um urro quando se abaixou para encostar o focinho no peito de Fergus, que já mal se movia com seus suspiros de sofrimento que davam dó. A Sina soltou um grito diferente de tudo que Gideon já tinha escutado. Um som que o assombraria.

— De onde?! — gritou Gideon de novo.

Keeley agarrou o braço dele e apontou.

— Veio de lá. Me dá um instante para reunir uma equipe e…

Só que Gideon não tinha um instante. Apenas sua raiva, sua magia de bloqueio inútil e uma indiferença à própria segurança. Ele disparou a passos largos e vorazes, passou pelos portões e atravessou os espinhos, ignorando a forma como cortavam ao arranharem sua pele. Quando enfim saiu do meio da mata, correu.

Correu até encontrá-los.

Guardas Valentes, cinco, carregando mais uma lança, prontos para atacar. Para matar. Um dia, Gideon fora um deles. Esse pensamento nunca o tinha causado tanto nojo quanto naquele momento. Ele ia vomitar, mas seu estômago estava vazio, e seu coração, despedaçado.

— Qual atingimos? — perguntou um cavaleiro.

— De que importa? O rei disse para matarmos o máximo possível. Carregue isso de novo, caso avistemos outro.

— Acha mesmo que mais algum vai voar depois disso? — indagou outro, cético.

— São animais. — O cavaleiro no comando riu. — Eles não pensam como pessoas, seus cabeças de vento. Carreguem o tiro!

Sangue escorria pelas feridas abertas no braço de Gideon e pelos leves cortes de suas bochechas. Ele sentiu tudo arder quando pegou a espada e correu em direção aos homens com a arma em riste. Gideon atacou o primeiro, depois girou, usando o elemento surpresa para acabar com mais um. A lâmina fez um som molhado de embrulhar o estômago quando ele a tirou do abdômen do cavaleiro. Ele estremeceu, e o momento lhe custou caro.

Com um grito, caiu ao chão — havia uma espada prestes a golpeá-lo. No entanto, um berro estridente ressoou acima dele, e Keeley apareceu, torcendo o pescoço do cavaleiro e atravessando outro com a lâmina.

Restava um. Ele não tirou o elmo, então Gideon não tinha como saber se o reconheceria.

Não importava.

O aço de suas lâminas colidiu, e ele se debateu com o homem até os dois caírem no chão, rolando e deixando as armas voarem para longe. Gideon usou o punho, e com um soco ergueu a viseira do elmo. Ele viu o rosto de um capitão do regime que um dia admirara. Um Guarda Valente que ele achava que merecia o título.

Porém, no fim das contas, não havia nada de valente em trabalhar para um rei que odiava o próprio povo.

— Você já foi um bom recruta. Um membro promissor da Guarda Valente — acusou o capitão.

Gideon agarrou a adaga na lateral do corpo, libertando-a e erguendo-a no alto. Em seguida, falou com ódio o bastante para incendiar florestas:

— Sou um Guarda Malevolente.

A adaga desceu com tudo.

Mas a satisfação na matança não perdurou.

Porque Keeley gritou. E tudo ficou preto.

CAPÍTULO 77
Trystan

Fowler não os levou até a mansão. A pedido de Trystan.

Porque, quando procurou no bolso, viu que a chave tinha sumido.

— Levem a janela de volta para a mansão, eu vou à capital — mandou ele depois de terem pousado em uma floresta próxima. — Sem dúvida eles estão indo para lá. — Ele entregou o vitral colorido para Tatianna.

— E a Evie também, imagino? — Malcolm apontou na direção na qual Evie já estava correndo.

Droga.

— Voltem para a mansão — gritou Trystan, sem saber por que sentia a necessidade de parar e dar meia-volta. — Eu sinto muito — disse aos irmãos. A traição de Alexander era dolorosa demais para colocar em palavras, então ele apenas disse: — Por tudo.

Malcolm e Clare o abraçaram, hesitantes, e ele ficou paralisado, desconfortável. Pelo andar da carruagem, aquilo era o mais próximo que teriam de um momento de luto entre irmãos.

— Pois bem. É suficiente. — Ele deu tapinhas nas costas deles, reconhecendo que, apesar da morte do pai, Arthur ainda estava por perto.

Dentro de cada um deles.

— Vê se volta logo, cabeção. Precisamos fazer um jantar de família. — Clare deu um sorrisinho triste. — Mas eu me apressaria; a bichinha é rápida.

Trystan jogou as mãos ao ar.

— Claro que ela desenvolveria essa habilidade *agora*.

Sage seguia em uma velocidade descomunal para uma mulher com pernas tão curtas.

— Você está andando com esse propósito todo porque bolou um plano…

certo? — gritou para ela.

Ela parou, permitiu que ele a alcançasse, depois voltou a andar. O sol ainda brilhava alto no céu, planando sobre ela, dando a Trystan algo lindo para admirar.

— Você deve estar tão magoado — supôs Sage, ainda olhando para o alto enquanto eles seguiam. — Por causa do Reinaldo. Não acredito que ele seria capaz de…

— Eu acredito.

Os olhos de Sage enrijeceram com o comentário.

— Espera, você mentiu pra ele? Você suspeitava? E não me contou nada!

Trystan a encarou.

— Você suspeitou de o seu pai ser o traidor e não contou *para mim*.

A boca de Sage estava aberta, pronta para mais um grito, mas ela parou de andar e fechou os lábios lentamente.

— Me esqueci disso — grunhiu ela. — Você sabia mesmo? Por isso botou o Fowler pra esperar a gente?

— Não, eu não sabia ao certo; só tive certeza quando vi ele segurando a faca contra o seu pescoço. Só aí me permiti acreditar. Mas eu sabia que tinha algo diferente. Sabia que precisava mandar um corvo para o Fowler, caso o rei desse algum passo em falso. Mas não, Sage, eu não sabia que os passos em falso viriam do Alexander.

E isso doía pra cacete. Porque Trystan ainda se importava.

— Não posso culpá-lo totalmente. Ele estava muito convencido de que a maldição *precisava* acontecer. E estava preso no corpo de um sapo. O que tinha a perder?

— Você. — A voz de Sage vacilou com a palavra. — O lar dele.

Algo saiu dos trilhos no peito de Trystan, algo que se firmara desde que tinha virado o Vilão. Porque ele estava em luto, e isso doía, mas ela continuava ali.

— Acho que não tinha me dado conta — disse ele, admirado, afastando um cacho do olho de Sage.

— Do quê? — perguntou ela, encarando-o de um jeito estranho, provavelmente porque ele estava fazendo o mesmo.

— De quando meu lar deixou de ser a Morada do Massacre — ele a beijou de leve, saboreando o gesto, como se fosse a última vez que faria aquilo — e passou a ser você.

Um ribombar baixo ecoou o que ele dizia; Trystan tentou ignorar. Até que

ficou mais alto — e mais próximo.

— O que é isso? — perguntou Sage, pressionando o peito dele, o rosto se contorcendo em uma caretinha fofa.

— Não sei. Parece… Ai, deuses! Sério? Agora?

— Será que o mundo pode parar de acabar por um minuto, só para termos um instante a sós? — resmungou Sage, saltitando ao lado dele e segurando seus ombros para movê-lo. — Tira essa cabeça grande da moléstia da frente! Não consigo enxergar.

— Minha cabeça *não é* grande.

— Pois bem. — Ela debochou. — Tira sua cabeça de tamanho perfeitamente adequado da frente pra eu conseguir enxergar. Minha nossa. É uma multidão furiosa?

De fato, era. Trystan conhecia bem aquela visão. As foices balançando no alto, as tochas erguidas apesar da luz do dia iluminando o caminho, os gritos ferozes pedindo o fim da vilania.

Mas então Trystan ouviu um chamado que o paralisou.

Um chamado por Evie Sage.

— Eles estão atrás… de mim? De mim *especificamente*? — perguntou Sage com a voz estridente, e Trystan agora já estava familiarizado com o som; sabia que não encontraria lágrimas de desespero quando olhasse para o rosto dela.

— É um marco para você, e eu aqui sem um artista de retratos para registrar o momento — murmurou ele, seco, em resposta ao sorriso largo no rosto de Sage.

— Sei que você está sendo sarcástico, mas é a primeira vez que tenho uma *multidão* atrás de mim. Estou lisonjeada. — Ela tamborilou os dedos nos lábios, observando à medida que o grupo se aproximava. — O que você geralmente faz quando tem uma multidão atrás de você?

— Corto a cabeça de todo mundo.

— Ah. — Sage franziu o cenho e torceu a boca. — Tem alguma opção menos sanguinária? Quase não tive estômago pra isso da primeira vez.

— A gente dá no pé. — Ele declarou como se fosse uma ação inevitável em vez de uma escolha.

— Uma opção menos sem graça? — perguntou ela, fazendo graça.

— Ali ela! — gritou um aldeão, e Sage parou de brincar.

Ela agarrou a mão de Trystan e começou a puxá-lo consigo, disparando em uma corrida que ele foi obrigado a seguir até estar respirando forte ao lado dela. Assim, os dois se embrenharam nas árvores.

— Pensei que dar no pé fosse "sem graça" — ressaltou ele. Quando agarrou a cintura dela para praticamente lançá-la sobre um conjunto de arbustos, a sensação de Sage em suas mãos por pouco não o distraiu dos perigos; seus dedos continuaram a postos para segurá-la de novo mesmo depois de soltar.

— Só se ninguém estiver correndo atrás de você. — Ela deu aquele meio-sorriso sinistro que faria um mortal de mente mais fraca cair de joelhos.

Era inevitável.

Ele agarrou sua mão, puxando Sage com uma força tremenda até saírem da trilha e se esconderem nos arbustos, ficando colados em uma árvore.

Os lábios de Trystan estavam nos de Sage antes mesmo que ela pudesse formular uma pergunta, mas ela pareceu não se importar, agarrando o cabelo dele e segurando-o para si.

Ela mexeu os lábios nos dele, a língua roçando em sua boca e forçando um grunhido do fundo da garganta de Trystan. Primeiro de prazer, depois de dor quando precisou terminar. Quase sucumbindo no processo, ele a soltou, beijando a bochecha de Sage antes de se afastar, satisfeito pela forma como a havia deixado.

Desvairada. Com as pupilas enormes, os lábios inchados pelo toque dos dele, o peito arfando, as bochechas vermelhas, a cor descendo pelo pescoço dela até desaparecer no corpete.

Era um sentimento estranho de posse, saber até onde o rubor ia, conhecer os segredos do corpo dela como ninguém mais conhecia. Evangelina o despira de toda a civilidade, Trystan percebeu; ele não era melhor do que um animal protegendo sua parceira.

De repente, sentiu uma forte empatia pelo guvre macho.

— Hora de ir? — Sage piscou devagar. — Já?

O barulho da multidão estava mais baixo que antes.

— Acho que eles passaram pela gente. Venha, conheço um atalho.

— É tolice da nossa parte ir atrás da chave em vez de realizar a profecia agora? O monstro do destino disse que a maldição não aconteceria até três pores do sol antes da véspera do Dia das Bruxas. Ainda faltam quase dois meses.

— Não, o monstro do destino disse que essa é nossa *última* chance de nos libertarmos da maldição. Não há nada alegando que o Benedict não pode realizá-la durante os momentos mais poderosos do dia. Como o Edwin disse: amanhecer, meio-dia, pôr do sol. — Trystan apontou para a luz fraca do sol se pondo. — Precisamos da chave. E agora.

Eles continuaram andando pela floresta onde haviam passado tanto tempo — fugindo para salvarem a própria pele, se apaixonando, descobrindo que havia vida a se viver. Os dois seguiram pelas estradas de terra até encontrarem uma clareira.

Repleta de dentes-de-leão.

Sage parou ao lado dele.

— Conheço este lugar.

Trystan olhou ao redor. Ela estava certa — havia algo sinistramente familiar naquilo.

Os dentes-de-leão começaram a brilhar, e Sage arregalou os olhos.

— Trystan? Temos que ir embora.

Ele não pestanejou, apenas segurou a mão dela e deu meia-volta.

Até que Benedict irrompeu pelas árvores do outro lado do campo com um sorriso que tinha um quê suspeito de vitória.

— Não vão embora por minha causa. A diversão só está começando.

CAPÍTULO 78

Evie

Evie, por falta de palavra melhor, explodiu.

Sua magia sombria rodopiou em torno das mãos, entremeando-se na folhagem até que cada pessoa que ela sentia à espreita nas árvores congelasse diante de sua vontade. Ela não conseguiu evitar, nem mesmo quando o poder rondou Trystan, imobilizando-o no lugar.

— Não. Como é que eu…? Não era minha intenção atingir você também! — gritou ela, ordenando com a mente que a magia recuasse de Trystan.

Por sua vez, ele parecia não se importar, e até estar achando um tanto de graça.

— Sabe, já fiz isso com muita gente, e devo dizer que não gosto muito.

— Ah! Não! Magia feia! — Evie abanou as mãos, mas a magia apenas apertou ainda mais. — Está doendo?

— Parece um abraço — falou Trystan por entre os dentes.

— Ai, jura? — Ela abriu a boca.

Ele bufou.

— Não, Sage, parece que meus órgãos estão sendo espremidos e retorcidos. Respire fundo. Você está no controle.

— Não estou nada — disse ela, desolada, sentindo a escuridão começar a devorá-la. — Não estou no controle de nada. *Nunca* estive.

— Está — disse Trystan, firme, relutando contra a névoa, totalmente em vão. De repente, porém, uma luz iridescente brilhou dele, e centenas de cores diferentes reluziram de seu peito. Da essência de seu ser.

Como Curandeiro Primordial.

A magia de Evie o soltou, abrindo espaço para a cor em todo seu cinza.

Trystan a atravessou e agarrou os ombros de Evie.

— Fique aqui comigo.

A emoção a deixou engasgada, e a névoa lentamente se dissipou ao redor de todo mundo até sumir de vez, deixando apenas Trystan e ela — e os outros infelizes que estavam se metendo em um momento bastante romântico.

— Flertar pode não ser seu forte, mas suas declarações de amor são muito bem elaboradas.

Ele sorriu, e uma covinha apareceu em sua bochecha.

— Tenho lido muitos livros de romance.

Em seguida, ele se virou para encarar Benedict.

— Que reunião aconchegante. Estava esperando por nós, é? — perguntou Trystan a Benedict. — Como foi que você voltou tão depressa do norte?

— Sou o rei. — Benedict chutou os dentes-de-leão ao pisar na grama. — E eu sabia que vocês dois iam querer completar a maldição juntos.

— É meu sonho. — As palavras de Evie saíram secas, mas seu corpo estava em sinal de alerta. — Te ajudar a nos destruir.

Benedict fingiu uma expressão de sofrimento, levando a mão ao peito.

— Magoei! Me entristece você presumir que eu destruiria meu único filho. Ora, é meu herdeiro! O futuro do reino. Sua falta seria uma perda enorme. E, srta. Sage, bem… não há como um parecer bom sem o outro parecer maléfico. Você tem se saído muito bem nesse papel.

A luz que brilhara sobre os dentes-de-leão foi reduzida a um lampejo de prata flutuando pelo ar, até alcançar o centro do campo.

Em seguida, essa mesma luz… se transformou e assumiu a forma de uma mulher, com uma tez impecável e o cabelo escuro e comprido repuxado em uma trança que descia por suas costas. Seu corpo estava adornado de ouro e joias exuberantes. Evie a reconheceu na mesma hora.

— O monstro do destino.

— Ah, que isso. Só Destino, ou Destiny, já é suficiente. — A voz da mulher era como mel, pingando doçura, talvez para ocultar o amargor. — Sinto que te conheço tão bem; não era por menos, somos praticamente da mesma família.

Evie bufou.

— Assim, de fato você tem uma sede de vingança insaciável contra mim, o que cumpre os requisitos para ser minha parente mesmo.

Benedict gesticulou para ela.

— A família Sage é uma maravilha, não acha? Uma criança feita para proteger, outra feita para salvar, e outra feita para…

— Destruir — concluiu Sage por ele com um revirar de olhos. — Sim, sim,

já passamos por essa parte. Sou a ruína do reino; estou rumando para a destruição total. Tenho uma árvore genealógica atroz. O que mais? Porque nada disso vai me convencer a te ajudar.

— Nesse caso — respondeu Benedict —, por que não trazemos seu *incentivo*?

Pela primeira vez desde que Evie assumira o controle de sua magia, ela sentiu uma pontada de medo.

— Que incentivo?

— Vou te dar duas opções: nos ajudar a colocar em prática a maldição e salvar Rennedawn; ou permitir que Rennedawn pereça, que a magia morra e leve consigo a terra. Ah — exclamou Benedict, abanando a mão. Em resposta, correntes tilintaram atrás dele. — E seu irmão vai morrer.

Gideon foi arrastado tossindo pela campina. Havia marcas pretas em seu torso sem camisa; marcas bastante parecidas com as de Marvin. Veneno.

Só que, diferente de Marvin, o veneno estava indo diretamente para o coração de Gideon.

CAPÍTULO 79
Gideon

Havia muitas coisas dignas de arrependimento na vida de Gideon Sage. Ele permitira que o fardo de cuidar da família recaísse sobre Evie. Escapara da pressão do humor instável da mãe em vez de ajudá-la durante suas crises. Por pouco se esquivara da devoção do pai a Benedict e da crueldade que se seguiu, mas permitiu que afetasse as irmãs em vez dele. E, quando suas lembranças enfim voltaram… ele escolhera o caminho mais fácil para fugir.

Como um belo covarde.

E, agora, tinha acumulado décadas e mais décadas de vergonha. Se havia uma coisa que sabia a respeito de esconder coisas difíceis, era que elas quase sempre arrumavam um jeito de escapar.

Relutando nos braços do cavaleiro, ele buscou Keeley, sentindo uma onda de pânico e mal reparando no veneno que queimava em sua corrente sanguínea.

— Cadê ela? Eles estavam bem atrás de nós.

— Pare de se mexer, seu desertor infeliz. — O cavaleiro puxou Gideon e prendeu uma espada à sua garganta. As correntes ao redor de seus pulsos estavam tão apertadas que era como se seus ossos estivessem sendo esfolados.

— Keeley! — gritou Gideon, ignorando os comandos de seus antigos camaradas. Deuses, se eles encostassem nela… se a *machucassem*… — Onde é que ela tá?

— Estou aqui. Estou bem. — A voz suave dela foi como gelo preso à sua pele flamejante. Seu coração disparou quando se virou e viu uma faca contra o pescoço de Keeley.

— Ah, sim. Parece estar tudo bem mesmo. — A resposta sardônica de Gideon se perdeu em seus movimentos bruscos para tentar se aproximar dela. — Soltem-na.

Um punho acertou seu abdômen, e Gideon caiu de joelhos.

Quando ergueu a cabeça, viu Evie correndo até ele. No entanto, sua irmã foi detida por outro cavaleiro que a agarrou por trás, prendendo algemas em seus punhos para detê-la.

— Lembra-se disto, Trystan? — provocou o rei. — Um dia estiveram nos seus punhos.

As algemas que Gideon impregnara com a magia de escudo, que reprimia a de quem as usasse. Mais um acréscimo à lista de vergonhas.

Evie estava indefesa.

Gideon se virou novamente e viu o pai se aproximando do rei. Griffin soltou um som baixo de ultraje antes de fechar a cara, franzindo os lábios. Em seguida, falou:

— Essa brutalidade é desnecessária. Você precisa que ela esteja disposta a ajudar.

Evie percebeu — Gideon se deu conta disso pelo pulsar do maxilar dela —, mas não demonstrou estar emocionada com a preocupação do pai. Em vez disso, a resposta imediata de sua irmã foi… rir.

— Minha nossa! — Evie se soltou dos guardas, que permitiram. Os sons leves da alegria dela subiram ao céu, e ela baixou a cabeça antes de olhar para cima com uma expressão desesperada de divertimento. — Fico lisonjeada com a preocupação pelo meu bem-estar, mas é tarde demais.

Griffin olhou feio para ela.

— Eu não estava em busca de absolvição.

Ela sorriu com uma ameaça delicada.

— Que bom. Porque de mim você nunca vai ter.

Gideon tentou ajudar, chegando mais perto até que os guardas soltaram seus braços e ele desabou. O ardor em seu peito tornou impossível ficar de pé.

— Eve.

A irmã fez contato visual com ele, e Gideon assentiu com a cabeça rígida, esperando que ela interpretasse o gesto como: *Estou bem. E você?*

Ela assentiu de volta, com seu sorriso zombeteiro ficando mais tênue, antes de se virar para os homens que prendiam Trystan.

— Você vai fazer o quê, exatamente, se eu não colaborar? Deixar o veneno matar meu irmão? Você tem algum tipo de fixação doentia em atacar irmãos? É síndrome de filho único?

— Acho melhor não dar nenhuma ideia pra ele — insistiu Gideon com o tom leve, tentando não reparar que diversas espadas estavam sendo

desembainhadas e a meros dois passos de atravessarem seu corpo.

Benedict acenou a mão para Evie, desprezando seu comentário.

— Srta. Sage, por favor. Só estou te dando uma escolha: ou você realiza a maldição, ou seu irmão nunca vai ter a cura.

— Não escolha, Evie — mandou Gideon. — Não entre no joguinho deles. Você não é responsável por nada que eles fizerem.

Evie o encarou com algo ilegível no semblante. Parecia muito resignação, o que assustou Gideon. Era uma expressão que ele jamais vira no rosto da irmã. Sempre havia uma motivação, uma engrenagem girando, uma energia que parecia vir de uma fonte inesgotável.

Mas o semblante dela, naquele momento, era de uma casca.

— Sage — alertou Trystan com cautela.

Mas Evie ignorou todos eles, dirigindo-se apenas ao rei ao perguntar:

— Quais são as implicações dessa maldição?

— Evie, não! — gritou Gideon.

Benedict pareceu surpreso, arregalando os olhos por uma fração de segundo antes de reformular a expressão.

— Vou precisar dos poderes de cada irmão Sage. Tenho um pouco da luz estelar da Lyssa na planta das lembranças; felizmente, acho que será suficiente para deixarmos a criança fora disso.

— Não fale da minha irmã — ameaçou Evie, fulminando.

— Você quer dizer a magia da minha mãe. É isso que tem na planta. Não a da Lyssa. A Lyssa não tem nada a ver com isso — protestou Gideon, com um rompante de medo arrancando o ar de seus pulmões.

O rei Benedict bufou.

— Esqueço o tanto de segredos que guardamos ao longo dos anos. A magia que "roubei" da sua mãe não era dela, para começo de conversa. Do mesmo jeito que usamos a planta para mover a magia da Evie para o Trystan, quando a Lyssa nasceu, sua mãe tomou a luz estelar da profecia para que a Lyssa pudesse viver uma vida normal. No fim das contas, pegamos apenas uma gota.

Uma vida normal. Até parece. Como se "normal" incluísse cabeças decepadas antes do café da manhã e a companhia de um ogro.

— Por que tomar a magia de volta da nossa mãe? — perguntou Evie. — Pra que se dar tanto trabalho assim quando o plano sempre foi a maldição?

— A maldição nunca foi o plano — sibilou Destiny, e suas palavras criaram uma atmosfera sinistra sobre o campo de dentes-de-leão. — Eu teci o conto perfeito, e vocês todos o destruíram com suas intromissões e suas *escolhas*. O

que estamos prestes a fazer não é uma maldição: é uma correção. É dar uma oportunidade aos eventos que *deveriam* ter acontecido. Se alguns não tivessem tentado revogar minha vontade.

— E a vontade da Sina? — perguntou Gideon, tentando desviar o foco geral de Evie.

— A Sina é fraca — desdenhou Destiny. — Sou a verdadeira contadora de histórias. Eu decido o caminho de todos os seres deste mundo, e vou permitir que ele seja destruído antes de abrir mão de meu controle. Estou consertando um erro. Rennedawn não sobreviverá sem isso.

Benedict colocou a planta das lembranças diante deles, depois se virou para Evie e estendeu a mão.

— Venha, srta. Sage. Encontre sua verdadeira sina. Ela estava à sua espera.

— Não — mandou Trystan, debatendo-se nos braços dos guardas até se soltar e pegar a espada mais próxima. Mesmo sob ameaça, ainda assim se jogou diante da irmã de Gideon. — Vamos embora.

Os olhos de Benedict se voltaram para o filho com desgosto.

— Imagino que ache que pode salvá-la. Mas a vida que estou prometendo é a vida com a qual você sonhava, Trystan. Ser amado pelo povo de Rennedawn, fazendo o bem para os outros. Isso é possível em outro mundo. É possível se você der licença e permitir que sigamos o plano. Na atual conjuntura do mundo, seu status de Vilão está perdendo a força, e quando ele morrer de vez, quando o povo encontrar algo novo para odiar, como já encontraram na Evie… o que vai acontecer? Qual será o seu papel?

Os olhos pretos de Maverine ficaram mais escuros. Ele segurava a espada com firmeza na lateral do corpo, com os músculos dos ombros tensos. Seu maxilar se contraiu quando ele deu um passo à frente, depois mais um. Sem tirar os olhos de seu oponente, Gideon xingou as algemas em seus punhos por impedirem que ele pudesse ajudar.

Mas então Maverine fez algo que pareceu chocar não apenas Benedict, mas também a Destiny. Trystan abriu um sorriso tão grande que uma covinha se formou em uma bochecha.

— O papel que me permitir continuar do lado dela.

— Como um capacho — desdenhou Benedict.

Ninguém se mexeu quando Trystan Maverine avançou, agarrando o colarinho de Benedict e puxando o rei para mais perto, o suficiente para ouvir seu sussurro sibilado, que ecoou pelo campo, lançando mais tufos de dentes-de-leão no ar:

— Como marido dela.

Benedict se engasgou ao ouvir a palavra, assim como Gideon, mas Evie…

Evie estava tão boquiaberta que Gideon teve medo de que seu queixo fosse se soltar e cair.

— Você tá me pedindo em casamento… agora? — indagou Evie com a voz fina, e o restante dos espectadores pareceram tirar o olhar da cena ao mesmo tempo.

Maverine arqueou a sobrancelha, sem tirar os olhos de Evie enquanto jogava Benedict de lado como um saco de lixo, indo até ela com passos determinados.

— Não. Só estou te informando que essa é minha intenção.

Os olhos de Evie estavam tão arregalados que ela pareceu uma coruja quando fitou o homem que um dia chamara de chefe.

— Benedict, já chega — interrompeu Destiny. — Tenho outros reinos para atormentar; não tenho tempo para isto. Você me prometeu que a maldição seria colocada em prática antes do fim do dia. — A trança longa caiu sobre o ombro dela quando ela se moveu.

— Pegue o novo exemplar — mandou Benedict, limpando o sangue o lábio.

E, quando o livro de Rennedawn foi colocado no chão, as páginas em branco se moveram depressa.

O monstro mexeu as mãos em círculo, criando um ciclone de luz forte sobre as folhas enquanto uma voz arcaica saía de seus lábios:

— *Nesta história, um novo conto a tecer, onde tudo voltará a como deveria ser.*

— Ai, de novo essas rimas — resmungou Evie, mas a leviandade caiu por terra quando a luz estelar da planta das lembranças entrou nas páginas do livro, injetando-o com uma luminosidade tão avassaladora que todos no campo fizeram cara feia e cobriram os olhos.

— Agora você, Gideon. — O rei Benedict lhe deu um sorriso encorajador. — Prometo que vai gostar do que lhe aguarda do outro lado. Uma cura para o veneno que está prestes a te matar, por exemplo.

O livro começou a soltar fumaça, uma que não parecia ser do tipo natural, como a de fogo. Aquilo, sim, era magia — era perigo.

— Não vou.

— Só preciso de um pouco do seu sangue — abrandou Benedict. — Não precisa nem oferecer sua magia.

— Eu disse não! — vociferou Gideon, empurrando o guarda que o prendia e avançando em direção a Benedict. Ele só parou quando sentiu uma pontada forte, e a dor se espalhou por seu torso. No entanto, Gideon apenas assimilou o

choque repentino quando olhou para baixo.

E viu uma espada… fincada em seu abdômen.

CAPÍTULO 80

Evie

A mente de Evie levou alguns instantes para registrar a espada fincada na barriga do irmão e os sons horríveis e guturais que saíam de sua própria boca.

— Gideon! — Evie tombou no chão e praticamente se arrastou até o irmão, que caíra de joelhos, suas correntes tinindo, e encarava a espada com os olhos arregalados e focados.

Olhos como os do pai deles. Que irrompera do entorno de árvores em fúria.

— Benedict, o que está fazendo?! — gritou Griffin, avançando para Evie e Gideon, mas Evie ergueu as mãos acorrentadas com um som quase animalesco escapando de seus lábios.

— Pra trás! — gritou. — Não chegue perto da gente. — Aquilo não podia estar acontecendo. Como era possível que todo momento de esperança, de bondade, acabasse daquele jeito? Em tragédia. Em dor. — Gideon. Não morra.

Gideon segurou firme a espada que o atravessava.

— Vou dar meu melhor, Eve.

— Não arranque — mandou Trystan detrás dela. — Isso só vai acelerar o sangramento. Precisamos da Tatianna. Ela consegue dar um jeito nisso.

— Ele não vai sobreviver até encontrarmos a Tatianna — sussurrou Keeley, com mais pânico na voz do que Evie jamais ouvira da capitã. Evie não tinha visto ela se aproximar, mas os guardas pareciam ter recuado ao limite da clareira, garantindo que nenhum deles tivesse um meio fácil de escape.

— Trystan. Você é um Curandeiro Primordial! Será que não pode…

— Receio que o Trystan não possa ajudá-la, srta. Sage. — Benedict estalou a língua.

E Trystan grunhiu, um som inumano, ao ouvir a declaração.

— Vá para o raio que o parta.

— Mesmo se conseguir curar a ferida, não vai sarar o veneno, porque não existe cura para ele. — As palavras de Benedict recaíram pesadas sobre eles. — Não neste mundo, só no seguinte. Na versão amaldiçoada de Rennedawn.

Não.

Não.

Por favor.

— Você tem magia estelar. — Evie ergueu a cabeça, frenética, e seus olhos pousaram sobre o rei. — Use para curá-lo.

Benedict assistia à cena em triunfo, como se aquilo fosse o que ele desejara desde o princípio. Ele queria atormentá-los até aquele ponto, brincar com eles feito presas. E haviam caído direitinho na armadilha. Não havia fuga daquilo.

— Seria uma honra. Mas a magia de cura deste mundo não vai curar o veneno. Não estou mentindo para você, srta. Sage. Você pode salvá-lo se disser o encanto que o Destino está pedindo. Gideon também precisará fazê-lo, é claro.

Gideon agarrou a mão da irmã; seu rosto querido estava tão retorcido de dor que o coração de Evie se partiu pela milésima vez.

— Não, Evie. Não faça isso. Eu mereço, na verdade. Está tudo bem.

Lágrimas queimaram diante de tamanho desespero inútil. Eles sempre deram um jeito de escapar das coisas antes, mas não mais. Só havia um caminho adiante, e Evie atravessaria essa porta para não deixar o irmão morrer.

— Achei que já tivesse te perdido uma vez — sussurrou ela, beijando a bochecha do irmão. — E me recuso a passar por isso de novo. Vai ficar tudo bem. — Eram palavras que ela costumava dizer para Lyssa, palavras em que sempre acreditara. Por encontrar otimismo enterrado debaixo da dor, Evie foi tomada por um alívio profundo, até mesmo naquele instante terrível, de apertar o coração.

Tudo ficaria bem. Eles fariam tudo ficar bem.

Não importava o que precisassem fazer antes disso.

— Certo — disse Evie, ficando de pé e girando os ombros para trás, sem tirar os olhos do homem que arruinara sua vida de tantas formas. — Pode trazer o livro. Vou te dar o que você quer.

— Evangelina. — Trystan cambaleou em direção a ela, chegando perto o bastante para que ela o tocasse.

Evie tocou sua bochecha com os dedos.

— Você prometeu que não existia mundo nenhum em que não viria atrás de mim. Foi de coração?

Trystan fixou o olhar no dela. Ela viu raiva, frustração e medo em seu semblante, além de carinho, amor inabalável e devoção.

— Foi.

— Então me encontre no próximo mundo. Pode ser?

Ela puxou o rosto dele para si e deu um beijo desesperado em seus lábios, um beijo nascido de toda a dor nela que ele curara, de todas as partes que ele sarara, do quanto ele era vital para ela, como ar ou água. Ele era sua vida.

Trystan correspondeu ao beijo com a mesma intensidade, o mesmo fervor, e Evie precisou de cada gota que restava de sua força para se desvencilhar dele. Cambaleando, foi até o livro e invocou a magia dentro de si.

Griffin deu um passo à frente para abrir as correntes ao redor dos punhos dela, e elas caíram ao chão. Evie pensou ter visto remorso no pai, mas até mesmo as almas mais terríveis deviam ficar com o pé atrás de vez em quando, e uma gota de sofrimento vinda daquele homem não valia de nada. Sua névoa se derramou sobre o livro em um redemoinho de escuridão, depois avançou para as páginas abertas do tomo até que ele começou a flutuar.

— Repita comigo — mandou Destiny, sem condescendência, apenas determinada a concluir aquela tarefa. — *Aceito minha Sina como ela será e dou liberdade ao Destino.*

Em sua redenção, através de toda a agonia, Evie viu um lado positivo.

Pelo menos essa merda não rima.

Ela repetiu as palavras, apesar do gosto azedo que tinham em sua boca.

O que ia acontecer com eles? Com Lyssa? Com Trystan? O que o mundo viraria em consequência daquela maldição?

— Gideon? — incitou Benedict.

O irmão de Evie repetiu suas próprias palavras para o livro, cedendo sua magia de bloqueio. Como, por um momento, a atenção de todos esteve sobre ele, ninguém viu quando Trystan se virou para Evie.

— Eles não podem desfazer o passado — murmurou. — Não deixe que te enganem. Podem amaldiçoar a terra e forçá-la a virar algo novo, mas não importa o que façam, *não podem* apagar o que já aconteceu. Quando estiver feito, você tem que se lembrar disso.

Um estouro alto ecoou do livro, explodindo em fumaça mágica, com os contornos se espalhando até engolfarem a todos, e Evie sentiu pânico. A força do impacto a jogou para o outro lado do campo de dentes-de-leão.

Quando ela se sentou, ouviu um estrondo vindo da direção do mar, e avistou uma massa semelhante a uma nuvem rodopiando em direção a eles.

A maldição.

Evangelina Sage e Trystan Maverine fizeram contato visual.

E correram. E correram. Esticando-se um para o outro.

Suas mãos estavam prestes a se tocar. Porém, antes que pudessem se encostar…

A maldição os pegou.

E tudo mudou.

CAPÍTULO 81

Trystan

Duas semanas depois…

O príncipe Trystan Benedict Martin jamais sentira tamanha fúria quanto naquele momento. Ele desbravava a floresta com sede de vingança na garupa de um cavalo, perseguindo a carruagem em fuga enquanto seus Guardas Valentes o ladeavam com orgulho para que pudessem deter a trombadinha que roubara os artefatos inestimáveis de seu pai.

Depois de pular sobre um tronco caído, ele assumiu a liderança. Como herdeiro do trono, suas responsabilidades sempre seriam o cuidado e o zelo por Rennedawn e seus cidadãos. Não havia a menor dúvida de que *ela* estava por trás daquilo — a criatura vil que atormentara a Floresta das Nogueiras e o restante do reino pela última vez. Ele a pegaria e livraria o reino de seus males de uma vez por todas.

— Vou pegar um atalho para interceptar a carruagem. Fiquem na cola dela! — mandou Trystan, e imediatamente foi assistido por diversos cavaleiros em seu encalço. Ele seguiu para o atalho que encontrara no outro dia enquanto cavalgava por ali, buscando a ruindade que o povo chamava de "Vilã" ou "Mulher Perversa".

Nunca houve codinome tão ridículo. Mas as lembranças de caçá-la eram borrões, como se fossem algo que sua mente não pudesse conjurar direito — toda vez que ele a vasculhava atrás do motivo, acabava se distraindo, encontrando outra coisa com que encasquetar.

Seguindo a toda velocidade, ele cortou o caminho da carruagem pela frente. Os cavalos empinaram, bufando, o que fez a carruagem se soltar e derrapar em direção a uma árvore, colidindo com um estalo de embrulhar o estômago.

Trystan fez careta.

Desmontando do cavalo, ele foi até o meio de transporte arruinado em busca da mulher que adornava todos os pôsteres de PROCURA-SE em Rennedawn. Ela tinha fogo no lugar do cabelo e um sorriso feio que desconcertava até mesmo os cavaleiros mais estoicos. Seus malares eram pontudos de um jeito obtuso nada atraente, e tudo no desenho lhe dava o aspecto de uma mulher que buscava ferir pessoas inocentes.

Trystan jurou proteger esses inocentes.

— Acabou, Vilã — gritou ele, agarrando a porta e puxando-a de supetão, encontrando o interior… — Vazio! A carruagem está vazia! — anunciou para os cavaleiros, que deviam estar se aproximando naquele exato instante.

Mas não estavam. Trystan não ouviu nem mesmo um sussurro de cascos trotando pela terra. O que ouviu, no entanto, foi uma voz que fez seu corpo despertar e todos os seus sentidos ficarem em alerta.

— Que curioso. Acha que ela escapou? — A voz saiu suave e leve, com as palavras banhadas em riso e alguma outra coisa que fez o peito de Trystan flutuar.

Virando-se, ele encontrou a ponta de uma faca apontada bem para seu nariz. E a viu.

Tinha muito a se ver.

Em vez de cabelo flamejante, havia um alvoroço de cachos caindo pelas costas da mulher. Seus olhos claros estavam pintados de preto de um jeito que deveria tê-los tornado penetrantes, mas que na verdade só parecia ressaltar algo tênue neles, e o sorriso dela era, ao mesmo tempo, igualzinho ao dos pôsteres de PROCURA-SE e completamente diferente.

Ocupava o rosto todo dela, com os lábios tão cheios e vermelhos que Trystan tinha certeza de que jamais vira algo parecido. Os malares eram altos, e o nariz tinha uma curva delicada que agora estava franzida enquanto ela o observava. Ela era a mulher mais bela que ele já tinha visto. E isso era uma baita inconveniência.

Porque era dever de Trystan matá-la.

No entanto, quando ele fez menção de pegar a espada em seu cinto, todos os seus instintos gritaram para que ele parasse. Cada centímetro de seu corpo repeliu a ideia de fazer mal a ela. O que era aquilo? Bastou o olhar de uma moça linda e ele já estava perdendo todo o senso de dever. Ele não era um rapazinho inexperiente — era um homem de quase trinta anos. *Recomponha-se, homem. Ela não é tão bonita assim.*

É, sim, protestou sua mente doentia e traiçoeira. Quando ele tentou se desvencilhar de seu torpor, percebeu que não dissera nada durante vários longos segundos e que ela continuava ali, com a lâmina colada à ponta de seu nariz e a cabeça inclinada de curiosidade ao fitá-lo.

Diga alguma coisa a ela, seu paspalho! Qualquer coisa.

— Era para você ser feia. — As palavras dele saíram com a força bruta de um aríete, e a pior coisa do mundo aconteceu em consequência.

Ela riu.

O som foi como sinos entoando um acorde bem no fundo da alma dele, repuxando algo em sua mente a que não conseguia ter acesso. Trystan ficou incomodado por não conseguir identificar a risada, como se já a tivesse ouvido antes, mas não lembrasse onde.

— Peço desculpas por decepcionar, Sua Alteza. Eu, pelo contrário, ouvi dizer que era para você ser bonito.

Aquilo o incomodou.

— E você… não acha que sou? — Por que ele estava perguntando aquilo para ela, porra? Se o pai dele o estivesse ouvindo naquele momento, Trystan sem dúvida seria decapitado.

Os olhos azuis dela suavizaram ainda mais, e o sorriso aumentou, o que não parecia ser possível, mas ela deu um jeito.

— Eu te acho muito bonito, na verdade. Só esperava que houvesse uma coroa grande no topo da sua cabeça e um pouco de arrogância principesca para segurá-la no lugar.

Ela o estava provocando. Trystan sempre tivera um péssimo senso de humor, mas até mesmo ele conseguia ver a alegria nos olhos dela, o júbilo descarado que exibia como poeira estelar. Onde estava o sorriso ameaçador? Onde estava a maldade que deveria flutuar ao redor dela como o vento fazia naquele instante, afastando os cachos do rosto com delicadeza e levando um até os lábios?

Deuses, a mulher era inequivocamente adorável, e isso era muito perigoso. Ao se lembrar da magia dela, da ameaça que demonstrava, dos cavaleiros que ela havia matado, Trystan caiu na real de novo.

— Afaste sua adaga, madame — vociferou ele, empurrando a mão dela. O contato da pele da mulher na dele queimou feito um ferro em brasa. Sacudindo o membro na lateral do corpo, ele flexionou os dedos, tentando se livrar da sensação de formigamento que não dava trégua. — Você está presa por seus crimes contra a coroa.

Ela respondeu dando um giro com os braços para cima, e Trystan começou a se perguntar se a otária havia batido a cabeça.

— É um belo dia, não acha? Lindo para uma caminhada. — Ela abaixou as mãos de volta e as cingiu às costas. Seu vestido parecia uma opala preta, com as mangas caindo pelos ombros até o redor dos punhos, fluindo feito uma cachoeira. Perfeitamente ajustado para uma pessoa prestes a ser detida.

— Lindo para uma caminhada, sim. Mas creio que não para *roubar*. — Ele estava fumegando, sentindo a tensão no maxilar e no punho também, quando ela se virou para encará-lo de novo, com leveza e divertimento. Colorida. A palavra lhe soou discordante internamente.

Ela estava sisuda quando chegou mais perto. Destemida. Inabalada pela rigidez na expressão dele.

— Tem razão, porque prefiro mil vezes roubar no escuro, mas seu pai insiste no transporte à luz do dia. Vou fazer o quê?

Trystan buscou um traço de sarcasmo, de ameaça. Não encontrou nada. Estava sendo sincera. Isso o deixou embasbacado; ele se pegou sem palavras.

Não importava. *Ela* claramente ainda tinha palavras de sobra.

— Assim, claro que seu pai não tem em mente o que é conveniente para mim, porque sou *eu* quem está roubando *dele*. Seria muito esquisito se ele fizesse escolhas visando o meu benefício. Se bem que seria uma medida mais cortês, algo que os príncipes são tão determinados a ser. Se você pudesse dar uma sugestão em prol de travessias noturnas, eu ficaria *extremamente* grata. — Ela pedia o favor como se fosse razoável. Como se não fosse absurdo, uma completa loucura.

— Não vou dar trela e aval para a sua vilania, madame. — Ele falou com severidade, satisfeito consigo mesmo por não transparecer a confusão que sentia.

— Queria que você não me chamasse assim. — A mulher franziu o nariz, abanando a adaga em um gesto de negativa. — Me faz parecer uma chata.

Não, aquela mulher não era uma chata. Ela era ensandecida. Ou isso, ou estava tentando tirá-lo do sério, bancando a donzela boazinha para fazê-lo baixar a guarda.

Ela parou, parecendo desvairada por um instante, e então soltou o som mais lastimável que ele já tivera o desprazer de ouvir. Ele levou um instante para perceber que era um espirro, um barulhinho estridente, seguido por uma expressão acanhada.

Estava funcionando. Como é que aquilo estava funcionando?

Trystan não conseguiu evitar; enfiou a mão no bolso e tirou dele um lenço cinza. O mesmo que sempre carregava consigo. Emburrado, entregou para ela, lamentando suas próprias compulsões cavalheirescas tolas. Ela aceitou, deixando o tecido deslizar pelos dedos, e o corpo dele fez uma coisa tenebrosa.

Ele reagiu.

Afastando a mão de perto da dela, Trystan olhou para a frente em busca de ajuda. Onde raios seus homens tinham se metido? Aquela mulher o estava enfeitiçando. Só podia ser isso. Não havia o menor sentido naquela atração. Nenhum.

No entanto, nem um cavaleiro sequer podia ser visto na estrada de terra.

— O que aconteceu com os meus Guardas Valentes? — questionou ele, com cada fibra de realeza que possuía.

— Eles estão por aí. Mas o local exato é um suspense — disse ela, indiferente à grosseria dele. Ela estava achando graça. Trystan não sabia se estava mesmo lidando com uma criminosa maligna até que ela concluiu com: — Suspensos, na verdade.

O sangue dele gelou.

Com o suor frio escorrendo pela nuca e um bloco de chumbo pesando em seu estômago, Trystan se virou, andando — não, correndo — pela estrada que levava a seus homens. E eles estavam suspensos. Pelas unhas dos dedos dos pés.

Todos vivos.

Gritando como se tivessem sido esfolados.

(Não tinham.)

A primeira pergunta dele deveria ter sido onde foi que ela encontrou aquela audácia sem fim. Porém, em vez disso, o que saiu de sua boca foi:

— Como você os colocou lá em cima? — Ele encarou, incrédulo.

— Ah, não foi nada de mais. — Ela falava como se estivesse envergonhada, e Trystan viu um rubor em suas bochechas. — Um truquezinho de magia bobo.

— Não foi um *elogio* — retrucou ele. Até perceber que… tinha sido um elogio, sim. Mas ele é que não ia se permitir admitir isso. Em voz alta. — Perguntei para arrumar um jeito de impedir que faça isso de novo.

Ela arquejou, e seus olhos estavam brilhosos quando desviou o rosto. Uma fungadinha escapou de seu nariz, fazendo Trystan se sentir como se fosse um animal enjaulado.

— Você não está chorando. — Ele falou com toda a força de vontade que tinha, porque não podia ser. Ele se recusava a acabar com a Vilã quando a dita-

cuja estava em um estado deplorável. — Você não pode estar chorando.

Mais um solucinho escapou dela, e então aquela gargalhada terrível e encantadora surgiu de novo. Ela se despiu de suas emoções fingidas para revelar sua felicidade genuína e avassaladora.

— Minha nossa. Você é sempre fácil assim, Sua Alteza?

— E você é sempre difícil assim? — retrucou Trystan, fitando o rubor no peito dela, a forma como descia e descia até sumir abaixo do espartilho dela.

— Com toda a certeza — respondeu ela, contente, depois girou um cacho no dedo, e ele se pegou absorto.

Esta mulher sem dúvida é uma vilã mesmo.

Preciso dar o fora daqui.

— Senhor! Dá uma ajuda?

O pedido veio de um dos Guardas Valentes, que ainda estavam pendurados de cabeça para baixo.

— Sim, sim, homem, me dê um momento. — Porém, quando ele se virou de volta para a Vilã, ela havia sumido, fugindo na outra direção. — Ei! — gritou ele, sentindo-se mais agitado do que o necessário. A última coisa de que Trystan precisava no momento era sua energia frenética; ele necessitava de raiva, isso sim. Precisava de motivação para capturá-la e destruí-la. No entanto, se pegou correndo na máxima velocidade, lançando seu corpo grande acima do dela até os dois caírem no chão. Ele rolou, tentando receber a maior parte do impacto quando pousaram, e a dor em seu ombro foi tão forte que lhe arrancou o ar dos pulmões.

— Ei? — Ela o encarou, com os olhos tão arregalados que ele podia jurar ter visto um reflexo de sua própria alma neles. Trystan teve que desviar o rosto. — Você queria mais alguma coisa? Minha agenda hoje está um tanto cheia, então eu preciso seguir meu caminho.

— Eu te prendi! Você não pode ir embora.

— Ah, peço desculpas. — Ela tentou se fazer de envergonhada, mas ele viu que era só mais uma farsa. — Eu tinha esquecido. Derrubar as pessoas no chão faz parte do processo de prisão? Ou você só é do tipo que se aproveita da posição de poder para abordar mulheres?

Trystan se ergueu com as mãos.

— Não! Como se atreve!

— Ou quem sabe seu desejo seja *me* abordar, especificamente? A humilhação sempre é um castigo digno.

— Certamente não — resmungou ele, afastando-se dela tão depressa que

quase caiu para trás. — Eu jamais… Como você se atreve a insinuar que…

— Sinto muito. — Era incrível como ela ia de uma crueldade fingida a uma ternura genuína em questão de segundos. — Eu não deveria ter dito isso; não foi gentil. Eu nem te conheço. Não reajo bem quando me sinto diminuída.

A declaração provocou coisas inescrupulosas no coração de Trystan, assim como o grito que saiu da boca da Vilã quando ela de repente foi puxada pelo cabelo e detida com correntes de ferro.

— Peguei ela! Prendi a Vilã, Sua Alteza! — Um dos capitães da Guarda Valente, Meenka, botou a mão no pescoço da Mulher Perversa e a puxou para o peito com uma risada bajuladora e satisfeita.

Eles a haviam capturado.

Trystan ficou terrivelmente confuso pelo fato de a conquista lhe parecer um fracasso tremendo.

CAPÍTULO 82

Evie

Evie Sage nem se lembrava mais de ser chamada por esse nome. Em sua casa, na Morada do Massacre, ela era a chefe, a megera inescrupulosa, a Mulher Perversa. As massas tinham adjetivos para dar e vender.

Ela se divertia muito com eles. Aquilo, no entanto — estar com os punhos acorrentados pelo cavaleiro repugnante às suas costas, sentindo seu bafo quente em sua bochecha enquanto ele ria? A magia dela se agitou em revolta, mas as correntes estavam impregnadas. De magia de escudo.

Maldito Gideon.

O irmão dela havia se juntado aos Guardas Valentes pouco antes de ela se tornar a Vilã. Ele jamais a perdoara por isso, e ela nunca havia pedido desculpas. A relação deles era simbiótica. Contudo, até então, tinham um acordo tácito de não meter o bedelho na profissão um do outro. Ela deveria tentar não interferir nas ordens que ele recebia de Benedict, e ele faria questão de não aceitar quaisquer missões envolvendo a captura dela.

Bem, se ele queria jogar daquela maneira, então ela teria o maior prazer em fazer o mesmo.

Ela ficou se perguntando se Sua Alteza Real estaria disposta a repassar uma mensagem ao irmão dela, o que levou a Vilã a se perguntar se os dois homens podiam ser amigos. Os pensamentos foram interrompidos de repente quando se deu conta de que continuava de fato sob custódia do homem odioso atrás dela, e que ela não deveria estar pensando no príncipe. Jamais. Ainda que o rosto dele fosse agradável e seus olhos fossem tão escuros que ela quisesse se enterrar neles.

— Ela é bem pequena para uma sirigaita tão má. — Houve um puxão forte no cabelo dela, e a Vilã mordeu o lábio para não gritar de dor. Não queria dar ao

brutamontes a satisfação.

O príncipe havia ficado de pé devagar, encarando intensamente a mão no cabelo dela e as correntes em seus punhos. A expressão dele era difícil de discernir, mas Evie imaginou que estivesse se sentindo triunfal. Que vantagem aquilo traria para o pai dele, o rei Benedict. Babaca pomposo.

Entretanto, o príncipe não parecia estar feliz quando deu um passo à frente.

— Não precisa ser bruto, Meenka. — A voz dele apaziguou os membros rígidos dela, e Evie ficou alarmada com a rapidez com que seu corpo respondeu às palavras do príncipe. — Era para sermos homens de honra, caso tenha esquecido.

O homem que ele chamara de Meenka continuou segurando-a firme, rindo.

— Nunca é necessário, Sua Alteza, mas o senhor vai ver que torna o trabalho mais agradável.

Tudo no corpo de Evie ficou tenso com o comentário.

— Solte ela. Agora.

A ordem dele foi tão incongruente que Evie ergueu a cabeça, abrindo a boca de choque pelo comando rouco do príncipe e o lampejo em seus olhos que agora ela reconhecia como raiva.

— Senhor. Acho que não está entendendo. Talvez seu pai não o tenha educado direito quanto à forma como nós oper…

— Se tentar me explicar mais uma vez como devo me portar, vou garantir que nunca mais sirva a Guarda Valente, Sir Meenka. Vou pedir mais uma vez antes que minha paciência se esgote. Solte a moça. Agora.

E ele a soltou de fato. Ou melhor, jogou-a para o lado, com tanta força que os joelhos de Evie atingiram o chão, o que fez com que uma dor forte subisse por suas pernas.

Agora que estava livre, ela inclinou a cabeça para trás, examinando o homem.

— Minha nossa. Você é autoconfiante demais para um homem com… — Ela subiu o olhar, avaliando-o bem. Não estava procurando nada para criticar. Geralmente, para tirar um homem do sério bastava insinuar que ele não correspondia à marra com que se portava, e Evie era muito boa testando esse limite até colapsarem com sua repreensão educada e feliz. — Bem… para um homem como você — falou com um sorriso.

Surtiu o efeito desejado. Meenka inflou as narinas, e seu rosto assumiu um tom avermelhado que indicava que ela havia tentado a sorte demais. Ele levou o punho para trás, e ela se preparou para o golpe, fechando os olhos e se

esquivando. Porém, o soco não chegou a atingi-la.

O som de pele esmurrando pele foi tudo que ela ouviu — isso e um baque insistente, que fez com que ousasse abrir os olhos.

E como ficou feliz por ter feito isso.

A vista diante da Vilã não seria esquecida facilmente. O príncipe estava desgrenhado, com veias saltadas no pescoço e os músculos das costas rígidos ao puxar Sir Meenka e atirar seu corpo inconsciente com força no chão.

Antes que ela pudesse fazer mais alguma coisa, as mãos dele — firmes, mas gentis — surgiram nos braços dela, colocando-a de pé. Por um momento, ela apenas encarou o maxilar rígido e as curvas que subiam e desciam pelas clavículas dele. Os olhos escuros. Não sabia ao certo o que a levara a fazer isso, mas foi como se alguma outra coisa tomasse conta de seus membros, como se o corpo dela não lhe obedecesse mais, quando ela levantou a mão para a bochecha dele e a repousou ali.

Os pelos da barba em contato com seus dedos provocaram um arrepio em seu corpo. Sem demora, a Vilã atribuiu a reação ao medo que emanava dela. O tinido das correntes a arrancou do momento, assim como o semblante confuso e assustado do príncipe.

— Você está tocando meu rosto.

Ela inclinou a cabeça, sem saber como responder à declaração bastante óbvia, então se contentou com um simples:

— Sim.

O príncipe arqueou a sobrancelha.

— Está satisfeita com a decisão?

Evie não sabia por quê, mas a pergunta a fez rir, e antes que pudesse dizer mais alguma coisa, suas correntes caíram de seus punhos, e sua magia despertou com uma resposta chamejante. Porém, ela não conseguia assimilar a própria magia. Não conseguia assimilar nada além do fato de que acabara de ser libertada pelo homem que nascera para derrotá-la.

Seus olhos inquisitivos focaram os dele, e ela encontrou apenas um espelho de sua surpresa, como se ele também não conseguisse acreditar no que tinha feito.

O estrondo de cascos revelou mais uma brigada da Guarda Valente chegando para o resgate do príncipe, e o som estilhaçou a frágil ilusão de paz entre eles. O rosto dela se contorceu de repulsa — ou algo semelhante — quando ele cambaleou para trás. O príncipe segurou a mão dela, depois a empurrou para detrás de uma árvore com uma brutalidade que a pegou de

surpresa, devido à delicadeza com que a havia tratado até então.

— Nós nos veremos de novo. Em breve — murmurou ele.

Ela não soube dizer se era para ser uma ameaça.

No entanto, Evie continuou escondida atrás da árvore quando os Guardas Valentes se aproximaram e perguntaram sobre o paradeiro dela.

Os olhos dele não encontraram os dela, mas seu maxilar enrijeceu, e suas mãos tensionaram nas laterais do corpo quando ele assentiu para eles com a deferência digna de um príncipe leal.

— Ela fugiu depois de despachar o Meenka.

— Devemos continuar nossa busca, Sua Alteza? — indagou uma voz baixa.

— Não — respondeu o príncipe Trystan de imediato. — Não, vamos voltar com os pertences do meu pai.

Evie cobriu a boca com a mão. Porque os pertences do pai dele já estavam a caminho da Morada do Massacre nas mãos de seus Guardas Malevolentes.

O som do trote de cavalos indicou que ela estava sozinha novamente, livre para voltar para casa com seus espólios. No entanto, a conexão que sentiu com o homem que agora cavalgava em direção ao castelo — uma última vez olhando sobre o ombro para onde ela havia se escondido em meio às árvores, como se não pudesse crer que ela fosse mesmo real — fez Evie sentir uma alegria. Genuína. O que, ultimamente, não era fácil de acontecer.

Evie saiu tropicando e voltou para a estrada de terra, tentando ignorar a pontada no peito quando ele enfim desapareceu atrás das árvores. Foi só então que ela sentiu o peso de algo na mão. Algo que ele provavelmente lhe dera antes de empurrá-la.

Uma chave.

Era branca. E tinha flores roxas.

Um som alto de vento e o bater de asas fizeram Evie sorrir antes mesmo que visse quem era.

— Aí está você, Fergus. — Quando ela ergueu a cabeça, o guvre, que permanecera sob seus cuidados desde que Benedict prendera a família do animal, pousou com um baque. Suas escamas arco-íris foram uma visão bem-vinda depois de por pouco não ter sido capturada. Dando tapinhas no focinho do animal, ela passou os olhos pela cicatriz misteriosa na barriga do amigo querido. — Vamos pra casa? — O animal emitiu um zunido antes de disparar para o céu.

Durante todo o percurso até a Morada do Massacre, ela não parou de olhar para a chave branca em sua mão.

Evie sorriu para ela como se objeto fosse um presente valioso. Dentro de si e com paciência, ela mal podia esperar.

Para a Vilã e o príncipe Trystan se encontrarem mais uma vez.

O COMEÇO DO FIM.

ATÉ NÓS *TODOS*... NOS ENCONTRARMOS NOVAMENTE.

EPÍLOGO

Winnifred

Duas semanas antes
Antes da maldição

Winnifred tinha poucos desejos na vida.

Queria uma cama quentinha para dormir.

Comida de manhã, de tarde e de noite.

Talvez um toque de interação humana.

E ser tratada, se não bem, pelo menos cordialmente.

Ter três dessas quatro coisas era uma vitória pelos parâmetros de qualquer um. Quando ela retornara à sra. Maverine, a mulher mais velha parecera surpresa. As cavidades escuras sob seus olhos haviam se intensificado depois da morte de seu amado marido. Arthur Maverine viajara durante boa parte do tempo em que Winnifred estivera empregada na casa da família, mas ela ainda assim sabia que ele era a fonte de gentileza e bondade dos seus.

Quando ele morreu, foi como se toda a gentileza tivesse ido com ele. A sra. Maverine agora desdenhava do trabalho precário dela de polimento da prata.

— O velório do meu marido foi transformado em um show de horrores pelos meus filhos terríveis. Preciso mesmo sofrer com a sua insubordinação também?

Winnifred estivera distraída demais pensando nas pessoas que conhecera. E no que poderia recair sobre elas.

Ela não tinha casa. Não tinha família. Não tinha habilidade alguma fora as que Amara Maverine lhe incutira aos doze anos de idade. Sua vida fora uma sequência de erros cometidos no trabalho, ou social e magicamente.

Por azar, Winnifred costumava dizer e fazer a coisa errada. Amara Maverine não tinha qualquer problema de relembrar isso a ela.

— Winnifred. Você não guardou os pertences do Arthur. — Ela apontou literalmente, indicando com o dedo as pilhas de roupas e livros, com a raiva evidente nos olhos afiados de ônix.

— Não, senhora. Eu não sabia se a senhora ia querer dar uma olhada nos itens antes. Achei que eles eram pessoais demais para eu mexer de atrevida. Mas, se não tiver problema, posso começar agora mesmo.

Ela falou acanhada, feito um coelho. Odiava isso em si mesma, mas quando uma pessoa passava a vida toda se diminuindo, ocupar espaço simplesmente não era natural. Não ajudava nada que Amara parecesse furiosa.

Por que voltei para isto?

Porque é tudo o que conheço.

A mãe de Winnie sempre lhe explicara o valor da lealdade, o quanto era importante ser bondosa a todas as pessoas e criaturas da terra. Amara lhe ensinara lições um tanto diferentes. Não abrir a boca a menos que se dirigissem a ela, não levantar a voz, não falar mais do que o necessário e ficar na dela quando não estivesse sendo útil.

Ela seguia tudo isso à risca. Porém, houve muitas noites agitadas em que Winnie ficou deitada na cama, ponderando se aquelas lições haviam feito dela uma covarde. E como ela poderia encontrar um pouco de bravura.

— Estou farta dos seus erros, Winnifred.

Winnie mordeu a língua. Não adiantaria de nada relembrar a sra. Maverine que ela não *precisava* ter voltado, que só retornara por obrigação. Por hábito. E talvez fosse uma verdade terrível, mas Winnie agora conseguia admitir que passara a ficar confortável em sua gaiola.

Pelo menos, ali era seguro. Não em meio a tanta gente nova que ameaçava evocar emoções às quais ela não estava acostumada. A sensação de estar em um lugar cheio de pessoas que amavam umas às outras.

Isso não parecia mais ser uma má ideia.

— Perdeu a língua, Winnifred? — questionou a sra. Maverine com um desdém que cobriu a pele de Winnie, fazendo-a se sentir como se precisasse tomar um banho.

— Não, senhora — respondeu Winnie, obediente. — Apenas não sei como agradá-la.

Não havia nada de ousado naquela declaração, mas foi como se Winnie tivesse jogado vinho no rosto da patroa, pela forma como a mulher se levantou de sua poltrona com os olhos em chamas.

— Sua menininha ingrata.

Winnie não viu a sra. Maverine levantando a mão — apenas sentiu o tapa na bochecha quando a palma de Amara golpeou sua face.

A garota virou a cabeça para o lado, segurando a bochecha e odiando o pinicar das lágrimas em seus olhos. Odiando que, apesar da raiva que fervia dentro dela a cada desaforo, jamais conseguia encontrar forças para protestar, para defender a si mesma, para ir embora.

A sina de uma covarde.

Não era a primeira vez que a sra. Maverine lhe batia, mas foi a primeira vez que emendou o golpe com uma ameaça descarada em vez de uma desculpinha esfarrapada disfarçada de arrependimento.

— Eu te acolhi. Eu te dei comida e um lugar seguro para viver. Sabe quantas pessoas pagariam os olhos da cara em troca de uma feiticeira? Apesar da sua conduta lamentável com a sua magia, eu poderia ter feito uma fortuna. Mas fiquei com você. Para te salvar. Como favor à sua mãe.

A lembrança do medo da mãe calou Winnie até ela sentir que não conseguia mais respirar. No entanto, a raiva colocava mais lenha na fogueira, levando-a à loucura. Pedra. Sua mãe havia sido transformada em pedra por um crime que não tinha cometido. Um crime pelo qual a sra. Maverine era culpada. A verdade machucou Winnie mais que o tabefe de Amara.

O que estou fazendo aqui, cacete? Winnifred enfiou a mão no bolso, segurando firme o presente que a tornava corajosa, e que ela não ia revelar.

— Sra. Maverine, eu me demito. — As palavras saíram resolutas, mas em tom baixo. Ela não conseguia invocar o som de que precisava para dar à declaração a força que merecia.

Mas ela botara para fora. Era o fim.

Amara se virou devagar e, ameaçadoramente, foi até ela.

— Você… o quê?

— Não era para eu ter voltado — argumentou Winnie. — A senhora evidentemente não me quer aqui, então estou pronta para realizar seu desejo.

Antes mesmo que se desse conta do que estava acontecendo, sua orelha estava levando um beliscão, e ela ficou paralisada. Os olhos de Amara estavam furiosos, e as bochechas estavam vermelhas, como se a mulher escondesse um monstro sob a beleza superficial do rosto.

— Até que eu te dispense, você não tem permissão de ir embora daqui. Você me deve muito mais pelos anos de abrigo e alimentação do que o que te paguei, e se partir agora, vou mandar os coletores de dívidas te arrastarem de volta para cá pelos cabelos. Você não vai sair daqui. *Nunca.*

Tremendo. Ela estava tremendo. Sem conseguir protestar quando Amara a empurrou para o chão. Sua orelha ardia pelos maus tratos da patroa.

— Eu não quero… Não posso… — contrariou ela, arfando.

A porta se escancarou.

E lá estava a última pessoa que Winnifred pensou que veria.

O príncipe Alexander Reinaldo entrou na casa como se pertencesse a ele. Seus olhos dourados brilhavam, e seu cabelo — que já havia sido comprido — estava curto, caindo em cachos volumosos sobre a testa. A luz do sol que entrou com ele iluminou sua pele dourada, e seus lábios tremelicaram como se ele achasse graça na cena com a qual se deparou.

Ela tentou não o odiar por isso.

— Alexander? — sussurrou Amara, cambaleando para trás, cobrindo a boca com a mão e dizendo o nome dele como se estivesse respondendo a um fantasma. — Por que… por que você veio?

Winnie estava com a mesma dúvida, mas a falta de ar a impossibilitava de perguntar.

Desesperada, viu Alexander dando vários passos largos à frente…

Para enfiar uma adaga no coração de Amara Maverine.

Winnie ficou boquiaberta, depois encontrou forças para fechar a boca. Seu corpo todo formigava à medida que o espanto se alojava em seus membros.

A adaga se soltou, e Amara despencou no chão com os olhos abertos e uma poça de sangue se formando ao seu redor. Morta. Ela estava morta.

Que dia estranho para Winnifred.

E ficou ainda mais quando o príncipe Alexander olhou para ela de cima, seus olhos dourados suavizando um tanto quando ele a cumprimentou:

— Olá, Winnifred.

Qual era a resposta apropriada a um homem que havia assassinado sua patroa bem na sua frente?

— Olá — respondeu ela, baixinho e com um aceno bastante descabido.

Bem, aquela é que certamente não era uma reação cabível.

Contudo, a morte repentina tinha sido tão agressiva que ela mal conseguiu assimilar as implicações. Aos poucos, porém, elas foram fazendo sentido. Ela estava livre. Ela estava *livre*.

E foi justamente por isso que ficou confusa quando o príncipe Alexander agarrou seu braço com a mesma delicadeza com que se segura uma pena, ajudando-a a se levantar, e fitou o hematoma na bochecha dela com uma tensão no maxilar.

Ela não estava nem um pouco preparada para o que aconteceu em seguida.

Porque o príncipe que invadira a casa que havia se tornado uma prisão para ela e casualmente dizimara sua patroa agora se virava para Winnie, quase com alegria.

— Winnifred — disse ele. — Gostaria de um novo emprego?

AGRADECIMENTOS

***Adversária* é um título irônico** para um livro que foi meu aliado constante nesse último ano. Esta série sempre foi minha fuga das dificuldades que vêm com o dia a dia. Os horrores, de certa forma. Só que, por meio dos perrengues e dos momentos de turbulência, encontrei uma força estabilizante no mundo mais caótico possível. Invariável e constantemente, eu me emociono com os leitores que viram as mesmas coisas que eu nas páginas do meu trabalho, a alegria que consigo causar fazendo o que mais amo.

E é inestimável e imensurável o nível de felicidade que isso me traz, mesmo nos momentos difíceis. Assim como Evie aprendeu, mesmo através das mazelas, nossas forças brilham, e há alegria a se encontrar nas outras pessoas. Nas coisas pequenas, nas grandes. A felicidade pode existir com a tristeza; a euforia pode vir acompanhada de raiva. A vida pode ser tudo isso, e a melhor parte é que podemos fazer isso tudo juntos. Este livro existe por causa de você e por causa de muitas pessoas maravilhosas que preciso agradecer.

A minha editora, Stacy Abrams, que dá trela para as minhas divagações animadas e as compartilha com igual fervor, por ajudar o livro a assumir a forma como fica na estante, muito obrigada. Por me ajudar ao longo dos prazos apertados e pela bondade e apoio constantes ao longo de cada passo até a impressão, é um prazer trabalhar com você, tenho muita sorte.

A Liz Pelletier, por ver o potencial em *Assistente do Vilão*, por todas as vezes que me deu um empurrãozinho e me fez acreditar em mim mesma, você é maravilhosa, e sou grata a você sempre.

Ao meu agente, Brent Taylor, e toda a equipe da Triadus. Nós crescemos tanto juntos nesses últimos anos, e vocês nunca deixam de me impressionar com seu cuidado e atenção a detalhes. Por incentivarem a mim e as minhas histórias, por compartilharem da minha alegria com a notícia do quinto livro, muito obrigada. Sou eternamente grata por vocês terem visto algo especial em

Assistente do Vilão.

A Hannah Lindsay e Rae Swaine, a equipe dos sonhos! Minha nossa, em todos os livros em que trabalhamos juntas, sem dúvida seus comentários e pitacos ajudaram a formar a história. Aquele clique final quando tudo se encaixa e me faz jogar as mãos para o alto e gritar "EU AMO TANTO ISSO". Sem falar no quanto vocês me fazem rir e me motivam a seguir em frente, mesmo dormindo pouco. Muito obrigada.

À incrível diagramadora Britt, que tornou *Adversária do Vilão* real diante dos meus olhos com uma diagramação belíssima da edição original, obrigada por seus toques únicos que fazem os livros serem tão encantadores e adoráveis.

Elizabeth Turner Stokes! Sua arte é a cara desta série. Desde o princípio, você sempre entendeu o tom deste livro e o traduziu tão perfeitamente em uma capa visual que provoca risos e suspiros. Cada capa sua que vejo é melhor que a anterior. Pura feitiçaria!

À família que formei ao longo da vida: Amber, Stacy, Maggie, Kaven e Samantha. Obrigada por serem uma fonte enorme de alegria e de gargalhadas que sempre acaba se manifestando nos meus personagens. Mas, acima de tudo, obrigada por serem amigas tão queridas. Amo vocês imensamente.

Iman, minha assistente, minha cunhada, minha querida amiga, você foi um apoio inacreditável na finalização deste livro. Sem sua energia positiva, suas palavras encorajadoras e seu cuidado genuíno pelo que faço e por mim mesma, não estaríamos aqui. Você é o motivo pelo qual este livro cruzou a linha de chegada. Obrigada por tudo que você faz!

Todas as minhas amigas amadas que viajaram para me apoiar, que gritaram por mim na multidão ou que se sentaram ao meu lado diante dela, sou tão grata por ter mulheres tão lindas e maravilhosas na minha vida. Vocês todas são exemplos do tipo de mulheres sobre as quais quero escrever.

Aos meus pais, Mark e Jolie, obrigada por continuarem sendo constantemente minha principal torcida, por irem aos eventos usando camisetas do Reinaldo, por passarem horas e mais horas em sessões de autógrafos comigo e cumprimentando leitores ao meu lado com um sorriso no rosto. Eu não estaria aqui sem o apoio de vocês. Em todos os sentidos. Amo vocês dois demais.

Avery, Jake e Ben, vocês são os melhores irmãos. Obrigada por me darem tantas ideias com suas palhaçadas diárias. Vocês sempre me fazem rir, e isso torna a escrita infinitamente mais fácil.

Aos meus avós, Georgann, Richard, Jim e Rosalie, obrigada por terem tanta paciência para me ouvir tagarelando sobre os diferentes estágios do processo de

edição e por seu interesse ávido no mundo que tanto amo.

Ally, Katie, Amanda, Iman e Mara. Vocês são para mim o que as garotas do escritório são para a Evie. Dividindo as alegrias do dia a dia com muito acolhimento e amor.

Ao restante da minha família muito grande, muito barulhenta e muito amada, incluindo agregados — tudo o que faço e crio tem pedaços do que aprendi com vocês. Obrigada por torcerem por mim quando viajo para conhecer leitores do mundo todo e por me receberem com abraços apertados quando volto. Saibam que espero muito por eles. Amo todos vocês demais, todos os Makoul, Maehrer, Elias, Schilling, Seese, Weldon e Goodge. (Listinha longa, né? Esse povo não para de se casar e de ter filhos, o que vocês querem que eu faça?!)

Ao meu marido, Michael — porque você já vai ser meu marido quando ler isso —, vou dizer as coisas mais importantes nos votos. Aqui, te deixo com o seguinte: você me fez acreditar que sou fácil de amar, tanto quanto é fácil amar você. Obrigada por isso… e por sempre encher minha água. (Por favor, não pare.)

E por último, mas não menos importante, a Evie Sage. Mais uma vez, você me arrastou pelos cabelos por mais um percalço da vida e, como sempre, por sua causa, saí rindo. Que bênção enorme é viver através dos meus personagens, sentir o que eles sentem e ter a ajuda deles para processar meus próprios sentimentos também.

E a vocês, meus leitores. A cada livro que escrevo, percebo que aprendo mais sobre mim mesma, e espero que vocês estejam saindo de *Adversária* tendo aprendido algo sobre vocês mesmos também. Obrigada por lerem meus livros, por comparecerem às sessões de autógrafos, por serem o motivo pelo qual eu faço o que faço. Por causa de vocês, tenho a oportunidade de estar com os personagens que amo diariamente. Quando pensei em como queria terminar esta série, só havia um final em mente, apenas uma forma de me despedir. Obrigada por embarcarem comigo em mais uma aventura. E espero que *Adversária do Vilão* sirva como lembrete de que o futuro ainda não aconteceu. O momento diante de vocês está nas suas mãos, e sempre cabe a vocês a chance de aproveitá-lo, protegê-lo e amá-lo.

Confira nossos lançamentos, dicas de leituras e novidades nas nossas redes:

 editoraAlt

 editoraalt

 editoraalt

 editoraalt

 Editora Alt

Copyright © 2026 por Hannah Nicole Maehrer
Copyright da tradução © 2026 by Editora Globo S.A

Esta edição foi publicada mediante acordo com Alliance Rights Agency

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida — em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da editora.

Título original: *Adversary to the Villain*

Editora responsável **Paula Drummond**
Editora assistente **Agatha Machado**
Assistentes editoriais **Giselle Brito e Mariana Gonçalves**
Preparação **Paula Prata**
Revisão **Isabela Sampaio**
Diagramação **Guilherme Peres**
Adaptação de capa **Carolinne de Oliveira**
Projeto gráfico original **Laboratório Secreto**
Ilustração e design de capa e mapa originais **Elizabeth Turner Stokes**
Editora de livros digitais **Anastacia Cabo**
Produção do e-book **Ranna Studio**

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M160a
Maehrer, Hannah Nicole, 1997-
Adversária do vilão / Hannah Nicole Maehrer ; tradução Carlos César da Silva. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Globo Alt, 2026.

Tradução de: Adversary to the villain
ISBN impresso: 978-65-5226-190-8
ISBN digital: 978-65-5226-207-3

1. Ficção americana. I. Silva, Carlos César da. II. Título.

26-106033.1

CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária – CRB-7/6439

1ª edição, 2026

Direitos de edição em língua portuguesa para o Brasil adquiridos por Editora Globo S.A.
Rua Marquês de Pombal, 25

20.230-240 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil
www.globolivros.com.br